

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com

POESIA ALLA PRIMA

INSTANTES II

OUTUBRO DE 2011

Só o Agora existe
Porque é que me incomodam com futilidades?
Deixai-me estar

Espectros
Na noite –
A vida sossega

A luz cruel do luar
Trazia consigo a tristeza
Da sepultura aberta
Para aquele homem
Que chegara ao termo
De quanto amor
Um jovem podia dar

Putas
Há-as sérias
E as que o não são

As sérias
Sabem que são putas
Assumem a sua putice
Inata
Descarada
De mulher perdida
Ou são putas e não o sabem
Saudáveis
Porque não têm consciência
De que foder por dinheiro é pecado
E então
São putas inimputáveis

E há outras
Mais putas
Que as putas
Escondendo-o
Mal escondido
Por baixo do vestido
Seja de todas a mais bela
Ou a mais feia
Porque há sempre um testo
Para cada panela

Mostram-se distantes
Sérias
Constantes
Recatadas
Senhoras de mil labores
Que se vendem

Por oportuno casamento
Por bom trabalho
Por favores
Pagos a um qualquer c.....

Senhoras na rua
Putas na cama

E como os homens
(dizia Schopenhauer judicioso)
Andam meia-vida nas putas
E na outra meia
São cornudos
Daí
Tantas putas há
Nas ruas
Em casa
Nas empresas
Nos motéis da auto-estrada

E porque para cada putanheiro
Tem de haver uma rameira
Anda o mundo sempre arranjado
Meio por meio
De putas e cabrões
A troco de alguns tostões

Pura aritmética

A solidão
Tem um perfume
Que só os eleitos apreciam

Sentia-se que a humanidade acabava
Na estrada aérea da galáxia entristecida pela solidão
cósmica
Um estrela outra e uma outra
Labaredas cortantes no superficialmente profundo
Folhas vermelhas escorriam sémen
O dos condenados pela exaustão
Impróprio para consumo vespertino

A residir nas nuvens amarelas espalhadas no solo
degradado
Um corpo deitado numa rede de ferro
A apodrecer ao som de um violino longínquo
Ah Paganini para que mordeste tu todas as cordas até que
restasse apenas uma

Um desesperado abria os portões pútridos da prisão
racionada
(o racionamento é um mal inerente ao tempo em
abundância)
Aos delinquentes do sexo pálido e fatigado
Agora castrados e de salto alto
Voz fina
De menina

Era tarde
O Sol descia sobre o poço seco
Da lezíria animalesca
Um homem doente gemia
Paria blasfémias
Na sombra azul da amendoeira
Enquanto o mundo adormecia
E se preparava para morrer

O passado
Hoje voou
Nas asas plúmbeas
Do esquecimento

Nunca conquistaremos
Os mistérios
Os enigmas da Alma
De Deus
Do Universo

Vem amada
Esqueçamos o amanhã
Vamos amar
Que a ciência são palavras
Gastas
A filosofia vã
E todo o resto nada

Donde vens
Viajante
Do Céu
Do Inferno?

Não
Desconheço tais cidades

Aéreas
Submersas
Não conheço suas leis

Se nem tu as conheces
Que poderei eu saber
Para além do que já sei?

A morte um dia virá
Ceifando violenta
O que à força foi criado

Terei eu pedido para ser concebido
Terei eu solicitado a presença de Yama?

Naquele tempo
Por tantos esquecido
Mas que eu não esqueço
Ela era magra
Rosto trigueiro
Sardenta
Esquiva

Eu era tão jovem

Para amar
Bastava-me olhar
E reter
A imagem

Dela

Não era o corpo
Que procurava
Mas o sorriso
Os gestos
A inocência
Das palavras
E aquele jeito
Tão especial de andar

Amava tanto
Aquela virgindade
Que dou comigo a pensar
Que o Amor de verdade
Está contido num só olhar

Hegel nasceu
Escreveu o que ninguém
Entendeu

Nem ele

Deu-lhe o trânglomanglo
E morreu
Na mesma ignorância
Com que nasceu

Uma árvore

No telhado
Azul
Desflorada
Como a menina
Dos seus olhos
Dos seus sonhos

O Sol procurava-o
Todos os dias

Entre eles
Um pacto
De amor

Hoje veio de novo
Pontual
Nem sua sombra encontrou

O medo da noite nos santos corpos imóveis imolados em
honras fúnebres

Nasce o medo
Sangrento
Negro
A soprar nas frestas do pensamento destroçado
Ruborizado de vilania
De suores manchado
Até que o Sol de novo brilhe
Na almofada da erva verdejante

Do nascente donde jorram os dias

Este mundo é antigo
Em curta vida
De olheiras escurecidas
Pela tristeza do amanhecer

O Amor confundido
Com vultos de mulheres
E com o prazer
Bebido ao alvorear

Soldados vendedores músicos
De punhos cerrados
Morrem nas tabernas
Enfeitiçados pelo Nada

Uma palavra um gesto
Um sonho tingido
Das vidas passadas

Amanhã perguntarei por ti
Ao Sol e à Lua
Aos rios que correm para o mar
Às aves que migram

Alguém me há-de dar
Notícias tuas

Amigo
As mulheres-da-vida
Já por nós não esperam

Foram-se como tudo se vai
E por vezes se vem

As noites são agora mais longas
Tu dormes para sempre
A mim custa-me adormecer

A flor repousa
Na soleira da porta
Onde a montanha começa
E as crianças
São reveladas

Ó meu Deus
É demais

Tudo o que é demais
Sobra

Como ponderaste Tu
A dor que derramaste
No mundo?

Ergue-te Mulher
Antes que eu seja pó

Abre portas janelas as palmas da avidez bate
Sai esbelta da escuridão

Sorri
Lábios em rima

Cabeça tresloucada
Estúrdia

Vamos fazê-lo na rua
Nas escadarias da poesia
Nas pedras cinzentas do tempo perdido
Nas entranhas ardentes da terra

Sozinhos
Para que toda a gente veja

Só não ama quem está doente

Partiste para o Reino da Morte

Espera

Ouço uma criança chorar

Uns chegam
Outros partem

Na Gare da Vida
Não há nada a lamentar

Para além de tudo isto está a morte
Senhor visconde de alpercatas
Sabendo eu e o senhor
O senhor e eu
Eu que sei ou que não sei se sei
E mesmo que saiba nada há que me garanta que o saber
não sabe se sabe
Da armada naufragada da barra
De que tanto nos fala
E das virtudes que à sua amada aponta
Como diz repetidamente que a esposa estimada é de tal
modo pura que se pode beber água pelo seu vaso avisado
discreto e astuto
Enquanto um turíbulo amestrado sem dono nem criado
assa lento a carne viva da alvorada

Um carro cinzento atravessa sozinho a avenida alvoraçada
Eu por dentro procuro cozer ao tronco uma camisa por
passar notando agora (o que muito ou pouco me
preocupa) estar a ficar abdominoso
Inquietação de velho mulherengo
Inclinação a pasto tenro presumivelmente negado

Há velhas alisadas no passeio limado
E uma marreca a precisar de limão

(de carpintaria ou de serralharia não do limoeiro)
E o condutor do carro cinzento
Cospe no passeio o sabor amargo do vento Sul
Vendo o veículo a transcorrer
De vagina a amanhecer
Amadurecida
De mão em mão
Por onde se não pode beber senhor visconde
Vossa contrariedade

E
Senhor visconde veja
Como o carro cinzento continua a cuspir no passeio o
sabor a vento

Tinha pressa
Uma cinta de seda
Estrangulava-lhe o pescoço
Na alcova de pérolas e coral
Dos devaneios

Queria retardar o dia
Para que a geada nocturna de Maio
Não crestasse as plantações
Palpitantes de sexo

Um pássaro verde
Voava no azul

No vale
A lentidão do gelo
A arrostar-se na erva macia
Como corpos expostos
A amadornar
Ao colo do luar

Nesta manhã ainda negra
Levanto-me com o sono das insónias milenares

O caminho para a estação
Iluminado por potentes faróis estremunhados
E eu revoltado
A revolta natural de quem habita o coração tresloucado
dum país coberto de estrume e espantalhos nos campos
por semear de pão
Que nunca o irão ser

Seara sem justiça
Sem tino Sem Norte
Sem ninguém que valha
Aos pobres
Aos desgraçados destas Terras do Demo

Andaram pelos jardins infantis
Pelas creches
A escolher magistrados de bibe
Políticos imberbes
Analfabetos da vida
Como um broche
Na lapela do casaco
Dum falso nobre
Pregado ao brasão
Por um colchete

Pouco me pedes Musa
Dessa tua clausura
Um abraço apertado
A versos bordado

Um pedir tão parco
E tão escassa ambição
Quando o amor que embarco
Não o contém o coração

Pedes tão pouco e tanto
Em breve e vago desejar
A quem louco anda
Por te não poder tocar

E se sufoco em tal carga
Que não consigo desembaraçar
Naufraga a embarcação
Com o peso de tanto amar

Cabeça dourada no vão da escada circunflexa

Amor partido
Partida de amor
Por louco pregada

A andorinha pôs seus ovos no beirado luzidio

Parto para a guerra
Donzela do Oriente
Recebe-me como eu te recebi

Na Pérsia pranteiam mísseis da caridade

Um cão ladra ao vento às folhas que caem sobre os
estropiados

O meu coração
Em viagem
É sangue que derrama

Os inocentes não são ouvidos
Nem perdidos nem achados

Como é perigosa a felicidade
As nuvens incendiadas
No Inverno
Tempestade de Verão

Não podemos adiar os gritos horrendos do combate
Brincando no formigueiro envenenado
Abandonando as espadas da vitória
Triunfais

O cadáver dos dias esgotados murchos
O silêncio
Mas subitamente
O toque
A alvorada
As armas

Não podemos adiar a guerra dos lábios acesos
Presos infinitamente ao sexo dos sonhos idos

Não perguntes nada
Seja o que for
Mantém-te calada
Armemo-nos
Amemo-nos

Que duas mãos temos

A vida transformara-se na monotonia de um jogo de salão
Por falta de sustento Pobre mãe ao gosto das ondas a
colher as velas com tamanha doçura
Os tempos deram-se à costa bravia aliviados pelos
trabalhos dos dias ensimesmados de males e dores

Deixem-me subir
Subir
Ao mastro real
Para salvar o amor
Eu
Que não sou como eles
Dinamite em espiga por colher
Linda rosa linda flor a morrer

A varanda abre-se de par em par num ramo ornamentado
de palavras escritas ao contrário e na vertical
Uma legião de ofendidos em túneis baloïçam na
luminosidade do vento que tanto resvala como ecoa no
aroma das folhas desertas

A rainha de espadas escolhe o rei de oiro com chagas
nodosas no ceptro eréctil
E faz amor na sombra virgem de um pássaro aceso

Os dias fogem
Voam

Não lhes é dado transpor as margens do céu

Dias em fuga
Sobre mil colinas
Metade ouro
Metade ferro

Tu és a rainha de tudo o que acaba
Quando eu for finado
Herdeira de falsa eloquência
Em pedra mole firmado
O fino pensamento

A glória de marfim polido
Corre mais cedo a uma outra existência
De manto espesso
Estando na alma bem guardado
O segredo
Do alegre caminhante
A vasculhar
Profano
O futuro
A caça da mosca impertinente
O escaravelho taciturno e sideral
A mente

Morreu quando nasceu
Feliz

Alegria de noiva
Esperança de noivo
Por casar

No rosto da tristeza
Que olhares não deita

Aos lagos verdes
De algas bonançosas
Não brilhou a Lua
E o regato calou
O som das luzes
Em floração

As árvores não o viram
Com a faixa a ressumar sangue
E ele nado-morto
O pai não viu
Repousar
Com cruz aos pés
E lápide no coração

Dor e morte nos passeios noite após noite
Na montanha donde nascem as estrelas
Nos corpos rasgados
Chagados
Que em vão soletram a palavra amor

À tarde
Num pasquim
Num frio altar
A fotografia
Da cidade em chamas

Que bom que é
A dor sem doer
A morte sem morrer

Afastei-me da cruz
Não mais a carrego
Abominável tempo gasto na maré vazia do espírito em
circulação

Deambulante

Reconheço o Sol que se levanta
O mesmo que se deita
A Lua nascente
As lágrimas vertidas
A arrancar com ferocidade o peito das flechas
sanguinárias
E as veias salientes
Das carícias e dos beijos
A crescer no asfalto
Dos caminhos desertos

O teu rosto é uma rosa
Que a terra deixou

Os olhos baixei
Sereia relâmpago alimento
Das vozes cheias de espinhos
Cravados na negação dos dentes que brilham

Aroma a resina
Que ao lusco-fusco pousa na raiz da árvore
A que te entregaste

A minha sede
Esgotou teus lábios
A sustentar o peso terrífico das horas
Geladas

Com ou sem sombras

Nu no Inverno
Trémulo
Entrarei no teu túmulo vazio

A cidade é um amontoado de escaras danadas sujas
cobertas por retalhos de pano novo

Chegam para o trabalho apressados alfenins no pus a
manchar a roupa interior do arraiar da aurora

Os pensamentos resvalam nas estilhas de pele dengosa
dos escaparates por onde passam indiferentes as últimas
aves da noite saídas de infernais caves onde mãos se
cruzam trocam e tateiam as formas arredondadas da
deleitação Oh consolação oral de deuses clementes
refrigerados por lábios aquáticos a deslizar no gáudio de
sexos despertos para a irradiação do prazer

A calçada portuguesa canibalesca não faz perguntas de
tão acostumada à miserável exposição dos corpos
mutilados de sonos sangrentos e os jornais com letras
soltas vão saltando indiferentes para os braços pendentes
dos mortos-vivos

Os pombos depois de terminada a oração descem às ruas
junto das pastelarias da moda onde sobejam migalhas de
pão nas bocas escancaradas

E há os indigentes de papelão a mendigar um raio de sol
enquanto os políticos displicentes dormem com os seus
amantes em carros de prata do perjúrio e da extorsão São
Bento demoníaco a tudo o que é perverso

E há pernas irregulares das mulheres a suportar largos
ombros estirados em ginásios poluídos sem o sorriso de
quem despertou consolado e se sente apetecido por toda
uma noite e não por alguns segundos

Vou deitar-me no sossego

As prostitutas também

Não suporto a cidade acordada a esfregar os olhos de
remela

Mais-quero as cróias os perfumes baratos os catres
pataqueiros das azinhagas

E estar

Oculto nos braços de uma mulher
Qualquer

O vinho
As taças cintilantes
Ébrias
Fumegantes

Néctar de todas as perdições aladas
Tensa mola da vontade por instantes decrépita

Elegia ao vinho
O vinho não carece de elegias odes sextilhas quadras
disparatadas
Ele é o poema vermelho que fermenta o sangue do
pensamento
Que ilude a realidade fazendo-a ver na realidade dele
própria o que a realidade é Consolo de vida incerta e da
morte no chão sangrento

O vinho não se canta não se diz não se lê
Bebe-se somente

Este café com frutaria nos fundos
É um repolho gigantesco
Com monstros a grelar

Estou fatigado

Severamente exausto das opiniões gritadas por surdas
que buscam nas hortaliças o regime linear da felicidade

As empregadas correm lustrosas
Mas horrendas de melancolia
Expressões doentias
De quem labuta a dormir nos olhos encovados

Batatas tomates maçãs ovos limões maçãs e uma adiposa
a meu lado
Dois cafés um pastel de nata e um chulo escurecido por
muitos dias de sol que entra com o ar inchado de quem
não tem profissão e por isso é importante como os
governantes desta nação
Para além de mamar à custa de quem o mama
Na cama
Uma piolhosa do prédio ao lado
Barata-varejeira sem eira nem beira

A escolher alhos um cu gigantesco
(devia ter vergonha com um cu assim devia deixar
metade em casa)
Cabelos molhados a escorrer linhaça
E a traça a consumir
Os panos de carne velha e os suspensórios do pipo
esculpido a espartilho que acaba de entrar

Possuir a verdade numa alma e num corpo
A tua visão poeta como nos é estranha Como se estranha
a si mesma
A glória da verdade no ponta do lápis invisível com que
traçaste os teu poemas em idade incerta
Tu o mais belo de todos os demónios que desertou em
tempo das profecias exaladas em turbilhões de letras
vivas até à agonia

O teu corpo não mais acordou
A tua alma sim
No Inferno dos Iluminados

Cada noite é uma tortura ou um êxtase Náusea ou alegria
de viver
Porque existo?
Existem flores nos prados quentes e muros que dividem
desejos na areia ardente da tarde
O relógio não pára Envelhece repentino às Portas da
Morte
Dêem-me música e um corpo vermelho mudo de gestos e
palavras Um jardim oriental e um caderno com riscas e
pautas um caderno musical
Uma valsa A fanfarra do Destino intocável no rápido
acesso à eternidade silenciosa Melodia tocada a medo por
dedos gangrenosos que se quer magnífica e esplendorosa
como as túlipas nos canteiros de vidro
Existo só Triste e corajosamente só como a Polar
As conversas patológicas do café da esquina são
suportáveis durante o tempo em que a ampulheta vazia
se esvazia nas bocas imundas dos conversadores Apenas
Depois há que retornar às pedras frias da cobertura ao
silêncio dos telhados inundados de antenas exóticas Aos
pombos a desembarcar no terraço e ao deserto das folhas
que se soltam dos braços inertes das árvores gigantes que
ninguém vê
E porque as vejo sei que existo e existo para as ver
Se tivesse fé não as veria como vejo Veria Cristo Mas
Cristo não é uma árvore enredada em magnífica sombra
Cristo é só Cristo e nada mais

As almas descem constantemente ao inferno da sua
negritude

A viagem ao Inferno dos suicidas nostálgicos tem a hora
marcada pela danação sorvida nas vigílias da inquietação
e está destinada aos que do catecismo que guardaram de
crianças só conseguem ver as ilustrações das palavras
expurgadas

Almas excomungadas sem arte para pintar a vida de azul
e rosa

Chamava-se Idalina Viera para a capital servir

Vistosa

Sorriso brilhante

Olhos meigos de corça

A fazer embicar apetites nos dias insípidos

De vida descolorida misérrima a flutuar na profundidade
do abismo

O mesmo de sempre

Café com leite a escorrer nas canalizações adelgadas
dos patrões O pão com doce e mel o almoço o lanche dos
meninos João o Franzino Maria a Estouvada Elizabete a
Ajuizada (como a rainha) a ceia o chá do adormecer

Os babetes de cuspo os raspanetes da madame emproada
em sub-rogação do garnisé e o balbuciar do patrão
primeiro caixeiro de roupa interior numa loja do Chiado

Os pratos compostos e sem compostura gordurosos por
lavar A roupa das camas por engomar o pó por limpar

Trabalho povoado de murmúrios obscenos e por meia
dúzia de moedas Carago

Conheceu-o Ele um Pintas Azeiteiro todo catita à porta do
baile de domingo no Lumiar

Olá menina Ela sorriu-lhe
Apaixonada de fome canina
Tanto bastou
O corpo nos pratos sujos do desejo e das perversões
Clientes a cheirar a cais odor de cabos de atracação com
alcatrão a roçar os fios dos sovacos
A render e à disposição
Do pagamento
A dividir
Por dois

A ambição
O veneno chamuscado
Pelos tesouros
Crescentes

As vidas
A encolher os ombros
No ferro-velho
Das alucinações

A esperança
Ébria
A enfraquecer o dia
Na hora da sua extinção

Tinha a sede das escarpas Dos amores vividos nos
promontórios em caixas de lata coloridas
Devorava a noite qualquer noite como se a última fosse

Cabarés espeluncas negras tavernas nas ruelas
encostadas aos candeeiros flácidos da bruma
Alinhado na vertigem dos corpos por escolher para um
quarto de hospedaria com a alma a restar gelada no sítio
do costume
Cada qual com seu poiso Área demarcada a urina e ao
suor hidráulico da contingência
Em cada transacção inventava o amor
Com a idade soçobrou A fecundidade das genuflexões os
membros rígidos a ilusão com todos os tesouros do
coração ilusório a desvanecerem-se nos cabelos grisalhos
sem brilho e nas rugas dos anos
Hoje no mesmo banco sempre no mesmo banco dá milho
aos pombos que acordam quando a sede da noite já está
saciada

Et Verbum caro factum est

Uma igreja
Um altar
A Palavra antiga
A Verdade do sonho
Colorida
Por colunas e capitéis
Pela fé
Em folhas de oiro
Entesourada

Isaías
E o seu único Senhor

Louvai-o
Em Lanciano

Em Santarém

Na hóstia divina
A transparência
Carne e sangue
Que vejo
Com quem amo

Corpus Christi

A imagem
Que não consigo esquecer
Viva
Ardente
Na Igreja do Santíssimo Milagre
Eu que duvido
Que não creio
Que ninguém sou para Te ver

A imagem da Tua carne
Do Teu sangue
Ao meu igual
(A e também B)
Não me deixa adormecer
E se adormeço sonho
Nas chagas de Teu coração
Em Teu fluido Vital
De vida a florescer
Na custódia sagrada

Quando me darás um sinal
Transformando a Tua carne na minha
Um só espírito
Num só corpo
Livrando-me do mal?

Ave verum corpus

Descansa peregrino
Que o mundo não acaba
Nas folhas da azinheira
Deixa-te estar
Que purpúreas rosas
Verás nascer
Na sombra onde repousaste

O vento sopra no deserto das mil e uma grutas Varre com
as mãos desarraigadas o ontem Monstro apócrifo com
cabeça de leão corpo de cabra e cauda de dragão a rugir
ignavo
Carregai-o para os confins da Terra onde o precipício se
abre
Depositai-o no espaço coacto do olvido onde a memória
em descrédito já não penetra o espírito
O ontem morto sepultado o sem-vida
Sem a inocência da criança subtil leve aérea e miraculosa
Ceifemos suas raízes inodoras pastosas os tentáculos
corrompidos pela culpa que deslustra a alma ferreamente
acorrentada aos ódios às iras à violência e à brutalidade
antipática do embuste
O Profeta clama no deserto –
Que o passado morra
Hoje é um novo dia
Dia Santo no amor
Do instante
Na graça de vosso Deus
Seja Ele qual for
O da eternidade do movimento brilhante e dócil
O que nunca cessa
As pedras espalhadas falam-nos do que já passou e que
fica estratificado na mente repleta de fantasmas e vermes
O vento e a areia do que acontece e que ora aquece ora

arrefece sentimentos e afeições no pranto da asfixia no
riso e na alegria dentro ou à flor da pele na delícia do
Agora-Sem-Tempo
O vento tem o seu tempo
A areia revolta também
O vento cessa
Lentamente
Mas o tempo do vento fica
Mesmo quando o vento já mais não existe
E a areia repousa
Sem pensar no amanhã
Oh a eterna inocência da natureza inumana a clarear as
horas da essência sofrida dos vivos sem resgate

Parto
Por te ter
E por te não ter
Parto também

Teus olhos
Verdes
Troco
Pela partida

Se com eles
Ficar
Para sempre
Te verei

Se chegar
Sem os ter
Cego de ti
Estarei

O amanhã Um devaneio o erro a ilusão
Quem sabe se vamos existir ou não
Projectos derrotados pelo Acaso mortífero pela fraqueza
dos membros titubeantes e subnutridos
De vazia vontade
Demónios uivantes do pensamento
Que maior incerteza que mentira adoptada mais se adapta
aos tristonhos anseios humanos?
Hoje não vivo amanhã viverei
Sofro não sou feliz Amanhã serei
Não sou rico nem famoso nem respeitado Amanhã
dormirei em colchão de ouro por todos adulado
Projectos raptados pela vida aos projectistas que crescem
e envelhecem no engano e na visão turva de suas
estreitas vistas mergulhadas em sombra de ignorância
inócua e triste
O amanhã não existe

Luzes
Quero luzes
Que descalço caminho
No Sol por levantar
Onde nem pó
Se vê
Nem os rios que correm
Nas lágrimas de sal
Do coração palpitante
Acendei
Luzeiros
Que cego julgo estar

Com a alma
A cavar centelhas
No mar profundo
Onde me afundo
Pés que na terra não poisam
No caminho perdido
A Lua em foice
Cheira a antigamente
Nas folhas do espelho
Pupilas baças
De céu inquieto
A ecoar
O mais suave e luminoso
De todos os perfumes

Uma oração por mês nas nuvens enxutas A voz inefável
irriga o jardim em farrapos A casa grande desmorona-se
Separados a carne dos ossos e o sangue no poço cavado
pelos imperadores da antiguidade
Suas mãos inteiras cercavam-na espessa e abundante Os
deuses proclamam agora a vitória do sexo sobre o amor
sujeito às múltiplas injunções do prazer O amor morre
Matéria ideal destruída pelos sentidos do pecado venial
O seu coração lamenta e chora quando se apercebe da
forma extasiada como ama E ama? Ou pelo sexo anseia
até que seja sepultada junto dele no talhão destinado aos
heróis da virtude carnal?
O deus da juventude é longínquo na virilidade inocente de
bico aberto ao arco de setas da tenda bárbara redonda
Talvez um dia se esqueça nas asas do pássaro sombrio de
odioso riso a escarnecer dos olhos amorosos e dóceis que
aguardam a perfuração da lança aguçada exterminando os
pensamentos infelizes destrutivos porque quem amor faz
num assalto brutal à vida não os tem e é abençoado

Olhemos vejamos a mesma estrela o mesmo brilho de
bronze no céu harmonioso O dia está fresco a noite fria e
da vida pouco nos resta

O carrossel gira aos uivos ah como gira e rebrilha trajado
de negro

A cabeça da deusa de oiro abraçada por um miúdo que
esvoaça na frescura da nortada À volta corpos de ervas
preciosas estendem os braços fingindo tocar a dança
circular da ave marinha do leão de papel e do elefante de
patas ao ar poluído por gritos

Como um bêbedo há um jovem que volteia sobre um
barco enleado nas ondas corporais da rapariga em folia

Uma velha ri

Um cão urina

Numa esquina dois namorados num

Afligem-se os assistentes

Espantam-se os passeantes

Divertem-se os que vivem

O senhor Prior

De passagem sorri

E o carrossel gira mais uma vez e outra

Até que as moedas findem

Há flores no espaço O teu corpo cheira a rosas molhadas
pelo orvalho

Corpo de estanho

Em favo de mel moldado

Reina a ordem no universo indiferente ao seu criador

Deus feito carne

Que semimorto de cansaço
Sua criação sublimou
Corpo molhado possuído por garras azuis Arrebatamento
em cascata Mais quero mais dizes Fundo Toca-me nesta
noite serena de Outono atravessa a Ponte da Saudade e
nada no meu desejo a vinho perfumado

O Sol morre lentamente no horizonte
Coberto de paredes de betão
Sombras do dia arrastam-se na pequena ilha da cidade
A Praça deserta
A contemplar a massa gigantesca de pedra
Duramente aparelhada
E a Maria dedicada

Para além da ponte de apaixonados e suicidas
Os pequenos bares aconchegantes
Bystro Bystro Bystro
Beijos rosados no Jardim do Luxemburgo
Com St. Michel a ver e ouvir pesado e pisado por
caminhantes da Vida abstraídos
A animação
Os versos e aforismos dos cerebrais embriagados
Onde tudo é demais
Quartier Latin povoado
De amor imperfeito
Perfeito julgado

Notre-Dame
A visão de dois corpos
Em chama viva de amor
Dois rostos transfigurados
Em incandescente paixão
Passos lentos
De mãos apertadas

Dedos contra dedos cerrados
Uma única Verdade
A penetrar na Catedral vazia
Casa de Santa Maria

No altar
Nos frisos
Esculpidas as faces de santos
Vivos
No ar o som da solidão
Das palavras macias de amor
Da antiga adoração
Canto Gregoriano
A silenciar a oração

Mãos apertadas
Percorrem a ponte
Dois corações em êxtase
Olham o rio que corre
Cintilante
Sinfónico
Cantante

Mãos que se apertam
Mais e mais
Um espasmo
Outro
A divina sensação
Do Milagre do Amor
Repartido em orgasmos
Sucessivos
De pão e vinho
Aos dois distribuído

E o Sena pára
Abismado
Contraído
De gozo alumiado

Um outro arroubo de Luz
O mesmo que a Virgem Santa

Na cidade de Nazaré
Teve quando concebeu Jesus
De mãos dadas com José

À mesa sentados empanturravam-se de pastas viscosas
Da boca escorriam-lhes fios violáceos aparados com o
polegar de gordura Algum do vinho novo derramado em
pequenas ilhas espalhadas pela toalha a cobrir acanhada o
tampo vestido de castanho velho As camisas besuntadas
os chifres amarelecidos na parede por cair a oiro
adornada a espiar todos os movimentos
Folgavam sem queixumes Folgavam com a dor alheia de
cornos postos nas iguarias
Eles os répteis da governação Os que apenas sabem
somar e subtrair
Os cobradores de impostos

O mistério da vida o mistério da religião transracional da
Trindade Há um mistério em todas as coisas mesmo nas
estátuas que se movem de praça em praça evocando a
morte do passado que se quer misteriosamente vivo e que
teima em permanecer
Aquela gente que se julga transparente ao balcão das
lojas vazias nos estreitos labirintos do tédio é um mistério
O seu próprio mistério na opacidade que guarda
ciosamente um silêncio incompreensível e esotérico
Na realidade possível e incognoscível

A multidão era uma aberração Quase sempre o é
Amontoavam-se nos transportes públicos como quem
quer apalpar e ser mutuamente apalpado
Gritavam improperios nos desfiles contestatários da fome
Invocavam filhos e netos Odiavam governantes de
expropriações recheados a moedas acumuladas na venda
dos mártires
Era a revolução do seu próprio e feio umbigo alimentado a
cotão imemorial Dos seus instintos mais vilipendiosos
Destruição dos reinados da fraternidade sepultados no
esquecimento dos valores em jazigo a céu aberto
A multidão erguia a sua espada romba contra a aberração
a sua própria aberração há muito desviada do seu fim
natural casada com a cínica fome do ouro e dos dinheiros
Seus deuses primeiros

Os tempos mudam
O hálito da terra
Não é o mesmo
Nem as origens do mar

Vão morrendo
Velhas palavras de honra
Crimes de sangue vivo
Que almas lavam

A aldeia tem menos homens
Para ensinar as crianças
Em extinção
E homens que Homens sejam

Já os não há
Ou talvez
Alguns
Um
Pouco mais
Talvez

Assim morre
A Palavra
O forte aperto
Das mãos gretadas
Com as veias
Salientes nos braços
A servir de testemunho
E a dispensar o tabelião

Os minutos não estacam
No jardim azul

Verdes as ervas
A escurecer

O banco de mármore
Arranhado
Pelas garras do desespero

O lago dos desejos a brilhar

Uma alma aberta aguarda
O Viandante que não vem

Morto o corpo
Inerte
Sorriso seco nos lábios
Arroxeados
Os membros rígidos

Liberta-se a alma
Não sabe quem foi
Nem quem é
Ou o que será

Sobe aos Céus
Onde outras irmãs
Apaixonadas
Entediadas
Passam tempo
A fazer paciências

Pergunta-lhe quem são
Por resposta um não
Melancólico
De quem não sabe o que dizer

Faz uma paciência
Passa o tempo
Olha que a eternidade
É um aborrecimento
Dizem-lhe
Enfadadas

E as cartas
Pergunta
Não as trouxeste
Foste parva
Aqui não há que chegue
Para tanto amofinação
E é proibida
Qualquer outra acção
Além do jogo

Do eterno terno

Se te não aproveita
Não te agrada
Muda-te para o Inferno
Que te dão
Um baralho completo

Uma gaivota longe do mar
Um homem emigrado no fim do mundo
Uma mulher esconde o rosto à entrada de um hotel
Um estropiado pede esmola
Um jardim de urtigas plantado
Um polícia dorme no carro
Uma mulher faz um guisado
Um cego atravessa a rua
Uma andorinha de luto
O mesmo mundo
A mesma fraude
A mesma merda
Do mesmo Estado
Nos corredores do mercado

As árvores despem-se
Na fúria do desejo

Oculto pássaro sombrio
A sobrevoar o Rio Claro

Que cansado corre
Para negras vagas

Os cães ladram às pedras mais escuras
Uma samarra desce a calçada romana

Um velho tão velho que parece uma sotaina com pele de raposa ao pescoço

O gelo poisa lentamente nas pedras emolduradas por terra estéril
A água dos animais gela no pátio

Não está só
Algo o acompanha
Uma sombra
Um espectro
Sei lá Sei lá

Olhos negros

Na noite negra

Vinde daí
Corromper o doce sono

Numa cama emprestada
Fazer amor
Por toda uma vida
No amplexo adormecida

Tinha consciência
Que a manhã chegaria ao abismo do coração
ensanguentado

Terras alheias
Num peito gracioso a arder
Com a firmeza de uma única vez
A colorir o campo
Junto ao mar de silêncio

A paixão
Um novo tormento
A vida desfolhada
As palavras
Que ficam por dizer

Em fogo vivo vivia abrasado
E tinha consciência
Que a noite viria para atormentar a sua alma

Carne e ossos na terra

Anoitece

O coração pára

O azul coberto de nuvens raiadas de jactos

Sorriem os longos areais ao mar que canta
A noiva morta ao luar

Primaveril

O ar

Duas árvores negras no horizonte

E

A palavra essência

A negar o que te peço

A branca flor

Roça as margens da ribeira

A par

Do cabelo negro-azulado

Que do salgueiro

Cai

Para o leito de morte

Da cruel ausência

Olhei-os como sempre os olhei Vendo-os como são e
como serei

O lar onde não deverias estar
Olhos de água pura a cintilar

O forte odor a morte abarca o ar leve e a respiração
translúcida das paredes cabisbaixas

Há mesas soturnas banhadas de idosos a reter as
memórias do passado e os acenos amplos dos espíritos
mortiços que descobriram o sorriso descampado dos
aposentos velados

Todos sabem que vão morrer
Ou quase todos
E que tu também partirás
Mas
Sorriem-te nos teus 98 anos
E tu sorris
E vives
Na paz da canção
Dos beijos
Dos votos
De longa vida
De um dia a dia feliz

És a mais velha de todos os que aguardam pacientemente
a derradeira jornada
Eu o mais novo
Canto e beijo-te
Peço-te em silêncio que vivas
Assim
Sorridente
Coração inocente de criança a extinguir-se placidamente
Dá-me mais dois dos teus anos
Depois pedir-te-ei outros dois
E outros tantos
Não partas Fica comigo

Sonhemos ambos com os vinhedos a florescer

Com a brisa nos pinheirais a reverdecer
Com o lagar vivo no Outono
Vinho a ferver na alma
E com as framboesas
Que crescem no pátio
Sombreadas pelas laranjeiras

Sonhemos ambos
Nós e mais ninguém
Juntos e em segredo
Neste teu dia de anos
Que nunca irás morrer
Ou que se a morte te chamar
Ao temível e doce degredo
Me chame a mim também

Em surdina
A alma quieta
Nada espera
E no silêncio
Se queda

O pote de argila
Quebra-se
No confronto dos dias
Já a vontade
Estando lassa

E do desejo
Nem lembrança
Paz que a alma
Em sossego alcança

Corpos na noite vadia em campânulas de frio movem-se
nos fios de luz projectados pelos cunhais do letargo
No rio jazem os afogados do sexo
Carros de marcas duvidosas encarcerados em modelos
luxuosos sobem e descem as ruas das agonias
esverdeadas
Incessantemente
O rimel das pestanas corroídas pelas noites de temporal
Os olhos sem brilho como velhas moedas consumidas na
gaveta suja do velho coleccionador de troféus eróticos
Em agenda bolorenta
Saías curtas decotes insidiosos nos gestos quase obscenos
da concorrência desleal do insistente chamamento
Jovens
Velhas
Nem velhas
Acabadas
Nem jovens
Adolescentes
Imitando desastradas meninas
Velhas fingindo mocidade nas zonas escuras à visão
diminuída dos agonizantes
Amaurose do desejo
Luz que tão ordenadamente distribuída abrevia a
desigualdade
A cada uma sua oportunidade
Porque
De noite
Todas as Gatas são pardas

Uma espada quebrada

Nas mãos inseguras do destino
Agita-se

Folha verde
A murchar na berma do caminho
Rasgado ao ventre do Outono

Já os operários passam fome
Gemem seus filhos
Choram as mulheres
E de honestos
Em ladrões se transformam

O sangue da revolta escorrerá brilhante
Aos pés da estátua de três braços
Dos mandantes amordaçados
Ao relógio das horas negras do marfim
Quando a Lua
Em Crescente
Mergulhar no sono
A Oriente

Ao amanhecer
A rua estreita
Com o céu entaipado
A chorar o orvalho
Do rio vazante

Há uma janela que se abre

Um portão estridente
Uma lancheira transporta um obreiro
Fato de macaco azul pardo
Dolente e vazio

Uma varina
Um cabaz de peixe prateado
Tirado do frio da cave
E vendido nos subúrbios
Como agora pescado

Um jovem marceneiro
Noite mal dormida
No calor de vendedeira
Abre a porta da oficina
Contrariado e mal pago

E a cidade move-se
Pestilenta
Num grito atroz
A angústia cravado

No mar sepultaram os náufragos os últimos esboços do
livro de bordo
O caderno branco das lembranças registadas ao pôr-do-
sol quando a faina descansa
Cores quentes diluídas pelo sal
Cores agora frias

Se prefiro a morte à vida
Já o não sei

Se a carne ao espírito
A sensação à razão
Também o não sei

Mas uma coisa sei
Que sexo e amor
É o que me convém

Quem amor faz
Não pensa
Nem no que é mal
Nem no que é bem
Na dor
Na aflição
E amando como apetece
Como agrada e dá prazer
Não sofre
Nem faz sofrer
E por um momento
Místico e eterno
Ou num arroubamento
Prolongado
Nasce um novo Santo
Sem outro desejo
Que o da carne desejado
Sem passado
Presente
Ou amanhã
Em espírito extasiado

Dois idosos dormem
Embalados pelos rodados do trem –

Criação da Morte

Ouve-me meu bem
Ouça-me quem amo

Eu parto
Sem que saiba
Se e quando
Voltarei

Se fico
Farto fico
Se parto não sei
Onde ficar
Nem para onde irei

Leve-me o vento
Para onde levar
Desse lugar distante
Se amofina a alma inconstante
Por a ti tanto te amar

Se parto
Morro
Se fico
Sofro

De amor por ti
Meu bem

O túnel pintou de negro a paisagem
A morte pinta de negro o pensamento

Há uma ponte líquida
Entre mim e a outra margem da vida
E há o deserto das mãos impudicas a acenarem ao desafio
De viver sem comando e sem governo
De escrever o que me contenta nas páginas brancas a
amarelecer
De fazer amor
Sem que os actos e os mais íntimos gestos da pele
ardente sejam aquela paixão de que os poetas falam
E de que tanto se enganam

A chuva escorre límpida nos beirados que o Sol constrói
na cidade

Transeuntes atropelam-se
Fugitivos da vida com guarida nos subterrâneos
iluminados de rostos doentios

O burgo fica deserto nas almas estranguladas das ruas
alagadas
Conspurcadas pelo fumo de intermináveis cigarros da
angústia

O transporte para um outro mundo tarda
Carris enferrujados dos sentidos execráveis

Das sensações duvidosas de corpos alheados da emoção
cristalina da generosidade

Dois homens à porta da barbearia
Os seus olhos directos
Absortos
Nos anúncios pecaminosos dum bazar chinês
Onde tudo se vende

Vê-se que não pensam
Porque se pensassem não estariam à porta
Entrariam
E sentados no recolhimento dos cabelos espalhados pelo
chão
Meditariam numa existência similar a uma peruca
Ligeiramente encaracolada
A enfeitar a boneca rosa oculta
Na vitrina chinesa

As viagens são longas e extenuantes
Interminável é a viagem interior

Na tarde fria as palavras não aquecem o vento
O bafo quente das sílabas dissipa-se nas paredes de
granito negro
Enfado de palavreado
Inútil e desnecessário

Parte-se-me o coração
Em pedaços e estilhaços
Na tua partida sombria
Rosto impresso na vidraça

Um único dia não há
Em que me não morra a alma
E a cada noite renasça
Mais saudosa e sofrida

Na angústia da ausência
Triste consome-se a vida
Que súbito a morte me não dá
Mas que a pouco e pouco ma tira

De teu rosto a graça
Apartada e escondida
Beleza única só vista
Por quem viu para além desta vida

E no amor mergulhou
Sem tempo sem medida
E no outro se transformou
Em carne viva

Saudosos amores
Nas asas do tempo sepultados
Aliviai as doces dores
Dos eternos condenados

Vinde lestos
Que o dia escurecido
Adormece em lençóis brancos
De leito esmorecido

Apaga as lágrimas coloridas
De quem a morte procura
E da vida nada quer

Porque a guerra do coração
Ao louco mais transtorna
E ao sadio ensandece

Que de tanto sofrer
Lhes perece a vida
Morrendo sem morrer

Noite de todas as ambições
Coragem da perdição
A iniciação
Há quarenta anos
Ilusão

Bem pode ter sido verdade
Ou pura imaginação

Uma cave clandestina no anonimato da ditadura Mulheres
seminuas esgueiravam-se por detrás das mesas de veludo
vermelho Havia cartas ao centro Uma rainha de copas e
um rei de espadas numa delas
Negócios sinistros encapuçados
O fumo do cigarro mais reles misturava-se com o dos
charutos cubanos Frenética a erva adocicada sorvida
pausada e vagarosamente
As luzes sorriam piscando para o ringue improvisado

Nos fundos encomendava-se um serviço A morte entrega-se sempre nos cantos da libertinagem

Sabia

Ninguém o dissera

Mas conhecia aqueles olhos brilhantes do *mecânico* de quem sem rosto vai matar o que rosto para ele não tem

No tapete vermelho do ódio rasgado pela *vendetta*

Um Colt 38 ou 40 visível crespo e ameaçante

Quem seria desta vez? Alguém

Uma alma que o Diabo ou Deus hoje já tem

Ou que não é de ninguém

Algumas estrangeiras do Norte rodearam-me Estátuas gregas vivas

Audazes

Havia ainda uma venezuelana quase nua pele escura a brilhar

E portuguesas acanhadas

Mal-acabadas

Lânguidas fêmeas

Pedradas

Curiosas És tu que vais lutar?

Palavras em charco de tensão muscular de quem aguarda disputa sem voz

A cidade nunca mais seria a mesma

Iria arruinar-me com ela

Luta após luta

Putá atrás de puta

O Patriarca da Família senta-se

Obedeces primeiro

Não demandas e um dia mandas

Só sabe comandar quem souber obedecer

Cegamente

Cegamente moço

Diz com a solenidade dum pinheiro nórdico a resistir aos ventos do Ártico

Trazemos nos corações a frieza dos rios gelados das montanhas nevadas e da negrura dos fossos ensanguentados

(Uma faca acerada tributa gotas de sangue no vodka puro)

Bebe

O teu sangue é nosso

Com ele

Tropeçaremos nos cadáveres dos adversários

Não há homem nem deus que não tenha inimigos e traidores

Que não haja

Lei nem ordem nem pecado nem piedade

Esquece quem morre

Corpo separado da cabeça rolada

É um nada

A hora interrompe o discurso

Pesos pluma

O ringue improvisado

Tira o roupão dizem

O polaco era baixo de vermelho e encorpado

Eu alto de negro e magro

Vozerio gritos estridentes das gaiatas

Dois *rounds* a parar golpes

Terceiro *round*

Dois golpes baixos do estrangeiro

Raiva e ódio

Um *jab* a medir a distância

Um *hook* frustrado

Um novo frontal a abrir luvas velhas

Cross furioso

Jab Jab Directo

Jab-directo e Uppercut

A lembrar a dança

De Shozo Saijo

O polaco no tapete

Cambaleante

Arrasta-se e sai

Esforço inglório

Technical knockout

E vai

A música martelava as paredes dos ouvidos inebriados
Sangue vivo no sobrolho
Dor no baixo-ventre
As nórdicas despem-se
Na mesa de poker centenas de notas
Um beijo do Patriarca K...
A selar o compromisso
A comemorar a vitória
Do terno de oiros
Inscrito em luvas de napa

Bem vindo ao Inferno
Dos Vencedores
Bebe
Usa as mulheres

Disse

(Está velho mas ainda vive)

Respondendo ao poema

*Ver
Ouvir
e Cheirar
deve usar e abusar.
Saborear e Tocar
não vale a pena tentar.
E tendo V.Ex.^a
o Sexto Sentido
bem desenvolvido,
a Percepção,
verá que tenho razão.*

Quem vê ouve e cheira
No acto de amor fazer
Muito pouco ou nada aproveita
Porque feiura guinchos e fedor
São causa de triste maleita

Se saboreia
E paladar refinado tem
Cuide-se tal criatura
Que de vagina usada
Lhe sai esperma de alguém

Ao cego mulher feia convém
Ao surdo mulher palradeira
Ao que olfacto não tem
Uma porca-suja à lareira
E ao que não saboreia uma loureira

Melhor é o tacto
Que não vê
Ouve
Cheira
Ou saboreia

E ao membro rijo
Não amolece
Nem deixa varão descorçoado
Por falta de erecção

Assim dele tomo partido
Diz-mo a razão
Afirma-o a percepção
E o sexto sentido

Tinha a febre da ansiedade
Estertor da dor errática
Salpicada pela asa gemente do maligno

Sua casa era sua fortificação

As sílabas das palavras nos vidros opacos
Circulavam no vapor depositado
Da sacra metamorfose de rígidos ossos
A enformar a palavra

Havia imagens inquietas
Sem projectos
Sem um corpo açoitado pelo amor
A transformar ideias em versos

Menina dos olhos tristes
Cinzentos
Baços e melancólicos
Que vês?

Que te falta
Misteriosa criança?

Que corpo te não amou
Ilha do radioso canto do vulcão?

O mundo pode findar amanhã
Poderia ter sido já ontem sepultado
Na sensibilidade inesgotável
Dos gestos perfeitos de amor fazer
Que Deus a alguns dá e a outros nega

Porque amar

Não se aprende
Não se ensina

Nasce
Vive
E morre
Com a gente

Parto
Náusea da partida
Feral e ansiosa a chegada

Envelheço
Sem a cidade afrontada
A meus pés
Agora que a desejo esmagar
Verme da repugnância
Lodo imundo a deambular
No negrume

Luzes desertas flutuam
Nas linhas brancas do asfalto
Áleas tomadas de assalto
Por aprendizes de curandeiro
Das noites doentes
Dardos de luar

Nós
Os velhos
Ainda decidimos
Querendo
No recato de velhos bares bolorentos
O esqueleto por depurar
Do país noturno
A naufragar

Atraçoaram-me
Desacertaram quando neste mundo
Me fizeram nascer

Mais errou e pecou
(mesmo que Deus tenha sido)
Quem quis que minha mãe
À luz me desse neste país

Crescem riquezas de favor
Suborno
Corrupção
E há
Criminosos a sorrir
Às portas dos tribunais
Ombro a ombro
Com seus pares
Circulares
Pais de hedionda governação

Geração apodrecida
Por si mesma protegida
Recompensada
Enquanto os justos
Vivem apedrejados

Tenho vergonha
De mim
Por vós
Por ser assim
Pacífico e quieto
Sim
Vergonha tenho
E por vezes

O alento de viver
Me falta
Num país
Onde a pobreza
É justificada
Pela riqueza encapotada

País definitivamente condenado

Impiedosamente rodeado
De iniquidade

Ouvi
Estou cansado
Farto
Da falta de coragem
Para com punhal matar
Um regime pelo esterco
Aspergido e subjugado
Farto
De cobardes palavras
Do erro
Da mentira
Da hipocrisia
Onde a palavra honra
Foi de morte ferida

Não sou português
Pertença a um outro mundo
Meu o meu mundo
(que cada um tenha o seu se o quiser)
Indo para onde o vento galáctico me leve
Se bem
Se mal
Não sei

Mas por favor
Para Portugal
Não

Sepulto as memórias
Com mãos arenosas
A cuspirem fogos límpidos
Cruzados de azul
No desar estrídulo
Da cruz do céu em trevas
Ao anoitecer

Que bom é adormecer
Leve e ousado
Inocente
Pacificado
Sem ser manchado
Por pecado
Sem ser bandido
Governante
Malvado
Ou pobre infeliz

Sonho de supernova
Estrela nascente
A varrer o universo demente

A Lua existe para que os amantes se amem em
hospitaleira penumbra
Raios débeis a alumiar leitos e desejos
Que dando mãos
Partilham corações
Sem a nítida real e dolorosa imagem das definições de
amor

Tão falsas e várias
Que à luz do Sol não resistem

Há quem diga
Que na face macia de um papel se conheceu
Habituação ao cárcere voluntário do medo
Em linhas vazias de caderno aberto aos pés de enxerga

No repouso do quarto sem cortinas
Virado para a canção estelar do rio
A correr pelas cinzas do deserto
Abrigava a imaginação dos espaços suspensos
Das chagas incuráveis

Abandonado à morte da realidade mergulhava no sonho
Seu irmão bravio
Vítreo

A força da idade na decrepitude do corpo
Fez com que se aconchegasse ao calor da lareira
Em brasa húmida
Salgada
Manta retalhada do desespero petrificado

Pouco era o tempo que lhe restava
Nas pálpebras incandescentes
Dos punhos amansados
A adormecer lânguido no espírito da noite
Ceia dos Afogados

Melancolia deserta
Dois mil anos
Atravessados pela cruz de bronze
Odor de morte
A ressuscitar
Lábios a acometerem
Na taça de luz
A solidão trágica
Dos olhos ainda por fechar

A vida
Que nasce
Na rosa
Palpita

Perfume
Amor
Alegria
Dor

Ó Rosa do Dia
Glória da Noite

Não há fogo
Que extinga
O que no corpo arde

Mártires das revoluções
Dos revolucionários de ocasião

Os Pobres

Rebanho de Cordeiros
Assobiado
A juntar cabeças
Como nos cabeços
Da minha aldeia

Em triste fado
Cantado
Pelos poderosos
Do capital
Predadores do suor

Das misérias democráticas
Das praias de Portugal

Tão velhinha –
Na memória da infância
Não me reconhece

Eu
Já tão velho
Tão diverso
Na carne tão diferente do que era

Da imagem
Retida
Na sua santa lembrança

Uma mão na água gelada
Afunda-se
E arde

Arcaico ramo
De tanta idade
A pedir caridade

Escrevo-te hoje
Esta carta de amor

Poderia tê-la escrito há anos
Ou no porvir

Ardem as flores no olival
Cai um santo do pedestal
(cai sempre um santo do altar quando um louco fala de amor)

Passam putos e remendões sem que saibam o que faço
Eu também não Escrevo
São voltas do aparo no cérebro enegrecido da rapaziada
Estouvada
E no meu

Alma que vigia
A neve que rodopia no céu vermelho
A fechar olhos ao Sol
Que é de todos nós
Poeira e terra na promessa que havemos de pagar
Quando a terra nos comer
Os sexos desfeitos
Nas mãos descarnadas

Meu amor
Uma carta acaba sempre assim
A navegar em nau de fantasia
E esperança
E mete-se no correio

Ainda digo

Amo-te
Hoje sim
Amanhã não sei
(que hei-de eu saber do amanhã?)

Tarde de Outono –
Construo o meu castelo
Pedra sobre pedra

A Serra testemunhará
A solidão
Que o irá habitar

O amor
Começa sempre
Com as primeiras chuvas

Lágrimas do Céu
Caem nas telhas partidas
Nos buracos do telheiro
Do vagabundo esfarrapado

Tão em paz
Sono profundo
De frio morto
E
Que para ali jaz
Sem acordar Sem ser notado

Quem sou eu?
Perguntara ao Sol afogueado do meio-dia de Inverno
Como resposta
Raios tépidos
Lâmpada ateadada de ternura indiferente ao abismo
profundo

Ele era o incerto
A besta de carga
O carrego a lucilar nos túneis da imensa manhã pintada
de geada
O vácuo do terreiro fistulado pelas garras da memória

O deserto queimado pelo desejo

Ele era o corpo em riste
A percepção do crepúsculo mirrado na almargem
O intelecto volátil da seiva apagada nas páginas de um
livro de poemas exangue

Era a vida
A caminhar para a morte de vidro
Baça como o vento inquieto

Era

O cigarro

Esta companhia a que falta o orgasmo
Noite e solidão aquosa

Três bancos em linha
Deserto da sala expectante

O escuro passeia-se voluptuoso na negritude da escuridão
plena
Uma mão na caneta um dedo na letra
A outra no sexo azedo

Má circulação nas ameias da mente
Tão doente
Ossos de linda graça

Um cigarro morre
Por não ter sido fumado
Lava de vulcão

Um cigarro morre sempre

Insatisfeito e ausente
Como um cão
Que se guarda
E não é usado
Para guardar a gente

Palavras de arsénico
Dissolvidas cautelosamente
Num café frio

O poema
Um vaso cheio
Que se oferece
Ao poeta somente

Quem entende
Quem o compreende
E porque é que se escreve?

Divertimento de semente a criar raízes de mortal augúrio
num tanque de água quente
Lodo e poeira
A esvaziar lentamente
Um antigo recipiente

A vida é doença
De que nenhum vivo se livra

A morte sossego

Que ao morto não deleita

Vida e morte a ninguém aproveita
A menos que tolo se seja

Seios de Navegantes
Corpos firmes
Na crista das ondas

O luar
Desce sobre o mar

A proa corta o silêncio
E além fica terra

Grilhões da liberdade
Acorrentados à verdade
À mentira e à saudade

E o desejo
Lá está
Que já o vejo
Do topo do mastro

Antigamente
Escrevia-se pelos cafés

Versos saíam ao ritmo das encomendas
Das pilecas e das manadas

As mesas eram damas
As cadeiras corpos nus
E os cinzeiros corações latentes de braços em cruz

A solidão
Quente no Inverno
Fria no verão

Passa o corso

As raparigas despidas
Botões amargos
Reluzentes umbigos

Sorrisos

O povo grita
Salta
Ri

Toca a gaita
Maria
Amanhã já não é dia

De tanta alegria
Morre a folia

Há corpos que deslizam nos pátios de pedra

Anjos azuis volantes
Nas asas do símbolo em labaredas
Amores de redentor a definhar

Morte que encarcera o coração da brisa fumegante
Descompassado Histriónico Leviano

Aguardo

Pelas idades sobrenaturais dos esquifes metálicos
Das cavernas superficiais
Nas bocas transparentes
De vidro transluzente

Ausência
Ausentes
Da vida
Do viver

Correm os astros ínfimos históricos
Na direcção dos resguardos e bolsos
Sangue a tremer na escuridão lazarenta
Dos poços por explorar
Pelas mãos de ouro
Do prestidigitador

Barcos azulados
A nascerem todos os dias
Rio abaixo Rio acima

Sois tão fracos
A morte espreita-vos pelos colarinhos
Aconchegados às virilhas mortas

Pensais que a vida é um carro ornado a pedrarias no
cortejo dos salgueiros descalços

Meditais no conteúdo das vossas bolsas
E de vossos vizinhos do lado
Nas vossas mulheres-bicicleta

Deixai-me também aprender a andar
Em três rodas
Donde não retirais nem dais prazer

Lambei os ecrãs de vossos televisores
Chupa misto de três sabores
Reis da bastardia
Maçónicos de alvenaria areada

Amanhã é dia de adultério
Nas vossas camas bordadas
Enquanto brincais aos gestores

Nos passos do assombro
Arquitectam-se muros
Nos lilases que sonham

A Terra vê-a deambular
Na artéria de uma só direcção
No sem-sentido das horas vadias

Num quarto andar
Um pincel movimenta-se
Contraponto mágico
De azul descorado
Anémico

As luzes apagam a vida

Eroticamente

Resta-lhes a festa do sexo
Da lua de sexta-feira
A descer o Chiado

24 de Julho
O Rio
A sorver o empedrado
Tóxico
Como aqueles dois polícias
Com medo dos ladrões
(os polícias só servem para chatear garotos e multar
condutores)

Uma última pincelada
O quadro desfaz-se em partículas atómicas
Destelhadas
Ilógicas

Paranóia
Que a vida não vê
E é

A tua história é a história triste de uma galinha voadora
de asas curtas como os seixos da praia sem bandeira

Rolado nas escarpas
Um Castelo de Areia

Galinha que voa nos subterrâneos
Da fuga anil imperial

Morcego churro
A voejar num copo de cristal

A cacarejar
Anormal

O galo pia ao pintassilgo verde

E a galinha silencia
O galo pia pia pia
O morcego no voo não se fia
Como mortal
A quem o ar falta
Na mesa vazia

Os paus ardem na lareira do ventre

A desordem instala-se no navio embriagado a sorver
cardumes de peixe miúdo na cave da catedral em ruínas

Obsoleta como o velho diácono purulento

Ossos de náufragos buscam na página de um atlas os
seus complementares

Há um odor a razão na maré a vazar
E o capitão encontra o astrolábio na ponte derretida pelas
correntes
Dos antigos arneses
Acorrentados ao Destino

Aquela árvore centenária ramos a espreitar o terraço
evitado
Dormita
Eu durmo com ela

No prédio em frente discute-se o rasgão dos calções
amarelos
Que será o dia de amanhã despido de amarelo vivo
Ou de azul nado-morto?
Provavelmente
Uma lagosta cozida viva
Em caixa circular
Dentes de gula cravados
No enxugadouro de celerado paladar

Criados Laços torcidos Fatiotas pretas Camisas brancas
enxovalhadas na surdina do amanhecer lacrimoso
Palavras rentes das malfeitorias desaparecidas pela
prescrição
E das acusações de favor

Delitos em pelota
Que já ninguém nota

Uma criança chora
Um órfão vê fotografias
A árvore acorda
Com o zurzir da sirene
Da fábrica que na colina
Se obriga por decreto
A embutir colares-cristais-de-gelo
Nas colunas sociais

Poucos eram os anos
Os anos são sempre poucos

Mas passam mais depressa
Que os próprios anos

As tuas carnes apodreciam no bule de seis asas

Uma borboleta esvoaça nas veias

Ansiosa a dona do cão preso ao automóvel comprado no
embuste da flor murcha

Arrancou

Arrastando um cedro vermelho

Erro apocalíptico do comerciante de ilusões retido nas
embalagens do tempo

Validade já expirada

Uma humana cria dormia exausta de tanto dormir

O cão latia atarefado de tanto latir

A dona desesperava pelo tempo perdido

Sem amante sem marido

E os anos não perdoam

Pinheiros altos gritam

Vozes aflitivas

Das labaredas que se agitam

Uma noite para amar

Uma cruz nas costas cegas do calendário

As vacas sacodem as moscas enquanto fazem sexo no
pasto encarniçado a amarelecer nos gestos brancos
Malhados
Da penetração

Sexo fazer só para vitelos poderem nascer
Fora disso
Fornicar é tentação do Diabo
O que as vacas tão bem sabem
Sem recurso ao planeamento familiar

Corpos rasgados na noite
Nas capelas construídas em pontes
Elefantes de marfim

O amor veste-se de negro
Persistente
Sem idade
No limite das nossas próprias mãos

O guarda-nocturno oculta-se no muro anão
Coca-mãozinhas
E conta
Uma a uma
As mulheres que entram
Na armação de vime
Da escravatura diurna

Que querem?
Que vos ame doidamente num berço de prata e vos
escreva versos doentes?

Os cães uivam lá fora
Gente ordinária faz amor como cães

Cheiram e lambem os seus próprios testículos
Carnívoros Eróticos Alucinados
Fadistas
E contorcionistas
Património da humanidade venal

Que querem que vos diga?
Que sois os eleitos os mais-que-tudo o tesoiro da
civilização que por todos os poros cinzentos vomita o
fedor da morte que ladra furiosa às plácidas túlipas?

Há gente em pedaços a olhar cores dilaceradas do prédio
com as janelas quebradas a surpreender a velha
prostituta e a exorcizar os esqueletos dos fantasmas
góticos

Que quereis?

Um novo reino masturbatório viola a herança das mil e
uma noites designada por um trouxa que não renunciou
À frase singular
Profissional e politicamente marcante

Ide à merda oligofrénicos
Disse o meu coração contrariado pelos remorsos da alma

O Mar da Dor não tem vento o vento do mar azul a dobrar
cabos e alcantis verdes

Nas noites intermináveis das escadas em derribamento
Dos pântanos que escorrem para as valetas das marés
Fazíamos um barco de papel com velas de era-uma-vez

Havia carros de bombeiros com os rostos encobertos por
momentos de silêncio

Havia bocas a rolar na água encostada aos mortos
Cegos pela memória

Meia-noite
O relógio toca no mármore nu
Limp
Na poeira iluminada por fios de luz da cidade prisioneira
das badaladas comprimidas

E o resto da existência
A medo
De joelhos
Em penitência
Atormentada por flechas de luz insuportável
Dói
Na insónia do teu ombro ausente

Duas árvores no horizonte
Tão iguais
Tão diferentes
Tão árvores
Tão

O pinheiro do meu jardim
Impiedosamente serrado

Onde está a sua sombra
Onde estão suas pinhas
O seu odor?

E tu
Meu amigo
Em que lugar foste abandonado
Ao sofrimento
À dor
Da morte eminente?

Aquela casa
A minha
O meu jardim
É um cemitério
Onde vossas almas
Vigiam

Será aí o meu eremitério final?

Inverno
Homem réplica do Tempo
Incerto
Como as chuvas
Resgatadas por fortes ventos
Das terras altas

Um nevão amacia a pele cardada da ampulheta
duplamente cónica

Os pastores tremem
Estremecem as almas húmidas
Com pasto a nascer
Nos corações gastos

Rios saem do leito
Espreguiçando-se

As ribeiras voam
Nas pedras circulares

Cai a névoa bonançosa
As nuvens demoram-se nos cumes

Escarpas graníticas acariciadas
Mãos de mulher
A afagar
A dureza do viver
A quem só resta amar

Morreram numa manhã
Com cães vadios a oscilar
Suspensos nas emoções

Um secretário manda-nos emigrar
Um ministro para as Áfricas ladroar
Um cardeal amargar e calar

Um funeral passa clinicamente na praça
Atrás o velho general palhaço agasalhado
Escolhe um atalho nunca dantes navegado

O prefeito urina-se numa esquina
Pingando-se do joelho
Até ao artelho

Às armas valentes
Grita o diácono inexperiente
Que presbítero não há

Cada um que faça
O que quiser
Deus está aposentado

Levanta-se o finado
Que há pouco morrera
Rabinho a dar a dar

E junta-se veloz ao outro
Bailador que ia a sepultar
Rabinho para baixo cabeça no ar

Sete espadas afiadas
Que estão para vos matar
Gente de pouco vigor

Gritam ambos enfurecidos
Com as queixadas caídas
E as bocas a salivar

Que este povo usa saias
A vitória é dos falecidos
E a morte dos vivos

Estamos sós
Tu nos teus próprios olhos brilhantes
Com as estrelas que cintilam ao anoitecer

Eu
Alguns metros distante
Sangue fervente nas veias
Queimadas pelas arestas da solidão

Se juntássemos os corpos

Mas como te hei-de dizer
Que palavras podem exprimir o sentir
A sensação que nasce do instinto vital

No sossego da mente

Se juntássemos os corpos
Os braços frementes
Os lábios rubros
A clamar por amor urgente
Não seríamos dois a sós
Seríamos Um para sempre

Esmagam-nos a vontade
Dilaceram-nos a persistência

Discursos dependurados em bandeiras
Poses calcadas no areão do rio poluído por calçadeiras
metálicas
Estudados perfis de ásperas desilusões

Não há estrelas na melancolia da abóbada
Nem felicidade na estrada do céu
Peixe doirado a habitar os dedos da cidade

Milhões de anos-luz corrosivos e opacos
Em forma de bicicleta
Demarcam a invisibilidade do plausível
E no espaço-veludo rosa-choque
Morre-nos a esperança luminosa
Da boca nascida

Nos painéis laterais brilha a luz do círio

Por toda a parte a sombra da Vida
Mais real que todo o viver

Um lírio solitário agita-se na jarra límpida
Movimento de leite vazio

Um coração aguarda em pé
Olhar afogado no desejo
De todos os segundos
Frescos
Intermináveis
Angústia suada de dia quente de Verão

Procuro a minha alma nas voltas da insónia
O balde não alcança a água do poço sedento
Onde o sol não penetra

Há pequenas flores amarelas e ervas nas suas paredes
Gotas de orvalho teimam em percorrer a corda agora
tensa

O perfume da erva molhada invade o meu cérebro
Dando notícias da alegria primaveril de prados e jardins

Da minha alma
Nada

Adormeço na superfície espelhada a escuridão

Já não se viam os convidados da ceia
A casa deserta acolhia
Os rumores dos antepassados

Pelas janelas cruas entravam livres e despertos os
sentimentos das trepadeiras

Um cisne mergulhava no Lago de Cristal

A estátua nua escorria gotículas de arco-íris
No Vazio

O céu brilha na parede desmaiada do pobre casebre

Olho em frente

Um cão brinca com um globo de cristal
Exaustivamente profético

O mestre da escola
De porta em porta fendida
Ergue-se na escrivaninha do desjejum
A comprimir na mão esquerda
A Cartilha do Sono e da Ausência

Não há nada que neste mundo já não conheça
Nenhuma gruta escorada por ossos do acaso
Nenhuma ponte sobre o infinito
Nenhuma noite com os olhos rasos de lágrimas trémulas

Nenhum domingo em fúria dentro de um outro dia
qualquer
Esmolados mistérios

Por pouco se agradava
Raios quentes da tarde
Crepúsculo
Silêncio das noites nos brincos de pedras vermelhas
Um longo gemido de prazer
E uma estrela para adormecer

Partira
A Dama desconhecida de longas tranças
Sem trocar palavras ou olhares com ninguém
Corpo de deusa dos deuses pertença
Ficou-nos a sua imagem áurea
De pele prateada ao vento
E olhar distante
O que nos é demais
Ou já é bastante

No jardim devassado
O pescador

Num banco de pedra
Amor de amar

A barca corre com o tempo
Leme de rugas a marulhar

O pescador de corações
Morre
Lentamente
Nas redes do mar

Todos os dias
Reza minha mãe o terço

Maria a ouve
Decerto
No seu coração em flor

É uma Santa
Escutando
O que outra Santa
Com fé e amor
Lhe está rezando

Uma pedra sem nome na árvore que se despe

Bebe-se sofregamente vinho adocicado

É antigo o meu anseio

Contigo

Na cidade portuária

Onde os turistas fazem amor às escondidas

No calar da noite

Há ossos esmagados

Medos encerrados em pulmões comprimidos

Sexos vandalizados

Seios apertados contra os cabelos do vento

O preço da paz pago com trinta moedas

E eu

Para aqui engolfado

No coração

Do Demónio

É para ti que guardo a minha solidão

Quando voltares

Hás-de sentir o vigor do meu abraço

Não cuideis dos meus pecados
Poisados na magnólia –
Desviai os olhos para os vossos cardos

Sete horas no relógio da torre
O ar enegrece
As lareiras fumegam cantantes

Na almofada branca
Os habitantes da cidade
Tomam o veneno da comunicação
Gritam às línguas de fora dos filhos
E pensam como é bom e saudável
Estarem zangados tristes vivos
Os asnos

Aquele sorriso no metropolitano
Uma boca rosa a sorrir para si mesma
Um olhar difuso e quente
Um boné de lado a soltar cabelos de ouro
Calça de ganga rasgada
Um desejo desejado
De te beijar
Ainda hoje presente

O vento passa
Suavidade e carícia
Na minha face

Ardem fibras no ginja
A ginja é uma puta
Todos os dias

Dizia
Arrebatado
O louco da aldeia

E eu garoto
Que o não compreendia
Repetia enquanto a comia
A ginja é uma puta

Hoje sei
Que onde não há guarda e ordem
A ginja é fruta proibida

Que todos comem
Porque quem de noite guarda o que tem
Deixa que lho comam de dia

Uma pintura é um personagem que entra em cena
E desliza no corpo do rio a jusante
É tinta
É palavra
É semifusa
Tela pensante
Que diz nos círculos nas linhas nas pinceladas das faixas
brancas
Nas cores
Vibrantes
Quentes
Frias
Esmaecidas
Nas jóias incrustadas
Rubis e
Diamantes
As palavras e as emoções
Mais verdadeiras
Dos verdadeiros amantes

Uma voz harmónica
Longínqua
Doce flauta da alma espiritual
A soprar profunda visão

Pela estrada um mendigo
Roto e esfarrapado
A arrastar-se no cajado

A cada porta pede pão
Um tostão
Por amor a Nosso Senhor

As portas calam-se
As janelas fecham-se
E ao desgraçado chamam ladrão

Sem que saibam
Que é Cristo menino
Com fome e frio

O Escorraçado

Doenças da alma
Que penetrais na carne
Aliviai os pobres órfãos
De pai e mãe

Que a dor do espírito
Dói no corpo
Um doer
Um tamanho sofrer
Que remédio não tem

E se não morrem
Da dor que padecem
E que no corpo sofrem
Morrem da vida
Que não têm

A Beleza é o nome
Que os olhos baços
Contaminados
Pelos labirintos da razão
Dão às coisas
Que lhes agradam

Antes dos seres
Havia o Ser
Antes do Ser
O Não-Ser

E antes do Não-Ser
Os seres
Nascidos do Ser
Nascido do Não-Ser

Único e igual
A si mesmo desde sempre
Mãe da cíclica diversidade
Da unidade filha

Não-Realidade Real
A quem busco
Nesta Noite Escura
Da alma inquieta

Erro atrás de erro no caminho da estreita via Retorcida a
senda Torta e entontecida Não paro Os passos
cambaleantes transportam-me para um outro mundo de
multidões exaustas pelos pecados que me atormentam
nos nós dos dedos E tu senhor que devias vigiar a
macieira dos frutos carnudos e as arestas limar navegas
na Barca da Terra Árida mudo de compaixão Estás perto
de tanto e longe de tudo Junto a mim bebes das minhas
águas comes do meu ázimo e conheces-me desde o
princípio dos tempos decepçionantes Vês o meu pranto
submerso em remorsos Os insistentes delitos Diabo
Porque não arremetes contra a lança do desespero e me
soltas os parcos cabelos que não alumiam a noite nem ao
dia concedem alegria Mostra-me a tua face ao escurecer
para que durma à sombra das estátuas vivas da avenida
florescente Não é em vão que te peço e me despeço ao
adormecer nas ondas do mar sem fim e do céu cruel
Perco-me sem ti De que latitude parti eu que me
desconheço Em que longitude sofro eu que me despeço
Tudo é deserto areias sem fim Um coração que sofre
arrancado brutalmente ao peito ferido Já nada sei A noite
aproxima-se e eu sofro E tu meu amigo como me és
encoberto

Fim de dia O Sol brilha menos nas coisas mortas à beira-
mar que brilham mais Incandescentes debruçam-se nas
margens do rio azul Um pássaro descansa no paredão Um
veleiro volteia insignificante Há comunicações no canal
portuário Silêncio no jardim de azáleas As flores
comunicam pelo aroma nascido nas subtis cristas brancas
das ondas que se desfazem em lamentação nos limos das
amarrações Os homens comunicam pelo canal da mentira
Uma mulher vestida de lilás com pétalas nas pálpebras
aguarda no som líquido da lira agonizante Virá pergunta-

se nos lábios cerrados No horizonte uma vela acesa de
vento bonançoso Será ele Não não o é
A traição nunca vem do mar

De barro fora feito Modelado ao crepúsculo quando as
grandes neuroses sofrem melhorias e os poemas são
escritos em raios violentos de Sol
Cantava-o despreocupado como a rã do charco seco a
nadar na superfície do tempo
Nele estava o fim do dia a iniciar a longa contrição da
porta inútil para a bem-aventurança Sombras nasciam das
proas inanimadas na lembrança do gosto do alto Só é do
alto quem respeita e não teme as paredes de água sólidas
e os acometimentos dos deuses revoltados
A cobardia é costeira ou palustre
E por desencanto
Navega em águas mansas
Protegidas e abrigadas

Resta-me adormecer este corpo
Consumido pela saudade –
Aguardo por ti no meu sonho

Da obscura profundidade do Abismo impenetrável
Irradiam ser e não-ser em perpétuo e imperecível
movimento

A semente gera o girassol que gira resplandecente na
floração
Morto que seja outras sementes em queda virão alumiar o
solo

Útil como chuva em tempo de seca prolongada

Decompondo-se
Ele que ofuscou prados e planícies
Já em si não é
Mas noutro a reverdecer tenro e brando no coração da
terra fértil
A alegrar as nuvens de algodão doce
Que no céu resvalam indolentes

Tal como nós
Seres viventes
Como todos os entes
Hoje
Amanhã
Sempre presentes
Lã de carneiro que nasce e morre
E nova renasce
Em amável e eternal lameiro

Chuva torrencial de paus de vedação
Cai negrume na Estação das Mudanças

Um Pai Natal dependurado por fios de aranha tecidos
Move-se

Marioneta desaurida numa velha janela do que foi um
armazém de locomotivas a vapor

Dois trabalhadores com riscas de frio nos fatos de
trabalho olham impávidos o alumínio da partida
A chaminé tortuosa de tijolo roído perscruta as
carruagens-cadáver nos esqueletos dos carris mortos
Melancolia das gentes-mala-de-viagem

É pois assim
A vida apita
Silva
Assobia
E a fome passa desavisada na linha dois
Na dois
Sim

Gostaria de saber escrever quadras como aquele doente
Que de tão enfastiado mata o tempo no hospital
Enquanto de branco aquela gente o vai matando

De ser poético Belo figurão e bem falante Palrador
Dizer em lindo discurso Bom ano passa fome Paciência
Bebei água comi pão duro que para nós cama quente e
espumante

De ter jeito Aquele jeito especial de enriquecer
À custa do povo demente com a tez a escurecer
E a sorrir dizer-lhe que o trabalho dá saúde e faz a
miséria crescer

De mentir como quem fala verdade em falsa jura
E pela verdade mentir e pela mentira asseverar
Que em mundo torto andam direitos os asnos irmãos
desta irmandade

Que tudo é assim que assim tudo está bem
Porque Deus o quis e Deus o quer
E que quem não concordar no pecado que tem vive e há-
de morrer

Mas
Sem tal engenho

O que eu gostava mesmo de ser por várias razões
Se o quereis saber era ser o Gato-pingado
Que à cova com gosto levaria todos os ladrões
Certificando-me que enterro feito caso encerrado

Um fuso horário na costela flutuante
Espreme a ameixa vazia

O senhorio à porta da igreja
Queixa-se dos fugitivos assombrados
Pelas voltas das palavras elegantes
Vestidas de capim

Cá por mim
Dizia –
Se eu governasse
Acabava-lhes com o pio
E com o corrupio

O mundo ia girando na floreira cerâmica
Gruta submarina a flutuar abissal

Um pássaro verde-esmeralda estampado no bacio
metálico da pensão
Quartos em serviço permanente
Enquanto uma moreia faz amor na Casa dos Vidros

Anões e gigantes gratulam as moedas da representação lunar

A primeira dama chora lágrimas de crocodilo no ombro inflexível

Férreo

Do marido disforme no treino dos espelhos

Um enterramento

Sem carpideiras

Por acompanhamento

Um cão

A ladrar aos pneus da carrinha funérea

Há momentos em que adormeço

Embalado pelo movimento do aço

Nas juntas dos carris

Nem o tempo cinzento

Na sua natural e doentia melancolia

Me furta ao acordar

Aquela sensação estranha

E verdadeira

Tão verdadeira e real

De que o Céu é um lugar

Onde se dorme e não sonha

Onde se vive sempre

Como nesse fugaz momento

Em que se acorda

Em que nada se sabe

E tudo se sente

Não o vislumbrava na noite erma Os cepos de oliveira
esvaíam-se na lareira do quarto em ais de ligeiros
estalidos

Não o sentia Não o pressentia no ar quente do segredo
guardado pela origem de tudo Nem sequer o intuía

A voz dela acalmou as inquietações e ficou por ali a pairar
nos reposteiros carmim do seu corpo longínquo Não se
lembrava Não o recordava nas faces rosadas da memória

Ah quem esquece um corpo não é digno de o amar

O lume extingue-se paulatinamente

E as cinzas do Sem-nome penetram o aposento
perfumando-o

Se desta vida parto
Depois de tantos trabalhos
De injustiças e desilusões farto
Cansado de tantos escolhos

E se nada deixo que valha
Lembra-te Amada do amar
Que naquela noite de luar
Fez vibrar o Mar da Palha

Nesse Tejo dos amantes
Que perdidos de amor

Içam as velas dos navegantes
Nas almas em flor

E se eu pela vida esquecido
Te olho dos confins do céu
Acredita que não há olvido
Nem olhar como o meu

Um espírito confuso na soleira da porta passa pelas
fendas da trepadeira dos sentidos

O caracol conhece o universo na folha que o esconde e o
cão de guarda na corrente que o estrangula

A força aguarda

A cerca da consciência emudece o choupal
Já é tarde
O Sol pôs-se no baú de cânhamo em filamentos luminosos
E as andorinhas diligentes
Adormecem num doce embalo os filhotes

Cantigas na eira
De estrelas amalhadas
Pelo vento Norte
Trazei-me aquela jovem
De tenra folhagem
Cabelos de trepadeira
Olhos de amêndoa ao luar

Cerejeira a florir

Trazei-ma na Barca do Amor
Do Rio da Saudade

Sinto-me envelhecer
Quero dormir
Sonhar
Amar
Antes que tudo finde
Me vá
E o mundo acabe

Liberdade repetida
Pelas bocas fétidas dos abutres nascidos da peçonha
imperial

Uma vénia à infelicidade que subestima os seus
adversários de raiz
Corre contra o vento vindo do mar
Desfeito em raios que as portas vedam

Clarividente
Possante
Na lentidão do último alento

Famoso com fama comprada a ouro e sangue inocente do
arvoredo
Prestigiado com o prestígio granjeado à força de
bombardas
Rico em metais de escassos amores
Ladrões de virtude embaçada

As dores dos risos a escarnecer a desgraça do Entrudo
Lisonjeiro

O povo inerte
Desconhece nas cartas do destino
Seu triste fado

Festa na aldeia O coreto de solho e barrotes toca
desconcertado
Há vinho um bombo à distância e frango assado
Zé Ferreira de cabeça rachada Sangue vivo na camisa
A mulher não o queria a dançar
Agarrado àquela rapariga

Tu também lá estavas
E no telheiro escurecido
Trocámos beijos
Enamorados
Que por serem os primeiros
Nunca serão esquecidos

Os meus olhos nasceram para te ver
As minhas mãos para te tocar
Minha boca para de ti me embeber
Todo o meu corpo para te amar

Se a outras em tempos amei
Em noites desventuradas
A nenhuma me entreguei
E todas foram mal amadas

Se a ti sempre te tivesse amor meu
Pela luz do mundo alumiada
A ninguém daria o que é só teu

Não vivendo nesta culpa dolorida
Nesta pobre alma angustiada
Que por toda a parte é foragida

Criança pura com fome
Criança linda suja e rota
A quem a morte espreita
E a vida sem pudor repele

Criança pele e osso
Criança de olhos tristes
Que ao mundo sem
Querer ou pedir veio

Criança do mundo
Criança minha
Não tenhas medo
Só tu não morres sozinha

É também Jesus menino
Que morre em tua alma
Branca límpida pequenina

Será poesia que escrevo?

Não é poema
Nem canção
São palavras
Soltas

Quando escrevo
Estremeço
Lento
Dócil

E piso suave a flor
Que não vi no chão
Do caminho

Para não magoar o Deus
Que não conheço

Não encontro sentido ou aroma Não vislumbro horizonte
ou rumo Não estou Não ligo Não peço Não digo
Chegou a Primavera terna colorida doce e envolvida
Não vejo
Não cheiro
Não sinto
Não encontro para esta alma atormentada um seguro
abrigo
Senhor
A urze estremece ao vento Sul A pedra brilha ao Sol
matutino
E eu
Estou só
Na teia que tece e é tecida e que por um momento me
embriaga de vinho novo que me seduz espanta reluz
E
Faz recuar

No Caminho

Alma que se dissipa no deleite do amor
Da carne sulcada pelos sentidos vivos da Dor

Alma de todas as ilusões
De arroubos e visões

Partirás só como o vento forte
Pelo desfiladeiro da Morte

Sem ontem sem amanhã
Hoje bens prazeres Vã fantasia

E serás com simplicidade
A-Sem-Nada
A-Sem-Dia

Ser-se natural
Ser natural como a árvore frondosa que no silêncio da
tarde deixa que lhe furem os frutos e abençoa com a sua
sombra todos os que a procuram
Como a luz da candeia que ilumina a igreja e o presídio o
padre e a prostituta o santo e o ladrão
Ou a chuva que alimenta e faz crescer o pão e as ervas
daninhas
Quem me dera que os meus dias fossem passados com a
paz de uma flor

Das paredes brancas da casa grande da colina a afagar o
Sol e a Lua
Sendo o que sou por sê-lo
Tal como a flor exala o seu perfume sem saber qual o seu
odor
E a parede a sua alvura sem saber a sua cor

Na noite longa ouço Vivaldi Ouço sempre Quase sempre
Mesmo dormindo ouço-o

Ouço-o até que os ouvidos
Me doam
De tanto o ouvir

Que encanto de dor –
Dor de amor

Na noite fecunda
Os olhos azuis do mar
Sem lágrimas
Ébrios de Lua Nova
Nascem para o dia ausente

Olhos de Mar na noite escura
Lábios macios de medusa
Um motivo para sonhar
Um sonho para amar

Onde estás tu morte em que recanto te escondes
Trespassa-me de mansinho com a tua vara
Para que possa dormir no sossego do teu regaço
O tempo passa
A tristeza fica
Tu passas e o medo morre
Deixa-me morrer contigo para a vida e para a morte para
o bem e para o mal para a dor e para a alegria para o
passado e para o futuro para o presente do dia a dia
Onde estás tu morte
A quem concedes a sorte do infinito e da eternidade da
beatitude sem fim
Deixa-me morrer contigo
De amor generoso e gratuito
Como quem ceifa o trigo e não colhe o grão
Ou lavra a terra e não semeia pão
Deixa-me morrer contigo
A mim que já morri

Lembro-me dela
Pequena
Frágil
Magra
Negra de luto
À imagem do mundo
Caminhando sem pisar
O pó dos caminhos

Lembro-me dela
De olhar vivo e profundo

No escarpado e longo pesar

Na face

A beleza do granito

Por deuses esculpido

No corpo

O aroma do pinho

Na voz

A melodia do estorninho

A inebriar o vento

Atento

Da Fraga do Barroco

Num amar lento e seco

A perder de ver

De quem espera a morte em segredo

Para me não fazer doer

Alvorada

A Cavalaria nas encostas move-as a trote

Os montes em forma de mulher deslizam para o Vale dos Mortos

Cavalo Branco do planalto deserto

Rufam tambores nas nuvens

O Sol agita as bandeiras

Espadas de sal cortam o odor do vento

Ao sabor das trombetas

Estandartes

A Artilharia assente em cardos e musgo ressequido

Aponta aos céus as peças em leque

Uma dama borda em casa
Uma criança chora no berço

Um crisântemo aceso no candeeiro do quarto

Música nasce da alvenaria branco-marfim

Por fim
Mais uma noite sem moscas
Vagarosamente solitária

Uma valsa de laranja aos gomos
Harmonia dissidente
Da vontade crepitante

Mais logo será dia
A lareira já repousa

Um sorriso singelo numa alma sofrida
Em lábios docemente desenhados
Uma dor tão interiormente sentida
Nesses olhos profundos a mel pintados

Um tempo que se julga perdido
Na juventude madura de mulher
Beijos de um tempo já esquecido
Em Amor que se não deixa colher

Mãos brancas esguias delicadas dolentes

Corpo alvo de pureza imaculada nascente
Com brandos e longos cabelos de oiro ornado
A cair em seus seios tal rosário encantado

Se eu ainda soubesse se eu soubesse amar
Nestas velhas mãos de passado distante
E não houvesse tristeza no meu olhar
A ti Feiticeira escolheria para sempre

E com a leveza de uma nuvem
Tocar-te-ia a alma nua
E com a doçura de uma mãe
Levar-te-ia mão dada pela rua

Segredando-te ao ouvido
Que quem muito ama
Nunca mente nem trai
E nem na Morte olvida
O Amor que em vida o atrai

Cresce a escuridão por entre as cortinas de Primavera
Primeiras são as flores do teu quarto

Lá fora um cavalo
Enquanto a noite passa na indolência do incenso
queimado

Um encontro fugaz
Um beijo fugidio à sombra do luar
Parca união

O adeus à chuva que tépida escorre dos olhos dos deuses

Não sei o que mais me dói
Se o encontro se a separação

Um trovão
Pela calada da noite
Um relâmpago
Um tiro de canhão

Artilharia pesada na neve sangrenta

Botas velhas em pés de estilhaços

A traição da tocaia
Da pátria
Da madrasta nação

Pai que é pai
Pai verdadeiro
Mãe que ama
Não fazem de seu filho guerreiro

O Sol de Inverno brilha na geada
O vento da Montanha Nua faz o frio ser mais frio

À porta da capela dois velhos esfregam as mãos
Tremem acorados

Ao longe ais de pobre mulher
Lavadeira em tanque de água gelada
Com ganchos a prender o desalinho dos cabelos

Som de violino na Filarmónica
Geme Chora
Corta o ar da janela entreaberta

E pausa no meu leito vazio
Onde escrevi a palavra Amor

O som da flauta arrasta-se no breu da noite
Volteia os arbustos para além das paredes graníticas do
quarto
Jardim plácido das últimas brasas da lareira

A mansão está deserta
A seca prolongada cresta os pastos de Inverno

Amanhã virás como abençoada chuva
E alegrarás meu coração sequioso

As águas da lagoa erguem-se em minúsculas ondas

O vento do Sul não traz o teu odor

As pequenas cristas de espuma desfeita são orgasmos de
mar
Mas tu não estás presente
Neste silêncio devastador

O meu corpo e a Criação incompleta
Completam-se

Nos lábios da saudade
E nas mãos da dor

Silêncio
Solidão
Espectros virtuosos tomam assento na luminosidade
nocturna do Grande Salão

Um piano
Notas agudas em quente melodia
As graves
Frias
Moldam-se aos intervalos dos pavios que se acendem e
apagam

Lá fora um cão doente morre ao frio

Depósito velho e gasto inundado de estrelas do anoitecer
O trem avança vagarosamente em painéis de azulejos
azul-pálido

Ruínas de casas onde o amor dormiu em camas de ferro e
colchões de palha
No sono das crianças embaladas pelo ritmo seco das
molas desgastadas

As telhas roçam as silvas das paredes

Não tenho notícias tuas

Ramos de árvores quebram com o peso do gelo em
coração petrificado
Branco como o teu corpo
Para sempre ausente

Estava nua naquele bosque sombrio
Ave imersa nos carvalhos negrais de luz coada

Um sabre percorria o húmus

Passos de soldado na bruma aquecida
Olharam-na indiferentes

O sangue palpitava nos destroços
Um generoso abeto tapou-lhe o sexo

Os cabelos entrançados ganharam raízes na profundidade
virginal
E os seios retalhados amamentavam filhotes órfãos de
chacais

Corpo violado a renascer

Recordo-me e recordam-me neste Véu do Tempo
Que apenas em petiz Te adorei
Com preces azuis ajoelhado aos pés hirtos das colunas de
pedra
E como Te adorava

E como sentia a alma plena a palpitar de Vida a animar o
Templo das Delícias e das Esperanças

Hoje soletro os meus vícios caudalosos e os mais
obscenos apetites

Sou o que sou e pelo que sou

Sou sem mais ser Nem um pouco mais nem um mais a
menos

Vivo a viver

Assim devo ter nascido assim espero morrer

Por vezes humano tão humano que me arrepia

Outras animal sem tino em caldeira fria

Sem destino sem razão sem outra vontade que não a de
incendiar corpos

E se Te voltar a adorar

Retomará o cálice diamantino a sua inocência primordial?

Na noite aguardo a tua voz

Qualquer mensagem do vento tranquilizará o corpo
dobrado sobre si mesmo

Gravuras terra de sombra natural nas paredes

Curvadas aos temporais românticos

Uma única palavra eternizará o amor de outrora

Uma canção pela tua trança

No Salão Doirado um alaúde em que as almas nobres se
perdem

Uma flauta adormece no leito cristalino

A tua trança ao lado

Nos olhos esculpidos a lágrimas

Do Santo que impávido

Te implora no seu canto

Um efémero momento

Em breve movimento

A Primavera aproxima-se como espelho a despontar no
limite do universo

O dia está prestes a findar

Flores longínquas enviam-me o teu perfume

Longo é o caminho

Curtos os passos

Do que não sabe declarar a sua Paixão

As montanhas brancas do luar estão cada vez mais
distantes

A uma hora da Casa do Mar

Penso voltar ao Jardim do Repouso

Novamente esta maldita estação sempre presente nos
meus dias

Cansaço de viajante sem hora marcada

Curva-se o Céu no dia ensombrado
Um beijo prolongado na Terra Virgem

Alto e baixo apaziguam-se
Tão serenos
Tranquilos

Ah a margem das águas onde arrancámos
Dentes cerrados os juncos

Aí amámos os desafortunados
Amámo-nos a nós
Na fortificação imaculada
De muros graníticos

Na terra queimada soltam-se lamentos
Nascidos das lágrimas da memória

Cavalo Branco

O Pântano das Noites Floridas
Agita-se nas patas aladas
Que se debatem desesperadas

Um grito e o seu eco
Na salvação do rosto encoberto

Pureza do ocaso
Rectidão suicida dos animais conhecidos
Neste mundo desabitado de corações

Unhas ferozes do medo

São horas
O saltério anuncia as armadilhas que se estendem pela
estepe

Não esperes por mim

Regressemos ao coração do universo
Para que nos seja formalmente apresentado
O Mistério da Criação

Retorno sem princípio
Chegada sem fim

Ainda que eu fale
A língua de homens
Anjos e arcanjos
Serafins ou querubins

Se Amor não tiver

Serei como o bronze
Que soa
Ou o címbalo
Que ecoa

Ainda que tenha
O dom de profecia
Domine o saltério

E conheça tudo
O que é mistério

Enigmas
Ciências
Filosofias
Teologias

Se Amor não tiver
Nada serei

Ainda que a minha santa Fé
Mova todas as montanhas da Terra
Se mostre às criaturas penitente
Encante feras
E seja assombro de animais e gente

Se não tiver Amor
Nada sou

Ainda que entregue
Todos os meus bens
Aos pobres e desvalidos
E meu pobre corpo
Confie à fogueira
Em arroubo desmedido

Se não tiver Amor
De nada me valerá

O Amor é paciência
O Amor é prestante
Maravilhoso e excelente

Não é invejoso
Nem arrogante
Nem orgulhoso

Nada faz de abusivo
Gratuito e excelso
Admirável e portentoso

Não busca conveniência

Não se agasta
Não se ofende
Nem se ressentido
E desobriga penitência

É inocente
Não nasce nem morre
Eterno e onnipresente
Não sabe quem ama
Porque ama
Nem o que é Amar

Não exulta perante a injustiça
Odeia a iniquidade
Mas
Rejubila com a Verdade

Tudo desculpa
Tudo entende
Tudo aguarda
Tudo suporta

O Amor não passará jamais

As profecias terão o seu fim
A ciência será inútil
As filosofias palha ardente

O Amor não findará jamais

Como o nosso conhecimento
Imperfeito e degradado
Do que é perfeito ausente

Um dia
O que é Perfeito
Virá

Aí

O imperfeito
Desaparecerá

Oh Amor que tardas
E que minha alma
De amor matas

Quando criança
Falava como criança
Pensava como criança

Homem
Abandonei as coisas da criança
A dança das ilusões

Vejo como num espelho
A imagem imperfeita
Aguardando o tempo
Em que face a face verei
O Amor que deleita

Ainda conheço
De forma imperfeita
Em alma impura

Mas em breve
Conhecerei na Altura
Como conhecido
Pelo Amor sou

E se três coisas permanecem
A Fé a Esperança e o Amor

Louvor a Ti Senhor
Que a maior de todas é o Amor

Oh Amor que tardas
E que minha alma
De amor matas

Louvor a Ti Senhor

Versão JMA

Sentara-se lúcido na esplanada
Com vistas para o muro de calcário
Com um copo de vidro velho
A balançar nas mãos trémulas

Um copo de rum vale mais do que todo o desassossego do mundo

Por ali passavam passos
Uns à frente outros atrás
Das difusas tristezas
A consumir consciências

Chamava-se Pedro
Pedro Só
Sem mulher filhos parentes
Confessava-se amiúde a seus companheiros
Os copos
Ora vazios ora cheios de melancolia ou alegria

De nada lhe valera o Templo
As longas horas de meditação e imploração
Na ausência do corpo

Não sabia se Deus existe ou não
E hoje nesta tarde efémera mas presente como um raio de sol
Pouco lhe importava saber se iria ou não saber o que nunca saberia

Era ele e o rum e o muro intransponível
E a verdade de não haver verdade nenhuma

Na escuridão da noite doirada
Longos dedos penetrantes
Tocam com leveza o pássaro negro de luz
Oculto nas colunas de jade

As pétalas ardentes dos seios
Da flor encarnada
Por plumagem etérea acariciada
Contorcem-se na Canção dos Espasmos
Das corolas abertas
Aos profundos gemidos do corredor que brilha
Nas magnólias virginais

Verde é o teu manto
Verde o mar dos amantes
O verde em que te escondes

Verde a cor de teus olhos
Verde o tição do amor
Verde a feição da traição

De verde te visto
Verde te alcanço
No verde te dispo

Só o verde vejo

No verde te amo
Em verde amor te beijo

Quando verde partes
De verde te desenho
E verde te sonho

De verde vivo
De verde padeço
De verde morro

Como vos deve ter sido penoso
Inglório e talvez injurioso

Pontas de dedos com dedos
Braço na cintura

Olhar distante
Uma câmara estranha
Num dia de sol escuro

Cabeça encostada ao ombro
Único que se tem

Sexo exposto
À masturbação furiosa

Às vezes
Por detrás de biombo oculto
Dos palacetes de nobres e burgueses

Triste é o corpo
Melancólica a expressão
De quem se entrega
Sem que o saiba

Por um nada
Por um qualquer trocado
Por um tostão
Às vistas do mundo
Numa primeira imagem mostrada

Um sorriso no próprio riso
Do espelho sujo e mudo

Um tudo que se embroma
Na falta do siso de quem espera
O que sem aviso vem
E por momentos se deleita
Nas formas que ela tem

Espelho que se converte
No que espelhado se não confessa
E confia na mentira pela vida tecida
De quem nela ingrata se perde
E à quimera se converte

Nessa tua inocência
Excelsa criança
Olha-me de olhos rasgados
Por divino arado lavrados

Olha-me nesses olhos amendoados
Cobre os teu seios carne de veludo
Num estudo de perfeição cinzelados

E que Deus tão gentilmente te deu

Olha-me a mim
Que te amo
E não te quero

Não temas
Que pela carne
Não desespere

Olha-me
Não olhes mais ninguém
Porque a olhos assim
Só eu quero Bem

Na caverna negra dos tempos arde o fogo primordial
Sombras bailam nas rochas firmes como seios intocados

Dos veios subterrâneos corre o sémen do ser
Prazer de sangue novo e quente recolhido no odor dos
freixos
Anseios doirados e incriados
Do nada nascidos

A neve gela na floresta virginal
Correm os lobos famintos
Predadores da lascívia animal

O Homem nu nas peles ocres do inverno
Sonha com gazelas e veados
E na alma lisa de pedra por talhar
Desenha o primeiro nu
Sem tela
Sem saís de prata
Nas pedras salpicadas de cores exaustas

Sabendo que amar
Se inicia com um lânguido olhar

Desejo da carne
Do coração primitivo
Tão longínquo à razão

E anela
Truta em pedra lavada pela torrente das sensações
inexplicáveis
O corpo nu
Que desde o alvorecer aguarda
O despertar de quem só ama e caça
Num fogo que jamais se apaga

Com a mão
De palma branca
Dizes que não

Com o corpo
A doirar mestiço
Dizes que sim

Com o rosto
Oculto
Nem sim nem não

Assim como assim
Dizes ao sim que não
E ao não que sim

Acautelai-vos ninfas das florestas
Que não seja Sático vosso amante

Esse que só em parte homem é
E na parte que mais tem
Tem o que David não tem

Rasgando-vos fadas sem asas
Leves delicadas
O que tanto desejo

E me não pode ser negado
Nem estar por besta sujo
Ou por sático sujado

Não és uma

És múltipla como o Rio Grande que beija furiosamente o
cais ferido pelo movimento eternal das aves nocturnas

Mistério infernal de quem quer que uma seja a que tantas
é
Na espreguiçadeira do quotidiano renascido nos gemidos
abafados por lustres em chamas

Não és uma
És tantas
E eu quero-te
Uma a uma
No frémito dos beijos molhados a maresia
No amplexo dos corpos desdobráveis em prazeres viciosos
Do júbilo da morte das tardes de névoa obscena

Quero-te
Para que possa tocar
Em cada crepúsculo veneziano
Um dorso quente e diferente
Quero-te em cada dia
Na luz sombria
Ano do Dragão Vermelho
Quero-te ainda que teu olhar
De mim esteja ausente

Não sei se existo
Se sou ilusão

Não sei se existes
Se neste mundo vives

Mas quando te penetro
E dessa fonte bebo a água

Na tua concha muda
Acariciada a azul e verde

A humedecer a coluna
Do meu desejo de incenso

Submerso em lençóis de linho rendados
A moldar os mais soberbos dos movimentos

Mesmo que não viva
E se é que não existo

Não te resisto

Juntos descemos os degraus doirados
E nas negras pedras do fogo de seda
Das pontas carminadas da vigília extinta
Adormecemos exaustos

E agora
Tu
Nua
A uma almofada agarrada
Olhos negros
Cerrados
A aferrolhar a noite
Nos grilhões do dia azul

Eu
Suado
No velho soalho
De novo um desterrado
Olhar vago e distante
Com teu sexo exposto ao lado

E parto sem partir
O corpo no quarto a alma no horizonte
Monge errante de leito em leito
Peito rasgado e sanguinolento
Pulsátil como o vulcão de um monte
Do teu veneno sempre sedento

Quando as tuas coxas se abrem
Ainda que levemente

Como quem quer deixar passar a brisa da manhã no corpo
a espreguiçar o desalinho
Surge uma neblina prateada no abismo da minha alma
Desejo de navegante desmandado
De mar violeta da volúpia enamorado

Sois tantas
E tão belas
Corpos-desejo

Qual escolher?
A razão escolhe
O desejo não

Do teu corpo
Quero o vinho
E o pão

Da tua alma
O sopro dócil
Do amor

A ti te compro
Estupro cinza
Da dor

Agora teu amo
A ti te liberto
Do passado e do presente

A ti te quero
Desejo e desespero
Se te apeteço

E peço agora servo
O milagre da transformação
Do amor em arroubo

Na mortal floresta da eternidade
Apenas teu breve sorriso
Teu corpo perfumado e sem uso
Consumação ausente do presente
Perdura num céu de capitéis estático

Corpo majestático
Sexo morto que jaz
Nos membros amputados
Cotos da frialdade

Sangue coagulado do Rio do Inverno para sempre gelo no
Vale dos Reis Decapitados
Esboço de sorriso da solidão do desejo naturalmente
aniquilado
Nos espelhos côncavos da Paz Imortal

Entre todas te alevantas
Braços ermos abertos ao céu
Tragicamente erguidos aos deuses

Gemendo as noites que a fome açoita no desembarque
dos naufragos de praias ebúrneas e desertas
Entre tantas
Que esquivas te foram por pesados braços de bronze
impuro sem chama

E imploras
Que te nasça o amor
Dos vivos orgasmos
Que tão cruelmente te são negados

A Miguel Angelo

A corpo que se quer perfeito
Por mão de homem esculpido

Por complexo
Por opção de sexo

De certo e sabido
Algo notável lhe há-de faltar

Na fera efusão do prazer
Expansão que o tempo à adaga mata

Não tem o corpo porta
Que ao delírio se encerre

Contigo desci ao Inferno dos Prazeres

Reneguei o Amor

As carícias

O falso sussurro do ouvido prisioneiro

Resta-me o teu cheiro de doce suor

A violência o ardor

A violeta aberta e orvalhada ao sol do esgotamento

A água que em golfadas das virilhas te corre

O grito o gemido o plangor

De um júbilo tão intenso que é quase dor

Porque aquilo de que se diz tão bom

Tem uma intensidade um vigor

Que dói no coração do próprio amor

Esse orgasmo exaustivo em inolvidável fulgor

Voltas-me as costas

Como a outros voltaste

Afinal não sou diferente

Sou apenas mais um amante

Com aquele jeito especial de amar

Que instante a instante

Constrói orgasmos sucessivos
Disseminados pelas noites de luar

Eretismo alvo e prateado
Que quando findo

Te faz esquecer em breve momento
O corpo e alma que tos deu

E agora geme e pranteia a indiferença
Do corpo que pensava seu

A Marilyn Monroe

De que serve a beleza
O rumor do mais belo corpo nos mais almejados ninhos
O brilho dos espelhos iluminados
Os afidalgados amantes
Quando Tanatos
Fere Eros de morte

Lá fora
Os grilos tateiam
As pedras frias

Aves nocturnas
Piam ao luar
Adormecido nas nuvens

E tu
Mulher hercúlea
Dormes na minha solidão

Que sonha uma face
Um sorriso subtil
Que não tens

Um ilusório
E triste
Nada que me mata

Acordo só

Meio da noite

Ilumino o quarto de pedra
A gruta que habito
E vejo vossa imagem suspensa
Ninfas dos longínquos astros

Há um ruído de fundo no aquecimento incerto deste fim
de primavera

Não faço escolhas
Quero-vos às duas
Milhafre que sobrevoa campo de girassóis num ostensivo
fim de tarde

Mergulho na minha alma
Ora rude ora sensível
E sem pensar
Tendo por testemunha o granito amarelo bujardado
Tiro-me o véu do pundonor
Arrebato-vos dos céus e dos seus deuses de palha

Deito-vos mansamente no meu estrado de carvalho velho
Onde sonhos sonolentos se arrastam pelas auroras
erécteis
E amamo-nos os três
Até que exauridos adormecemos sorrindo como crianças
roçadas pela Fortuna
Num crepúsculo à beira-rio
Pombas brancas lado a lado com o sémen derramado

Mulher desenhada pelo sabre do Tempo
No azul do oculto amor divinizado

Mulher morna à rajada de vento frio

Erguida como néctar em taça
Esguia deusa da noite oculta
Luzidia como ninfa da trapaça

Mulher humedecida pelo afago
De minha mão dolente
No teu sexo denso

Tua palma macia
Envolve o meu ceptro
Erecto

E os teus mamilos tensos
Arvorados ao deslumbre
São os faróis da luz táctil dos meus sentidos

Foges-me animal celeste
A mim A mim que já não sei nem posso voar

Tenho as asas mortas e geladas

O meu lugar é em terra ou no mar
Nas asas-barbatanas dos anos percorridos pelo cansaço
Como peixe cego que embate no batel atracado na lama
gordurosa da laguna
Ou como coche que carrega gente do Nada para a cidade
colonial do Tudo
Onde as pernas se abrem e entesouram num ritual
obscurecido pelos anos ferventes
E os seios redondos encastrados se erguem clamando
justiça ao despotismo arroxeadado da união fácil da estrada
chuvosa da vida

Ou como quem por mal ver
Já não distingue nem sabe
Se és matéria ou etérea

Corpos há
Que em alma pura moldados
Transcendem o tempo-espço

Assim queria eu o teu
Universo-orgasmo infinito
Abraço de nuvem absoluto

A vaguear nesse instante
De eterno prazer
Por Deus tocado

A fama das tuas formas
Aneladas ao mundo
Escondem nesse olhar
Expressiva melancolia
Duramente repetida no dia-a-dia
E aquele tédio assustador
De quem por tudo ter atingido
Bela e apetecida
Se sente vazia

Taedium vitae
Naomi Campbell
Taedium vitae

Há um corpo
Que nasce
Em cada sementeira

E cresce
Seara lustrosa
Ao sol do meio-dia

Na fantasia da mente
No sonho mais florido
Na tela branca do artista

E vigoroso
Como fruto
Das hastes da videira

Ansioso e desejoso
Como quem procura
O que ninguém encontra

Veemente implora
Que no seu tempo
Pelo amor seja colhido

O teu corpo maduro
Emerge das águas turquesa
Ó Deusa

Na concha das minhas mãos ávidas
Surge em esplendor o marfim das tuas formas
Concha por outra concha tocada

Sopram os ventos de Oeste
Alento cálido do amor absoluto
Da carne que no espírito se move

Enquanto a Deusa das Estações
Te intenta ocultar
Em manto a tulipas bordado

Deusa que mulher nasces
Em oração de Amor te peço

Não me abandones jamais

Que sem teu cabelo doirado

Sem a beleza do teu rosto
E a nudez dos teu seios

Não vivo e morro nesta dor
De pobre mortal enfeitado

Doces olhos
Doce negritude
A tua pele é uma túnica de pedra escura
O teu corpo pináculo de catedral
Teus seios o portal do desejo vivo e quente
Tua boca gerada da matéria mais pura
É o alimento que verto no sal do meu ventre
Em ti penso
E eternamente me contento
Num presente que não é tempo
Doce negritude

Pedras de fogo em explosão narcísica
Sustentam a brisa que vosso corpo colhe

O céu brame encarcerado
Na abóbada de musical claridade

O mar desfaz-se em espuma
Sémen que a areia feérica recolhe

E eu da falésia sofro e calo
Por não vos poder amar

Pudera eu transformar-me em Cisne Branco
E seria Zeus
O Deus sedutor de todas as Rainhas da Terra
Jorrando eternamente o meu amor
Em vossas soberbas delícias

Sátiro que te escondes
No odor do pinho e da oliveira
Que ostentas o membro erecto
E na luxúria do sexo descoberto
Nunca hás-de amar esse espírito natural
Que faz viver os entes mais perfeitos
De lagos rios bosques e mar

Aparta-te meio-homem meio-animal
Entrega-me esse corpo belo
A quem mais não queres do que mal

Ao Mário Cesariny

Que importância tem foder ou não foder
Desta daquela destoutra maneira
(os tempos são outros Mário não são como os teus)
Fode quem pode não fode quem quer
Fode com quem quer quem pode e não fode quem não
pode
Fode quem consente e quem não consente não fode ou só
fode com quem quer e bom proveito lhe faça o encontro
da net com quem não conhece e fode às escuras que é o
mesmo que foder sem saber o que fode
Fode quem paga se de graça ninguém o pito lhe abona
Fode com toda a gente que paga quem recebe o
pagamento e fode quer se importe ou não com foder ou
não foder porque mais poder que o foder o tem o dinheiro
mesmo que faça doer
Fode a dois quem gosta e quem mais gosta e pode com
mais fode
E em grupo já muitos há que fodem e são fodidos e
quando se perdem excitados e incautos sentem alheios
dedos no cu metidos e as mulheres aos gemidos com
desconhecidos
E à pressa fode quem tem ejaculação precoce ou não
aprendeu a amar ou cedo tem de ir trabalhar para a outra
banda ou para Trajouce
Para que em tão curta vida sejam escassos os
desperdícios
Porque no fundo
Bem lá no fundo
(que à superfície não tem graça e é coisa de criança)
Neste mundo Mário
Anda de um modo ou de outro
Mais de língua e dedo
Tudo a foder
Por prazer
Por dever
Por dinheiro e poder
Ou por não ter mais que fazer
Mundo-meio de meio-mundo fode o outro meio que se
deixa foder
E diz que fode por amor ou por muito amar
Quando se excita com uma qualquer greta ou pichota

E porque mundo-meio de meio-mundo não fode por o não
deixarem foder e para uma rapidinha dinheiro não ter
Acaba por foder sozinho
Triste do pobre
Tadinho que com suas mãos se consola
E neste corropio do fode-fode e do mal-foder não tem
lugar
E a muito esforço se alivia
Agora é assim Mário
É tudo falso com um sentido sem-sentido
É tudo vário
E se de onde estás já vejo o teu riso de escárnio
Deixa-me sorrir contigo nesse pódio celestial
Que este mundo está fodido e eu já estou cansado
De tanto cabrão puta bicha azeiteiro
Casas de filhos-família
E de passe-bestial
Com fungível e mesquinha relva para os passos
governamentais dos impotentes e uma estúpida planta
umbelífera nos fundos a contar moedas-cópula
Fodendo o teu país por inteiro (esse país que tão pouco
apreciavas e que hoje te repugnaria)
Até um dia destes Mário
Que me vejo já de *passagem* na mão
Sentado no embarcadouro vazio-ócio
E como tu dirias se por cá andasses
Sem nenhum jeito para o negócio

Olho-te da minha janela bordada a heras
Que roçam com seus leves dedos o granito da parede
rude
Vejo-te nessa tua nudez material e esplêndida

Rosa-sopro de morno dorso

O sempre e nunca visto
A ponte palpitante dos sexos
Que carrego nos braços azuis e húmidos
Do Estio que a memória já não visita

Três Graças
Nas noites longas entreguei-vos o meu sémen de mãos
abertas ao egoísmo e ao ócio
À desgraça escavada no coração da escuridão

Nas manhãs frias de inverno bordadas por corcéis
Nas tardes débeis quando o mundo ainda estava em flor e
a adolescência exilada retornava célere às curiosidades da
memória
Envolvei-vos com palavras silentes e desesperadas
Adormeci-vos com a oração gestual da manhã
E penetrei vossos frutos macios até ao esquecimento do
meu próprio corpo

A cada dia cerram-se cortinas de fumo
Acendem-se punhais pontiagudos de mar revolto

O Palácio das Torturas repousa na longa cabeleira do
bosque desencantado

Nada havia para além do horizonte sujo e pérfido
Apenas
Um despenhadeiro dourado que se alongava nos herméticos
braços do Sol

E que se espreguiçou na Luz quente da Fé

A porta do terraço aberta às orquídeas selvagens
Que não florescem
E fenecem na noite sonolenta
No limite do nosso espaço contíguo à morte

Já nada há para criar Diz-se que a criação se esgotou nas
alamedas sombrias da solidão e nas insónias dos arbustos
chamejantes dos jardins devolutos com as suas flores
vadias a variarem as cores que ninguém vê

Erro de eternos-condicionados

Posso criar palavras cujo significado só eu conheço e
depois esqueço
Posso criar um dialecto novo tão incompreensível quanto
o Mistério dos Mil-e-um-mistérios
Posso erguer a voz num priapismo incontrolável e sem
circunstância final
Posso rolar pedras desconhecidas nas telas e frutos
imaculados no papel oleoso dos dias
Posso moldar corpos disformes no mármore antigo de
todas as mulheres nuas
Perfume dos antigos pintores

Posso tudo por não possuir nada

Posso criar-me
Homem Novo a criar
Novo Mundo
Num novo Deus
De Novíssima Arte

Festa na cidade pequena
Para além de vacas e porcos
Os pobres desgraçados

Os campos verdes
Desvirginados por postes de alta tensão –
Que tristeza a deles

Nas extremas
Campos secos
Algumas vacas

Na forte solidão da campina
Campos e animais molhados
Adormecem o silêncio do dia

Oh gelada dor –
Dois cavalos esqueléticos
Aguardam a morte

Na gare deslizam incógnitos os passos do homem-azul

No velho banco da Esperança um Sem-abrigo sorve o
resto do resto de um cigarro

Enquanto olha indiferente as pernas delgadas da jovem
cor-de-rosa

Uma mulher carregada por duas malas adverte as
crianças sujas Não se afastem

Os olhos brilhantes de uma menina fitam-me
Abstraída dos passageiros de limpo vestidos por cima da
alma de esterco
Corações defecados na viagem da vida

Adivinhará o que penso o que sinto
Da revolta o meu grito?

Imagino-me na veia por cavar da transluzente noite
escura
Sem ninguém que me acolha nas brasas reconfortantes da
quietude
Depois
A porta lúgubre de um bar cravejado de seios-rubi e o
sorriso das esmeraldas líquidas
Derramadas no balcão pétreo onde as palavras das
sensações desgastadas se perdem nas frestas do fumo
cinzento exalado por exaustos corpos

O cheiro suado da nudez

Na dependência do desejo vítreo os libertinos amontoam-
se pelos cantos perscrutando com os derradeiros olhares
da madrugada as presas que de mesa em mesa se
arrastam
Répteis da decrepitude ensolarada por membros de fios
luminosos
Ali mesmo

Na noite longa
A Paz imensa
Sossega a alma conturbada

As frases imersas na luz
Sucedem-se no papel opaco
Da consciência nascente

Calam-se as vozes
No terraço da casa ao lado
E faz-se ouvir o doce canto dos grilos

Mais um velho
Um mais
Da minha aldeia
Foi hoje a sepultar

O cemitério apinhado de membros desfeitos nas
recordações perdidas

As campas graníticas
Descarnadas
Sorvem as lágrimas da saudade

Aqui e ali
Os idiotas que pouco ou nada aprendem com a morte e
com o silêncio da morada derradeira
Visitam os túmulos frios da madrugada
Solenemente beijada pelo orvalho sangrento

Deixando nelas o pranto da hipocrisia

Água de pérfidas faces sulcadas pelo remorso
Água que não lava nem alivia o jugo do pecado
Água-de-olhos suja e em vão derramada

novamente esta vigília esboçada em sombras áureas no
porão da galé
onde os penitentes espectros da noite vogando em
escuros trirremes
rondam a lua circular comovidos pelas lágrimas dos
indigentes prateados

ah as ilusões em fúria sorvida em pequenos goles de
estanho
os estúpidos apegos nadando à superfície das cabeças
transparentes
os corpos trespassados por vagas palpitantes de árvores
dobadas pela cegueira

há um sossego voraz um silêncio mordente uma luz
ardente de música que no coração em chamas ecoa
momento de amotinação a espalhar quietação na planície
alvar movimento de asas incapazes de voar

não fora a fraqueza da ralé devorada pelo atrevimento da
auto compaixão
reles e verminosa na medula corroída da ousadia
o firmamento desabaria nos crânios esmagados por
albatrozes

o fogo do amor consome a forragem do passado
o fogo extinto da misericórdia enterra os seus mortos

o relógio da torre há muito que não bate as suas
lânguidas horas
e as palavras fluem flamejantes na inutilidade do vácuo
afinal
onde a oração salvadora do naufrago moribundo se veste
na sede púrpura da ilusão?

no cais de pedra enegrecido pelo lodo milenar a viúva do
tempo carrega longos gemidos e solta ao vento de sueste
esguios ais
a vida foi-lhe madrasta arrancou-lhe dos braços
parasitados por veias salientes filhos marido e a vontade
de viver
nada a convencerá a permanecer entre os vivos

uso as minhas próprias mãos para golpear o medo
as unhas embebidas em veneno rasgam a angústia
dilacerando o sexo modelando o manso coração da alba

pouco falta para que o dia nasça com toda a sua
turbulência mesquinha
lá na lonjura o apito funéreo do navio que entra a barra
singrando o nevoeiro denso da pele crespada dos últimos
amantes
velas desfraldadas de lábios carnudos em tempo de geada

e há um prazer imenso em tudo isto enigma do próprio
mistério construído por estilhaços indecifráveis
saber que ninguém me irá ler

tristeza de pedra trespassa as faces dos vendedores de
sonhos

neste reino impera a náusea do embuste gelatinoso

a cinza das palavras reparte-se pelo jardim do império
onde estão os sepulcros dos que não souberam
dizer não

agora mesclados com a acidez dos cães domésticos
presos na mesma trela de argumentos tecidos em
grosseira filigrana de líquido seminal estéril

só resta a impunidade das estátuas que se erguem
arrogantes

ao lado um chinês os chineses não morrem
estranho é e

bizarro o restaurante dos fundos
vazio de mesas postas com uma santinha oriental na
vitrina velha-comedora-de-homens

a sul sentado numa rosa-dos-ventos encarvoadá um
demente

as nuvens afastam-se criteriosas da latrina
as gentes dispersas cabisbaixas soletram as últimas
sílabas da morte ferruginosa a arrostar a erva amarelada

não há cão que nos valha

ontem o comendador tomou uma bala antes do almoço
os portugueses e a sua mania da poupança

uma mesa giratória no canto da sala água-marinha
um pássaro de plumas marfim escuta estático a voz de
falso tenor do piso inferior

açaimada aos anos percorridos no breu pela velha
estatueta de bronze
está a boneca de trapos com o sorriso aberto à brisa que
vem do rio

a senhora idosa tão inclinada e absorta
fareja a tiritar o local do crime original
sem a remissão de bula expiatória por discordância com a
divindade irada

a grandeza melancólica dos espíritos peregrinos
eternos descobridores da maresia silenciosa e retráctil
assola as horas tão vastas como lendas conspícuas

os vales verdejantes enegreceram
e sobre as cem mil colinas nem uma águia real ousou voar

candeia acesa na terra onde fui nascido
aí conheci a honra que é palavra de sangue quente

o rio do sofrimento é um sonho repetidamente sonhado
nos antigos lençóis gelados
o sono o túmulo por momentos emprestado
na corrente contínua do movimento galáctico

lagos geados esvaem-se em cândidos sorrisos
que aves migratórias carregam nos dorsos arrijados
pesados fardos em motim de mareante exausto

o passado mergulha no esplendor magnífico do palácio da
aurora
e acha-se sem remédio desmandado na corrente esquiva
e borbulhante dos dias
rosa que murcha na paixão do crepúsculo

*

corpo nu de cristal
leve puro e frágil –

perfeição-sem-sentido

chuva da noite passada na reclusão de inverno
em profundas raízes floresce o meio-dia das estrelas

não durmo
a noite espreguiça-se com os caninos semicerrados
deixando a rua enlameada e triste alheia ao ribeiro de
águas mornas e pacíficas

o mundo não é o que nos parece e muito menos
o que de mãos postas nos promete

no odor dos pinheiros resinados em florestas imensas
está o tempo do amor fértil que se esgota

a pontuação é importante tão importante como as
abafadas núpcias florestais de tempos idos
desisto dizem neste emaranhado descomposto inútil e eu
digo tudo o que é fácil
cai-nos nas mãos como o vento circulante que sopra nas
nossas costas vergadas à mentira dos feitos históricos
e a folhagem que morre nas árvores a bolsar restos de
outono bravio para mais
cruzar as palavras é como cruzar as pernas ao frio do
inverno
façam então o favor de não ler o que me diverte concordo
com a vossa preguiça

e com a nossa idiotice sagrada salobra sopa da
solidariedade assim
nunca ireis saber de mim o que eu não sei benéfica
vantagem de passar por esta vida sem deixar rastro

a fronte que sangra sobre o castigo do pecado esgota
pérfidas lamúrias
obscurece a nuvem ardilosa que esculpida se desdobra em
lento voo

no meio do grande oceano nasceu uma ilha
desenhada na memória das fantasias dementes de
incríveis descobridores e dos seus imprecisos portulanos
que em busca da fama e de sinistra imortalidade
escavam nas faces engelhas doentias

a beleza só brilha depois do fogo-de-artifício ter purificado
as formas
ou na separação que à noite enfloresce nas almas das
rosas bravas

o vento em fúria atesta ao mundo odiento
que os loucos dias da infância não hão-de terminar jamais
enovelados no cordão matinal de orvalho

luz que me alumia durante o dia
carícia que adere à pele tempestuosa do escurecer

quando partes o destino torna-se detestável

revolta-se o mar quando o vento nasce no fim do outono
na casa amarela do lago ela penteia os seus longos
cabelos
cedo cantam as cotovias no cipreste solitário
no quarto a mão escassa não se abre à cintilação das
pétalas rosadas
quando a neve começa a cair à beira-mar
amor morto derramado no regato da montanha
estio voluptuoso das tardes quentes da carne
porquê aguardar por um tempo que nos foge?

vai distante o fulgor da mocidade
perde-se de vista a graça da juventude no longínquo
pétreo
no caminho perdido da cidade submersa
as árvores envelhecem e paralisam de terror os prados
o mundo transformou-se numa máquina de polir sangue
as almas são sombras perversas nas mãos das crianças
cântico silencioso no negócio da cristandade
onde sem pudor nem piedade se usa o nome de jesus
amem

duas velas iluminam as sombras vivas do êxtase
dois corpos servidos numa única bandeja

na madrugada da rua um automóvel gane
um cachorro buzinou três vezes
o som suado dos corpos nus ainda não cessou enquanto
a manhã se instala doirada no cadeirão bordado a
horizonte tropical

sonho com os alísios da volta de mar
tal caravela redonda de um novo amor

vou chegar tarde o banho fica para amanhã
o amor também

corre veloz a sombra do miúdo enfezado
na gare os rostos cinzentos dos passageiros trocam
olhares assinalados pelo agastamento

um sino dobra a morte de um enforcado
enquanto pequenas gotas reluzentes olham pensativas o
chão de mármore

já se afunda na terra vermelha o corpo do réprobo
fecha-se o ádito do sorriso em compasso de cegueira
em verdade vos digo pequenos grifos caseiros
com a última erecção do enforcado veio a fome oscilar em
armada de barcos de papel

tristes lusitanos

hinos de atribulação açoitam os ares

trago comigo o meu endereço
eu não sou deste mundo

o mais mítico de todos os homens
aquele que devaneia na imobilidade da carne
encontrar-me-á na sórdida imundície da existência

juntos combateremos na direcção da morte
até que o pélago transborde de agiotas
onzeneiros bifrontes filhos-candongueiros de um povo
propício e idiota por destinação

haveremos de reunir ainda que tardiamente todo o meu
sangue até que tudo fique límpido e amavioso
como espelho ao sol doloridamente nascente
em vítreo luzeiro resplendente

no ermo árido o vento desentoca os ossos furibundos

contentes as folhas de árvore em turbilhão embrionário

nas pedras negras uma flor sonolenta desperta do
fingimento da escravidão sôfrega de mágoa
o navio tumbeiro prossegue no grande mar oceano

um grito ecoa
troco metade da minha existência pela pele de um ofídio
pus dos recantos inóspitos da humanidade
e a outra metade pelo olhar meigo de uma pomba
pela luz da mais pequena estrela de cristal

olhos lacrimantes onde se inflamam alvoradas selváticas
hora da palavra transmutada em gládio

nas galerias do coração vagueiam línguas de fogo colorido
amanhã não a terei nos meus braços

as barcas passam furtivas em noite de lua cheia
inundando de azul ciano
o luar de carícias rosa adormecidas pela brisa quente do
beijo suado
prolongado é o arrebatamento do pássaro equatorial
ventre de insónia silenciosa

a água está tépida como sangue de verme esmagado nos
sepulcros abertos
da civilização burlesca da baixa pombalina
movem-se corpos por entre corpos frígidos opacos
indiferentes
à beleza da alma circular e das linhas ondeadas das
fêmeas ciosas

neste país não se ama
pobres bestas-de-carga

os anjos da clareira dormitam taciturnos sem que os
sonhos os caustiquem
os anjos não sonham com édenes nem abominações e aos
seus quartos não têm os amantes acesso

em nossos corpos não há tédio quando a nudez reflecte o
anseio
nem no sangue vivo que rebrilha de inocência pecaminosa
se acendem as luzes da cidade alagada por sémen
putrefacto

lâmpadas que se incendeiam nas ruelas desvirginadas
pela concupiscência da aurora
desfloradas pelos ébrios passageiros da noite

o último metropolitano apaga-se

o nevoeiro pousa delicado nas verdes varandas estéreis
corpos em velas vacilantes fanfarras dos portais da
escuridão
pés feridos na respiração cortante imersa em azul
azedume

num leito de mar te penetro

a poeira cegara-o
um livro manchado com borra de café do orgulho ferido
atravessou a manhã submersa em quimeras e ajustes de
contas

as casas dispersaram-se ao sol radiante de telhas alheias

recebeu cartas de fumo tormento e lume
perdeu de vista o mundo alheara-se
do rumo traçado num aeroplano feito de folha de caderno
de espuma

o destino cumpre-se na sonda celeste do interior
perfumado

de cada flor de cada lâmina verde-opaco verde-borro
execrável secreção terminal do quotidiano

era o seu gemido de lágrimas silenciosas dor a aderir
à pele vermelha por dentro a brotar angústia pelos poros
geados por fora
seu nome simplesmente tristeza

sentada na sombra de uma velha oliveira cristã brincava
com o fio de orvalho refulgente
nas mãos brancas amparava-se o anjo do tempo perdido
em meia vida por viver

com a sua fé na translúcida imortalidade das pedras e dos
amores tumultados na eira deserta
iria encontrar-se com o seu amante
não pousando jamais em vida os pés na terra ingrata

virgens semelhantes a deusas
por essas encruzilhadas de campos tenros e mares de
primavera deixais
o rasto do prazer no aroma adocicado das flores
campestres

filhas das águas e dos céus brandos fazeis a sementeira
do amor na beleza das formas
como trepadeiras doentes dos níveos bosques
confundindo a fera que por misericórdia habita este lugar
sombrio

conformado à vossa arteira santimónia

como quero que deus seja verdade
cavaleiro cintilante da esperança febril
adormeço com um banco vulgar a meu lado
sentar-se-á junto do meu pobre corpo?

*

vou sonhar com um mundo novo –
ó deus de misericórdia
cumprirei tua obra inacabada

não me acredito ao que assisto
só pode ser um daqueles sonhos a quem os cisnes negros
chamam pesadelos e nos quais estúpidos
poetas bucólicos inventam castos pastores
inocentes assexuados sem incidente masturbatório

já dei para este peditório
evidentemente contrariado como se cumprisse pena de
degredo de parques momentos de bonança

pela rua calcetada ao brilho das nuas ramificações da
água de aluamento caminham pobres famintos abrindo e
encerrando mecanicamente os tampos dos vidrões
reciclam os alimentos imundos da burguesia rocambolesca
cada vez mais há quem se venda por uns trapos fora de
moda

vendem-se de dia nos esconsos anónimos no desvão dos
bosquetes ou nos casinhotos amontoados para aleitarem
os filhos

depois de lavadas volta tudo ao normal com comida fresca
e desodorizada à mesa

porca miséria a da mentira chavasca
da queda a pique da verticalidade no recanto mais
recôndito dos jardins suspensos

e a eles
vejo-os nos jantares em casa de minha mãe vejo-os e
ouço-os por momentos na caixa mágica das ilusões e das
trapaças

tenho nojo uma náusea esverdeada abundante um arrepio
mortal a trespassar covardemente os fios cristalinos da
dignidade do coração e

lembro bocage nesta hora tardia da cidade infecta e
pestilenta que dorme nos passos quase sempre solitários
do frio apetite em busca das luzes dos candeeiros
indiferentes

vida filha da puta

nas ruelas e becos aumentam as putas

filhas da vida

e eu pasmo

por nunca ter visto tanto filho da puta na puta da minha
vida

o leite profanado pelo frio está sereno posso dizê-lo
com a mesma energia que a cerejeira prenhe dissipa na
primavera

mau grado o jugo terreno de que os deuses alucinados e
febris se apartam ao sol-posto

a cidade nasce para o inferno do prazer

estremece no ódio do passado na raiva do presente e no
terror do futuro
acendem-se as primeiras das últimas luzes
o espanto dos olhos roídos pelo enfado alonga-se nas
casas de passe o passe
pergunta-me o fiscal do metropolitano praticamente vazio
a penetrar os ossos da terra procuro-o
deve andar por aí como tudo e como todos
afinal só quero chegar a casa recostar-me ler um velho
poema de um poeta maldito
quando ainda faltam tantas milhas cravejadas de espinhos
rosados
a salvação –
fazer amor para sempre

o muro alçava-se sobre aqueles dois corpos deitados
num morro de luz azulada nas asas
debaixo do salgueiro choroso dormitava uma melodia
rebelde

longe um trabalhador segurava uma enxada cariada pela
terra enxuta
com os olhos verdes de ódio escavava a terra cilíndrica
que fora de seus avós

da árvore dobrada nascera o sangue inocente das crianças
e o silencioso sorriso das moças virgens
que roçava o leito cremoso da água limosa da ribeira

arpejo de suave perfume arrebatado ao vento solitário
na serenidade crepuscular da alma temperada

o inverno corre rijo pelas encostas da serra açoitando
o que a ferros esteve

peregrino das purpúreas rosas de gelo
nascendo incólume dos anos de deploração

cânticos melancólicos soltam as faces frescas e
sombreadas da vida
cobrem nuvens e rochedos de velado luar
a singrar vagas de bruma em barca encantada
no céu agora límpido

esmeralda viva de olhos cheios de sílabas acres

sentara-se de pernas cruzadas na janela cruzada de
carvalho
abrindo a alma ao botão das horas lentas

o caminho todos os caminhos se afastam
minha jovem amiga o tempo é de repouso circunstancial

não se apressem para a cerimónia
os sinos tocam
o punho da saudade ondeia na neblina das esquinas de
bafio e pó

sem vergonha e de medo proporcional à inutilidade
patente da senhora justiça
homens de fato cinzento entram no salão do destino
legível

como se aí antro de estátuas cobertas de musgo

olhar de aço em vaca cega
estivesse a salvação de penosa humanidade

guardava as conchas azuis cor de mar
na última gaveta da escrivaninha
por vezes
estendia a mão trémula da decrepitude
ao tempo mágico da grandeza do horizonte

a ferida não sarara
um pássaro do paraíso na campina alegre embutida na
vidraça
de tudo dava conta

matam-se e inventam-se deuses
filósofos endemoninhados de gargantilha doirada
agitadores
da trôpega dialéctica do sem-fim brandem
punhais rimbos sobre os cânticos lúgubres da metafísica
na transcendência dos covis bravios do deserto a mirra
ungido

fendem com tímido olhar a alma em acanhado festim
rompem todos os sudários no olvido dos raios de sol azul
listrado a vermelho e diamante
sangram nos altares a raposa dos mil divertimentos
em aparente calma de fé mágoa pungente

da desgraça ancestral eloquente ciência dos novos abutres

razão coberta de penhascos além-túmulo

cem mil vezes nascido

por cada deus morto os dias de antojo de quem mata o
que adora

um amor tão antigo como o espaço sidéreo gorjeia como
rouxinol de folhas prateadas

eis que chegam traspassados a fogo os anjos do céu

um novo deus-arqueiro nasce do porvir

miríades de estrelas tombam ensanguentadas no planalto
cinzento do trovão

as substâncias primeiras do segredo cósmico cantam
novas aleluia

findou a trapaça que venha o tempo do renascimento

deus morto deus nascido

para além destas paredes é tudo tão visível tão claro tão
sensível

passo através delas para penetrar na praça sórdida onde
habitam os pombos da mendicidade

os mortos-vivos fosforescentes em fogo-fátuo da cidade

vivo no ventre dos meus pressentimentos sem razão

e há o terraço sobre o tejo onde me apoio para ver as

caravelas do mofo capitaneadas por velhos negreiros

pardos

e há esta pressa absurda de fazer coisas

de modelar as ideias ao meu peito sequioso

descobrir novos mundos nas costelas salientes das

algibeiras esfarrapadas pelo arcaico grão por germinar

os pombos dormem no meu ser imerso na insónia de frio
húmido
acendo uma vela para afugentar a escuridade
candeia de alma desordenada

alguém me diz que se sente só
ele há tanta gente só por essas calçadas encardidas da
vida
a solidão não é uma doença é a vereda do insondável
calcorreada em noite de lua nova é a chuva que lava os
campos da imaginação e desvanece a indignação dos
injustiçados

mais logo o dia despertará pleno de rostos cansados
mercados abertos aos ventos da agonia e do desprezo
orgíaco
um novo dia um novo pão e o mesmo café na esquina do
bairro amordaçado
a melancolia do gesto ritual no primeiro cigarro do
amanhecer
uma nova viagem

mas sempre sempre
esta vontade imensa de viver
em tempo escasso

a noite é um convite ao banquete contemplativo
busco a noite escura de joão da cruz sem que a invente

não consigo fugir de mim nem ir ao encontro dos outros

as ruas desertas arrefecem numa chuva de dedos de areia
os sonhos arrastam-se pelas casas sonolentas provocando
a madrugada dos desejos

que entram sem convocação no requiem das estrelas
silentes

na pequena moradia do beco o ar rarefaz-se em bocejos
cor pálida e sombria da peste
a infectar a solidão do poema
e o coração da vida

este inverno vai longo
e o recolhimento amorosamente doloroso –
transformá-lo-ei em eternidade

o recolhimento é a pedra angular do crescimento
espiritual
temos de reinventar o toque do clarim
recriar a alma

à minha volta flutua o tempo a sussurrar obscenidades

no outro lado do mundo um ilhéu de sorriso brando
sabor doce de mangueiral na frescura do primeiro beijo
onde habita a paz do esquecimento

vieram as trevas cobrir as fontes do estio
secaram os rios caudalosos da esperança

ó liberdade ferida de morte
desordem nascente de choro por curar

passara ano e dia e o corpo sombrio
afogava-se na disforme hora da desolação

a porta aberta ao amor exalado por nuvens térreas

o sono primaveril é sempre mais curto
propício ao frémito dos músculos lisos

feliz é o amante que vive com o sono ao lado
penetrando a noite com a espada sacrificial

serei sempre capaz de adivinhar as tuas dores
enquanto teu tal pedra fulva lançada às estrelas
e que no interior das corolas feitas a cores
aguarda que a lapidem até à vinda da morte

vieram de toda a parte sem saber ao que vinham
os seus túmulos terão coroas de flores
garridas a murchar aos olhos das longínquas galáxias
eles o povo que ninguém ouve e todos desprezam

mulheres crianças velhos registados em vórtices
de portos e abrigos bárbaros do atlântico norte

donde voltam na amotinação da crista das vagas
quando o mar suspira de grandeza nos molhes do cais

e eu
no teu interior
flor
ergo-me nas cinzas do vento

quando a sombra da morte vier com seu séquito imperial
ostentando negros e sujos estandartes de devastação
fazendo tombar no meu frágil dorso o lodo ancestral
contarei os dias desfiando o rosário da memória
envolta no manto desprezível da vida absurdamente
sumida

procurarei nas multidões o anjo do amparo
segurarei sua mão fortemente para que não mais me
abandone aos horrores terrenos
enquanto vós falsos amigos
me ireis levar em oscilante ataúde
para o pecaminoso cemitério do burgo

as luzes expiram
agora dorme-se
sono sem sonhos
morte em vida

para que na morte possa então sonhar
com novo mundo nova vida
tudo do tamanho da palavra amor

e a vós falsos e tristes amigos de ocasião
chamados ao derradeiro instante
irei olhar-vos com a brandura de uma partida
sem o azedume de tão curtas férias

pela fresta da porta rústica vejo o amanhã
que é o mesmo que não ver coisa alguma

ninguém deixa o seu nome inscrito na pedra violenta do
tempo

tudo mais não é que jogo da ilusão
dança de destino a brotar pedaços de carne viva
no nascimento sofrimento e morte

prazer e dor
apenas

a luz do perdão passeia-se com uma mão-cheia de vento
brande armas escuras lágrimas do sino a rebate

volto a casa
uma pequena flor roça suavemente o relvado
curvo-me à sua beleza azul celeste solitária vibração de
primavera estéril
beijo-a solenemente

já não existem bandos arroxeados de flores a inspirar
sorrisos aos insectos

o vento murmura ao céu rosado
repara o castigo que te dou sorte corcunda
em breve serás pisado até à exaustão
como ave migratória colorida em ramalhete
que se detém no muro das estações

fiz tantas viagens
tinha tantas viagens para fazer
bosques selvas ilhas germinam no cérebro

solidão e cansaço

lanço uma âncora bifurcada nas profundezas da alma

uma peónia nasce em terra estranha

insectos de cena tardia repetem-se nas mãos de homens-
fósseis
e sem dó
amanhã o mar será uma inutilidade
do tamanho do meu medo

as porcas tarefas deste mundo

quem abre a janela por uma vez que seja
em suave voo lerá todas as paisagens
beijará a boca do próprio beijo

neste tempo de escuridão
que se cala e adormece no peito ofendido dos oprimidos
odiosos são os tronos dos mascarados

o galo canta
tenho asas posso voar dentro de mim
até à sombra das sensações

há palmeiras rodeadas de rochedos
há uma geada eterna no sopé da montanha
um rio que corre para nascente

nos cabos gaivotas cruzam com as asas os raios de sol
jardins ornados a vagas e sargaços vesiculosos
tudo em mim floresce

o velho pavilhão chinês enche-se de memórias
os longos cabelos ao vento do crepúsculo
desposam o sorriso róseo de teus lábios

usarás para sempre as tranças da infância?
há uma distância que me separa da tua inocência
onde nem o mais puro desejo derruba fronteiras

talvez voltes um dia a preencher os meus dias
no sono eternizado de poemas lavrados no coração
êxtase de uma noite em quietude sem extremas

um amor para além das palavras dos gestos
do estulto tempo das exigências humanas

Verde é teu manto
Verde o mar dos amantes
Verde em que te escondes

Verde a cor de teus olhos
Verde o tição do amor
Verde a feição da traição

Verde te visto
Verde te alcanço
Verde te dispo

Verde tudo o que vejo
Verde o que em ti amo
Verde o amor que beijo

Verde partes
Verde te desenho
Verde te sonho

De verde vivo
De verde padeço
De verde morro

De verde te escrevo

sou o que no mundo te procurei
que por velhos caminhos desviados
passo a passo pelo deserto errei
e na mesa e leito dos transviados

sentei e deitei sem cuidar do pecado
que no corpo sentia e na alma crescia
sou o caçador errante que ao veado
neguei inevitável flecha porque bramia

sem dono compassivo desesperado
mortal imerso em floresta negra
sem candeia que no escuro alumia

pobre alma que de tão vazia
não sabe o que é certo ou errado
nesta noite suja a negar o dia

a brevidade da vida estampada nos ponteiros do relógio

o sentimento lúgubre da aproximação da morte nos
passos do coveiro
cedros que se achegam ao olhar turvo da idade

um diário a arruinar-se na noite profunda

um diário é como a filosofia
subsiste porque a morte existe

perdurará cavalgando-a
subsistirá nela não na morte iminente
a que irrompe num lampejo na sequência dos dias
sobranceados pelo enfado
mas a que nasce do apelo inaudível do vazio existencial

um diário em fragmentos é um verdadeiro aborrecimento
que ninguém se dá ao transtorno de ler
gazeta de promiscuidade intelectual
questão de pouca monta

persistimos deitados ao lado do sonho
o sol vai nascer como sempre
e não estaremos no mar para o colher

terá sido esta a última neve de primavera?
a neve assemelha-se ao amor fria e suave –
quando aquecerei meu coração?

vejo-te na noite ouço-te a voz
a tua sombra traz consigo a alma
que a medo insisto amar

um veleiro oceânico
vejo e revejo as fotografias
é o meu eu sei vai ser
com ele farei naufragar o terror

o reino está dentro de nós
imperceptível à alma mortalmente doente

a infecção nunca é consciente de si mesma

a soledade não é uma doença
é a sémita do insondável andarilhada em noite de lua
nova é o aguaceiro que lava os campos da imaginação e
esmorece a indignação do injustiçado

os mercados declaram-se aos ventos do martírio e do
desprezo licencioso
um novo dia um novo pão e o mesmo café na esquina
do bairro amordaçado
a melancolia do gesto ritual no primeiro cigarro do
amanhecer aspirado com a volúpia da predição das
costelas do pacote de papel os fumadores morrem
prematuramente
penso a maior parte dos não fumantes também morreu
há muito e não esfumaçam os inglórios petulantes

uma nova viagem talvez eternamente circular
como quem viaja sem sair do mesmo lugar

um novo amor de seiva virgem

para quê se já nem sei amar
e se o amor não colhe mais ninguém

continuo sem dormir no marulho das ondas contra a
praia o mar soçobra como um afogado asfixia-se

é urgente construir uma nova alma como quem obra
sólida barca para atravessar o abismo
esta não me apraz nela nada pode morar para além
das imprestáveis velharias acumuladas pela miserável
angústia dos espaços nebulosos
xavecos dum ontem apagado à percussão do badalejo das
cava-terras velhas à soalheira
enegrecidas são suas paredes lamacenta na
profundidade condicionante e inquinada à superfície
de madrugada ascende-se à serra

na noite escura o pedreiro tomando em si desmedida
paciência
com mãos sedentas irá armar pedra a pedra até que o
múltiplice seja uno
vazio de porta aberta ao porvir e à sua querença
sem escolha sem desejo por onde tudo passa sem criar
raízes
como espelho vário de tudo e nada
como espelho cintilante e astuto
lúcido corajoso solitário

apenas uma alma desapossada das mil e uma formas
pode adquirir o absoluto

por ora
dele não digo sim nem não nada assevero ou refuto
não me atenho à aparência não
tenho apenas por companheiro
o fiel silêncio
e um dedo
aventando o caminho
sem realidade e existência

bem-aventurado o que não observa o dedo
e se queda no mutismo

o vento acaricia com suavidade o cedro e as velhas
árvores que agasalham a escuridão da rua deserta
sussurrando ao sono frases caiadas de amor

há luminosidades no tejo que amimam as águas mansas
na ponte também luzes amarelas e fixas aviso à
navegação
nenhum outro som respira enquanto as casas dormitam
depauperadas na penumbra exterior
apenas elisir d'amore donizetti como convém ao
tálamo ermo

o reino dos céus onde está ele?
na alma recriada e não ocupada cujos olhos são como os
da águia planante
vendo a realidade tal qual é sem dilecção

para que quero eu o ódio flamejante e o amor dualista o
desejo o apego as escolhas ou preferências e as
tordesilhas da alma antiga?
labrego

a beleza de uma alma vazia basta-me nela cabem
todos os universos os versos e os poemas o bom e o mau
o belo e o feio o agradável e o desagradável o prazer e o
sofrimento
tudo lhe cabe momento a momento
e a cada instante o que passa sem deixar rastro
conta-nos em surdina a verdade da não-verdade
assim se atingindo o que se não busca

o vento já passou
as luzes aguardam na madrugada o decesso
talvez ainda esteja desperto certificarei o óbito da noite
oculta

é penosa a largada e apetejada a chegada quando não é
mais dolorosa que a partida aflitivo contra-senso
mas natural tão natural como o frio num dia de inverno e
o calor numa tarde de verão

o mundo parece ruir no coração firmado à angústia
construção sem regeneração
quando se abala nunca se deve olhar para trás
tal albatroz-errante a perfumar nimbos oceânicos

tudo é jogo do mental cara ou coroa da existência

permutar regalos mundanos pela reclusão silente
quietude liquefeita na chama de círio que alumia as trevas
de noites duráveis

o azul de klein evoca o mar do entardecer quando o sol já
cabeceia no horizonte e o veleiro vai trovejando nas águas
o ocre dos velhos paisagistas românticos no cume da
serra que fala às estrelas
e aqui há que eleger

sonhos da noite passada dúvidas e irresoluções que
fenecem no desabrochamento da flor da cerejeira
expiram na lentidão do remanso sedentário todos os
desígnios a alucinação de um novo bem-querer do
espírito a abjurar temporariamente a carne
o clamor da serrania nos magníficos ossos da terra e nas
veias de águas sacrossantas

o luar que o mar irradia cor de prata a congregação do
azul no trilho do infinito

não posso ter tudo pouco me afecta ou preocupa
há que escolher
talvez o mar talvez a serra
 que seja o que tiver de ser

cela 13

a serra tem o aroma da primavera tardia
bálsamo dos caminhos poeirentos de outrora
 louva-se o mês de maria
 prímulas
os jardins do seminário solenizam o júbilo do sol nascente
há um emudecimento sepulcral no edifício imenso o
papagaio dormita

partiu um contentor para murrupula
 a vertiginosa azáfama dos noviços
moçambicanos

chegaram as irmãs da missão na índia com seus
harmónicos sorrisos
 esposas de cristo

os noviços estão preparados vivem da e na fé

simplifico alguns textos de joão da cruz os filósofos
pouco têm para os alumiar

abnegação e inocência superam toda a intelectualidade
deus vive nos seus modos afáveis não demandam o
que neles vive

os seus rostos transfiguram-se ao som do nome daquele
que amam

disponíveis para a agremiação dos pobres

mas o pecado começa na igreja
tal como ratzinger resta-me renunciar
esconder a minha preferência pela reclusão
egoísmo calculista da desilusão

abnegação da terra circuncisão do mar

uma águia real no desfiladeiro deserto

um resineiro de almas excomungadas

o coração inflama-se nas vísceras do cisne negro

ser-me-á tolerado alguma vez ouvir os teus poemas?

a voz ouve-se a voz e o eco nas profundezas do ventre
sombra de nuvens na parede de mármore a interrogar os
deuses

desfibrados em trançado filigrana do passado

hoje não verei ninguém enquanto a paz reluz na
carruagem de seis rodados
vinte azagaias apontadas ao centro da planície onde o
melro canta operetas de solaz

prostrado nos degraus cinzentos do salão doirado
conformado à tua tenção vigio

poderei alguma vez auscultar os teus poemas
aconchegar o teu cabelo?

noite de clausura

amanhã verei veleiros armados para o derradeiro
acometimento cruzadores do grande mar oceano onde
mostrengos e seres estupendos se erguem
essência da solidão de probo mareante
irresolução o mar clama por mim

ouço strauss há muito que o não ouvia
trivial é a sonoridade dos grandes
santuários apinhados de estultos

a iluminação é o entusiasmo do amante que nunca tocará
a amada
mas que divisa como ninguém

o vazio dos empreendimentos

a vulgaridade do êxito

o nada do empenho humano

o sem-sentido da existência

pobre humanidade que se arroja aos chispes de ídolos de
barro
que se peita por pataco infeccionado de duplicidade
que vegeta nas pedras abrasadas da ilusão
áridos terreaus viscosos
nojo

derrotismo e desesperança?
não espúrios atlantes
ratificação do enlevo temerário de quem perfilha a
realidade
no cerne demoníaco da civilização
dissonante

a vida é um organismo sem partes não é
cientificamente asinina como a medicina e os jumentos de
coleira ao cachaco que deambulam desdenhosos pelos
corredores do sofrimento

os ranhosos nos seus néscios inchaços

nem daqueles jurisconsultos de algibeira rota
sendeiros e mulas rançosas sem eira nem beira cuspiendo
no prato que lhes foi ofertado
tudo isto me lembra uma puta que puta me chamou

a vida
saboreia-a quem é aliviado do ódio e do amor dualista

a pluralidade engole-a sem mastigar cães famélicos
desamparados à sua amargurada desdita

uns consomem-na outros são por ela consumidos

questionaram-me quanto à causalidade do espaço

dizem
o espaço é deus
não
o espaço é pensamento e o pensamento limitado
deus não pode ser limitado ou não seria deus

ao reino nada lhe falta nada sobeja

a alma da iluminação tudo abarca sem que o guarde
espelho mudável da transfiguração

não sou eu que vivo é a alma que em mim vive

imortalidade que a cada passada crio

mesmo autenticando a inutilidade da palavra persisto em
falar

lavar impiedades no papel precioso quando vazio e
improfícuo se preenchido de sinais burlescos

observo a flor em silêncio que mahakashyap olhou
só a flor existe na campina que a esgota e é por ela
consumida
só mahakashyap compreendeu

louco porque razão tropeças nos teus próprios passos?

primeiros passos da criança-nova

evacuar a alma
emudecer a voz
não encalçar nada

depois com a mente desapossada de todas as inanidades
voar sobre a ravina mortífera para além do próprio vazio
planando nos céus sem opostos

e descoberto o buda mata-o vai além mais além
além para além do além

a verdade num corpo e numa alma a ocupar e a consagrar
amorosamente o universo

decisivamente

reproduzem-se os esconjuradores as videntes os
mezinheiros e áugures
associação de demónios em país de mau-olhado povo
indouto à beira-mar agricultado

estás longe não te oiço
o vento traz nas suas mãos crestadas o sim audível de
saudades meramente esboçada
encantamento ficção do jardim verde de maduros
amores

na solidão afectuosa reside a paixão

não estou a favor nem contra ti
apenas amorosamente indiferente

cada um que vigie por si

passas incólume pela minha alma sem criar raízes de ti
resta a imagem exterior as plumas esmaecidas da ave
aprisionada no azul

hoje a vontade não é minha

os desejos cessaram as penitências as orações que
fundeiam nos bolsos de deuses sobrecarregados de falsas
prédicas

tua? não sei de quem
nem minha nem tua talvez a da lua que contemplo
enquanto aguardo por inglório sono ou beatífica inocência

demandando destruir a dupla dobléz do dualismo a externa
que nasce do dia e da noite do frio e do calor e a interna
do gosto e do desgosto

ah a unificação da embarcação com timoneiro de luz e
trevas onde nenhum negro temporal abalroará os
costados protegidos com a lona de todos os óleos do
mundo

poder sobre mim concórdia do uno e do múltiplo do
tempo e da eternidade
ventura indizível onde o fantasma da nau mastreada é a
minha alma sem limites
governo de meus apetites

há pouco estava desassossegado e triste
 porquê?
 que interessa ou ofende
sempre o porquê das coisas o porquê do porquê a
essência da tristeza é a tristeza
estava triste já não estou

morta e enterrada a melancolia é passado
lembro-me perfeitamente de a ter esquecido

há que estar em rematada quietude mesmo na horda
mais abjecta da cidade em chama viva
indiferente ao ruído dos sexos arvorados penetro a
essência do pensamento
daí ocorre algo não sei
sinceramente não sei que ser ou coisa
 provoca este magnífico
e indescritível estado de alma
nem sequer é importante
marcante sim é a paz que dele advém
indispensável é que não amotinem a minha pacificação

preparo-me para a reclusão
não sou deste mundo e se sou não o quero ser
sou de além civilização

não alcanço o entendimento das sensaborias da
frivolidade o prazer da discórdia a aura negra das salas
escarlate dos comensais de grifos

tudo arde de invidia na idolatria da substância brutal
paganismo da realidade

lastimam-se como animais acorrentados na mais pútrida
das masmorras no dorso vergado o pesadume de todos
os pecados do mundo oh o vaga-lume da
autocompaixão queixume depresso da insatisfação
aziagos do nada no reino do tudo infortúnio da vontade
conveniente
apeçonhentas a placidez aquosa dos aclamados
cobiçando a concórdia como se o espírito se dissolvesse
na matéria anelada

franzina é esta gente

estou certo de que num dia doirado ao refulgir da alva
como rimbaud profetizou entrarei só e de cabeça erguida
armado de inflamada paciência na cidade esplêndida e
luminosa
aí sem qualquer alucinação ou apego rodeado de
veros espectros silentes imergirei na verdade absoluta
onde o tempo se ab-roga naturalmente e o espaço se
desmembra no ilimitado
abençoado o que nasce para si e morre sozinho
em recato ditoso seja

nem um veleiro no tejo da minha puerícia ainda surda ao
chamamento das ninfas submersas em coifas

um edifício debruça-se nas águas sonolentas da baixa-mar

o fedor da vazante a imundície que vem de montante

um cargueiro apresta-se para sair a foz

onde aportará que estava no coração do porão?

choram águas na proa insensitiva maresia da dor

próxima paragem algés um circo à beira-rio os
animais de outrora saudade a arrastar pela crista das
pequenas vagas do areal os carneirinhos prenunciam
aguaceiro

rodados de todas medidas alguns soldados na berma à
sombra de uma obra estupidamente moderna
as ruínas da velha casa

longínquo o cristo-rei ausente com a cidade por abraçar
em puro gemido se eleva
sacramento falsidade santidade pecaminosa
gente que mente

a crise ensandeceu estes homenzinhos sem futuro

última paragem

tempo e amor rareiam na concisão da vida
época de incerteza

a noite é minha perdoem-me não cruzem
displicentes a vereda de quem pelo suor e fadiga lavra o
seu destino

a alma se consumida pela vileza do mundo não acolhe a eternidade

compreender em altura que meia noite é meia vida
perdida a hora
perdida a vida
candeia que alumia sem que veja o que se esconde e o que se deveria ocultar na escuridão da alma vazia
torpeza do que vegeta no esterco da evolução

abundam os iníquos e o mundo dos humanos é a imagem espelhada exacta dos mil e um demónios
jerusalém esquadrinhada e desocupada
como é vã a ambição vertida no palácio dos espelhos disformes no fim nada resta e a vaidade esboroa-se em odiosas cinzas negras

noites não são sono
são alegria sem fim
sem cansaço em mim
umas vezes atento outras mergulhado em doce letargia
dispenso companhia

renúncia amorosa de quem sente em mundo menor um amor maior
ventura silente de peregrino tardio

fiquem-se com vossos projectos ilusões desejos agonia
eu quedar-me-ei assim só probo e desacompanhado
do que é mundano do que tenho e tinha
transmutando a cada passo a noite em dia
sem pressa nem demora sem hora

a noite é minha

diz-me onde te escondes para que possa esconder-me
contigo
em que recanto da floresta interior encontraremos a tua
presença?

qual é a tua essência?

não há compreensão que te atinja olhos que te vejam

os bens materiais bradam aos nossos cuidados e tu
pareces estar longe
os deuses do prazer desfilam na mente oprimida pelo
desejo
e tu és verdadeiramente um deus escondido vedado ao
entendimento

aceito a minha ignorância e a ilusão de te ter atingido
nalguma noite escura como aceito este resfriado
incómodo

não olvides que o tempo escasseia
que à beira-mar envelheço e
até os peixes me olham de soslaio

o chamamento quando se julga internamente claro é
apelo do próprio chamado no erro do desejo e da vontade
reprimida
chama-se a si o que sofre e pela força anseia a luz do dia
chama julgando-se chamado e como superficialmente
ama pensa-se profundamente amado

chamamento é dúvida sofrimento indecisão de quem os
primeiros passos ensaia na vereda sombria da iluminação

no atalho que distancia chamamento e missão há a
interrogação envolta em escuridão de fé
de morte ferida a indecisão pesa-se a cidade das coisas e
a metrópole do espírito ninguém pode bem servir dois
senhores
penhorar os seus instintos aos desígnios incompreensíveis

o recalçamento mata a substituição destrói e a
compensação frustra
nas duras e pedregosas terras do cume não crescem os
mimos dos hortos
só se alimenta de neve e vento quem desdenhou os
sórdidos banquetes aquele que se abandona ao espírito
do mundo
só vence a morte quem venceu a vida na morte do dia-a-
dia

a solidão faz a poesia surda

deixar tudo seguindo o trilho das rosas brancas com a
carne violada por espinhos transfigurados em beatitude

deste país o exemplo –
lerdos seguem lerdos
fedelhos seguem fedelhos

o h... veio para o seminário encaminhado pela segurança
social tem apenas quinze anos dez dos quais passados

numa casa de correcção de menores a prisão como
lhe chama ainda que sem revolta palpável

um brinco na orelha marca-o

é amável irreverentemente submisso
não é o que parece ou querem que pareça ou querem
fazer ser

os seus olhos afectuosos imploram uma bem-querença
que talvez nunca tenha tido
a confiança que lhe foi desde sempre negada
por isso olho-o como amigo de longa data e digo seguro
de mim
confio em ti

pouco há para corrigir
é apenas um jovem que intenta ser desbastador de
cavalos provavelmente relembrando os primeiros anos da
infância em que percorria na carroça da avó as ruas
empedradas e gélidas de gouveia
sujeito aos olhares maldosos dos transeuntes

não há maus rapazes há maus homens isso sem
pensar tenho-o achado

meu deus dormes ou não queres simplesmente ser
incomodado?

a mais harmoniosa de todas as viagens é a interior
liberdade absoluta na escolha do trilho deixando o mais
belo dos crisântemos por colher e a succulenta amora no
silvado

de que serve cursar mundo quando na floresta-virgem o
leão dormita e a gazela se deleita com pasto tenro?

não há maior violência do que a cadeia alimentar

gerei a eternidade sem o saber criei uma nova alma
para ele nele e para mim
ele aqui e eu nele
imortalidade

quando o que está escondido se descobre inunda o
quarto atravessa serranias e vales
estende-se muito para além da via láctea ah
andrómeda como estás próxima
remanso total isento de ego de qualquer pensamento
reconhecimento condicionamento ou memória

o meio-dia da vida oculta-se no que está abscondito

revela-te à minha visão espírito contigo desfarei o
tempo
o véu do templo irá romper-se em estilhas

fundeio com ferro bifurcado nas minhas entranhas
fechando os olhos à paisagem ruinosamente abatida por
garras de homens

no ventre vazio sinto a alma viver

mas se vens não te vejo se te vais não entendo
nada compreendo

a ignorância é a minha essência

a alma repousa no centro de todas as energias
plexo solar do eterno impenetrável casa guardada por
deus porta sem trinco pelo vento aberta
venha o visitante que vier
insondável ser

paz que se transforma em ansiedade crepuscular do
querer
negra andorinha de primavera a abrigar os dianteiros
raios do astro-rei

que o meu vinho não seja o fel dos dragões e o veneno
mortal das áspides doce é o mel da quietude
como o sei

ninguém conhece o momento em que a luz dissipará o
velamento da agnosia ninguém sabe se apetece ou
aborrece ao espírito do que tão escondidamente se
esconde nos fetos do bosque não há quem distinga o
cervo do amado

uma palmeira cabos de alta tensão o cipreste da
estação partida sempre a paisagem suja e aqueles
rostos de mortos-vivos

paz às suas misérrimas almas

para chegar às paredes da alma basta-me cerrar os olhos
sem fazer qualquer esforço
não me empenho na abertura do seu portal

sem que o veja nem que o saiba sinto que se esconde nas
profundezas nutrindo-se de luminosa escuridão
solidamente solitário ilimitado limita-se
voluntariamente
compassivo com raridade se oferece ao supremo
banquete dos vivos de tão longínquos quanto iludidos

perdida no horizonte a união amorosa o rebanho não se
alimenta no campo acabado de lavrar para o pescador
é inútil o rio seco e a ave ferida não pode voar
quando a ave se cura faz-se voo e não pensando que voa
vagueia indómita nos longos cabelos azuis matizados de
branco-cinza

oração de silêncio

quando o pensamento cessa o homem transforma-se na
sua alma e sem que nada busque fora
encontrará certamente o que no seu interior se demora

irá esconder-se no que escondido está puro acto de
amor

saindo ambos mão dada à intempérie sorrindo sempre

o reino não está fora está dentro sensações
no mais belo e obscuro dos palácios vitrais espelhos
pedrarias as mais belas mulheres os mais puros de
todos os vinhos as mais deleitosas de todas as impressões

apartou-se do rumor canibalesco das ruas calejadas
aquele que é foi e será este é o seu templo o seu
repouso

de que servem os templos disseminados pelas planícies e
vales romarias ao alto de montanhas mortas
mesquitas igrejas sinagogas capelas em ermos

nós somos o templo
a alma tem sem saber o que tem e o que tem lhe basta

retiro
peço de nada serve pedir a quem melhor do que eu
sabe o que me convém
o almejado atinge-se em resignação
puro amor ao amado dedicado

o que se esconde pode atingir o que está escondido
longe do mundo dos desejos das aflições da trivialidade e
mesquinhez de guerras e contradições
quem o tem tem tudo

aquele que mata a alma aniquila a eternidade morre-
lhe a verdadeira vida

paz ao seu nada

quando entrares em ti fecha as portas quando te
esconderes que estejas deveras escondido quando no
mundo no mundo estejas

nesta vida nada há de mais dificultoso do que o encontro
dos que se escondem no âmago do arvoredado
mesmo o que por parco período se esconde para alcançar
o eternamente escondido

as árvores imensas escurecem o solo o canto das aves
exóticas obscurece a voz do que em surdina se apresenta

a vegetação disfarça o trilho

a gare fornos de algodres onde sopra a brisa da
memória
depois de uma semana de retiro a canícula percorre-me o
corpo embevecido pela visão dos carris lustrosos

ninguém no apeadeiro apenas o silêncio da solidão e o
leve sopro da aragem nas folhas ardentes da vegetação
traves protegidas por óleo queimado gemem ao sol
postado à meridiana dezenas de vagões estacionados
aguardam a carga que tarda
a minha vontade mimosas que oscilam ao vento
oscilante partida que é chegada chegada partida
vagabundo da vida será esse o meu destino?

penso nos nossos projectos
nas forças debilitadas pelo desapontamento

gostaria de retornar ao meu quarto longe do murmúrio da
cidade sou lacedemónio
as luzes do mundo já me não seduzem
vou e quero voltar na urgência de alma que se rasga e
fragmenta

a alma nele ele na alma saboreando-se mutuamente no
amor que se dá e se recebe

na presença súbita e no padecimento natural da ausência
no entendimento do enlace ou no desentendimento do
abandono
a aceitação de sua vontade feita nossa
desígnios incompreendidos de pobres mortais

qual a minha mão direita qual a esquerda?
não sei foram-me comutadas nas horas da infância
daí a irresolução
peço a noite calada a mudez da alma o dumo
selvagem

não me furem a suave escuridão
meu único bem

esteja onde estiver aí estará meu templo
esteja com quem estiver aí estará meu irmão
estando só estarei no mundo
estando no mundo estarei só

nele sempre
seja na virtude seja na imoralidade

não há crescimento ausente de sofrimento
nem alma incólume à leviandade

este momento de rendição enobrece-me

entrego a minha carne às famélicas águias sou seu
precioso alimento seu prazer seu orgasmo selvático no
membro extático

para cada ocasião uma oração
não evoco

o anelo evola-se para ressurgir na tarde ociosa
a noite cai perfumando os ares
a mente esvazia-se
a agonia vai-se
por agora
ele fica

movimento diurno da provação fora a nortada fustiga o
mar encapela-o de cinzento com a verdasca ressequida
dos últimos guerreiros

um veleiro no meu espírito
uma quimera em meu estreito
arbítrio imponderado

corpo que em sonho me tenta
em pobre verso lírico
depressão sanguinolenta
escolha adiada

logo haverá luzes no terreiro e sonhos com mulheres de
diamante bainhas talhadas por deuses em cópula
ungida a mirra

o som de mozart inunda o aposento
mozart não é gente é sinfonia ou quarteto mozart não
existe a sua música sim
o mesmo me irá acontecer a mim
permanecerá toda esta palha humedecida sem préstimo
aguardando a queimação

uma escala de fá sustenido alaga os corpos irrepreensíveis
da aparência de meretrizes e das filhas dos deuses que
penetro no sono rudimentar de ancestrais desejos

a alma ferreamente apertada por cadeias de aço detona
escuto-lhe o impulso que mais hei-de eu fazer
que mais poderei querer?

a carne o sestro que encandeia borra de negrura a
mantilha nívea da proibidade adormecida em suave leito
azul-celeste
enquanto o vento ronda para leste

se falo verdade julgas que te minto
se minto o que digo achas verdade
perto de ti se a alma ardente sinto
pensas-me ausente nessa saudade

não sei que diga que prova de amor te dar

cárcere de amor ou antes plena liberdade
com que forte ou lasso abraço te estreitar
algo que bem vá para além da falsidade

quero ver-te tocar-te quero-te amar
teu ser de corpo e alma a cada alvorecer
ser em teu peito manhã de luz a nascer

nos teus seios redondos água límpida a correr
aos teus olhos imagem de imaculada beleza
a fenecer em feliz noite de magnífica pureza

sombras chovem descontinuidades enquanto me
movimento no precinto sem tecto

há um santuário doirado efervescente no fundo do
coração em chama viva que erijo
um poema em cada verso por rimar

hora de orçar o alento tempo rijo marear em águas
temperadas na robustez do costado
fenda na alma tapada com estopa alcatroada

agonia que corrói as entranhas momento azul
a tarde não deslembra o crepúsculo matinal as velhas
vacas amamentadas pelo suor dos ardinhas
basculham a sudação sobrenatural das marafonas
atlânticas

surdina da fome de mar no tentáculo ofendido em seus
tendões

as nuvens chovem no meu movimento
quando paro ressaca nebulosa de vaga paradoxal

anelo de temporal

veleiro expirante na rota impossível discordante aos
alíseos dementes
dedos de mareantes colados à cordoalha disforme
a partida e a chegada dos cavaleiros bandeirantes da
decrepitude

descobridores do entejo

do tejo parto imagem de nossa senhora dos
navegantes à proa
sem saber se retornarei ou não

pela torna-viagem uma loa

a minha idealidade supera a do cosmos vai muito para
lá
tão longe quanto a de deus mais longínqua
tão perfeita quanto a do criador mais ultimada tanto
que outra como ela não há

daí ser poeta
um péssimo bardo é certo
mas poeta
diga-se o que se disser

age a natureza pela paciência como é estável e firme
nas suas persuasões capciosa caprichosa bicho-

come-bicho gente-come-gente e a deus não lhe dói
o dente

dragões voadores planam nos céus temente um
tenente de cavalaria monta um cavalo desossado
por cima dos ossos de nossos antepassados

os que voejarem para altezas inóspitas e ignotas
renegando a prudência perderão a constância capitulando
no vale dos mortos

ah venezas submersas de malfeitorias

amásias de ancião

o mais penetrante do abismo cavado e negro profundez
da escuridade enviesados retábulos de infernos
ancestrais
na mão esquerda o purgatório que a direita se afunda na
lascívia

feitoria de são jorge da mina padroeiro das escravas
traficadas violação em terras de portugal

lagos mercado de escravos leilão de dentes e
desdentados cem moedas por uma virgem

sempre fomos negreiros e mendigos bastardos
históricos e delinquentes geográficos o que haveríamos
mais de ser?

somos o que fomos

aqui ficam os desacautelados aferrolhados

a terra fecunda está receptiva de seu nome maria
sabe a bainha estelar o melífluo lubrificante dos lábios
coruchéu a receber o alimento minável vindo do
firmamento
ah o céu das aves a quinta jornada do criador
campanha do conquistador do mundo

na serrania a fixidez mística das urgueiras inibe a
semeadura do pão assim estou eu desabrigado e sem
querença patético sublimemente emparvecido
raiz de torgal sem usança

ignaro ao sol-nascente
desperto ao crepúsculo
enclaustrado na noite

em mim a
gentileza docilidade humildade
de um sarrafo avelhentado

ser humilde ser humilhado
cuspidor por cima
que tocante dá-lhes a outra face asno
já agora cristo por um dia
mártir por um mês esconjurado por uma vida

encerra-se a golpelha ao rolar das trevas
não desaguam pensamentos nem se ausentam

o corpo cadavérico quase extinto
a alma lívida quebra liames

o aposento aquieta-se
o momento eterniza-se

esvazia-se a razão
corta-se a atadura

a mente serena
na dulcidão do letargo

é sumo e é pena
do que vem amargo

quando a paz abala
sem o dizer a ninguém

mentem mais mulheres viciosas
castas calam e as prendadas
alam todas se dizem virtuosas
queridas dóceis fiéis amadas

e nobres amantes de seus amor
que fingem belo perfeito e eterno
mas fixando com astúcia indolor
em crédulas cabeças duro corno

acrescentado no dia-a-dia
com seu jeito especial de jurar
quando o coito do meio-dia

é de todos o mais apeteçido amar
e como quem mais jura mais mente
existe sempre varão que as contente

geada no vale quatro horas da madrugada

batalha no campo ensanguentado de amarelo-escuro
pisado o verde seco e os membros dos amputados

o combate dos leões cristãos ao circo damas ao
bufete
o mundo é uma farsa a alma do nado-morto uma tábua
rasa por baptizar

um dia o meu corpo será pasto de abutres e milhafres
enterrado cremado (e se for cromado?) sem que
tenha sido crismado
(o sacramento da confirmação ratificação do
apedeutismo)
ave dos oceanos em azul retalhado

que aproveita
se me findo
e o mundo acaba

o pouco me basta
o que é demais sobra e mata

guardo o sono o cansaço
jazer no dorso da égua casta

trovões nascem das nuvens não entendo o correio
não é de quem deveria ser anos de anseio
inconformado debruço-me no molhe do cais
prateada a rebentação nos penhascos ameaçadores
pobres pescadores de amor lunar

pelas encostas do céu rolam lágrimas
são de sangue as mal-afortunadas
mais salgadas que as dores marítimas a desovar suicidas

partiria contigo para qualquer povoado indemne à fala
tudo seriam idas sem volta

é tarde fiz com que o fosse como se o tempo não
passasse em arrebatada correria por meus cabelos
expostos ao vento da maré-viva setembrina
purpurina boca lábios de cristal dedos de sândalo
que não mais verei

teu corpo regozija-se no meu
em longas penetrações seguidas
noite a violar os vales de breu
com tuas coxas ainda húmidas

amante sem sono e fadiga num assim
libidinoso movimento de sublime anseio
algo que não se cria foi nascido em mim
no dia em que minha alma ao mundo veio

encontrar-te foi apenas a consumação
arrebatamento de águia em volteio
que ao aterrar de suas garras fez mãos
e do bico adunco delícia do meio

quando te tenho com sofreguidão te amo
se partes fica-me o corpo na alma vazia
a latejar a sombria imagem de orgasmo
que não vem nem na noite nem no dia

morre a jornada com o sol-pôr da esperança
morre minha carne nesta terrível indiferença

olho para fora e vejo dentro

vidros que a noite mágica transforma em espelhos
assentos cortinados um bloco de papel com mão que
reconheço a escrever
e há as luzes leitosas da viagem reflectidas na bagagem
sofrivelmente dispersa pela carruagem

pernas dependuradas nas sandálias
unhas pintadas de negro
a viajante dormita curtos calções exibem as formas

alguém disse que é do alterne outro do sobe-e-desce
puta convenhamos
não sei e pouco me interessa que poderei eu saber?
talvez goste de foder talvez goste do que nós tanto
gostamos de fazer

calor dos diabos
a solidão dos campos de pasto morto –
junto ao ribeiro um velho cavalo busca sombra

o coração é o centro de todas as sombras –
no cemitério da aldeia
um cão uiva à beira de cova hoje aberta

a luz que brilha no meu coração apaga-se

das janelas amarelecidas vê-se o lago quase seco
os gemidos das plantas aquáticas cortam os ares
sibilantes

no quarto os lençóis bordados aguardam-te um pecado
nunca vem só
mesmo que perfumes e incensos floresçam na noite

sexta-hora a madrugada dá os seus primeiros passos
um curto aguaceiro de verão cobre as vidraças de
lágrimas
olho através delas
não há vivalma no caminho

o sono só acomete os corações apaziguados dos corpos
exaustos

para andré breton

as chamadas que masturbam a colina as locuções
desprezadas pelos mestres a rima paradoxal do sexo
sem erecção

trabalhadores da construção em implosão ilusão de um
povo macerado em vinha-dalhos

quadros de gosto dissoluto em quarto de pensão praça
do chile intendente bairro alto de meretrizes e gays
um broche no técnico a marreca de algés jubilou-se
um pilrete num jaguar amarelo a retrete pública dos
desordenados epiceno desnatural das borras rectais
olivais jardim do império onde navegaram tantos
anormais rabetas de profissão à tocaia intimidadas
as fêmeas sem fregueses
conde redondo disfarçado no trajar ultraje ao elefante
branco ali ao lado

putas à rua
acompanhantes aos bares
casadas aos apartamentos

o sol que se põe nas tairocas desprezadas no brejo a
noite que cai na cabeça quadrangular da menopausa
os amores clássicos o acto procriador aéreo
o adultério na adega de tonéis aquosos o furto do
andar térreo
três vinténs de puberdade esfaimada

homenzinhos de jaquetão de vidro e calça esticada de
betão piça ressequida abotoada aos fundilhos
enredados

cem poemas escritos na areia verde do sangue espessado
cem poemas por um cavalo alado
cem poemas por uma humanidade novel debelada por
versos azuis detonação da cor sem forma a gerar
espiritualidade
na arte senil e na literatura de cordel

não escrituro para supérfluos cabouqueiros de numerárias
nem para donas de casa por branquear rameiras de
funil
o marceneiro sempre disse que a mulher não é constante

por muito séria que a tomem há sempre um homem
qualquer trocado por qualquer homem
qualquer ebanista é erudito nesta disciplina

não havemos de permutar mulher por outra havendo
ocasião
quando as que nos trocam dissimulam genuidade na
omissão da justeza vaginiforme
seremos parvos estaremos turvos ou laçados?
viva la vie
voilà les femmes et son usage

nada lavro que se não possa ler na missa de domingo
onde os ternos coçados se passeiam irreverentes em bicos
de pés cristãos-submarinos na aflição à tona
beatas ratas de sacristia numa fona padres
inadequados para consumo bicos sacralizados por
pastor beatificado
cristo de encomenda patente em delubro
o milagre do santo sexo sacramento de crianças nuas e
acessíveis viúvas ao rubro
as três tabuletas da trindade nos seios da sineira
alcova de abade incestuoso

os poemas breton regalam-me absorvem-me o sono
marcam a cadência ajustam o som da melodia ao
contraponto burlesco da burguesia e das putas da
freguesia
voilà les femmes et sa chatte abusé

cão que late megera que lê
les cornes du impuissant governo do excremento

os meus estúpidos poemas afectam-me o adormecimento
são o meu prazer ironia do destino vossa espertina

mas teu sono não breton estás seguro no teu jazigo
meu poeta
confidente
meu amigo

enjeitando as raízes fulgura a débil planta

as candeias afoguearam a bezerra sacrossanta

avistámos hoje a filha dos céus deusa da aurora dos
penitentes

atiçou o fogo dos mais deleitáveis manjares
e saiu na tipóia dos entes

radiosa a jazer no seu leito embriagado pelas faces
brancas da brisa primaveril
revelou-nos a perda da sua virgindade
embrião enorme a varrer o pórtico do arco e flechas de
terno amor

que frescura tinha o seu sorriso esbelto seu sono
longos os doirados cabelos nascimento de nova vénus

com as horas o galo cantou
sem tino sem destino

canção de aventura no mar
voz límpida de água clara
fonte de harpa a tanger
a palavra amar

vale de flores
um dardo negro esvoaça do beirado

de sol a sol encontro o assinalado com a palidez da morte

homens de outrora saudavam o cuco com as suas
enxadas

tão pesadas como canetas de tinta permanente
vermelha a escorrer

cai uma telha do cortelho

tinha sido um soldado exemplar

cruz de guerra de segunda

agora humilhado a cavar vigiado pelo feitor de bata
preta

sim senhor prior mas a terra é dura

ignoram-se paraísos

corações esmagados por ídolos de madeira

o peso da minha dor sentado na cadeira de braços
triturados

roída por verminosos ratos

e as intrigas?

ouve meu filho e tu meu amigo estelar vive e deixa

viver rejeita a carcoma

quantas vezes mel ou é foda ou canelada

conada de palrador gerado em viveiro

que se erga o pregoeiro no meio dos corpos santos se

os houver

que levante as mãos ao céu quem as tiver

cinzeiro de prata efervescente porteiro da morgue

não há quem lhes toque

e o umbral da porta?

em dois versos se abrange o mundo por inteiro

foram-nos dados

governados por crianças

o povo tem o que merece

estão dispersos nas nuvens que sombreiam o rio de cristal
passa um carro amarelo com calças de cabedal cor
preta

cardado pela baeta

ah donzela de portugal
cruel é tua linguagem neste vale de ossos fraguado das
lamentações

há para tudo um tempo
mas nunca conseguirás resgatar a morte dos que
abandonaste no cais da adversidade
nem o dialecto da falsidade

o caminho para a estrumeira enche-se de cardos e
espinhos bravos
aos eunucos estremecem-lhe as entranhas
os altares de folha de oiro devastados
insolentes ficam os santos escorraçados

tempo de calar

a invenção do lucro corrompido
libertinagem insensata da natureza do compasso
a chagar a penha sanguinolenta

cão que ladra não aferra

tempo que é de guerra

condenado à morte por crime de amor

nas mãos ainda o sangue coalhado e as marcas do velho
punhal
naquela tarde de outono a imagem no fúnebre pinhal

tinha pousado entre grades seu olhar alucinado
dia após dia ano após ano

o vento em mangas de camisa murmurava obscenidades
o azul do céu desencanto angústia dor

doce pensamento era agora o seu
a amada
que deus lhe deu
que deus lhe tirou
a ele que matou
bem que era seu

e deus sabia que ele o faria
sempre o soube desde o princípio dos tempos
se não soubesse não seria deus

olhou para dentro de si negrura lamentos

então para que lhe deu
a ele que agora gemia
mais por a ter perdido
que da morte o medo

as folhas também morrem e nos túmulos abertos
repousam almas penadas

as árvores essas tombam-nas com o machado
e aos ribeiros cortam-lhes o leito por maldade

seu destino o inferno

na aldeia nessa noite haveria estrelas no charco trutas
em descanso espectros de gente mau-olhado
cavacas ao lume mais um doente desenganado

noite de insónia
seria amanhã
ao nascer do dia
a corda a resplender

não há amanhã pensou o condenado

e quando o padre o foi buscar para ser enforcado
rezando em latim
ouviu ao pobre homem silencioso e toldado

matei o que mais amava
não tenho mulher nem mãe
matem-me pois a mim
que em vida morri também

já o sol amamentou de fogo o horizonte

braços nus de ninfas lacustres perdem cor no peito de
sátiros

longínquas estão as nuvens de chuva tépida a almiscarar
os leitos exangues

árvores que enegrecem na luneta de óptica escura pintam
a paisagem monotípica

um canavial roça-se lascivo

uma casa branca na colina
e uma criança que brinca no quintal de bolbos
adormecidos

arrozais do passado
comportas nas valas desertas
as carpas que é feito delas?

nessas palavras que ocultas fementidas
lucraste a deslembração

a ti
esqueço-te
vai em paz

já te esqueci
outra virá

a morte derrama-se lânguida sobre a vida
amanhã os rios celestes serão a via renascida

e a outra será

mais bela
mais dócil
mais verdadeira
mais ela

mais outra que virá

as águas do rio subiram naturalmente

nas suas gelhas cintilam estrelas

passa um veleiro em bolina cerrada
para onde irá
sul onde o quente é mais quente
norte setentrião onde a terra é gelada

marear a cavalo na nortada

gente nas margens
uma marina cheia de nada

onde estão os navegantes
os sólidos pescadores?

oh dores de portugal
que morre e deixa morrer
nos catres de farrapos transfigurados
a imagem lúcida da afoiteza

dóris gelados
nos mares cruzados
dos bancos da terra nova
ornados a gelo e névoa

uma viúva perdeu o marido
pelo seu filho agora reza

erva orvalhada

por destino o solo desprezado

dá-me teu braço meu amor
vamos os dois de braço dado
chorar nosso terrífico cuidado
estéril retalho de antiga dor

a festa continua
entram noites pelos dias
mal que sobeja
marfim polido por beijo
na flor indemne da suspeita

vibram as cristas das ondas
a luz meiga dos astros
mansas chispas de pássaros
inundam miríades de folhas
árvore da vida que medo não adorna

basta o amor que pulsa na eira
basta amar com o fervor da confiança
no divino cântico a esperança
na rosa cor de sangue uma campa
e a certeza de que tudo é mentira

não cuido de te amar

as ameixas caem onde se cruzam as veredas
tapeçaria lustrosa de vegetal verde-vivo

apaziguada a ira revelada profecia envolta de lismos
recompensas do outro mundo
bronze que ressoa no ventre do verbo

não vemos as mesmas estrelas
não desprendem as flores o mesmo olor

separámos corpos
num campo ceifado por estrelas de verão

doce é o aguaceiro de meu coração

não há terra
as montanhas foram engolidas pelo último dos homens
ingovernáveis

mar sem fim
voz doce de encantar
que alberga as sereias das noites de insónia

o deus do lar está ausente

saúdo o sol que nasce na curva do horizonte
tristeza que se confunde com a estrela da manhã

lá longe tanta é a gente

num laranjal três virgens
testemunhos da volta de mar

ventos erécteis abraçam-se ao luar
purpúreas rosas em veloz esteira
luto da chuva de primavera
nau que dormita em melodia do eterno-minuto

enquanto na costa arriba com monotonia
velame que o diabo carrega

a mais bela de todas as mulheres
 ahmose
 nascida da lua
traz o ímpeto da carne corpo nu na cela

remota é a região desta terra onde o vento canta
e os corpos flutuam como espíritos

formosos ternos puros
unindo almas em espasmos de luz

voemos sobre as águas míticas
em ti contigo alma de tudo

no terraço mágico
as estrelas da vigília da noite passada
a brisa inconstante arrefecida pela canção do oceano

os corpos agitam-se para leste
ofuscados pelo vinho quente da miragem amornada
das luzes estonteantes irregulares
sexos inertes de tão exaustos

geração de fraca penetração
impotência de eros
erra na penumbra ondulante do parque dos inocentados
membro dobrado que nunca se chegará ao fundo

são miúdos fezes do mundo

silêncio guitarra vai falar-se o fado

cais do sodré alfama bairro alto mouraria
fadário de uma vida a abarrotar de porcaria
que putaria

senhor abade de jazente
seja como a gente
deixe de ser indecente

solteiros divorciados ou casados
 todos ao monte
não há engatatriz nem michela que os desaponte

a noite é de putas e putanheiros
o dia das mulheres dos cornudos
 trabalhadeiros

em hotéis de rústicos lagareiros
e seus afins laboradeiros

laborai laborai laborai

engenheiros advogados magistrados políticos soldados
empresários
e outros atraíoados

labutai quanto chegue

que de dia comemos
 nós os demónios de mil pecados

o que à noite cevais de carnes
de desejos mal compensados

violenta é a água violento o movimento não-verbal
um pássaro empurrado do ninho voa pela primeira vez
mar-lazúli som nocturno de amor taciturno
no janelo que se abre relembrando os dons angelicais do
oceano vazio
sussurra triste a fé a confiança
amei-te alucinado
na neve nupcial
tal como eras
não como és

amigo meu velho amigo
estamos sós sobre a alma deste mundo
há fanfarras tricolores que derrubam cravos concertos
órgãos nostálgicos
espectros que migram da terra da névoa
no soalho acamado um retrato de formosura
a servir de poesia
 à melancolia
desce a bondade de seu pedestal
enfeita-se o ressentimento
inventam-se mendigos
vem amigo
 vem sucumbir nesta tarde perfumada

suplícios da loucura riem-se de ti insolentes

tempo da simbiose
alma enternecida

tu que nasceste e viveste na cidade cinzenta
que nunca viste o verde-vivo da floresta
não tens o riso infantil do outro hemisfério

a velha casa sofrida
tantas rosas morenas
a esmorecer

nau que navega o luar de prata

recorte da costa no momento em que os seus contornos
mais brilham

ah navegante errante
a voar com as nuvens
nos cornos do vento

chiam velhas
no chiado
como rodados
de carros
tresloucados

dores no pé
no joelho
no artelho
um sapato
bem apertado

quelhas da vida
uma guitarra
mal tocada
coração tangido

correm caixeiros
as meninas do grandela
já não usam cueiros
mas fraldas a granel

uma mulher
canta
um barbudo
e uma panela
coscuvilheira
à janela
queimado
o tacho da janta
da tagarela

passa um chulo
uma mulher envergonhada
um velhinho
a arder de inveja
dá um pulinho
a catraia
ora veja
toda aperaltada
barriga cheia

a noite
começa a nascer
fecham-se portas
são horas de comer
fruta redonda

amar a correr
que mais logo
é madrugada

sempre a mesma vida
desgraçada

a hora é tardia volumes grotescos humilham-se pelas
vielas enlambuzadas de néon
trazem nas mãos os sexos definhados em desalinho o
que não se faz em casa nos lençóis de linho faz-se fora de
portas retortas testiculares nos ânus sim senhor
ministro
opus gay sinistro no parque de longas cabeleiras
avermelhadas putéfiás desdentadas

políticos

diplomatas

médicos

advogados

e outros celerados

no eduardo sétimo mil rabetas
as bichonas bebem lambretas

rua da prata das adúlteras
lapidadas

as putas mudaram-se mas continuam peladas

onde há bichas não acodem marafonas

tocam sanfonas no beco dos aguadeiros
pífaros na azinhaga dos azeiteiros

o fadista toca uma pífanada
a rosa maria faz uma mamada

a vizinha do terceiro fode o carteiro
o padeiro é paneleiro

ponho as minhas mãos no lume extinto
pelos passageiros ensonados do ónibus

poucos são os neófitos
muitos os pedófilos

o padre da freguesia de santo antão dos cus
procura desnorteado o menino jesus

a tola da beata arrecada as esmolas da caixa
em lisboa não se pode parar na baixa

e na província as mulheres têm buço
muitos são os pelos da rata

que deus nos valha

irmãos ficai-vos por casa
assim como assim toquemos uma gaitada

acordo a pensar na alma
ainda é cedo
adormeço nela

pressão constante no ventre
cordão umbilical que se sente

chamam-me um homem tentou suicidar-se no dia do
baptizado da neta

lá fora um calor infernal morre-se de hipertermia

a morte é afinal tão natural como a vida basta de
alarido
não morreu desta o suicida

estranha vida esta

o sem-sentido da opção de quem não ousa
passar
para o outro lado
por neste não encontrar motivo para
permanecer
ou talvez clamar por consideração
escolhendo um dia de festa para a sua fazer
escolha obviamente acertada

vou suicidar-me por uma tarde

renasço no seio do desejo

longos são teus cabelos brancas de mármore tuas faces
pedra ígnea o teu corpo por violentar musa de botticelli
a noite é nossa ainda que apartados nem sempre o que
está próximo está presente

a paixão habita a ausência

o amor repartido em vinho e pão
o sexo condensado no amplexo místico da vastidão
cósmica

arrefeço as chamas do coração
ergo-me do abismo arbusto em flor
clamo pelo teu nome

o vento cola-se-me às mãos
o sol brilha na escuridão
o gelo aquece-me as carnes

pelos degraus corroídos do cais desço à plataforma de
embarque

destino improvável –
o sem nome

silêncio a aldeia dormita
 um cão ladra
quando no relógio da torre baterem duas horas as luzes
irão apagar-se
 repouso absoluto das almas
na mesquinhez avara da crise

penso nela

pensar nela é via de mortificação o apego
mata não deveria pensar em ninguém em
nada

como cigarra que se limita a cantar para plebe e soberano

sem apegamento não há lamento
eu que cinge com sua túnica de imaculabilidade a vida
integral
vigília sonho sono profundo

uma guitarra no canto da sala no lugar do velho piano

uma estátua viva na ombreira do pardieiro enevoadado

a imagem da vénus doirada estirada no leito mas é tão
nova

um corpo nu retorce-se em sucessivos orgasmos corpo
para te ter

sois tantas
qual escolher

louco é o afecto da ilusão querer dar ouvidos à razão
o que bem ou mal está

o amor dispensa a moral

madrugada hoje já não há-de vir

que lucro posso retirar das amantes perdidas
prefiro-te a ti

dizem-me para escrever as minhas memórias que falta
de tino seriam um péssimo exemplo
processado pelos pais das crianças
excomungado pelo bispado perseguido para ser
queimado crucificado e penetrado por lanças
condenado ao degredo ou vendido como escravo

do sexo ou para mandar
porque pouco mais sei fazer –
amante ou amo

sou a taça onde foram vertidas todas as virtudes e
defeitos um ser experimental moldado por um deus
embriagado

sou a sensibilidade à flor da pele a promiscuidade
desarrazoada do prazer o aprazimento do clímax mítico
o tríptico das noites amorosas a insatisfação revoltosa
das vidas vegetais a essência da irreverência
o místico das solidões oceânicas

sou de além-civilização de além-túmulo e sem
comissões
independente e livre como rimbaud
- mas muito pior poeta é certo não se pode ter tudo
modéstia

água benta e presunção cada um toma a que quer

perguntas-me pelo molde

primeiro dia
consumado o erro foi destruído e as cinzas espalhadas
num ermo celeste

segundo dia
deus ajoelhou junto da arca dos ossos e dos tecidos moles
e pediu perdão por desastroso erro cometido na criação

terceiro dia
excogitou o baú das almas que amamentou no berço dos
tempos

quarto dia
mesmo vendo que não havia cópia fez uma depressão

quinto dia
chorou e lamentou a criatura viciada horas a fio

sexto dia
repousou

e aqui estou perdido sem confrade que parecido seja
eu
o eterno incompreendido –

que comovente

são quase cinco da manhã
que deus me perdoe o inconveniente

incómodo de fim de semana à francesa

que importa se a vida é breve
a noite é durável aguardo pela opacidade o vento
desliza na folhagem das árvores a lua cresce na
abóboda ofuscando as estrelas
calçadas na estrada das almas

santiago

deixem-nas passar não as perturbem

não afrontem quem escolhe a via dos roseirais e das
andorinhas primaveris negras negras
anunciadoras de dor e vida
o negro é pesar alegria e amor amor

deus conturba-me a alma confunde-me
desperto com o espírito obstruído pela obsessão

deus alma alma deus

vai persistir todo o santo dia um impulso irresistível à
oração silente como a profundidade do universo e a
fundura do espírito
palavra inacessível ao avaro e ao ganancioso

a razão é um rio que corre para nascente um carrossel
tresloucado de uma só rédea orbicular
a minha vida veloz em movimento de extinção

que a razão morra nos braços da intuição da
sensibilidade da paixão sem oposto que a leve o
diabo

a noite é estável demandando minha alma cerrando os
olhos

já só consigo contemplar as ondas do mar afinal sou o
mareante de outrora navegante das brisas insondáveis
piloto de vento da quietação

criança marítima para sempre

guardo pelo meu veleiro assim lavrarei nos mares o
silêncio das águas e ao timão fundearei no que é dentro
de mim angra dos adoradores

hei-de beijar o alento que meu ventre acolhe

o meu barco é a extensão da minha alma

sou o meu barco o meu barco sou eu âmago da
unidade

e o espírito de deus a pairar sobre as águas

cintila a forma das raças mudas

lua cheia que brilha na avenida inteira
que alumia lagos patos e uma triste rameira

o murmúrio cruel da minha natureza
ergo o elmo

o veneno bebido na beleza de uma taça de cristal
sala do império oval

derramo água viva um estampido alarido na ruela

em montes de pó as medusas
negam-nos o tempo e o espaço

tiros lá fora

se quiserem falar de amor
aos lagos calmos descerá a sombra da vida
numa única bala ao fim de tarde

breve vida
em olhos pretos rasgados
amendoados
de verdade
mortos
de saudade

uma quebreira mortal o braço continua a doer
escusando-se ao exercício

presságio do final da náutica

aviso ao movimento sexual?

apenas uma hora de sono o que é bastante
tudo ou nada

tempo da noite mas foram tantos os anos passados que
pouco rememoro
relembrar é morrer a flutuar no passado

os meus vícios aí sempre presentes ou não seriam vícios
não encovei os meus mais terríveis defeitos
anelos
cios

desperdícios? não só se malbarata o que se deseja e
a asquerosa ética recusa
desconsentimento do que aguarda exéquias temporãs

por vezes humano outras animal sem tino sem
destino e sem razão o prazer da nova carne rósea
dura de erecção

tardio o regresso a casa noites de espasmos e vinho
mulheres piáculos de quem afronta filosofias e
teologias

quero vinho quero pão um corpo por refeição

deus com as suas barbas

anjos imberbes rolam dados nas nuvens escuras cerradas
à comum visão dos mortais

viciadas criaturas de asas
brancas

justiça divina misericórdia

o passeio marítimo derriba o petiz ondulante nas águas

madalena e seus três filhos fome

a mulher morta no ataúde lado a lado com os carris
luzidios

mãe em pranto o pai dependurado numa azinheira
milénar
assassino e drogado

deus afaga pacientemente a barba
o pensador

coro das velhas assinala o aniversário do aleijadinho
cotos que coçam úlceras
rabugenta a mestra centenária

uma alimária decreta para analfabetos
inocentes

meu deus
confio na tua misericórdia para com os imprudentes

dias de ignorância

a insipiência é mensurável pelo pesadume
da experiência

traquejo do sofrimento
negação de calendário com perfis nus

lá fora o sol incinera a sarça
cá dentro a alma em queimação

quem sou eu?

haverá um falso eu
haverá um eu verdadeiro

pássaro ferido arrojado aos pés de camélias brancas
espírito alado varado pela dúvida
ânimo acorrentado prisioneiro do destino
beatitude da mais pujante soledade
levante de noite escura

quem sou eu?

o mês das giestas já poisou nas mãos mortas da
indigência quotidiana
as urgueiras brotam desejos
os pinheirais estão mudos
os relvões do cume fanados

corpo consciência intelecto
quando vigio quando no sono sonho

e quando durmo profundamente na morte do
entendimento

o que é que tem subsistência?

sou este corpo mundo de órgãos e morada de bilhões
de seres que o habitam servem matam e são mortos

sou o que como o que desenfezo o que defeco

o sémen que derramo nas horas de luxúria

suor de tardes violentas

calafrio de intempéries ancestrais

sincelo que na carne se entranha e os ossos rói

corpo que dói

quem sou eu?

a percepção da realidade e do sonho a brotarem dum
corpo que se abastarda dia-a-dia

o percebimento da orbe pelos sentidos

sonhei ser borboleta ou sou agora uma mariposa que
sonha ser um homem?

quem sou eu?

o ego os pensamentos aí engendrados no sonho do
sono e na insonolência

esse misérrimo eu criador de todas as iniquidades

serei corpo consciência intelecto

dormirei profundamente e saberei que não

desde petiz
que a amava
ele de calções
meio esfarrapados
ela com vestido
feito de chita

lado a lado
no frio granito
da escola primária
enquanto ele
com a manga
se assoava
já lhe dizia
que a adorava
e ela sorria
dentes brancos
olhos puros
divina criança

distraído das letras
olhos postados
no azul das janelas
sonhava com casório
como vira no verão
à porta da igreja
tanta era a gente
tanto convidado
afinal a noiva era
a filha do capitão

casamento de rico
não é como o de pobre
não tem salão nobre
tem pátio de moradia

não tem casa de banho
pobre tem penico
não tem três pratos
todos de carne nova
pobre tem feijão e couves
com toucinho
e um pedaço de presunto
mal defumado

eu olhava-os
da minha carteira
corroída
pelo bicho da madeira
tão enamorados
no recreio
os caracolitos dela
aos saltos
os calções dele rasgados
os segredos escritos
em pedaços de jornal
o anel de lata prateada
dado como prova
que mesmo na pobreza
sempre há algo
que não falta
seja paixão seja beleza

vi-os crescer
sempre com aquele olhar
tão meigo
tão discreto
tão amante
tão amado

e vi-os de braço dado
à porta da venda
o rapazola e a garota
ele empertigado
ela encantada
namorado e namorada
à vista do povo

que cismava naquele fado

crescemos
víamo-nos nas longas
férias do verão
eu estudava em lisboa
ele trabalhava à jorna
como tantos
ela cosia para fora
vestidos
bainhas e arranjos
mas quem os via
sabia
que amor tamanho
não havia
nas verdes encostas
da rude serrania

chegou o dia
manuel foi alistado
era forte e corajoso
fez a recruta
e depois
sem pena sem dó
do que era o amparo
de sua mãe velhinha
a notícia veio
guia de marcha
para os rangers
em lamego
daí para a guiné
enquanto nossa maria
chorava sofrida
quer de noite
quer de dia
pedindo à virgem
mão contra mão
apertada
a clemência
que lhe não tirasse
a luz de sua existência

o brilho dos seus dias

coisas do demo
na picada sangrenta
maldita a granada
que o matou
quando sobre ela
o herói se arrojou
para salvar a vida
dum camarada

veio para a terra
num saco
num caixão de aço
cruz de guerra
no regaço
eu não estava
maria não o viu
descer à cova
havia sido internada
com mal de amar
com dor tamanha
pesar de amor

soube em angola
e chorei
lágrimas salgadas
pelo amigo
que jamais iria ter
e que já de garoto
era senhor e rei
do verbo bem-querer

passaram-se meses
chegado do ultramar
procurei maria
não sei bem porquê
para a consolar
para a abraçar
para com ela chorar
talvez

para que me desse
um pouco do sofrer
que o amante tem
e que padece
quando perde
seu maior bem

fui à taberna fardado
perguntei por ela
antes de ser saudado
por ter regressado
são e salvo
baixaram-se cabeças
o taberneiro
mordeu os lábios
os homens
que jogavam cartas
ficaram calados

o coração de maria
não havia suportado
tão pesada mágoa
havia-se enforcado
numa velha oliveira
do povoado
era a sua prova
de amor eterno

oh amantes de teruel
pobres coitados
no cemitério olvidados
visitei-os e vi sem ver
os dois de braço dado
em campas lado a lado
fiz-lhes continência
por alguns minutos
como se deve
a um grande herói
e a uma santa mulher

hoje

tenho saudades
do tempo
em que manuel
e maria
enfeitados
se beijavam nos fundos
da escola
beijos que ninguém via
mas que cada um sentia
como calafrio
que a espinha percorria

e sinto
raiva
inveja
pena
alma que dói
por nunca ter tido
amor como o seu
e de não ter sido
herói como ele
e de não ter conhecido
mulher santa
como a dele

que deus me perdoe
agora e quando
nos seus sepulcros
lado a lado plantados
de braço dado
rezo ajoelhado
ave-marias
por suas almas
e meus pecados

a pobrezinha
descalça
na estrada geada
mendigava
um quarto de trigo
uma sopa
um naco de pão
coisa qualquer
pouco mais que nada
o que deus quisesse
naqueles tempos
de negra fome

o desembargador
homem rico da freguesia
olhou-a com ar irado
mandou-a trabalhar
a pobre
sem forças
sem amparo
sem marido a seu lado
apenas um filhinho
sabe deus de quem
que faminto chorava

e continuou estrada fora
com frio e fome
a carregar nos braços
o pecado que em vida
nunca lhe foi perdoado

neste dia de todos os santos
vejo o teu rico jazigo
homem de leis abastado
impiedoso e celerado
e sei que por teu acto
naquele inverno
ardes hoje no inferno
em pecado
de que nunca
serás inocentado

enquanto a pobre no paraíso
santa alma de amor
reza por ti juiz iníquo
o perdão a nosso senhor

diz-se que amou e foi amado por corpos e almas todas
sedentas de amor transcendente amor de carne
divinizada
incapaz de enumerar todos as suas benquerenças no
diário vermelho vivo da noite flamante páginas de
sensualidade santificada
deixou-se constranger pelas paixões que a cada outono
eram visitadas pela morte
capitulando uma a uma como folhas ressequidas

hoje são muito poucas amanhã nenhuma irão restar
nem as rememorações arrastadas para o promontório da
viagem sem retornança

já não ouve o sussurro dos corpos na cidade
isolou-se sofrido em abismos vivos

a neve derrete as nuvens são vastas no quarto azul
não suam os espíritos

tem uma tormenta de areia cortante no coração de
filigrana
e na despovoada noite escura
extasia-se no rio que ala as orlas da alma

lua nova de camisa banhada a lágrimas

o dia está pintado de castanho as estrelas caíram
desamparadas no lago onde ardem os lenços erguidos da
mocidade tão inglória quanto inútil
delícias da carne a roçar os penhascos intransponíveis
a cada noite capitula a tua virgindade como ramo rubro de
papoilas silvestres o prepúcio rende-te homenagem na
leveza do voo onde abundam as vozes da infância as
casas são recentes e tingem a paisagem civilizada de
infecções oftálmicas é este o soberbo mundo das
inestéticas mãos frias cinzeladas com ressentimentos
aguçados o céu negro tomba retumbante nas águas
apodrecidas das comportas charco do coração com o
pecado ao lado junto ao fundo acre que sorri à criação
desastrada
que cada um siga seu caminho
estrada da vida rumada no meio do mar

não sei onde estás que importa se o mundo roda e o
amanhã não é o mesmo carrossel do infortúnio
a lua sempre nova ascende à montanha fincando as
gavinhas nos penedos da encosta espreita-nos

calor de beijos ao anoitecer
mais quente que sol de meio-dia

os teus cabelos envolvem a minha mão esquerda
poiso suave a direita no teu espírito
a minha carne estremece
uma lágrima escorre no coração visão de chamas sem
fumo
êxtase de uma noite sem dormir

amanhece sinto-me indiferente
ajeito o braço dormente na cama vazia
não te vejo que importa se já não existes se cada um
nasce para o seu próprio sol

tudo isto é sonho
e o sonho doença

o leão que ruga dentro de mim
floresta incandescente labaredas que transbordam

em toda a parte espectros vivos da perdição afugentam os
pombos da praça esculpida na imundície

sinto a brevidade da existência na nuvem que por
momentos ensombra a estátua de bronze

o trem parte tenho de partir para onde me chamam os
ventos da impaciência

os vidros foram lavados embaciada a paisagem
opto por olhar para dentro perco-me
não vejo luz escuridade

amanhã ou depois talvez seja diferente
conformo-me
afinal tu és um deus ausente

escrevo-te esta mensagem de papel de seda

não recordo o ano em que parti

as primeiras chuvas ainda não fizeram a sua aparição

corpos lavados para sempre conspurcados
os nossos esses hão-de brilhar nas noites longas de
jade puros castos

nada omitiremos de nossos amores
nunca faltaremos à verdade

sabemos tudo um do outro
amantes amados e amadas a quem nos entregámos e a
quem nos iremos dar

não há outra forma de amar

olho em redor –
as montanhas as nuvens o céu azul
tudo religiosamente novo

o velho tanque do juiz
no topo do quintal –
apenas um rabo nu flutua

o portão sem fechadura
quem quiser entrar entre –
quinta que se sente só

nova partida –
meu nome é
indecisão

no outono ao tombar das frias folhas
as crianças correm felizes no pátio da escola
enquanto a cada dia um velho morre

por detrás da casa brilha a lua
ah o luar eterno elixir dos amantes

noite densa e adocicada por sombras vivas

o tempo está quente

junto ao cipreste de antigamente
desnudos
lianas invisíveis aos olhos do mundo
aprendemos o tempo da paixão

sei que me aguardas
separa-nos um biombo de tempo
as figuras pintadas movem-se
tectos que suam sangue
paredes com sémen coalhado
o leito inquieto
abre-se às tuas formas
estou longe e só
quando voltarei a sentir o despertar do teu hálito?

a tarde chega carregada de ilusões
no declinar do sol a tristeza do dia que finda
peito ferido de corvo branco em corcel de marfim
as muralhas da cidade com o lenço bordado de camélias
acende-se ao tanque das trutas moribundas

soldados mortos nascidos no sorriso das praias de
nordeste

tranças verdes na floresta ocultam o carro da vitória
dedos ventosos erguem-se das tendas
um odre de vinho derrama-se no limite da miséria

mães que os filhos criaram para morte inglória

seus seios no meu peito
silêncio de noite em mundo flutuante

jardins choram nas fontes dispersas
voltar porto seguro teus braços

perco-me nos bosques onde deambulam palmeiras acesas

a manhã está rosada paz de mensageiro abençoado
as árvores cantam
os lírios enredam-se nas liras em estranha vibração

haverá alguma onipotência na verdade ou tudo o que
fomos somos e seremos se parece com a rosa que
esmorece?

matámos o amor na sua louca juventude

as velas tremulam no quarto silencioso
chamas que abrasam o mundo

o pequeno transforma-se no grande
limite natural ao pudor do desejo

uma alma que se abre no denso bosque
tesoiros não trazem paz

guarda esse beijo essas carícias
hoje tenho-me a mim
príncipe sereno do deleite
tempo medido pela ampulheta vaga
na sobriedade de meu pobre quarto

feres-me a alma
senhor
mas não te mostras

tanto te acusámos
de ser um deus
eternamente escondido
que te escondeste para sempre

o tempo mágico dos corpos floridos
a partida que se deseja na irresolução

minha velhinha mãe
sozinha

tarda o encontro

onde estará o que em mim vive

terei de deixar tudo
espalhado no caminho

irei por dias
tu estás para além dos teus templos

também estás no coração
de minha amorosa mãe

desço ao meu inferno
baía da meia-lua onde as folhas das faias murmuram
estrelas nas entranhas rasgadas pela espada do amante
visionário

o mensageiro que os deuses enviaram na beleza da
mulher palavra mágica em canção incompleta

quem não sabe amar não merece viver

a trova de um grilo na doçura de outrora
uma víbora assobia no monte farvão
no mosteiro amontoam-se mágoas sempre que uma
folha cai do plátano no pátio enegrecido deus chora

mãos invisíveis tocam os meus cabelos
e eu adormeço
sem pensar se vale a pena ou não acordar mais logo

quando envelheceres quem te irá amar?
regressarás a casa sozinha com as tuas rugas por
companhia
vacilarás no carreiro juncado de salgueiros curvados à tua
passagem tu o ribeiro que secou
será verão e o teu corpo estará frio como neve no cume
silencioso o quarto com o papel de parede amarelecido
inerte estupidamente absorto no corpo disforme
outrora coroa de gemidos

a boneca de porcelana herança de teus pais sorri
juventude
só tu envelheces no espelho embaçado de anos

na sala decorada a dragões
o corpo nu à luz das velas

ao longe as montanhas para onde voam as andorinhas na
primavera

o sino do templo toca

o rio corre lentamente espelho que reflecte a velhice

deuses repousam nas almofadas que bordaste nas noites
de insónia

leio um dos teus poemas
triste é o amor que dele exala a visita da morte nas
folhas da acácia e a chuva que faz brilhar as pérolas da
vida que se extingue animam-no

o encontro é receoso

beijo-te

campos secos que brilham ao sol poente
azinheiras a amarelar de secura –
não findará este verão infernal?

a casa da quinta cercada de pinheiros mansos
nos campos por lavrar alguns bois bravos –
os contrários conjugam-se harmoniosamente

à beira da via férrea
são muitos os canaviais
no trem animais pouco mais

hoje sinto alma em corpo limpo –
saiu da minha vida a imagem
de asco da última das prostitutas

aqui ali sem saber onde
sem lugar onde reclinar a cabeça –
meu nome fumo branco

rosas do encanto sono primaveril em planície de flores
onde entoa a voz dos rochedos encruzilhada de virgens

uma jovem que se transforma em deusa
um tigre atravessado por flecha envenenada
vencida é a lonjura

resplendor sagrado da harmonia angelical
no murmúrio dos meus dedos

os despojos do meu ser pródigo e fulgurante
não tenho coragem de olhar para trás

a jornada do dia condensa-se nas maçãs do teu rosto
nos teus olhos o amor círculos de peste e fogo

o passado anda pela sala sem afeição
o presente cerca-me a morada

o futuro é um lugar sombrio

um abraço um beijo
uma ave de asas imensas

pesa-me o coração ao tocar do sino
agravo da quietude

acendem-se lâmpadas nas folhas de trevo cavaleiros
preparam as montadas a guerra
retinir crescente do orvalho escutado à janela pelos rostos
de crianças melancólicas

anseia-se sempre por outro amor
incomparável e único
sol a beijar manhã plana

logo que o mundo finde
guiados pelas estrelas nos promontórios dos mistérios
aprenderemos a amar

musa loira dos meus sonhos de verão
que poderei fazer por ti nessa tua angústia

loiros cabelos sorridentes
claros como a alvorada riso cristalino recatado
ninfa solitária em corpo perfeito vénus com mestria
esculpida em leito de âmbar

que poderei fazer por ti?
tão nova gentil amaviosa
fruto esplêndido da criação

talvez nada

talvez amar-te nesta distância
em que amado e amada
deploram a ausência
e se conformam em terrível fado

perto te sinto se te afastas
nuvem que peregrina em melífluos aguaceiros

barro e cinza barco vaiado pelas vagas de espuma
cidade desaparecida no lodo com todas as suas flores e
pomares
frondosas árvores cessam o pranto dos caleiros do céu

tempo da rosa sorriso de noite morta

chegaste para logo partir brisa do levante
sol do meio-dia onde os nevões vão perecer

já sabido os mistérios serão sempre mistérios o que faz
deles não-mistérios
prolongar os dias no carreiro da processionária
descobrimo o que não existe vida de saltos mortais
piruetas trejeitos e gente obsoleta a vaguear nos

corredores das cidades nos trens nas aldeolas na
promiscuidade dos pavilhões exsudados a
clandestinidade da traição a fome a ganância e a ira
dos povos
morreremos tão asnos quanto nascemos
as árvores nem sempre são verdes e os rios não correm
sempre na direcção do mar
pouco mais pouco mais

a minha alma faz o caminho pedregoso para o mosteiro
por quantos dias?
junto ao mar num portão púrpura do cais está atracado o
veleiro nórdico de escotilhas luzentes
jardins da terra e jardins do oceano a mesma solidão
pacificadora a mesma brisa sussurrante
cálida é a bênção dos deuses derramada sobre os que
enveredam pela contemplação do infinito
percorrendo com imaginação delirante os confins do que
não tem existência

interpretar os sinais dados em pesadelos nublosos
tantas as vezes que o disse tantas foram as que o
sonhei
a noite é minha como é o rumor da brisa nas árvores
gigantescas que circundam o terraço

adio constantemente a partida
uma hora de sono apenas uma

guardo o meu veleiro
levá-lo-ei nas noites estreladas pelos mares prateados
dormindo ao leme por instantes
e para sempre no derradeiro momento

ele ouviu a minha prece
mas não compreendo a sua palavra
que venha
dando-me a angústia ancestral
ou um doce estar em absoluto remanso

ouvir uma cantata enquanto a manhã não germina
que venha
seu esplendor
meu cansaço

a porta aberta aos séculos de pássaros sombrios
a palavra que nasce da flor do espaço
gente em peregrinação quando deus o quer
não há sinais de sua chegada

abraça-me senhor
teu sagrado ventre no meu
invade-me com teu sangue

brame mar nas correntes
mãos de fogo nas pétalas que sucumbem
na boca de teus dentes

rio dos afectos
margens que se não adivinham
pupila inquieta em plumagem de verão

sinistra cascata onde o tédio se desmorona

janelo do madeiro corroído

falam de mim oiço-os línguas afiadas no redemoinho
eterno dos gorjeios obsoletos
a tua imagem muda consola-me rodeado de árvores
enlouquecidas flores negras que acenam às pérfidas
palavras doida correria da caixa nocturna a esculpir
mágoas sobre o homem que esmorece no roseiral o
corpo das defuntas revolta-se em tempo de trevas pintado
com cores avermelhadas o espírito menstruado no
templo da obscenidade uma bruxa vomita cartas no
zodíaco plácido que se rasga nas ondas do rio tarde
atenta ao cavalo alucinado das ramarias enredadas em
copiosos pingos de gelo misterioso florescimento de
cómodo cio pensamento imenso de brancas coxas ante
abismo de vento em fúria
jaz o mel da alma na hóstia de olhos azuis
criatura fluida gerada no interior da corola dor em flor
de longos cílios
anoitece e as bailarinas gritam impropérios para além do
sonho de mansas curvas
minha glória meu prazer
eterna fama de ave migratória

o vale consumiu a sua beleza

incendiados os verdes pinhais

os raquíticos castinçais
brejos por lavrar

até os amores da infância ardem nos círios oblíquos da
ermida
morreram os poetas sonhadores

olhos que não se deleitam nos verdes luzídios
visão contaminada pela inveja e hipocrisia das gerações
doiradas

saúdo os anciãos no peito da saudade
inclino-me perante as campas abandonadas
covais antigos
a minha oração é desesperança
meu coração tições afogueados

a honra perdida
nunca mais será vista
nem alcançada

adeus aldeia
adeus

teu corpo fresco
eco de promessa
primaveril

prazer
a deuses
entregue

seios
a desvendar mistérios
na boca sedenta

quarto remoto
alma lírica
do vento e do trovão

tu a rainha luminosa
túnica colada ao corpo
perfeito rosto de rosa

ameixas caem ao solo
tua beleza não
pele diáfana da natureza

toco-te levemente
um gemido ergue-se na noite
delícia que não é de gente

amor que por minhas mãos
por horas deus te deu
e tão bem soubeste divinizar

só o divino vive eternamente

demorados
são teus cabelos
doirados

à cintura
aconchegados

em meus afagos

voz mansa
jovem e clara
diz que me ama

uma e outra vez
nas duráveis noites
de amor

meu membro
penetra-te
confins do gozo

corpos em enlevo
entrelaçados
que vertem suor

sibilos
carne em regozijo
prazer de puro amor

amantes
pelo espírito
abençoados

tu és a única
a estrela de pétalas
que minha pele atravessa

banhas-te no meu sémen
seios dilatados no lótus
coxas a apertar o coito

juntos na noite

aguardamos a alvorada
de mão dada

sexo com sexo
confinado
ao amor carnal

rugido
de leão
no coval

a boca na boca
a arder salivada
sem que nada

nos possa deter
tão forte é
a força da remada

aleitaremos ambos
um novíssimo amanhecer
luz a fazer doer

crisálida de renovados tempos

vejo-te juvenil
bela e atraente
amada que tanto amo

sonho
com o teu perfume
aroma perturbante

com teu sexo
húmido e amplo

botão a florescer

em minha mão
em meu ceptro
tu a mais esbelta

nua das mulheres
que a velhice
me permitiu ter

quando eu morrer
não chorem esse é o meu desejo

não quero sinos a tocar disparates
não quero velórios de bonifrates

cantem façam amor embriaguem-se bailem
tragam do ancoradouro o meu veleiro
lancem as minhas cinzas ao tejo
 meia-noite na baixa-mar

rio dos meus amores dos meus pecados
rio das perdições dos corações despedaçados
rio em que nas noites prateadas de luar
 como ninguém amei
 e foram tantas as que beijei
 sexo penetrado
 à vista do mar

ao abismo o que é do oceano
terra é para homem pequeno
mar para quem temerário
o soube defrontar e amar

as mil mulheres que tive os quartilhos de vinho que
bebi as mil e uma noites que vivi rindo e sorrindo à
madrugada

viço e lascívia estúrdias e luxúria

casas que frequentei boa e má fama perdulário na
penúria avaro na abastança
leitos de solteiras divorciadas casadas alternadeiras e
rameiras

famas e camas nunca me faltaram

façam peregrinações a casas de orgia
levem rufias carteiristas proxenetas
pelotiqueiros calaceiros aldrabões
femeeiros arruaceiros
gastem a soldada vencimento a pitança
não ouçam as vozes adormentadas do povo
encham as mesas de mulheres e vinho novo
soltem risadas à minha lembrança
que o tempo passa e só vos levo a dianteira

lembrem que a cada hora morta
pensei mistérios desvendados e por desvendar
chegando até onde o entendimento humano pode chegar
pensando tudo o que há para pensar

não quero mágoas pesadelos saudades
tive tudo o que tinha de ter
fiz tudo o que tinha para fazer

e

nos rochedos do cabo escrevam a vento e sombras

aqui jaz o que não lamuriamos
com setenta vezes sete vidas vividas
de alegrias felicidade êxtases e dores
nos poucos anos que deus lhe deu

e acanhadas férias que a morte lhe concedeu
navegante de corpos almas e mares
amante de vinho mulheres e tempestades

meu corpo
no teu
teu cheiro
no meu

espasmos
consecutivos
na carne
que renasce

beleza do mundo
nesta tarde
reencarnada

nua na areia
praia deserta
da nossa paixão

a espuma
envolve teus seios
redondos hirtos

uma gaivota
espreita
o movimento

gritos
de êxtase
agitam o mar

pernas
nas minhas
entrelaçadas

de braço
na cintura
pergunto-te

com o olhar –
estamos nus
vamos amar?

doçura
de teus lábios
no meu sexo

dedos
na escuridão
do teu fruto

um ai
que se solta
no silêncio

como vieste
te foste –
tudo findou

uma pele
de carnívoro
no chão
brilhante
um dente
de leopardo
na estante
e tu
bacante
olhas-te
num sorriso
de velho
espelho
enquanto aguardas
ansiosa
o costumeiro
amante

manhã jorrada pelas persianas de penas azuis
recompensas de outro mundo nas estrelas luzeiros
ainda acesos
o viajante troteia ao vento de oeste corcéis doirados
com os passos guiados pelo deleite são tão estranhas
as vias do amor da inveja
hoje leve e puro

amanhã pesado no rosto ensanguentado
um duelo no bosque verde gramíneas mudas em peleja
espada guarnecida a lírios crava-se no peito de pura
verdade

abram-se fêmeas
aos machos porosos
que vamos de cavalgada

enquanto no mundo se dorme
ame-se na montanha de jade
que vamos de cavalgada

doce o pensamento que se materializa
eternidade consorciada à fecundação
desígnio encapotado de mão velosa
a frequentar teu corpo de azevinho
invadido pela melancolia e saudade
que vamos de cavalgada

cavalgo-te prospera em mim o mais límpido instinto
que venha o vinho assim te amo assim te monto
inebriado o suor escorre o membro cresce teu
pomo floresce que o vinho venha vulva alagada
movo-me violento buscando o fundo ao gozo quero
ter-te ouvir-te dizer que tanto é o prazer que faz doer
doer que não é dor doer de amor
doce cavalgada

no sofá verde
da parede amarela

brincais ao amor
pela primeira vez

jovens e belas
experimentais
o toque subtil

donzelas em erecção
uma mão na rosa
outra no botão

franzina nudez
de costas voltadas

pela parede
nua amparada
reluz na alvorada

do sexo
hoje negado

dia de eleições até os miseráveis sorriem não sabendo
porque o fazem sem consciência do que lhe irão fazer
povo dono do sofrimento jugo que carrega tal junta de
bois irmanada
rebelde na fala cobarde na gesto são milhares nos
covis escondidos os que mastigam suas mágoas e
expelem queixas nas águas dos bebedouros profanados
que lhes interessa se ao contíguo dói corpo ou alma?
chove aguaceiro infiel amargurado sozinho como cisne
que escolhe morro para o derradeiro canto paz às suas
penas

povo enlouquecido pelo consumo exigência de cosmética
social como pardal-ladro em beirado de luz negra coça-
se com o bico corroído nas partes definhadas e
engelhadas
gente que grita no delírio da ficção vinte foram os anos
de oiro falso que será deles agora amedrontados e
abúlicos psicopatas? fantasia das arcas volantes e das
profecias de videntes estremunhados pelo ópio da
insipiência obtusos marujos de água adocicada pelas
doações universais broncos toscos básicos
varredores da parada
a escuta dos genitais gerais sem armas os ais
respirados com sofreguidão invenção projectada nas
páginas de uma história impressa a ranço
inculto e patético crédulo e ridículo
apático acrítico besta de carga
escravo servil
que sofre
gazela despedaçada por leões
ovelha cercada por lobos
boi atacado por chacais
triste povo que padece no coração da infâmia injustiça
sem revolta
já não há homens como os de outrora

aproximas-te
envolves-me as faces
com o veludo dos dedos

sentas-te em mim
e por horas
breves e lânguidos
movimentos
exterminamos
todos os pensamentos

nesse vaivém conubial
amamos
atá que a alba
solene
nos venha arrebatat
tão extenso amar

as duas reclinadas
duas línguas fermentadas
dois lábios orvalhados
dentes alvos
que mordem o desejo

dedos que roçam
os grandes lábios
a protrusão erétil
num movimento surdo
perfeito extasiante

eis o que me aguarda
dois corpos em chamas
uma única alma
cálida e vibrante

a cama branca
por testemunha
do que vejo
sinto
e aproveito

meu deus
que tenho eu
para te ofertar?

noites de volúpia
sexo sem findar
vinho cor de rubi
na mesa a abarrotar
ou esta dor
que me consome
angústia existencial
a germinar

pesar de quem te ama
e na transgressão se suja
que não sabe o que ama
nem porque ama
e talvez nem saiba
o que é amar
nem porque é sujado
na violação da norma
que da cruz nos deixaste

dou-te apenas o que te posso dar
este padecimento angústia dor
que tu em mim geraste

cores que tiritam na vegetação seios paramentados
uma exigência de falso pastor
há um mar de chuva ácida no centro do céu das
promessas

escrevo um conjunto de orações brandas

salmos de outras bandas que não as tuas

senhoras em casa putas na rua
nem todas possuem este carisma em tempo de trevas
célere o apreendem apressadamente o praticam
escravatura de sexo fácil impaciência de fêmea
desamparada

o relógio bate e tu já não és contável no meu futuro
entre o nascer e o morrer foste um acidente corpo
negro fraude de meu olhar sereno omissão
a prova firmada de que nem só as gatas selvagens
habitam promíscuos telhados de vidro esquartejados e de
que o sémen derramado nem sempre é condignamente
aproveitado

a aparência de harmonia angelical em vagina pútrida
a cegar tanta gente estúpida a mim não sempre
soube

que santa só a madrugada

POEMA DA CRIAÇÃO DO MUNDO

OU POEMA DE DEUS OU DO DIABO

escrevo este esboço doente não o escreveria se não
estivesse assaz enfermo se não cuidasse no mal que fiz
e que hei-de causar actos de amor de ódio de
deus ou satanás

- se deus o quiser por assim o ter destinado quer eu
queira ou não o que está escrito não pode ser apagado
-

se o meu peito sanguinolento não sofresse como sofre
e se a morte não fosse aquele grande mistério que tanto
nos apetece e que não se conhece com preces nem é
compreendido por filosofias ou teologias em noites de
amarga especulação misérrimo pensamento

vive-se como se pode por não haver melhor
come-se bebe-se faz-se sexo dorme-se
e o pior

é que se vegeta sem nexo
da nascença à cova funerária
e dos que partiram deste mundo
nenhum torna
ninguém dá nova
de corpo ou espectros
ressuscitados reencarnados
almas de deus
ou de trinta-diabos

onde estás tu senhor?

quem sou eu?

ao acaso vou abrindo o desgastado saltério herança de
meu pai

- ouvi ó deus a minha voz na aflição

eu sou a palha que do terreiro o vento de sueste leva
árvore de folhas ressequidas que em tumulto escondido
se inflama
o que aborrece o caminho da mentira

- tende compaixão de mim senhor porque estou doente

sobre mim cai uma chuva de fogo vivo e enxofre
coração em lágrimas no covil dos leões
corpo que em fornalha ardente novamente sofre
mente angustiada mortalha de lamentações

- meu deus meu deus porque me abandonaste?

perfuma-me a cabeça com óleo de nardo
se és bom e recto a mim que te prezo
mostra-me o caminho nesta noite escura
alivia-me a mim que sou fraco deste fardo
eu penso no pobre no que sofre no desvalido
sou como o veado que gemente suspira
gazela em busca de verdes prados e água pura

do novo testamento que se diz de teu filho

- se alguém quiser vir após mim negue-se a si mesmo
tome a sua cruz dia após dia
e siga-me

sem condições te seguiria
por vereda de abrolhos
cardos e despenhadeiros

fundearia na tua palavra
e se teu caminho visse
e a tua lei entendesse
nela meditaria noite e dia

imita-me dirias
e eu o faria

seria como és
madeiro nos braços
cravos nas mãos

e nos pés

coroa de espinhos
na fronte
chagas de verdasca
a bem aceites
sangue da alegria
beberia de tua fonte
tua missão imitaria

se o mundo salvasse de tanta miséria doença fome morte
terríveis males por teu pai criados poderes que te
foram dados
mas a mim não

se expurgasse do universo cataclismos terremotos guerras
malefícios corrupção furor ganância ódio e vingança
males que teu pai previu
mas eu não

se iníquos e ímpios poderosos e governantes deste mundo
sanguinários traidores de seus povos famintos
que nada e ninguém temem
pudesse julgar esmagando seus braços
exterminando-os e às torrentes malignas de seu sémen
no pecado imerso
que tu em nome de teu pai podes
e eu não

seguir-te-ia
mas às tuas igrejas não

no princípio o teu santo espírito movia-se à superfície das
águas
a terra era informe

olhaste o abismo e aí projectaste o mundo no caderno do
destino

onde tudo está escrito com infinita ciência dizes tu

cansado de tanta solidão munido de sólida intenção
- a eternidade também cansa e o vazio entedia –
no primeiro dia fizeste resplender a luz separando-a das
trevas

no segundo fizeste os céus separando-os das águas
mas deste-lhes a mesma cor quererias neles espelhar o
amor

no terceiro enxugaste a terra
o mar uniu-se aos céus no horizonte
e ordenaste à terra que produzisse erva
arbustos e árvores de fruto

no quarto criaste os luzeiros do céu
no quinto povoaste a terra de todo o tipo de animais
domésticos répteis ferozes
e sob o firmamento as aves
nalguns brejos
alguns animalejos alados

não satisfeito
fizeste-nos à tua imagem e semelhança
a nós falsos dominadores da natureza
pasto de melgas e mosquitos

 e ponderaste a tua obra muito boa

como pudeste tu o onnipotente o onnisciente
não prever o evidente
não fazer o excelente
se a erva sofre quando calcada
e a árvore quando derrubada

como pudeste na tua onnisciência criar
bicho-come-erva bicho-come-bicho bicho-come-
gente gente-come-erva gente-come-bicho gente-
come-gente

violência e dor

não violaste os princípios de tua onipotência?

parece-te isto bem senhor
cadeia interminável de sofrimento
outrora agora e para sempre
a isto chamas amor?

bela é a ave e ave-come-ave ave-come-bicho bicho-
come-ave ave-come-gente e gente-come-ave
é esta a tua natureza
aniquilação dolorosa da beleza?

razão a de quem diz da vida
tudo é sofrimento
nascimento doença velhice morte
desgraçado o que nasce
o que teve tal sorte

o homem foi por ti moldado
em pó da terra

colocaste-o no jardim dos jardins
no meio das mais belos jasmins
ó éden de todas as delícias
visões perfumes júbilo carícias

mas estava só
e a solidão mata
basta de sevícias
disseste

enquanto dormia sorrateiro tiraste-lhe uma costela
e dela
fizeste a mulher
que por argúcia tal
de ofídia sua aliada
o fez comer da árvore do bem e do mal

- para que criaste tu o bem e o mal não sabias que eva
faria adão comer o fruto e que a serpente nada tem
com o assunto? –

amaldiçoaste injusto a serpente
aumentaste os padecimentos da mulher
e o homem nascido para o prazer
para a eternidade e lazer
teve de comer o pão que o diabo amassou
castigo do pecado gerado por quem o criou

eva penetrada por adão
deu à luz caim e abel
e como o que nasce torto
tarde ou nunca se endireita
abel apareceu morto
por obra de seu irmão

ainda assim os homens multiplicaram-se
penetração após penetração no seio da erva
gozo primordial de adão com eva

mas nos seus corações a malícia reinava

arrependeste-te então tristemente
contrário à tua sapiência
usada na criação com displicência
- eu deus onnipotente e onisciente arrependo-me de ter
criado o homem sobre a terra

choraste lágrimas de sangue amarguradamente na
terra corrompida e cheia de violência
e tracejaste com raiva o malfadado caderno do destino
que com negligência escrituraste

de toda a multidão apenas noé te era agradável

e pensando não sei se bem se mal
ordenaste-lhe a construção de uma arca espécie de
barca
nela noé embarcaria a mulher os filhos e dois seres vivos
de cada espécie existente na terra

por um dilúvio em sete dias
– mania a tua –
exterminaste toda a humanidade
e
aos pobres e impolutos animais
num acto de nova crueldade

não sabias qual a natureza do homem que criaste
não sabias que no seu sangue correria para todo o sempre
corrupção e violência
e que a humanidade é a mãe da demência?

que pecado cometeram os animais que ficaram
com que direito os submergiste
que tinhas em mente
tua vontade discrição e indiferente?

a ti meu deus assiste a razão quando disseste
- façam-se à minha imagem e semelhança
desgraça atrai desgraça castigo divino injustiça humana
erro desesperança

e tu sempre o soubeste
e a noé o disseste
quando assinaste a aliança
de nenhum outro dilúvio lançar
sobre a terra e sobre o mar
- de que te valeria também nada variaria –
desististe e bem senhor

aposentaste-te de criador

quanto a mim e no restante
sempre soubeste
quem iria eu ser
que iria eu fazer
que pecados cometer

dizes
dei-te o livre arbítrio

que bom que és senhor

determinas-me ao acto
definitivamente lavrado
no caderno do destino

e a criatura que agora vês
pecadora perdida sem tino
foste tu quem a modelou

e sem que mudança
houvesse na tua ciência
ou não seria onisciência

o que tão contrário
é à tua essência
como a presença do mal

e se por tal iníquo sou
por tua vontade
erro ou desacerto

eu pecador me confesso
eu pecador me perdoo

tantos são os males do mundo e não os reprimes
não podes senhor? se não podes não és tu o deus do
nosso coração se não queres és um ser indiferente

desapaixonado não és tu o deus de isaac jacob e
abraão
se não podes nem queres és impotente e indiferente
deus dos fracassados e dos dementes

podes senhor podes exterminar o mal? essa a tua
natureza e essência
mas não o fazes não cumpres teus preceitos não
alimentas os teus eleitos com paz e rectidão não és o
nosso pastor quem nos leva a descansar em verdes
campos a água pura irrigados

não te entendo senhor
mas um prometimento te faço desisto de te buscar fora
buscar-te-ei dentro
e se num qualquer dia
no recanto da minha alma te encontrar
perguntar-te-ei
porque nasce o mal do bem o imperfeito do perfeito
o injusto do justo o padecimento da paz

nesse dia
- talvez a final tudo pareça bem -
com o coração em chamas
o espírito em festa por te ter
sabendo que nos amas
de vez vencido o mal
louvar-te-ei

então
olharás do céu para o filho do homem e encontrarás um
sensato que te desejou sem desfalecer em momento
algum

per omnia saecula saeculorum

DA FOTO O BEIJO DE JUDAS

na praça apinhada de asnos
desse judas o olhar cerrado
os teus em súplica abertos
geme o coração destroçado

à infame e vil tortura
a que vais ser sujeito
tu nobre e fera criatura
com a mágoa no peito

boca com boca no falso amor
beijo no próprio beijo contrafeito
a olvidar o que em ti é pura dor
vil estirpe em que tudo é imperfeito

vos esconjuro miseráveis humanos
nesta noite de perpétua escuridão
raça que ao mundo só causa danos
a ignorar a essência da compaixão

muitos são aqueles animais ferozes ou brandos
mas dos mais atrozes são os judas e quejandos

se é hoje que partes
leva contigo a minha tristeza
e ao chegar não a guardes
deita-a ao mar nessa beleza

que não amalha mágoa ou saudade
porque a vida de quem ama é mudança
e viver de amor só se vive em liberdade
mesmo que nada reste da esperança

nunca os anos são perdidos
e os amores desperdiçados
no terno coração dos amantes

há sempre um pedaço
do amor passado
lembrado em vívidos instantes

senhora ofendi-vos sem nunca vos ter
em bom ou mau momento querido ofender
amei-vos como quem só tem uma amada
mãe que no coração abriga filha preferida

nunca quis para vós nada
que vos não desse prazer
insónia do desejo de vos ter
alma em pranto ansiada

a cada dia me lembro de vós
de vossos olhos cabelos dedos
gestos dóceis maviosa voz
coração alimentado a medos

e junto ao rasgado peito
com muito aperto vos guardo
e com desassossego espreito
o que fazeis e tendes feito

só deus sabe como me sinto imperfeito
sonhador que solitário morre à beira-mar

como um triste mendigo que por leito
tem rochas areia cardos banhados a luar

pedindo à morte por caridade um lugar
onde só eu eternamente vos possa amar

barreiras azuis debruadas a marfim avelhentado

beethoven apura a diminuta orquestra no canto do salão
purpureado

um pagode de madeira dourada aformoseia a porta das
traseiras um flautim ouve-se ao longe nas suas notas
agudas comprime-se o coração a felicidade do novo
veleiro oceânico na doca do bom sucesso a infelicidade
da partida angustiosas luzes no firmamento
pestanejam

quem estará a bordo ao findar da madrugada?

quem estiver não vai voltar
farol a abalroar a imensidade do abismo com os seus
dedos prateados
e para quê? há um tempo de partida e outro de chegada
e o reencontro é mais doloroso do que a separação
nos dias que velozes se ausentam

uma embarcação ligeira faz-se ao mar decerto
pescadores
ansiedade desta noite
sem princípio nem fim

com lentidão avolumam-se vorazes saudades
dor lágrimas
nenhuma oração te irá trazer

nem súplica nos fará reviver
os dias esmeralda do remanso
a lavrar incessante o amor

aguardarei pela madrugada cansaço deitado ao lado do
corpo em chagas no orvalho matinal ressoará a tua voz
ouvirei o ribombar dos motores irei sentir o sono dos
viajantes com as cabeças vazias tombadas nas asas
cinzentas as mantas as almofadas o enfado
a alma constrange-se o ventre dói a escuridão não
se dissolve
nada tem sentido para além da reclusão sentido que se
perde nos ponteiros do relógio anacrónico das gerações
tudo procria o véu amargo da ilusão

árvores que ardem na floresta jasmins que murcham
nos jardins gaivotas que planam em terra eiras de
raparigas desertas coração do temporal
sudoeste de tempestade espiritual melancolia nas
nuvens cortadas pelo aço da ausência

o que é que me irá trazer o dia de amanhã?
que importa se alegria se tristeza vida ou morte se depois
da borrasca a calmaria na demência da solidão vida nas
lajes polidas da eterna estação dos deuses embriagados

um movimento surdo arrasta-se penoso na mente que
interessa ou pode interessar o corpo quando o espírito se
queda doente?
o sono tarda movimento contrário aos ponteiros
corroídos pela maresia para além dos muros do terraço
o tejo sobrevoado invenções demoníacas da lonjura
máquinas infernais do apartamento

por ti já não clamo

para que inventaste tu o amor deus de moisés mirra e
aloés esbanjado na corrente da maré padecimento dos
que no ventre da sua mãe juraram não voltar a renascer

não voltarás

que importa se já vivemos um presente um instante
transmutado em eternidade

a manhã desperta no seio de uma fadiga abençoada
beija as águas amorosamente destino indelével de
tintureiros oceânicos
na barra um cargueiro
para onde irá
porque não me leva
a mim
triste marinheiro

levanta-se uma brisa de leste
o horizonte clareia o espaço
macio o sol nascente te veste
de espuma e luz acaricia teu regaço
leva-te para onde a lua é quente
as águas cálidas e brilhantes
como pedras preciosas diamantes

eu sou a sarça que seca o cedro do líbano pelo
lenhador despedaçado
o que sabe que tudo é assim e assim deve ser
que o tempo mata o impermanente
deixando em cada amante uma semente
que só germina quando a pena abunda
e é afectuosamente embargada pelo sémen da mente

que assim se impõe que seja
natural tão natural como o amor e a morte
quando os amantes tendo o mundo por tálamo
se sintam agora e sempre em sua eterna mansão

e tenham no seu opressivo grito
a verdade de que o amor é real
a cada instante e no último hálito

lembro-me vagamente de quando aclamava o deus de jacob

o verde dos lameiros brilhava ao sol matinal as encostas da serra vestidas de ramarias eram menos agrestes e as velhas casas graníticas ruminadas pelos temporais mais acolhedoras

ressoavam trombetas pelos becos e vielas do lugarejo e os meus olhos estavam abertos às coisas renovadas pelo milagre dos dias

à cidade santa não se cerravam ouvidos e olhos os ossos não mirravam na ruína das torres iluminadas pela sua face

miseráveis na carne abastados de alma corriam-nos no sangue os milagres do egipto vamos para a casa do senhor

gritávamos

saudades de sião

do alto dos céus pendiam anjos coloridos enquanto um único pastor com o seu rebanho espalhado pela colina colhia uma chuva de bênçãos

rei aclamado de moisés e aarão clemente compassivo luz de verdade

o senhor dos exércitos

na minha conturbada mente

agora em debandada

despedaçou-se

a rijeza serrana

duas lágrimas

correram na face enlutada

senhor
tenho contas a ajustar contigo
consintas ou não
venhas ou não
terás de me ouvir

as ruínas da paisagem
arruinaram a criação

sem beleza a viagem
sem fim é a peregrinação

procuro uma nação distante
um paraíso em gestação

uma paz que seja constante
um novo coração para amar

tenho tanto para dar
pouco importa receber

e mesmo que tenha de sofrer
com a alma rasgada de amor

receber-te-ei nessa alegre dor
que a vida dá ao próprio morrer

porque quem desse modo morre
para o eterno júbilo há-de nascer

quer queiras ou não
terás de me ouvir

o céu acinzentá-se

nuvens altas matizam o tecto do mundo
em terra uma amálgama de árvores e mato

alguns pinheiros curvam-se à moléstia

uma povoação casas amontoadas com cores garridas
algumas por rebocar
apenas a igreja se destaca haverá alguém a rezar?

choupos solitários num ribeiro sujo
campos lavrados e por lavrar

na casa velha da colina deve estar um lavrador
alfarelos pouco gente quem sabe
o lavrador que empobrece alegremente

uma locomotiva azul

mangualde

as bagagens comprimem-se na plataforma

um velho de samarra observa curioso o nosso trem
reflectido nos seus olhos aguados
saúde de quem já não tem para onde ir
nem forças para partir

são belas as suas rugas talvez o sejam também as suas
memórias
os botins quase desfeitos pelo tempo batem alternados no
solo

é assim que os pobres aquecem os pés

um silvo partida
o tempo pára

à beira-mar estás
corda de lira retesada
corpo prateado de luar
em vela enfunada

longínqua e surda
uma onda desperta
e o forte adormece
nas rochas azuladas
que escurecem

caminho para ti
nas dolorosas pegadas
que não desaparecem

foi na morada da serra nascida do gelo e amamentada
pelos torgais que das alturas mergulhei pela primeira vez
nos abismos

meia-dúzia de chalés no lugarejo
um charco iluminou-se ao som da lua naquele local
havia uivado tristes tísicos nas noites plantadas de
frígidas estrelas

ao amanhecer um manto de neve cobria todas as
emoções sentimentos e afectos os pensamentos
eskorriam nas falanges regeladas

no vale das éguas um silêncio sepulcral e as penhas
douradas ainda orvalhadas projectavam sombras vivas na
lagoa de cristal

ali estava o meu oceano as caravelas de antanho os
velozes veleiros do algodão com seus capitães ferozmente
tisonados pelo sol dos mares embravecidos do sul

canibais vestidos de azul

na vila submissa ajoelhada aos pés dos cumes graníticos
bebia-se o sangue da terra negra esventrada por nossos
avós

um garimpeiro de almas abrija as portas do campanário
deserto a casa ao lado habitada por giestas e por bem-
nascido silvado estava à venda
ninguém comprava nada o pároco só no
confessionário

deus tinha andado por ali naquele vazio inóspito de
floreiras murchas e de vasos despedaçados afastara-se
entediado a senhora t... da casa da águia asseverou
que andava por asseadasse
se por lá andasse – como se eu acreditasse – já teria sido
visto
observador de raios criadores e trovões demolidores como
era sou e o ignoro

os degraus da sala desciam por um portal semiaberto
daí haviam partido em pânico e sufoco todos os
descobridores de monstros e animais fantásticos
mares de olhos negros onde rugiam cravos mágicos
nos rochedos do firmamento ouviam-se os cânticos do
sangue coalhado

um quadro a óleo na parede virgem

- a música é um modelo para a pintura –
uma fenda no tabique do lado de lá da realidade o mais
belo de todos os tesoiros
nem pratas nem oiros nem pedras preciosas

na escuridão amorosas ninfas subterrâneas
um vazio um nada
queda vertiginosa no vórtice do sonho

a cidade está suja o fumo cai na nudez das estátuas
trabalhadores estéreis homúnculos sem cabeça braços
de vidro acotovelam-se como ratos cariados nos esgotos
putrefactos sepulcros da vida vagueiam alheados nas
ruas pavimentadas a patético suor

há um fogo aceso em cada corpo fedente

as igrejas parcimoniosas estão dissimuladas a
sacrossantos ícones
apenas umas máquinas japonesas de fazer imagens
distorcidas escorraçam os pombos enfermos e as
prostitutas do entardecer
as frontarias desérticas lembram o cristo antigo nas
chagas das pedras amarelecidas de nicotina

sórdida mudez clama por parceria
ninguém desce ao inferno sozinho
há sempre um anjo por companhia

as saias curtas os calções rasgados da moda provocatória
os olhares impotentes da senilidade poisados nos seios
quase descobertos
finos odores de corpos prostituídos

o coração das fachadas descompassado

as almas dos templos ausentes pedras que carpem a
grosseria dos tempos

no rio uma brisa húmida arrefece o batel a cidade
asperge ilusória beleza quando a luz das lâmpadas
amarelas alastra às águas sombrias oprimidas pela
enchente

o cacilheiro ilumina-se
lá dentro os últimos operários do sono

alguém abre a bolsa-do-fel num cunhal pombalino aos pés
de um cabaré
acena a um táxi o motorista ignora-o
um outro pedaço de lixo aguarda o alvorecer num vão de
escadas alagado de quimeras

o cais deserto
último trem para cascais

raios de sol reflectidos na mansidão das águas virulentas
um homem de enormes sobancelhas coça o nariz
três jovens sorriem à voz esganiçada de uma varina
algés

no outono esfria o tempo

uma mulher mostra os seios provocatório decote

as pedras dos molhes parecem gemer em unísono
enquanto a brisa de sueste me roça a face

sozinho na multidão espúria corpos sem espírito
vida que é morte poeiras da incúria vida só a é a
eterna na perpetuidade do momento

olho para dentro de mim explosão movimento

santo amaro de oeiras

a noite vem o tempo passa arrasta-se
o meu olhar demora-se no candelabro de cem velas

esta interioridade basta-me de nada nem ninguém
alimento saudade
como poderei ter saudades quando abarco o mundo no
meu sôfrego engenho

duas doutrinas ancestrais aos pés da cama desprezo-as

uma estranha vibração percorre os meus tecidos
o aposento aquieta-se eu sou aquele que sou
pouco mais para além dos seis sentidos

um cão malhado coça-se à porta da cafetaria
será pulga ou alergia ao humano?

um carro encarnado em cravo passa com um preto a
distribuir ruidosa música

uma gaivota sobrevoa o pontão onde dois jovens se
beijam misterioso é o florescimento da espuma nos
corações

o pensamento não está presente
nem a rebentação das ondas acossa a melancólica
quietude

a alma está passiva

leio algumas passagens de leibniz
eis o advogado de deus

se eu tivesse fé dele precisaria e só dele
queimaria os livros sagrados as representações de santos
os templos

não viveria em mim viveria nele

não seria eu seria ele

morreria por não morrer
sem ego para sempre viver

o que está perto nem sempre está descoberto

uma ave marítima cruza o tejo pensando que dá a volta
ao mundo

um ancião passeia-se na praceta em círculos

para quê ir mais longe
quando o mundo nos foge?

esta necessidade de solidão e de olhar para dentro
transformou-se numa obsessão

busco uma nação distante no que de mais perto atinjo
ermo é o lugar onde mais ninguém cabe

templo cingido por fino véu na noite escura do mundo
em hesitação

peregrino do além
mendigo do céu

comprei um livro de poemas mais um que irei depositar
na biblioteca municipal
sou avesso à acumulação de bens materiais à
obstipação emocional e à subserviência

desisto do café às onze horas piranhas velhas
malquistadas
os desaguizados ensombram o paladar

há pouco um momento em que tudo parecia brilhar mais
mesmo assim não paro de me assoar

no telhado dois trabalhadores negros discutem
copiosamente a disposição das telhas pobres trolhas

o p... j... enviou-me mais um texto para corrigir teologia
dogmática pura
o deus dos afectos

não sou de ninguém espreito o meu coração ainda
bate
e a flor no caminho pouco tarda para que murche
tudo emurchece

quarta noite na casa de inverno

nas paredes de granito e pinho o emudecimento esta
paz incompreensível

sacarinos são os pomos da escuridade

espírito que se derrama
beatitude que a si mesma se alumia

mesmo que o destino seja amargo e o sonho pesadelo
subo à minha torre onde os sinos têm dobres de alegria

longe de ti não há caminho

o carrasqueiro antigo

não há quem queira ser velho
se os trapos o são porque razão não o seremos nós
também

vegeta a desídia no tempo narcotizam-se raízes no
espaço

mães que concebem filhos para a insipiência do trabalho e
efemeridade da ambição

amanhã é domingo
fato com ténue odor a naftalina
dia de banho na aldeia
a vitalina arejou a igreja
cravos rosas e crisântemos
mimos depositados em jarras
e uma mão-cheia
de cristãos-submarinos

roça a seda nas franjas da rapariga adornada recolhida
nas nuvens de seus olhos a virgindade
vento e chuva pelejam onde brilha o riso do vil pecado
leões de guarda ao diadema de prata os campos
cobriram-se de carne mortal no regato banhado por veias
de cristal
para quê invocar os santos e anjos quando o senhor guiou
moisés nas águas?
roupagens de poeira que se encarde de sangue
rostos de fogo no amor fazer ali onde repousam os cem
mil corpos barro e cinzas ventura que cresce nas
ondas que dançam irreverentes ao cantar do galo

os vermes

o fedor das faixas neonatais

a sórdida propaganda de corvos ancestrais

nasce um sussurro sobre os meus umbrais ali se
sentaram as dores da vida e as misérias do mundo inteiro
legiões de espectros famintos quem vos irá ouvir
faces trémulas aos beijos atrozes dos traidores

pobres manjares

pensamentos-cascas-de-noz

lenda poética trazida pela brisa do mar

noite sem luzeiros nem leito

chuva de estrelas no meu peito

tétricos e eternos horrores provações deste mundo nas
caves encarvoadas que suspiram lágrimas
farrapo velho a vaguear nos penhascos do descuido
palavras solitárias das montanhas nevadas
 tão fúteis tão calmas
 tão calvas

nada és para além da lembrança

se viver uma outra vida hoje e aqui
terei a carne na carne divina e a alegria na alegria da
chuva de uma tarde fria

ó nostalgia que a inspiração ata na fúria da tormenta e os
bandos de flores desata na luz lânguida das cores

noites desertas o frio corre atrás da sua sombra
lamento-te coração vadio folha desconhecida
adormentada na colina

guarda esse beijo que obscurece a aurora e clareia o
crepúsculo
da ausência faz um laço e da saudade afeição

flor que se abre no monte branco como quem se perde
nas vielas da cidade de altas paredes recortadas na
abóbada dos dias
pedras pardas do muro da prisão em altivez silenciosa
clamam pelo prazer dos mortos
passos antigos dos gemidos e ais dormem o último sono
às mãos de um bordel de lata onde jazem os vultos de
mulheres para sempre perdidas

mares que gritam na tapeçaria que não desvia o sorriso
das velhas histórias de ninar no poço da minha alma a
cerejeira está em flor insuportável dor do grão maduro
em embaciado olhar

se outra vida não há porque é tão ingênua a alma assim
vestida e tão cruel o suplício que o corpo arrosta no
coração quebrado?

os pés sobre a terra na água a graça do cisne no ar
as cinzas das trevas nunca pares avezinha voa na
minha consciência suspensa nas altas varandas de
capitéis doirados esvoaça sozinha

errando de olhos fechados pelos túmulos secretos cavados
no seio da procela fogem-me os sonhos pela porta
aferrolhada da janela crepuscular voam andorinhas
negras pobres que entram no meu inferno e apodrecem
como fruta no mármore que se cala

o mundo em chamas

arde o ódio
e a coragem
incendeia-se
a angústia
e o sofrimento
ateia-se
o pranto
e o lamento

tudo se confirma em flamas o firmamento

que na hora da morte
o azul do céu seja meu tecto
e a terra eterna companheira

a correnteza do rio inundado
lembra-me a beleza de teu corpo
com o meu lado a lado deitado

a miséria suspira no olhar que na fonte se afunda

vacas magras pastam junto ao caminho
onde um guia nos transporta pelas lajes do tempo ao
meio-dia

árvores que enlouquecem nos cílios os restos mortais
sobejantes de amores gémeos

feridas iluminam-se nos casebres da aldeia

cai neve
o vento ronda para nordeste
a ponta dos dedos frios toca silenciosamente o mundo que
agoniza

o trem das sevícias
para trás ficam todos os sonhos
os tons de azul dos espasmos dos lábios secos
os mais magníficos dos instantes

para além do horizonte dos carris prateados
a terra dos mortos-vivos

homem errante
porque erras
como quem foge de seu próprio túmulo
em imperioso grito de negação

do sertão acerca-se a morte
óculos redondos a tocaia ensanguentada de sono a
morte jogada no relógio colorido do pulso decepado
sorte de espírito boémio

no mato estão os teus leitos
os teus amores
o perfume de teus crimes
a canção de teus feitos
no odor das tuas vísceras

na praça as marionetes grunhiam
o povo repartia as túnicas feitas pedaços de entranhas
das negras andorinhas

do ocaso nascera a sorte de pobre cavaleiro
cavalo morto pela pestilência do tempo

um grupo de homens descalços com a identificação nos
rostos salgados encaminhava-se pesarosamente para a
aldeia
caminhavam de costas com o arco-íris poisado nos
ombros salientes
trevo e violetas cresciam nos cabelos escritos de mágoas
homens presentes perdidos com seixos do rio enrolados
nas mãos encarquilhadas

uma velha conduzia um jumento à vara

pássaros mudos vinho azedo madressilva a roçar
requebrada o salgueiro

o sol caía nas ruínas da miséria

um melro negro demora na espádua da estátua do
amante em desespero

sopra uma brisa pálida na pedra acometida por um bando
de aves em batalha

migalhas de amor
faces sem cor
lágrimas de dor

a eloquência da mudez do desengano
por debaixo do pano
ano após ano

ai dos que padecem no estorvo da carne solitária
que morrem cativos de si mesmos
com os dedos cobertos de oiro
sem que apreciado tenham aquele menino loiro que à
lareira junto do fogo brinca absorto com as formas das
labaredas
e que com as mãos cheias de pedras as arremessa ao céu
julgando que são estradas para as estrelas

o que procuras no coração esquerdo

ou está em ti no coração direito
ou é em vão que o buscas –
tempo perdido de absurdo humano
no palácio ilusório da vida

um estranho ritmo governava-o desde a juventude
ainda tenra criancinha já os vermes das máculas
vermelhas dos mortos o perseguiram

no quintal da casa de granito as laranjeiras em flor
e o banco onde se sentara arfando quando ainda cria nas
recompensas do além
repousando na primavera tardia

aprendeu a linguagem subversiva das noites de insónia
nos fogosos cavalos pardos da aurora
no longínquo fluxo e refluxo das águas que junto à costa
alcantilada tremiam de frio

tinha a natural dificuldade em esquecer a manhã gloriosa
que passara na ribeira onde as flores tombadas viviam
flutuando

tecera a fogo a canção das loucuras naquele terrífico
espectáculo das noites escuras que tremulavam na eira à
sombra da via láctea
ancestral laje granítica vibrada a violentos golpes de
mangual

o circo ah o circo das terras do norte
saltimbancos coloridos em país estranho com a marca do
poder de deus nas testas luzidias dos tormentos
estranhas eram as tatuagens nos calcanhares

na azáfama da vida subiam verdes ramos de amores ao
coração do velho carvalho
suspiros gemidos langores

tempo afinal preso por fino fio de orvalho

desço o rio em árvore seca
a corrente de maré é o berço desta velhice medonha

a proa resplandece de bronze
dos céus jorram lágrimas azuis

o convés molhado
o mastro emproado
cabos inertes ferozmente mordidos pelo piano dos
mareantes

mar e estepe
os benefícios da solidão na mesa oval
cabeça entre as mãos crispadas
hora de oração

sorrio
nas nuvens aves migratórias
como eu

o passado revolve-se no charco da inconstância onde o
espírito das estações já mortas silencia os prados

um frio atroz toca as águas estagnadas com os dedos
geados crepúsculo cavalo alucinado zumbe junto da
janela aberta à intempérie dos corações
nela ela de braços cruzados fia calada um sorriso
abissal

forte é o vento a sacudir ervas e árvores com marcas de
dinamite nos regaços esquiva a primeira estrela faz
findar a luz do dia saias virgens baloïçam entre sóis no
seio da terra pelas mãos escavada honra perdida
espezinhada no giestal

e a estrela vai morrendo
cedendo alienada
o lugar ao teu nascimento

nas caves negras dos palácios verde-orgíacos derrama-se
sangue e esperma
o espaço e o tempo desposam amores mortais

uma ave índigo voa em círculos imperfeitos

amontoam-se leitos na escuridão
carnes brancas pretas mestiças
bocas escancaradas a rogar o líquido vital

lá fora a tempestade parece não ter fim o vento
estremece o roseiral daninho a chuva inunda a terra do
caminho ladeado por buchos-anões os trovões
assustam o sono das crianças que dormem alheias ao
temporal os relâmpagos aquecem o ar

na cave escura faz-se de tudo
e chamam-lhe amar

naquele país a música tinha dentes brancos
sem culpa ou pecado

sorriso de perfeita harmonia cercado de prodígios
na melodia do sacro recinto pesavam-se corpos sóbrios e
untuosos

contávamos as estrelas em noites de lua nova
terço do sagrado coração
em cada arvoredor uma canção

nenhum homem experimentaria nesta vida tão dócil
prazer
nenhum rei de terras alheias adormeceria plácido à sua
sombra
adeus noite passada cidade onde nasci vielas onde
me perdi

uma coroa debruada por larvas no corpo exausto da
verdade santificada
e aquela ave como lira alienada a cada nota exalada
suspirava

vaga essência de alma onde já nada respirava

fogo que se não extingue santelmo os mastros
surdos

encapelam-se as vagas

navio de aventureiros do outro lado do mar
pátria de negreiros

um coração pulsa no convés os calcanhares doloridos
ferem o madeirame húmido

irrompem selváticas sereias de espuma
lírios oceânicos de frio sorrir
brilho de um luar que se extingue

na pele molhada pela maresia as histórias contadas pela
força obscura das nuvens que rodopiam no topo do
mastro real

dia de bruxas no cadáver dos meus sentidos
que se ausenta em deriva à vista do areal

o gesto das mãos lentas apressa-se na cerimónia o
padre cai de bruços murmura uma oração em latim
ergue os braços no corpo tenso do desejo sublimado

o povo não recupera as sílabas e tem a expressão facial
de um mostrengo que amanhece e que a estupidez tece

no órgão música sem harmonia
dissonante
um sacrário em oração
um crucificado indiferente
àquela asnática gente
e aquele moço pobre coitado
tão novo e tão doente

dominus vobiscum
et cum spiritu tuo

uma amante de água feita
raio em lascas que ilumina o ventre das trevas

a argamassa antiga cozida a cordel
a meus pés um papel desfolhado na insónia

hoje varre-se o céu a lâmina invencível da espada
aprisionada na teia do frio aéreo
etéreos são os gritos dos répteis que germinam nos
bosques da fuga

tempo de míscaros a cerimónia – paus afiados nas
artérias azuis das manhãs de domingo

o veneno sangue espargido pelos corpos adolescentes
cantares da madrugada

as bandeiras agitam-se no precipício mãos ao peito
cruzadas
tossem que nem tísicos os cômoros na liberdade que se
evapora das esquinas

as ruas enchem-se de feridas que não saram apinhadas
estão as chagas por cães lambidas

úlceras que se esvazia
o que é de uma importância vital para a poesia

como é vil e rude o soberano que transforma em oiro as
tristezas novas e velhas

midas a fera do lugar nubloso onde se não pode amar a
riqueza

um corpo nu chora o sangue dos prazeres da caça
dons angelicais de criaturas aladas
embriagadas de solidão
remos quebrados nas margens da carne cinzelada em
triste brilho
quando o sol ainda longe vinha

frenética vida presa às narinas dilatadas das ruas desertas

sussurram as folhas nas horas amotinadas

no monte branco a carne da virgem sem mastro rastejava
ofegante
sonho incerto de vaso santo
penetrado por misterioso florescer

onde haveria de esconder o juvenil tesoiro
quando as moscas zunem sobre a penugem claramente
visível

soam três badaladas na pradaria desolada

um rio orgulhoso despedaça-se nos rochedos da nudez

melífluo aguaceiro de fêmeas verdejantes

naquele momento fugaz os lavradores detiveram-se
suplicantes perscrutando a vontade dos céus
indagavam o infinito daquele imenso lameiro a irromper
selvagem do seio da terra-mãe

perturbados alheados ao mundo com marcas de fogo
nas sacholas que grasniam
pulmões aumentados apontavam a dor do horizonte
insaciável
nunca haviam lacrimejado
dos olhos pássaros feneciam nas flores desfeitas

o credor nos umbrais enquanto na colina nascia mais uma
primavera

o muro de pedra solta testemunhava os lugares remotos
de peregrinações obsoletas
aí folgavam as raparigas em melancólica alegria

lugar onde por gosto cada trabalhador suava e sem pejo
mataria
quem tão lentamente o matava

máscara que sorri na caçada às fêmeas evisceradas

o canto das estrelas ilumina os caçadores furtivos a
cauda de um cão no giestal o silvado impenetrável

amiga quanto vale o teu peso se penetrar o meu corpo
sedento e amarelecer a minha alma?
como o sol se retira para os esconderijos da noite assim
te retiraste tu

num corcel enfurecido iludi a existência do amor ah os
fantoques do sexo outonal

brindámos com as taças vazias antes de adormecer no
ventre do peixe
e reunimos com a exactidão possível as sílabas
verdadeiras que o pai dos vinhedos espoldrados nos doou
em tempos imemoriais
plumagem maculada do amor fazer

a galope nos outeiros de maio o silêncio da mulher hoje
os montes enchem-se de vinho puro nas lágrimas da
cotovia
breve é o sono da alegria senhora minha de verde-
escuro vosso vestido na mão cartas de amor já frias
são os meus olhos que padecem envoltos em pesado
manto na calçada a hora que vive o desânimo da
insolência vertida nas mágoas flutuantes
as nuvens rodam a lua não reflecte os cardos
carregados pelos indigentes joelhos que rastejam
pupilas que se embaciam
pedras quebradas
estrada de sargaços
fogo-de-artifício
os corpos encharcados
deslizam secretos
no charco da avenida
um regato nocturno
como eu quero o sol banhando-me de novo no ganges
nessa multidão insana
o mel dos teus lábios ali junto à torre Eiffel
as tuas formas parte única do meu presente nesse
momento de nobres tons

inclina-te graciosa e entende os sons que emanam do
coração da terra
beijo selvagem no hálito furioso da fera privada de
espírito e razão

caminhámos com as mãos nos restolhos do pensamento
escutámos o ruído das facas que rasgam a carne dos
inocentes

sede de beijos que se escondem no ventre do tempo
pintado com uma chuva de cores
alizarina naufrágio púrpura com a ilha celeste no
campanário do horizonte

pelas brechas do telhado de colmo espreita um corvo
pensativo reservado
pobre do penitente transfigurado em sonho de vida
piloto errante no mês em que as tempestades de
lembranças se vazam nas fontes translúcidas

uma ponte romana
a ponta dos teus dedos toca a ponta dos meus
como se escrevêssemos uma carta
de um longínquo país para um outro mais longínquo ainda
palavras-mariposas hoje e amanhã
letras nuas nesse manto de pura lã
como tu

fitas verdes nos cabelos a norte

a noite arrosta-se na cauda das sombras do céu vestido
de nuvens

no sul o resplendor sagrado que se esconde à hora de
mungir o gado

a cidade onde nasci tem os dentes cariados
cidade onde se dança nas caves da exaustão

as eternas florestas anãs dos cumes são luzes de antigos
sonhos sumidos nos nossos milenares desfalecimentos
no calor das algas as térmitas do poder
ligeireza perturbante do divino sorvido por avermelhadas
cores
tais dores de colombo desenhadas em mares ignotos e
calmarias equatoriais

afinal aquela brisa no monte destacava o despertar de
maio
e o dia que para mim há-de nascer

foste a amante no que o amor tem de místico

com os lábios enxutos percorri o teu corpo a acender o
fogo da partida
nada fiz para resgatar os despojos dos guerreiros mortos
na clareira de ervas secas

amanhã quando a fúria do mar for sombra e silêncio
rumará para as índias a última das naus do oriente
envio-te nela o baú do meu coração exangue moldado a
neve pelas crianças eternas

no espelho do luar feitiço do firmamento lerás a única
palavra que dispersou todo o seu sangue nas nuvens
doiradas que vagueiam ao sabor das ondas
amo-te

curta mensagem para carga tão penosa e difícil de estar
será o lastro do navio na tormenta o leme do rumo
incerto o aparelho da maré a certeza oscilante
de que o porto será seguro

e o mar lerá nas tábuas do costado escrito a estopa o
recado omisso
que ao deixar-te partir
o mundo para mim tinha acabado

o amor perdura
poderia escrever-te com a afeição dos meus lábios

ofício de amor em que estou só

as lucernas ardem e há luzes nas sinagogas
folhas de trevo por pisar

improviso novas linhas na salamandra acesa
sentirás que te olho com aquele olhar que perdeu todos os
seus poderes

vozes e árvores milenares comprimem-se no alto dos
mastros
o sol da noite arrasta-me para os distantes espaços da
dolência

um cântico purpúreo varre a terra vento solitário nas
mãos frias da madrugada coalhada

uma ilha deserta na vida de todas as coisas
uma estria de morte percorre a pele de um novo
equinócio

como sempre sem jeito para o negócio
gasto-me no que tenho o toque suavizado das teclas no
piano sopradas pela mão esquerda do diabo e a angústia
a reluzir nas alturas

serão assim o resto dos meus dias

daquela folha que voa não desvio o meu olhar
beijos sensuais que o ar ao ar dá na elanguescência da
madrugada
e esta ferida a coagular nas horas que presencio
bailarinas do primeiro sono oprimido pelo cárcere da razão

multiforme é o vento que sopra pelas entranhas e fustiga
as flores às cores onde os pirralhos brincam os caminhos
do perdão

irão elas reinar nessa vida violeta
na estrela de david

voarão para longe nas garras do apostolado
boneca de trapos injustiçada sem revolta larvar

o cosmopolitismo da palidez na carta que te envie
recebe-a é a minha derradeira palavra

tu que abandonaste esta terra no mais secreto de todos
os mistérios recebe-a

só no interior da flor que do meu peito jorra encontrarás a
resposta negada aos vivos e que aos mortos é dada

nesta terra fui criado em mar grosso fui moldado de
pequeno com brandura e amor me dediquei ao sagrado

tudo é passado

os dias amanhecem e eu acordado
na noite alegra-se-me o coração
longas as horas de vigília deitado

os dias escurecem na fronte sangrante
sonhos desprezados navio que se lamenta ao ranger
dos costados
esquadras de vinho velho mercados de escravos
uma virgem que se pranteia

coração estropiado de moribundo alijado à tormenta

dizem
paz
a paz esteja convosco
que durma connosco

questão de palavras dez mil anos de arte poética
e outros tantos com as mesmas guerras

que o diabo as carregue

os fantoches

os dedos

um melro canta
procissão da senhora da saúde
virtude da rosa maria

o sino solta um grito primaveril
nas flores tombadas do andor

a esperança entregou o corpo à saudade
a alma à infelicidade

um homem perdido na viela do quotidiano
terra alheia à clareza da floresta submersa

um murmúrio de sapiência brilha nas nuvens negras
em baixo do salgueiro que se afoga paulatinamente

nas folhas mortas ocas pegadas
dos mortos que muito vagarosamente
saem de suas nocturnas campas

imagino-me de azul no laranjal
as mãos cruzadas no peito
o silêncio das nebulosas
na brisa redonda do ribeiro choroso

a praça dormia nas lágrimas prateadas
da cruz melodiosa dos ecos trinados
sombras serradas pelas estrelas
nos bolsos de mendigos gastos

os pássaros ocultavam suas cabeças
como velhos soldados
de máscaras de vidro
suas baças coçadas e medrosas

ninfas de cetim em gemidos
atravancavam as frestas dos muros
e as arestas do meu coração
ornado por mil e um louros

caem as folhas
no rosal
as andorinhas
em árvores de lágrimas
acolhem o sudário
bordado em manhã antiga

o povo do vale
já pouco vale

o céu nomeou-se à terra no remanso das águas virulentas
a mais bela de todas as mulheres incrustada a prata e oiro
desceu o rio amarelo numa barca
um cravo encarnado em alto promontório demarcava o
paraíso das crianças por baptizar
cana esguia da calma ilha de vales secos
nos ventos a mensagem de deuses esculpidos no espírito
dos homens
música golpeada por espadas de dois gumes o filho do
viajante revolve a luxúria
fonte que chora a penúria do lugar precipício sem início
torreão de todas as tribos bárbaras confundidas nas vozes
dos pastores
o fosso dos senhores arranca-nos os olhos fumegantes
enquanto mãos e bocas ardem em instantes

era o fogo vivo das longas vigílias da sorte cruel
num pedaço de papel as ardentes fibras cantavam seu
canto de profundos segredos

a esteira de um desses barcos velozes com o pano todo
içado brilhava ao luar
era mais de meia-noite e na praia um rapaz acendia uma
fogueira de vidas desfolhadas
enquanto jardins cresciam em lábios delicados de duas
loucas

corpos nus no areal com mãos invisíveis a roçarem os
ombros circulares
ritmo infernal de voz estridente a clamar por amor

vã é a vida dos fugidios instantes do apetecer

agora sim poderei dizer-te como é bom ter-te

as inúteis bibliotecas de espelhos lacrimejantes

pérfidos discursos um mal presente o elogio do ausente
a mentira as inconsequentes promessas do amante

é dezembro
persigo dois caminhos
um não lembro
outro decorado a azevinho

como se tudo fossem flores bem acabadas
coloridas a perscrutar de mansinho a eternidade

felicidade delas
saudades minhas

deus pecou
aquando da criação
ao acordar com satanás
na mais vil e cruel
discriminação
de a poucos dar
o que a todos
não deveria faltar

cada homem deveria ter um cérebro

diante de ti onda em rebentação me ajoelho

nos céus vejo santa bárbara em cada trovão entrado pelo
ferrolho da noite

naufraga um diadema na fronte da que partiu
ditoso é quem parte destino aziago de quem fica

o dia leva a noite
nada há como dantes
sonhos de glória
fama das cidades
enigmas desvendados
por filósofos displicentes

na rua pés e cabeças de porcelana os descobridores de
abismos celebram os seus feitos enquanto na quinta hora
o poeta se retira no dó de si

já não se ouvem sons celestiais
nem os cantos que rumavam de oriente para ocidente nas
noites estreladas

nos nossos dedos vitrais de cores vivas
na nossa mente rumor das ondas entristecidas
como vosso olhar
flor rubra desistente do mundo e dessa fé que aniquila a
magia do luar
tão taciturno e contemplativo na nervura dos seus raios
que nada assim vistes nesta erma negrura
onde não cabe a palavra amar

sinos cálidos de minha aldeia
altas torres por onde a lua espreita

uma espiga de milho dorme nos pedernais

é ali
que o pastor
naquele luzeiro
do sete-estrela
sonha
suplicante
e
que a doce boca
sufoca de ânsias

sonhos de ontem nascidos ao som do luar
vento oblíquo nas carnes invisíveis
dos cedros ancestrais do ermitério abandonado

o bosque agita-se
longe o cismático mar
e o coração de todos os afogados

labirinto de barcos naufragados
tranquilamente afundados no sangue aberto
ramos de loureiro ferido de verdades

na curva do rio as pombas são sombras nos beirais
luzes esverdeadas dos pinhais
onde as cigarras esmolam eternidades

heras no jardim envolviam os narcisos
séculos medidos pelo respeitável carvalho velho

no banco do lago a angústia das vestes apodrecidas na
espera da nau comida pelo mar
viver sombrio da amada
o rio das ausências junto à mansão agora em ruínas
o salão vazio e o quarto desmembrado pela insónia
centenária
na cadeira de estilo bárbaro o corpete de mil e uma
volúpias
naquele breve olhar vimos nítidos os fantasmas de séculos
o desalento e padecimento eternos

sangue do sacrifício
em negro altar
nem rei nem nenhum deus
para a salvar

as correntes ferruginosas
comprimiam-lhe os tendões
tratada como se tratam
os mais pecaminosos ladrões

que crime cometera
tão branda criatura
face delicada
dedos de ternura
crucifixo ao peito
apertado

ter filho bastardo

no campo esterçado
da ave as penas ensanguentadas
no terror mudo
de cinzelada mascarada

uma sensação de trovão fresco penetrava a tarde
quadrada do outro lado do rio
estrada orvalhada no deserto
hálito de iras nas mãos frias

tudo é vaidade dizias
e à meia-noite começo do meu dia observava-te sereno
como figueira em penhasco seco
talvez seja um curandeiro do prazer que morde e é
mordido em acto de amor fazer por coroa de pássaros
tropicais talvez o que grita e não é ouvido o mais
esquecido dos sonos de inverno o rio poderoso das
terras negras do fim do caminho o fio de sol que
aquece os gélidos aromas

uma mão é-me estendida com a paciência das nuvens em
movimento
quanto mais me aproximo menos vejo

sonhei em vão
não lembro
a romã aberta
à taça alada
das palavras
retesadas

todo o sangue
tem um preço
no cadafalso negro

o cabelo recusado
ociosos carrascos
névoa que baixa
nos ombros anões
deformados

romeiros que se desfiam
e tecem nos aguaceiros
grilhões escuros madeiros
pés descalços no manto
teia acesa da morte

o vento parou

que fazes dormindo
rio amado e rimado
quando teu amante
do norte já chegou

brilha a paisagem ao remontar do mensageiro o
pescador de búzios a rede enreda-se nele pára
demora-se como navio de temerários a costurar destinos
elípticos semicírculos de águas frias nas montanhas
circunspectas portas entreabertas aos leitos desfeitos
por magalhães conduzidos ao chapinhar nocturno das
raízes do medo vão mais de cem e voltam pouco mais
de dez sem paixão e com esperança
assim respeita a vida de velhos mareantes o senhor dos
mares

o regresso das aves nocturnas à mancha esverdeada do
testemunho dos infieis o sol cai no mundo dos homens
entre placas de mármore carregadas de distantes e
altaneiras montanhas
ela esperava-o naquela estação cinzenta e fria adornada a
mendigos e ouriços solitários na vastidão do desejo o
lótus encarnado e entumecido agitava-se no fumo branco
de uma lágrima
ah as luzes naquele mar imenso da planície ribatejana
sonho de um orgasmo com ramos crescentes
era impossível descrever a ânsia primaveril do coração
submergido nas longas noites de incenso devastado o
beijo do encontro já possuía a essência da peçonha de
todas as partidas
árvores verdes brotavam das searas sumidas no êxtase
oculto do biombo lacado
um ceptro adocicado modelou a escuridão de seu corpo
incendiado

os dias deviam ser ronceiros
como lesmas sem rastro
ou veleiros em delicada brisa

três chaminés enormes
em perfeita quietude –
que desperdício

abomino telhas e soalhos
não assim o céu e o mar
na maresia que em mim nasce

por vezes
não sou eu que escrevo
que penso que vivo
alguém vive no meu espírito
pensa o que não penso
dita o que escrevo
diz o que não digo
e se de mim estou morto
nele estou vivo

para esta viagem
a melhor companhia
é o silêncio da solidão

sol do meio-dia

no rio a imagem do céu
na cabecita da rã

dia de primavera –
as ruas sujas da cidade
ignoram-no

do longo e frígido inverno
nasceu fugaz primavera
como paixão de amantes

a seara na serra
é um mar verde
a ondular ao vento

no cemitério entre mortos
leio as inscrições da memória –
uma lágrima inunda os sepulcros

inverno chuvoso –
no campo alagado
dois cães fazem amor

santa comba dão mais além nelas
as vinhas estão mortas e oliveiras entristecidas pregam o
olhar no chão
um pinheiro manso repousa no telhado do pavilhão
giestais florescem onde antes ao som das cantigas as
enxadas rasgavam a terra
vozes antigas das raparigas
um pequeno laranjal alberga todos os planetas do mundo

POEMAS DO QUE FOI O BLOGUE DE POESIA ERÓTICA E
SATÍRICA (FOTOPOESIA) – *POESIA ERÓTICA E SATÍRIA*
NESTE SITE

de noite
despido

visto o teu corpo
como-te as entranhas

e apenas porque é noite
branda de veludo

na escuridão
se tudo nos é permitido

diz-me espelho meu
se alguém ama como eu

estás tão triste moça nos portais dessa ermida
todo o amor que não nos assiste faz dó mata o que
sofre naufragante no mar cinzento da desventura não
estejas bebe vento bebe sol as estrelas do
firmamento cobre o teu corpo com o meu lençol
suga-me o alento depois exausta adormece no meu

ombro calma distendida saciada a mão no meu
ventre desce em sonho até à haste erecta e florida
enquanto ainda palpitam as rosas que dão sentido à vida

sonhei contigo
num verso cruel

tu viva
eu morto

incompreendida
saudosa

e eu
envolto em noite escura
sem te poder amar
sem amor viril
sem forças para um poema
que te possa doar

eu dentro de ti
tu dentro de mim
assim te vejo assim me vi

ficou-me na memória a tua fotografia esverdeada
enevoada pelo tempo

a saliva desprende-se dos lábios ressequidos

mais uma noite
o incenso alastra-se pelo aposento

o luar arrasta-se pelo soalho
pesaroso dolente

e nos lençóis
alumia-se no membro o intento

como são doces os muros intocados de cristal
as torres de marfim do mais torpe dos palácios
e plácidos os movimentos em ascensão

o rouxinol doirado
no parapeito lazúli
canta ao mundo
o orgasmo
que pelo toque
nasce
verde tão verde
esverdeado e doce
grácil e
profundo

toco no teu peito
reclino-me no teu ombro
sinto a delicadeza de teus dedos

erguesse-me o anseio

afagas teu seio direito
beijo-te o esquerdo
treme-me a mão
ao toque subtil

pouco falta para a consumação

o velho cadeirão tão gasto
a janela colorida de prazer
donde vos olho abismado

e vós sentadas
uma nas coxas da outra
mão em retesado mamilo
outra no seio por inteiro

rosa que se abre
ao vosso anseio

naquela tarde
sequiosa
fizemos amor

nas margens
arenosas
do ribeiro

tudo fizemos
já que amar
tudo consente
sem pecar

lavámo-nos
em águas
gélidas
e de costas voltadas
jurámos
mão na mão

o que fazer
nos faltava

a separação

porque a paixão
também mata

nesse espelho te vês

fera adormecida por leito

com tua nudez te deleitas
e no meu coração lêś
a dor que me sangra o peito
na ilusão do prazer
de quem não amas
e com quem te deitas

uma lágrima
em tua doce face
de branca rocha polida
lúgubre penitência do pecado
que me algema e tolhe a alma
nesta insalubre tarde de domingo

o colar
que usaste
nas noites quentes
à beira-mar

mão no peito
poisada
o anel azul
de noivado

teus olhos
azuis
inundam
o coração
que me asfixia

lembrança do muito
amar
do tanto que te dei
e do outro tanto
que deixei de te dar

se a mim te ofereces
ou me apartas
e a outro preferes
já pouco me importa
que a vida é curta
o tempo escasso
e a saudade morta

vejo-te
no retrato
da vida
não és uma
és muitas
tantas
que me perco
e a todas desejo

porque a razão elege
mas o instinto não

corpo nu
como no berço

elevado
belo
e delgado

corpo
que aguarda

por túnica
meio-coberto
ao desejo
aberto

na luz da casa deserta
contra fria parede
tua nudez
emudece a sombra
da alma púrpura
que solitária te penetra
e que na íntima tristeza
da pele orvalhada
não te sente a beleza

visitam-me teus seios
erectos
perfeitos

e eu
nesta hora de dor
neste sentimento
de morte eminente

nesta angústia larvar
de quem toda a fortuna perdeu
por já te não poder amar

o quadro que vos alcança
que vossos corpos une
não é apenas madrasta arte
mas testemunho das bocas
que se escondem na noite
em ritmo de orgíaca dança

as tuas próprias mãos
transfiguram o delubro do desejo

quando te amas
e assim lasciva te vejo

mesmo que o digam
sem jeito ou nexo

jorram lágrimas
do meu sexo

pernas que se abrem
mãos que se unem
a angústia do abandono
no curto espasmo

por dóceis dedos cavado

de costas te tocas
de costas consentes
de costas te prendes
de costas me negas
de teu corpo as pregas

na loucura da noite
aos dois quiseste
e dos três um fizeste

muitas te envolvem
te beijam
saliva derramada
em húmido canto

um beijo é sempre santo

nos umbrais do anseio
teus braços te envolvem
teus seios se erguem

corpo seminu
de pássaros cinzentos

crepuscular instinto

triste é a espera
da solidão
no incenso extinto
do fim de tarde

ceptro cingido a veludo
volúpia dos sentidos
que se comprimem
nos olhos cerrados

a tua face no pescoço dela
meu sexo nas suas mãos
quente sémen que se derrama
pelas duas acariciado

que pecado pode haver
quando dois corpos luminosos
se abraçam beijam e afagam

o desejo
na tua boca

o meu sexo
aberto
aos lábios
rubros de fogo

na eternidade
daquele momento
em que o amor
se transforma
em verdade

pernas que se entrelaçam
suave é a mão na deleitável
curva dos seus seios

bocas que se unem
flores ao vento
na brisa do sonho

a percorrer
os extensos filamentos
dessa juventude

a quem
tudo é permitido

mesmo o sem-sentido

com o sexo exposto
bocas que te sugam
harmoniosos mamilos

mãos que dedo a dedo
se aproximam
desse canteiro florido

donde a vida nasce
com amor
e dor de parto

três são os deuses
que vejo
três os prazeres terrenos
que fruo
três constroem beijo a beijo
o encantamento da noite

naquela mesa de pedra
plantada no velho jardim

ao som do vento nas rosas
no silêncio da fonte a brotar
do mais profundo de mim
te penetrei horas e horas
num tão lento amar
querendo sempre e somente
fugir do fim

dia do coração amantes de
filigrana do prazer prateado
em que só nossas ocultas partes
doiravam sol e pecado

porque me olhas assim
como se fosses ferido veado
por infame lança penetrado

não é por mim
é por ti que o faço

um corpo
no meu sentado

a fragrância
do sexo orvalhado

os teus joelhos
nas minhas mãos

as tuas
nos meus queixos

e um orgasmo
a vibrar em mim

nesse movimento
deitado

o grito dos sentidos
das palavras impensadas

do corpo em chamas
nascem aromas

sémen de rosmaninho
de razões despido

espasmo
após espasmo

contorce-se o corpo
nas linhas do espelho

nas palmas das mãos
em desejo profundo
mergulhas

no divino prazer
te moldas

belos os gemidos
com que me acordas

é na extensa noite
que as estrelas tremulam
no teu leito

um candelabro incendeia
fios talhados a mirra
depositados no teu peito

e eu sem saber
quem sou
nem onde estou

o líquido da vida
no teu ventre sagrado
em êxtase derramo

olhas-me
com esse olhar

que tanto ama
como mata

mostrando-me
na mão direita
o que usaste
na minha falta

na cama púrpura rendada
não sei nem saberei
se o teu corpo de âmbar
é sonho ou realidade
mentira ou verdade

quando a morte vier
por esse oceano de espuma

que parta comigo
a visão de teu corpo nu

costas ao
mundo voltadas

porque quem deveras ama
só tem olhos para o amado

que para sempre partindo
tão pesado lhe é

o fardo que carrega
do coração destroçado

nesse amor interdito
enovelam-se as línguas
em terno pecado

na boca e na vagina
desejas o que desejo

um rio de prazer
um mar de beijos

quando uma
não basta
duas
são poucas

tantas quero
que me perco
nas vulvas do desejo

nos céus a escuridão do vazio
tua casa silente em chamas

um bote passa no rio
cavalgando limos dourados

noite de todos os pecados
num sexo que aquece ao frio

noite de amor
na solidão em que te amas

quando
nas mãos te tenho
te beijo
te penetro
e teu olhar vejo
com tanto desejo
por ti
outra aguardo
nas lágrimas de seiva
do meu corpo
faminto
alimento
da alma
que o anima

e se neste dia
o digo
que às duas vos quero

como a mais ninguém
olhando para o passado
já morto
é certa prova
de que vos não minto
de tanto vos querer bem

o amor não tem limites

tua boca no meu sexo
a minha no teu

saciando todos os apetites

na coberta cinzenta
espalham-se teus cabelos

os seios descobertos
as coxas em súplica

ao meu olhar atento
ao meu pénis erecto

a uma penetro
a outra
a vagina acaricio
e grito amor
quero sexo
 não quero amar
 não quero dor

com as duas me deito
as duas exploro

homem de uma só mulher
não é homem
é manso touro

na arena a morrer
sem conhecer o vero prazer
de múltiplo orgasmo

mito
que o mundo nega

inveracidade de eunucos
que nunca irão conhecer
a mais pura realidade

excitada
as tuas costas no meu peito

desliza o meu pénis
na tua vagina

onde desperta para a vida
o único movimento
julgado perfeito

como de lança sangrante
em ferida de mágoa nasce o prazer

desse modo te firo e ouço dizer
é tão bom que até faz doer

no gelo
daquela cidade nórdica
vossos cabelos loiros
vestem deslumbrados
os sexos despídos
brilhantes molhados
doces e mansos
a tolherem-me a visão

quero-vos
tanto
que se vos vejo
nessa lânguida posição
mais vos quero
mais vos desejo
às duas

à minha mão

tens nos olhos e na língua
a certeza de que o corpo
mais que razão é sentidos

um beijo tão profundo e prolongado
só tem continuidade e vida
se tiver por essência o sabor do pecado

deitas-te
contorces-te
prendes as tuas
próprias pernas

elevas-te
sentes-me
e em espasmo
incandescente
gritas ais

e quase
em surdina

dizes

quero mais
mais

a tua boca no meu sexo
língua descoberta e palpitante
contudo –
o meu coração está distante

balbucias palavras que desconheço
tocas o teu corpo com lascívia

o meu membro não te basta
tudo em ti é flor que nasce

prazer que sempre renasce
no viçoso fim de tarde

na excitação
todo me tomas
e sem que saiba porquê
pela flor de teus olhos

sou penetrado

escorre o suor
nos corpos em vibração

por trás
te abraço
te amo
te desfaço

belos os corpos que se colam na unidade de múltiplos
orgasmos
em sucessivos espasmos
pelos dedos dos afectos tocados

de ti não sinto nojo
em tudo que faço

e o que faço de ti
se só a ti te aproveita
por mim o faço

e por fim

no laço da união

se te deito te beijo
te abraço

te digo te amo
te entrego do amor
a lança

choro de alegria
sinto-me criança

como estão longínquas
as palmeiras
que tua seiva absorvem
nesse amar inocente
a quem seu corpo basta

frémito langor carícia
escondida em curta veste
que tanta saudade liberta

por terras e mares
por humanos
nunca pisadas
nem navegados

minhas pernas
tuas apertam

o meu sexo
penetra-te
deslizando pelas formas
erectas dessa
porta

que limpa
de toda a sujidade
ilumina o corpo
e me transforma
na mais alta potestade

parto e
na memória guardo

o suor das catedrais
os uivos os ais

longínquos
das estradas desertas

das avenidas das capitais
de tantas camas

tantos feitos
pecados veniais

tantos seios
vaginas peitos

tantas ninfas
tantos sátiros

tantos sonhos desfeitos

os teus lábios
tua dádiva
nas mãos lentas da incerteza

ajoelhada
na macia
nudez dos dedos

confessas-te
molhada
rosa das rosas

e ao meu tacto
pelo caminho
esguio e menos recto

se entorpece aos poucos
tua vagina
de menina

há uma vida e duas canções
canção do amor e a da paz

hoje quero-te como amante
pele contra pele mãos nas mãos

e teu corpo vivo em flor
a renascer a cada orgasmo

tuas ancas coloridas
nas minhas mãos doridas

tuas nádegas e meus dedos
nas coxas despertadas

transparência de nervos ossos
músculos e desejos

no sexo desassossegado
por ti subjugado

o delírio dos corpos
na sombra da tarde
lembra com ternura
inocente e pura
a verdade da língua alada
e da saliva de brando gosto
que brota de tua boca
e escorre pela vulva
e pela virilha
que esfregada se mancha

a meio da noite
insisto
arrasto-te a mão
ensino-te o caminho

inclino-me à taça
de que bebo
esse vinho
doce e aveludado

dou-te a mão
beijo-te os seios
sem saber
se sonho acordado

ou se o sono
me sustenta
acordado a alma
em corpo alado

hoje fizemos amor –
para sempre na carne
do acto de amor fazer
os estilhaços cravados

acaricio-te as pernas neste carinho que devagar inventa o
fascínio do sabor do teu peito há sombras nas
vidraças que se abrem sedentas à brisa da tarde

dá-me a tua língua teus dentes perfumados a mão em
frenesim
deixa que tropece no teu sexo que te cheire e que te
enrede que te enleie
chama-me louco sim enquanto o meu súbito desejo
em ti se implanta

fecho-te os olhos
abro-te o vestido –
noite escura

nos ares o
aroma do pinho –
imersimos
no mesmo vinho

toca-me
devagarinho
no peito
no ventre
no sexo
aperta-me
joelhos
coxas
braços
deixa
que te penetre
fundo
tu de costas

com as pernas
fechadas
eu
suspenseiro
erétil
louco
do teu movimento
grita
grito
e agora
de bruços
para cima deitada
ou de lado
com teus dedos
prolongas
teu orgasmo
e meu espasmo

pernas que se abrem
os cotovelos
roçam os lençóis brancos

mãos dadas
os longos cabelos suados

das axilas um fogo cálido
um sexo molhado

uma romã
orvalho que nu
veste a haste dura

lambe-me o sexo
vira-me do avesso
despe-me a alma

mata em mim o humano
acaricia-me o peito
inunda-me com o teu cheiro
rasga-me os sentidos
oferta-me teus orgasmos

que morrem pela mão da madrugada
quando exaustos e de uma só vez
adormecemos num mar de esperma
a suco de saliva arado

tantas deus meu
são tantas as que amei
e se de tanto prazer vivi
donde vem este sofrer?

os corpos
revoltos
as bocas

mordidas
os sexos
as virilhas
odor
a canela
o sabor
da madrugada
as lianas
o grito
das hienas
e dos chacais
os lábios
famintos
sôfregos
de um sorriso
o fogo
que o coração
ateia
a paixão
do sangue
em ebulição
os lençóis
frios
o prazer
deslumbrado
à palavra
amor
a égua
que corre
no prado azul
a espada
que rasga
o fundo da dor
que a esquece
e com raiva
lambe
beija
e morde
o medo
do pecado
e eleva

pénis
e vagina
ao reino
do iluminado

os teus cabelos são o mel
onde afundo a minha gula

tinhas os cabelos compridos
encaracolados e negros

a face trigueira e o sorriso ligeiro
lá fora fazia frio de inverno

na sala da braseira
o regaço coberto pela mantilha
deslizaste os teus dedos
pelo meu pénis virgem

eras tão nova e eu também
a tia dormia ou fingia
fizeste-o como ninguém

e essa erecção foi tão forte
como nenhuma outra tive
nem terei até à morte

esse teu desejo tão belo tão bonito –
dá-me tua mão sedenta
deixa que te mostre o infinito

o corpo penetrado sem tempo
três cavalos brancos na lezíria

o vento sopra no meu peito
entre as pernas

na febre da vagina
no lençol de papel escrevemos nossos êxtases
o princípio e o fim das noites gementes
onde os corações se incendeiam

pétalas acompanham a lentidão da língua na flor dos
lábios

inventámos as posições sem vereda a sagrada pira
consumámos o grito surdo do orgasmo
silenciámos o universo na sua prepotência
e destruámos o pecado que do corpo nasce e no corpo
respira

gritam os sentidos à aurora
ponho uma venda azul
junto as cinturas num anel
que se não sente nem é de gente

nado no teu corpo alagado
na esmeralda do desejo contido
e pouco a pouco
desperto o sentido
que molha a pele
que te fala ao ouvido
e abre com doçura
o teu sexo escondido

põe-te de bruços
afasta os joelhos
cresce-me o sexo
o anseio a vontade
fecha-os cerra-os
bem cerrados
envolve-me o pénis
desliza o rabo

move-te engole-o
tens três portas
agora lambe-o
aperta-o depois

como só tu sabes

ejacula teu líquido
branco como água
treme grita contorce-te
suga-me a vida
alivia-me

morre a noite nasce o dia

dizes
que é o meu cheiro
a fome de amar
a erecção constante
o vício de dar
de morder
um prazer que é teu
mas que antes de o ser
é sempre meu

gosto quando me pedes –
não páres quero mais

gosto quando me dizes –

vem a noite é minha

sou toda tua dizes
faz de mim o que quiseres

faço de ti o que quero
faço de ti o que queres

lavro-te o coração e a alma
semeio em ti o anseio
colo amor e cama te dou

é o meu pénis
que te satisfaz
que faz da terra
o paraíso
no orgasmo
que se dissemina

corpo que sobe
aos céus

ao angelical azul
que vagueia pelas nuvens
que desconhece o mal

voz silente
mansidão do olhar
as pálpebras ardentes
as mãos a acenar
abertas as pernas
os seios pendentes

boca na boca
boca no sexo
lentamente desperta
o êxtase que liberta
laço que encurta
que mata e faz variar
o tempo-espço
e nos ensina
o verbo amar

desço a mão
desço a tua

seguro teus dedos
toque que se insinua
no teu sexo quente

acaricio o meu
tocam-se as coxas

nas línguas viciosas
matamos a sede

bocas que se unem

que crescem
se mordem
acesas na escuridão

os corpos hasteados
tremulam febris
e um a um
explodem
como leite espargido

por ti sulco os oceanos
navego o azul dos céus e dos mares
e a cada bordo te tenho de borco

tira a blusa
a saia
tudo o que tapa
o silêncio do fruto

despe a carne
abre a alma
fende o espírito
rasga o vestido

desce a boca
ao ventre do vento
geme louca

na chama do momento

o corpo é uma rosa
por anjos vivido
tua língua uma asa

que me colhe o membro
onde tudo tem sentido
o que é
o que será
e até
o que já não lembro

arrasto
a língua
pela tua taça

bebo
de teu vinho
o teu mosto

o licor
desse gosto
infinito

lá fora o silêncio rumoroso dos que já não amam
vagueio pelos intermináveis corredores do quarto e
transformo a sede do deserto tumefacto em orgasmo o
teu corpo é feito de musgo como as catedrais que fundem

a volúpia dos ventres nas cúpulas ancestrais nas mais
profundas grutas tenho-te e não te tenho pouco é o
que vejo nado na sombra da tua vagina
de lado

boca
lábios
língua
de menina

sugo-te
os dedos
o ventre
a vagina

o desejo ferve no canavial
lume na ínsua do coração

a palavra que se não diz
nuvem que se espalha
na mortalha da razão

florescem os sentidos
nos ciprestes milenares

do gozo
da morte
da vida

e eu grito
estremeço
transcendo tempo
e num lamento
apunhalo o espaço
penetro o infinito

belos são teus olhos
teus lábios
crescem heras no teu corpo
violetas nos cabelos

és a mais antiga das mulheres
a palma do mais puro anseio
a força o veio de água que resplende
o caminho a via do meio

primavera de meu olhar
turvo por vezes cego
se no nevoeiro te não vejo
e na noite outro me sinto

na solidão já solto
de tudo o que é amor
lascívia e felicidade

morro de dor
sôfrego da palavra
e do acto de amar

o paladar do destino na casa verde do lago

hino que o corpo canta e a alma encanta

cabelos negros ciganos viajados
de mãos nas mãos tocados por tantos
estranhos no perfume dos crepúsculos
róseos sedosos maduros
para mim os únicos

liberta-os ao som do vento
ilumina o candelabro de nove braços
e de bruços com esse teu jeito
sorve-me o alento
beija-me o peito

a noite é viciosa
como rio de orvalho branco
que te inunda as palmas da mão

a noite é escura
como o deus que procuras
na natação em que me sepultas

oitava noite do novo ano
candeeiros da rua deserta
iluminaram-se os candelabros
escondido no cetim do roupão

acenderam-se os
na casa velha do beco
o pénis ergueu-se
a porta silenciosa

o sonho daquele corpo juvenil inebriava o espaço em
suspensão as horas derrapavam no sino da torre
o pénis erecto cansou-se as pálpebras vermelhas
cerraram-se na visão do encantamento
sono sonho por momentos acordado
sono sonho enjeitado

a boca dorida
de tantos beijos
a vertigem
dos teus seios

despes-me o olhar
separas as línguas
invades-me
como onda no mar

tuas mãos de saliva
no meu dorso
doce sensação

que me percorre
absorve
e prende à vida

nos meus dedos o cuspo que te molha o sexo
caem as horas no teu corpo
lusco-fusco de borco

sem desejo
falo-te do meu desejo

deprimido
a razão sem sentido

a vontade morta
do corpo inerte

falo-te do que senti
tua ternura teus abraços

das tuas pernas os laços
de teus lábios o mel

e das contracções
vaginais

os uis os ais
os gritos os salpicos

do esperma espalhado
no teu ventre agitado

falo-te de tudo
e do nada

do que amo
e amei

do que hoje sou
pobre amante

o degredado

penetro-te e peço que me olhes –
olhar aberto
ao movimento do sexo erecto

as formas da água
no linho do leito
desejo que em pedaços
agora jaz desfeito

um fio de sangue
no lugar do peito
lençóis em alvoroço
onde meiga a deitas

adormeces nua
tua pele na dela
a dela na tua

do sonho desfeito
sendo certo que esse corpo
teu não é mas dela

nesta noite de luar obsceno

invento-te as linhas as formas as cores –
nas minhas mãos prazer e dores

dizes que és minha
descontrolada
enquanto o orgasmo perdura
em suores alagada

repetes com ternura
exausta e ainda nua
sou tua

lá fora
na rua deserta
um cão uiva
uma mulher à janela
a solidão da noite
na porta entreaberta

e quantos não esperam
no mais louco dos amores
confessar o que se confessa
quando julga que se ama

seguro-te a cintura
o ventre macio
e com os lábios
exploro a gruta vazia

esperma
de bronze
a fenda dividida
hálito de vidro
a crescer no ventre
húmido esculpido
a língua
no joelho
o odor
do desejo
artelho desfolhado
hálito
que invade
o umbigo
o céu da boca
lambido bebido
revolto
como mar
em perigo
sede de paixão
que se deita
se despe
se consome
e perece ao nascer do dia

na última erecção

a meio da noite
ela veio

trazia
nos dedos esguios

o som
do mar

das noites
de invernia

os corpos
nus

a palpação
dos sexos

no coração
da maresia

lavro o teu corpo a saliva
percorro-o com os lábios

a língua molhada
beijo-te os pés

subo aos joelhos
detenho-me no sexo
que ora lambo ora penetro

encosto a face ao teu ventre
branco tão suave macio

com lentidão cerro as pálpebras
as pétalas da voragem

a boca nos seios hirtos

na viagem das mãos
aperto-te as nádegas
as costas e os braços

os meus desejos são os teus gritos
a minha paz o teu descanso

o odor da tempestade
na boca entreaberta

na porta escura do amor
as lágrimas da saudade

com brandura abro as tuas pernas
a língua adoço nas gengivas

adormeço acordo navego
neste dócil sonho azul

parto
e na ausência
do teu aroma

a viagem
é penitência
de solidão

do amante
que sem amada
já sem alma

sem nada
outra mulher
não quer

em noite
ociosa
sem virilidade

demoro-me no acto de amor fazer a primavera
desperta lentamente e as mesmas flores de antigamente
demoram a florescer curva-se o corpo suado ao
prazer os orgasmos sucedem-se o meu guardo-o
ciosamente para que momento a momento tarde noite
manhã possa escutar teus gemidos alcançar os teus
espasmos deslizando por ti na rosa dos dias até que o
cansaço vença o furor do sabre empunhado ao cintilar das
constelações naquele sabor de sal florente que só aos
amantes é dado ter
afinal o orgasmo é parte ínfima de extenso gozo celestial

afeiçoei-me ao meu corpo
aos membros e ao tronco

acendi incenso no leito
tomei o veneno do quebranto

lembrei-te deitada
com a camisa decotada
nua

as tuas mãos nas minhas
as minhas em mim

dizendo faz-me
isso assim

tantas árvores despidas na paisagem
tantas mulheres na vida encarceradas
e eu que sem ti amada
já sou nada

o ócio dos odores
que percorre o ventre
do vestido nu

o sabor das pregas do lençol
a que me entrego
na sede de teu corpo ausente

a sombra táctil desse elemento
que me não consentes
invocação de duro lamento

foste a mulher de meus dias

a ilusão tardia
a insónia das noites

na esperança que se esvazia

os anjos também amam

olhar profundo
mãos dadas
tão doces e delicadas
divina oração em
dedos de luar

na aragem do pinheiral
a voragem dos corpos

em cama de tenros fetos
os rebentos aguados do roseiral

abandonado às velhas paredes
da escola sem miúdos

renascida nesse teu orgasmo
doce violento e tão lento

como estrela em céu cinzento
que se repete a cada momento

o hálito quente nas coxas
a palavra que me desmente –
só tu existes somente

a lama do rio
inunda os corações

o barco move-se
entre amarras

estás molhada
entre-pernas

a língua marítima
ilumina-se

recolhe-se
entre lanternas

estou aqui neste mundo pardo
obrigado a amor fazer operário do sexo a arar
campos ressequidos
a boca atola-se na terra que queima as paredes do quarto
rústico

as tuas pernas nas minhas
um sorriso uiva no papel amarelecido desfeito em
lágrimas de esperma
não posso dizer não não posso
negar-te o músculo que me entrega o destino fatal
irrevogável é a vereda deste pobre mortal
perdido nas horas
espasmo após espasmo
construo no hábito
a ilusão do amor
e grito

foder com uma duas ou três
sufocar de prazer
matar o desejo a dor
morrer de amor

o amor que tenho quando te possuo é diferente do que te
tenho na ausência as memórias de menina nos
ciprestes avisados nos muros caiados do coração a
tua voz aceito o gozo da solidão do corpo que contra
o meu estreito perdida a hora aperto-te devorador o
seio no peito vazio espero que a saliva percorra o
labirinto orgíaco da tua face plana vê a caixa de
madeira pintada onde guardámos os segredos da infância
simples te penetro à luz do dia

é azul
tudo o que amo

azul o céu
azul o mar

olhar azul
gestos índigo

anil de luar
no azul que digo

cortaram-te o cabelo

mesmo amputada creio em ti
como se crê num deus imemorial

pareces-me um rapazinho imberbe
mas és tu inamovível
nua de pernas ansiadas
a carne dura de granito cinzelado

ponho-me de joelhos
beijo-te e rezo ao sexo azul celeste
enleio-me nos teus pés
a alma repartida em pedaços de pão

nas mãos que te dividem

os segredos do corpo
abrem-se as portas
que me extasiam

no inverno
o corpo é lareira

as formas do fumo
que sobe

o lume na braseira
calor que foge

as tuas pernas
nas minhas

no pijama
sémen que escorre

corpo iluminado
que da penetração prescinde
e que a cada palavra
ao ouvido dita
da matéria faz alma
e espasmo a espasmo
sobe ao paraíso

naquela manhã
o clitóris estava tenso
aos dedos ainda dormentes

nos lençóis de algodão
os pesadelos
da solidão

na mesa de cabeceira
uma espiga doirada
vibrava

e mais se agitava
na vagina
sedenta que a aguardava

a fome dos seus dedos
o amante indiferente
que não veio nem vem

cama que range
corpo sofrido
orgasmo que se abstém

quando o dia morrer
nas pétalas floridas das roseiras
beijaremos as mãos geladas
dos salgueiros vergados
à loucura da noite

deito-me contigo
cansado do mundo

entrego-te tudo
entrego-me a mim

deito os meus olhos ao céu
caio no meio das tuas pernas

destapo-te
liberto-te do véu

despida
com o ardor da chama

e a dor da lenha
desfloro-te

na cama quente
de sangue

mergulho no teu ser alado
no jardim as estátuas mudas
os buxos calados

afagas-me o membro
sorves-me o líquido da vida
o éter do espírito vivificado

o cheiro da terra molhada
na erva que rebenta

árvores que se beijam
pela brisa de oeste agitadas

um ribeiro nascente
espalha-se na encosta
e contempla a ponte
as serras nuas desertas de gente

aproximamo-nos num olhar
as mãos deslizam para o sexo
roupas espalhadas no giestal

rígido e erecto penetro
na gruta do amplexo
o bramido da palavra amar

penetrar
ou ser penetrado

quem pode
ou deve julgar

o prazer que se quer
que é assim desejado

cada um
come do que quer

e a mais não é obrigado

aquele beijo
foi só um beijo

o primordial

criação do mundo

na boca que se abriu
língua à língua colada

lábios salivados
dentes suados

e eu que crescia
em mim dentro de ti

nesse desejo
tão desejado

naquela noite
os dois lado a lado –
o céu da terra aliado

o quarto tem o odor das florestas queimadas o
mobiliário delirante envolve-nos transforma-nos e
suga-nos para o inferno de saliva ensanguentada
somos animais ferozes em desacato no gozo pleno dos
espasmos alagados fendemos o silêncio temível dos
dedos encrespados as pernas em leque os joelhos
dobrados
ah os desejos tão desejosos tão desejados

debaixo dos lençóis
de tudo me dispo
pensamentos roupas instinto
e na sem-razão silente
com dedos de veludo
me masturbo
me sujo
me limpo

vidros gélidos na casa de inverno
a noite cai sobre os seios pequenos do vale
lá longe um pastor assobia a flauta de cana

os lençóis são os de ontem
neles as tuas formas amarrotadas

o cheiro da almofada branca

varre a velha cama

de olhos cerrados vejo-te
inclinada

os cabelos no meu pénis
a boca amordaçada

esperma que se derrama
num clitóris tumefacto

deponho um beijo
no teu hálito
a mão no teu peito
e num cerimonial casto
num hábito perfeito
desço às pernas
que abro
de modo tão lento
num tão intenso querer
que me perco
desfaleço
e sinto como ninguém
de quem tendo o que tem
mais nada ter quer

a escuridão
assombra o quarto

uma vela acesa
no canto
anuncia a madrugada

a lareira
vai morrendo
lentamente
como gente

enquanto
o frio aumenta

saciada
vestes tuas roupas
ainda suada

o punhal enterrado no corpo cobre os cortinados
debruados a carmim
não há lucidez no prazer na cegueira dos odores que
se misturam em mares desfeitos
e há o leito dos mareantes a palma da espuma
nunca constante
os corpos diferentes numa mesma alma

houve um tempo
em que te amava
nas horas perdidas

tempo de sossego

de harmonias
em que tudo era tão verdade

a saliva escorria
no canto das cotovias
como deus na eternidade

fazia-se manhã
noite
tarde

nada nos cansava
tédio ou fastio
porque tudo era novidade

de tudo te fazia

na tua boca o sabor
dos mirtilos e do gozo –
não é isso o amor?

quando as línguas se conhecem
as salivas nascem quentes
os seios erectos

quando o membro cresce
a vagina se humedece
e espasmos a cruzam

num movimento alado
um corpo novo renasce
das cinzas do passado

agora que te conheço
iludo o espaço

que vai dos seios aos joelhos
dos teus lábios aos artelhos

pernas que se abrem
desejo impresso na carne

espasmo violento
que do teu ventre
nasce sedento

estou junto de ti

colunas de braços
suados

os lençóis em pedaços
rasgados à fúria
de todos os momentos

em que renasço
ao teu abraço

este medo
que insufla os dias
é o segredo que aguardo
ansioso na solidão
da tua partida
e que morre
quando tornas
e nua te ponho
e nua te entregas
às minhas mãos
razão de meu sonho

ergo-me na noite e canto
ao vento que sibila nas acácias
ao lume que crepita na lareira
à ausência do teu corpo
e sonho
com os espasmos
do último encontro

o sopro da tua alma
no meu sexo
dissolve do mundo o espaço

a língua rompe-se
na fissura do tempo

os lábios da vulva
apartam a madrugada

cheiras a canela
primavera molhada

toda tu és pressa
ajoelhada

boca de lua cheia
travo de rosmaninho

o teu hálito no meu peito

a memória das ondas no pontão
do meu pénis em erecção
colado à tua saia subida

tempestade na barra
uma sereia despida

os teu seios
tão redondos
hirtos
perfeitos
do peito salientes
nessa blusa amarela
que mostra o que
esconder quer
e insinua o que desejo
deixa-me na alma o rastro
do que perdi e não vejo

as palavras que te disse
tão vívidas e sentidas
no momento em que te tive
e me vim
foram apenas palavras
com um princípio
um meio
mas sem um fim

os teus lábios grossos
a cruz de teus olhos
ao céu voltados
lembram-me da aldeia
o padre velho
a rezar meninas

falta-me o teu corpo
a tua alma
teus gritos
as amarras com que me sugas
os rios de saliva
os sorrisos e risos
de teus orgasmos
os membros contorcidos
as palavras silenciadas
nesta tarde de outono
faltas-me tu
falta-me tudo

quando o cansaço vier
no teu corpo ainda quente
e a arrefecer
irei aguardar que
no ventre gelado
poisemos nossos dedos
vivos como sempre

fico tão silencioso quando te vais

tão triste tão choroso
saudoso dessa partida
de que guardo a despedida

na memória o teu olhar
a floresta dos teus cabelos
a maciez da tua pele
os longos actos de amar

esperma que espalhas
nas coxas ventre e lábios
no corpo em oração

a pele dolorosa e dorida
nos lençóis de vidro
solidão onde me estiro

verdes os teus olhos
no azul das minhas mãos

arvorado te penetro
perco-me no teu coração

suo grito e emudeço

tudo é verde
nesta tarde infernal

as paredes

a mantilha
a coberta
as uvas
da tua vinha
o sabor
da tua boca
o odor
da tua língua
a cor
do teu colo
a espuma
dessa gruta
tão macia
que ao mais
suave toque
estremece
se contrai
e rejubila

tudo é verde
neste instante

o olhar
que me alumia
o ar
que me alimenta
o sexo
que me acaricia
o orgasmo
que me mata
e me dá vida

a nudez arrasta-se lânguida pelos candelabros do salão
antigo eu conheço a chama dos corpos vivos a febre
do esperma a cobrir o dorso das palavras que se

constroem na rigidez dos membros bebo o vinho da
tua boca rasgada num mar revolto de desejo oferto-
te os meus braços e invento um poema com o sabor do
sal das ínsuas beijo-te a boca cravo os meus dentes
nas letras ritmadas
sugo-te o ventre
tenho sede lava-me as entranhas suga-me a vida

o vácuo das razões a violência dos instintos a
espada que te trespassa
eis o fogo da noite na fissura dos tempos
em toda a parte o centro do amplexo dos corpos em
toda a parte e em parte nenhuma
o espelho convexo
os dedos na tua boca morde-os louca
o membro no teu rabo
morde a almofada de cristal abafando sons roucos
uivos de gozo imperceptíveis a cabeça na cabeceira
não há nada que eu não queira

tudo é terra os cabelos negros sobre os ombros os
espasmos das coxas no pénis que te invade o gozo das
veias a vertigem do flanco rasgado a maresia do
anseio e o teu cheiro que sobe pelos dedos acidulados
bebo-te
e nado no teu seio
invoco da vitória
o suco do clitóris
e da vagina

o doce suor
a pouco e pouco incendeio o dossel ateio o fogo aos
sulcos de lava enterro no teu corpo o punhal de
esmeraldas que deus me deu
enfeito-te de grinaldas são flores brancas
adormeço como a antiga criança no laranjal na tua
boca rosada

penetro-te sem pressa
tão devagar quanto a eternidade –
nasci para te amar

era eu
tu
e ela

tu eras eu
eu ela e tu
ela tu e eu

pedaço a pedaço
violado
construímos
o vício
a volúpia
o falso-pecado

uma flor aberta
outra a florir

um coração que desperta
um sexo que se agita

deita-te
despe-te

amante
amiga

bica-me
sorve-me

lambe
chupa-me

dolente
macia

fode-me
alivia-me

eu sou a sede a fome

sugamos e engolimos
esse desejo
que nos consome

o desejo
é o grito
a adaga da liberdade
hino ao sem-limite
a contradição
opaca insistência
de espasmos-sem-razão
o líquido viril
a voragem
navio gemente
na tempestade
do coração
negreiro vil
da cristandade
cinza
odor
luz
calor
virtude e pecado
com que te
rasgo
pernas
pescoço
o ventre raso
e encostando-te
à parede
em súplicas de sede
tomo-te o vaso

dedos nas pernas nas nádegas na vagina
sonho contigo

edifícios que morrem na cidade
mãos que desfalecem com a idade

de teu corpo conheço todos os lugares
as vértebras esguias copas das árvores
ramagem florida de teus peitos
sulcos abertos no leito os teus
o fogo do regaço sagrado
mais abaixo a água nascente escorrências das
virilhas
cintura que se esgueira
que aperto e seguro
orgasmos de mil ilhas desertas
contracções e frémito
das palmeiras despovoadas do teu sexo

o corpo é carne
espaço que consome
o que outra carne come

o corpo é ausência

sonho em sono vivido
na invenção da permanência

é razão iludida
em vivência nobre e suja
é vida que se esvai das mãos

carne que asas busca
no templo da escuridão
razão vencida
que não deixa de ser razão

na lentidão do tempo
convoco o hálito do teu corpo
e o sorriso fugaz das tuas coxas

despe-me a camisa
beija-me os braços
desata-me as calças
desce teus cabelos
une-os aos meus
com a rosa orvalhada
morde-me os lábios
inventa novos gestos
a língua descuidada
tão faminta tão desejada

com os lábios
em chama
e o coração
silente
elevo o desejo
ao cume ardente

aqui me deito
aqui te debruças
esfregas-me
com teus peitos
sorves o que rejeito
na explosão
do momento eleito

se eu fosse
rude
primitivo

grosseiro
no que penso
e ao que vejo

não amaria
nem teria

paixões

teria desejo
e a cada dia
seu afã

seu prazer
em cada noite
uma mulher

nem sempre o que te apetece me apraz por vezes o
que te recreia me desagrada
e o que quero rejeitas
mas à noite em sonhos
quando o anjo do amor desce
nem tu me enjeitas
nem de ti fujo
e os nossos corpos feitos um
nada negam fazem tudo

não suporto a tentação
perfume presença sabor –
como é cego o amor

não te vistas
dorme nua
liberta-te égua
incerta
a romã da planície
não olvida
que a loucura
que se acende
sendo muda
não te renega

são esses dedos longos e distantes o veneno dos meus
dias
um dia deus saberá qual voltarei para o beber

da tua boca
nascem golfadas de azul
um azul tão macio
que é vício
no ofício da arte de amar

o pulso dos dias
estagna nas tuas pernas redondas

os gemidos do quarto
afogam os orgasmos

e nessa febre salivada
há um mar imenso

tão meigo desordenado despido
que ao grito do prazer
se queda no tempo
estagnado

olhos negros
de estudante

no teu colo
o sol nascente

na minha mente
o mistério do prazer passado

beijo sangrento
escultural pecado

digo
vira-te
lambo-te os seios
o pescoço
os pés
os joelhos

outra vez
fecha as pernas
aperta-me o sexo
move-te
depressa depressa

redondo o fruto
circular o movimento
pénis erecto
duro lenho

espera espera
que me venho

de bruços
tu
a desejada
de joelhos
eu
o desejo

olho e vejo
o sabre
que desliza
no templo
orvalhado

estremeces
contínuos ais
gemes
e pedes mais

passeias-te
nesta arma

que ama
e não mata

sorves-me
o sumo
que alimenta

a tua boca
e o teu ventre
suave milagre

desmaia a luz no quarto de hotel	conspurcado o ar do
último hóspede	não sei quem mesmo assim
nado no teu corpo	viro e reviro-te ponho e tiro
suspendo o orgasmo	e nessa loucura nesse desatino
venho-me contigo	

amanhã virás

mais não conheço
que teus olhos
azuis
adiamantados

não sei
quem és
quem foste

mas serás

com ou sem corpo
na ausência ou presente
no espírito e na alma
a novíssima amante

a ferro e fogo
te penetro
te lambo
para a vida
te desperto

os meus dias são redondos e magros como mirtilos
silvestres framboesas do queixume abrunhos
tombam incertos nas palmas das mãos abertas quero
a marca dos teus caninos rente à minha vontade
a secreta arte
do caminhante do deserto
os rubis que se escondem
nas grutas cruéis
a cruz que nos prende à terra estéril
a vertiginosa cisterna esmeralda lábios marítimos
donde te ergues
agora é tarde limito-me a escutar o som que se
incendeia no teu corpo virgem a saudação do teu
regaço

o que teces e o que desfazes
ao luar
nua no terraço

saberás quanto
te amo

quantos beijos
deponho
no leito desfeito

quantas lágrimas
verto
no meu peito?

essa franja
que serpenteia
entre o olho
e a sobrancelha
que tão suave
se meneia
entre a boca
e o meu falo
deixa-me mudo
deixa-me surdo
torna-me cego
sem que saiba
ou oiça
o urro

em que resvalo

há um vício
em cada palavra
acto
movimento

inclinada
para a frente
a cabeça
submersa

mordes
a almofada
de bronze
e gritas
silvo surdo

dos espasmos
que se dispersam
pelos corpos
descontrolados

a seiva das rosas
naquela proa firme
alumia
a espuma branca
dos lábios abertos
ao nascer do dia

mais
toca-me fundo
vá
manso e mudo
depõe um beijo
profundo
no trilho
que te abro

beija-me
a boca faminta
sacia-me
os desejos febris

bebe-me
o corpo inteiro
a chama
do sagrado
o elixir dos anjos

mais
mais fundo
sangra-me
com teu punhal
enche-me de vinho
e deixa
que com raiva e amor
por toda a parte
meu grito se oiça

são de esmeralda e rubi as lágrimas que verto
não têm razão têm sentimento –
vero corpo ausente que não invento

veio o vento com os seus dedos delgados enfunar as velas
dos destroços no poço os corpos nus acariciados pela
brisa quente que o amor liberta todo o fim de tarde
a minha mão na tua
mar que se insinua
se solta se desprende
no costado do teu ser
desejoso e desejado

do prédio velho da avenida desciam em cascata as carnes
flácidas das mais antigas prostitutas ali quando os
três vinténs ainda eram de gente agitavam-se vulvas e
vaginas e por vezes por vezes as nádegas daqueles
enormes cus ancestrais marcados a ferro e fogo por pénis
escuros amedrontados as camas embaraçadas
acumulavam as rugas dos lençóis nos rios espermáticos
de gerações
gritos forjados pelos quartos e nalguns salões viveiros
orgíacos de odores adocicados pensões em serviço
permanente
gestos carnívoros insinuavam-se na raiva de tanto sexo
desejado para tão parca vida
afinal eram as putas da avenida

tão queridas
aos poetas da má-vida

de ti
bebo o vinho
o suor
as lágrimas
o sal
o líquido
que escorre
em aroma
de pinho

o banco de granito envelhece na casa antiga hoje em
ruínas
envelhecemos ao ritmo da memória que se afunda nas
ervas aquáticas do ribeiro
já não despimos os anjos mostrando-lhes as vergonhas
inexistentes
tremem-nos os dedos
não construímos mais palavras de sémen naquela paixão
íngreme do vale alimentado por mansos pinheirais
o verão é o inferno da lavoura do sexo não

gosto
quando devagar
te mexo

no ponto certo
no sítio teu
gosto dessa

chama
que se abre
à exaustão

fogo
posto
no vulcão

que das tuas pernas
nasce
quando o toca

pequeno vulto
que cresce
e me ampara

és pedra és rio és mar
és o nascente que se aparta
e que no todo me aguarda

seguras-me o pénis com aquele especial jeito que o
encaminha para as fissuras do medo a essência das
fossas abismais silêncio que envolve membros
descarnados beijos onde tropeço as emoções
que esqueço sinto-te incendiada ao sabor de eva e
odor de adão provando de ti os lábios sedentos na maçã
do orgasmo vivo está o pecado original
o lume da vagina no gemido do mundo espaço
circunspecto da alma perdida caio de bruços
ajoelho e desfaleço
o amor desfaço

desassossegado
de pé
guardo a tua vinda
o teu cheiro
teu vinho
teu pecado

naquela noite rosada
levaste-me contigo

levas-me sempre
quando o coração chora

conheces-me
conheces a minha hora

o meu anseio

a ansiedade

do meu corpo
o volteio

a agitação
o orgasmo

a extensa
erecção

e sabes tão bem
bem melhor do que eu

dos dias os momentos
em que sou apenas teu

liberto os olhos ao horizonte se fui já não sou de
vistas curtas vida de putas que se acaba
terei de escolher cedo ou tarde
amor que me cerre a fronte

ponho-te as mãos no peito
arrasto-as para as pernas
subo-as ao sexo
abraço o teu braço
teu joelho
teu pescoço
enquanto tua boca

desce ao meu ceptro
ao céu exposto

acendemos a carne nos montes bordados a pétalas cálidas
os ossos da terra repousavam ao mel do sol poente
o quartzo dos ombros contrastava com o granito róseo de
tua vagina lagoa nas alturas
os arbustos brandiam os braços à nudez do rio
indisfarçável
bebi-te em todas as águas do tempo silente
no teu ventre adocicado germinaram relvões em
estilhaços
fizemo-nos chuva trovão relâmpago furacão
no ar os seios voláteis
arrebatados por mãos frementes
hálito disperso à superfície das águas

nos meus braços a tua sombra
na minha boca o sabor
da tua vagina em flor

*

verdes olhos da mestiçagem

mãos renascidas ao medo da aragem

espectros famélicos da puberdade

longe de ti
das florestas tropicais
onde pássaros azuis esvoaçam
e multiplicam
a beleza da criação

lembro o dia à beira do lago os limos acesos na
névoa que branda descia sobre as quietas esmeraldas
aquáticas devastação do prazer
o sufoco febril
na agonia do amor
a morrer
nos umbrais da tua boca

palavras de sexo vertidas em taça de punhal são grinaldas
de passos a percorrer os pulmões dos caminhos
lentidão da língua ao sabor meigo do corpo
gozo súbito na boca que se aquece poço sem fundo
fruta doce gomo que se afunda nesse regaço nessa
gruta

amo-te

tenho sede
do sangue

que se transforma
se desmanda
se rompe
se exaure na aurora

quero que sejas rio
o estuário sem sossego
das barcas encantadas

que sejas o luar
dócil e mavioso
nas cristas a brilhar

que sejas mar
maresia
o batel encantado

que sejas dor
quente e forte
como o amor

que sejas vida
que sejas morte
que sejas tudo

porque alma
como a minha
não aceita

não caminha
lado a lado
com amor a outros dado

forte decidido absorto
agora olho
as formas do teu corpo
a boca lhe abro a rosa lhe desfolho

o peso vegetal dos teus ombros sobre o meu peito
um seio na palma da mão
os dedos no sentido inverso
ao eco do teu gemido
abraça-me docemente
como quem embala a criança divina e de seda pura a
veste
adormeço na cúpula do tempo
ao som da harpa campestre

um beijo no céu da boca
outro no ombro despido
um outro no mamilo
outro que desce ao umbigo
que rompe a fissura da chama
roço que a vagina clama

a ameixa mexe-se nas pernas
tão redondas e lisas
amendoadas

retorno à tua boca
ao céu molhado

as ancas e o centro do corpo
majestade nupcial no nó das cinturas

momentos de movimento na vulva que se abre ao som
das nuvens
aqui estou duro e entorpecido

nado no teu corpo
na tua alma
e voo contigo no teu espírito maduro

nesse mar de calma
chamas
e abrigo

em cada amante há um tecido bordado
que se rompe se desfia e desfaz
em cada amor acabado

incendeio-me nos campos rodeados por sebes derrubadas
em cada árvore um amor antigo um quadro pintado
com a voracidade de artista embriagado
no poço seco e na penumbra dos séculos as ninfas que
faço e desfaço no torpor da mente vertiginosa
o sol nasce o rio corre as amarras estremecem com
o sudoeste
nem no sexo há balanço como este no corpo a corpo do
meu barco tempestade em que me trespasso das
ninfas o compasso

vem meu amor de hoje
vem ver o sol-posto
beija-me o rosto
que amanhã
quem o sabe
o dia é de outro

mão que vacila e paralisa no veludo desse corpo nu
a voz crepita no gemido da tua cintura
na penumbra prossigo
quebro o elo da tua entrega
avanzo animal feroz na prisão de teu vestido
o delírio abrasa-me a alma
queima o espírito
e porta a porta vez à vez
de ti tudo tenho
e já nada entendo

dez horas da noite
à porta do casebre
o som do ciúme
da vergasta
da raiva
da honra ferida

no quarto dos fundos
outra deitada

recordo os anos
nos teus abraços
os afagos
as promessas
a violência das palavras
e a ternura
o prazer
a loucura
a aurora
e a fadiga

as tuas coxas
os gemidos
o amor da tua língua

dizias
ser o amor da tua vida
no corpo novo que conheci
tão perfeito e apetecível

traição
mirrou-se-me o membro
cresce-me o sentimento
da culpa comprometida
pecado contra ti cometido

o esperma
nas algas
de linho
asseveram
a aterragem
na terra prometida

às vezes e são muitas
fujo ao amor

nem a memória
dele quero

o vestido rasgado
nas ancas nuas

o coração
nem longe
nem perto

o prazer
num princípio
sem fim

os nossos corpos
em desordem
à beira do precipício

o mais louco dos prazeres
nos beijos que se incitam

a febre do corpo
no silêncio da razão

*

o esperma que te escorre da boca faz-te mais bela não
que o não sejas mas torna-te mais tu
imagem que reflectes nos céus de teus lábios
língua rasgada com as unhas
vinho nascido das faces rosadas
mel que sorves espasmo após espasmo em múltiplo
orgasmo
a cada instante renovado

o meu corpo cola-se ao teu foram moldados juntos
colam-se
dedos
braços
pernas
sexos
abundam
abraços

beijos
movimentos
da vagina
pénis
dos seios
erectos
corpos vivos de uma vez modelados
abençoados

pelo prazer

esse corpo succulento
que me inebria
e se compraz na minha solidão
é haste apeteçada
é vida
é vulcão
erupção em erecção

entra no meu corpo
eu entro no teu

a alma que é tua
ocupa o lugar da minha

a minha essa
ocupa da tua o espaço

aperta-me isso assim
sê em mim

o veado hasteado preso ao laço
que me guarda o eterno abraço

abriu-se a flor
na boca do corpo

feroz o tacto
na carne a dor

no espelho doirado
a imagem do amor

no leito virgem
o âmbar sangrado

pelo dedo penetrado
de virgem com virgem deitado

e desse acto
dessa posse
incompleto ter
o menino fez-se homem
a donzela fez-se mulher

a penumbra na vagina
a sombra no pénis

uma língua inteira
os seios abertos

o vestido na cadeira
o espectro no espelho

a oferenda que se receia
nos braços que apertas

os cabelos descobertos
no ventre em que me acolhes

os ombros redondos
da vulva em movimento

sémen que escorre
lânguido e lento

sinto-me tão cansado –
as moscas a fazer amor
e eu para aqui sentado
sem vontade nesta dor

amargurada tarde amorosa
deixaste os filhos em casa
o marido no trabalho

com eles
são tristes as horas que vives

pisas as ruas da cidade

cabisbaixa
perturbada

sem carinho
que te alivie
sabre que te fenda

nem o anjo
do amor
te pode valer
em tão intenso
padecer

porque quando
uma mulher chora
fá-lo chorar
a ele

tenho saudades tantas de saudades não ter do amor que
me deste de tudo o que me fizeste com tão exaltado
prazer
boca com boca
as brasas na lareira –
agora a eira deserta

não sei
porque assim sou

animal extraviado

por fêmeas desejado

macho de mil camas
dez mil intentos

outros tantos desejos
ventos e talentos

vaivém de prazeres
prados e lamas

raio de luar
a penetrar vulvas

o adultério
em tardes fulvas

sem que saiba
ou queira saber

o que é esse mistério
o que é amar

feliz e liberto
é-se a foder

a beleza do sol no teu sorriso
apaga-se à minha traição

fez-se no mundo tristeza ódio ilusão
findaram as horas lado a lado

as palavras ditas em silêncio
os momentos de êxtase e verdade

terminámos

anunciada é a morte definitiva da paixão

em ti o pranto talvez raiva
em mim o sofrimento calado

já minha alma
não tenho

vivo e não sou ninguém
neste corpo solitário e vazio

vegeto no campo
na sujeira da cidade

onde há tanto
e tão pouco

tantas as mulheres de rua
e eu sem ti

nu
neste ermo perdido

degraus da tua fome marcam os seios nos caminhos
desertos lábios espessos
nas mãos cheias de vento o riscado da tua gula
cabelos nos ombros dormentes

tempo de romãs em que me ergo
tempo de medo
o segredo do amor
naquilo que faço
e desfazo
ato e desato
desejo que nasce
no corpo em que nos dias renasço
ao longo das tuas pernas ato o chicote das tranças rubras
desato o corpete eis o teu ventre
a memória do sangue
o sabor das lâminas
o odor do vício
o abrigo

a floresta verde-ardente
em que escrevo
amo
peco
me venho
e fico

fiquei ali parado
tão queto e sensível
por essas dunas encantado

o vosso beijo
na cama desfeita
eleva aos céus

a boca
os lábios
e cristalina saliva
de quem homem não quer
e no mais puro amor
encontra o afecto e a doçura
que o simples coito não tem

assim te tenho
assim gosto de te ter
tanto
que o meu pénis
sempre cresce
banhado pelo teu pranto

és tão bela
porque te masturbas?
deixa que te ame
não te iludas

isso fode-me
não pares continua comigo

tenho fome tenho sede
não me deixes nunca

leva-me contigo

sabes bem como fazê-lo
enterrá-lo metê-lo
a deslizar na vagina

um calafrio percorre-me
contrais-te
levas-me ao paraíso
e vens-te
no teu sorriso

naquele dia de chuva
foi na mesa de granito

abriste as pernas
perdi o siso

e sôfrego indeciso
ora to metia ora te consumia

tenho saudades dos teus cabelos loiros
dos caracóis novelos de lã pura
do teu corpo de sereia
lábios de cotovia

ah se eu pudesse
se não te tivesse perdido
cantava-te uma melodia
deitava-te na cama vazia

e noite dentro
umas vezes amava
outras fodia

provocas-me
morena
sabendo que o
meu desejo
é tão intenso
tão profundo
das entranhas o silvo
que ao negares-me
o teu corpo
prefiro-me morto
a vivo

de costas o varandim do quarto as mãos
apoiadas nas ancas os teus longos cabelos
a noite foi longa e eu deitado com o teu aroma colado
posso sentir-te tocar-te fazer amor apertar o teu peito
contra o meu
para hoje e para sempre
 tu e eu

és daquelas muitas mulheres
de quem recordo o corpo e
esqueci o rosto

bebo o vinho
rejeito o mosto

se é isso que queres
se a beleza guardas para ti

não te condeno

talvez quem mais ama
seja quem se ama a si

ao meu cheiro
a mão no teu seio
antes que te toque
e te penetre
vens-te primeiro

o hotel vazio nus na piscina interior só nós o
teu corpo à superfície em provocação justo plâncton
da mocidade
sucumbi às tuas formas na tentação sem medida
enleei-te e na água morna de tua fonte bebi até à
exaustão
 não esqueço esse dia

são os teus ombros que mais aprecio
também
esses cabelos que te correm pela fronte
olho-te
a olhar-te
e aguardo o momento
 o tempo certo
o fim da noite o princípio do dia

preparas-te
lá fora é grande a borrasca
a neve cai nas fragas
enche os campos de branco
e transforma homens em anjos

sabes que virei
vergado ao vento e à tempestade
enlouquecido pelo amor
ao som de bandolins e banjos
cercado por querubins e arcanjos

somos místicos
a noite será nossa
a música das esferas
rondará os ares
perfumará a espera

sabes que virei
outra não tenho outra não quero
apenas eu e tu amor meu

se o sabes
porque perguntas
nesse corpo seminu
porque pedes e me feres
ao espelho que te diga
se outra há
mais bela do que tu

chovia
tu molhada
a roupa colada ao corpo

deitada
a cada golfada
de água

mais se adivinhava
uma beleza
suave e mestiça

já não sei
se te prefiro nua
ou vestida

assim sentada
mantilha à cintura

os olhos em mim fixados
geras-me a dúvida

não sei se me queres
se ofendida me rejeitas

e à minha companhia
preferes

estar só
sem ser amada

sois três
invertidas

e deitadas
de costas para mim
voltadas

não sei se dormis
se estais acordadas
se me enganais
despertando em mim
o anseio

escolho a do meio
por me parecer
a mais perfeita

e porque se a amar
duas mãos tenho
para as outras acariciar

de ti
só tenho os seios
o silêncio
das palavras
nos olhos enfurecidos

mais me não é permitido

enganei-te traí-te
é justo o castigo

lembras-te da noite
na ilha
em que o sono
nos não venceu

lembras-te
das penetrações
blandícias
em posições
sucessivas

de me teres dito
amo-te tanto
não me deixes
faz-me o que me fazes
sempre isso isto

e na madrugada
corpo lavrado de prazer
na glória exaltada
saudaste o sol nascente
com teus cabelos doirados
alagados de suor

lembras-te?

nas praias desertas os corpos nus das mulheres
transformam-se em sereias

banhando-se juntas
a pele de bronze
no brilho da água

esponja que desce
nas formas que se tocam

primeiro modo
tímido e casto
de olhares
dedos
seios
que aos poucos
perdem o receio

o prédio dormia

vieram as duas
pela calada da noite

sem vozes ou gestos
despiram-me

bem sabiam
ao que vinham

de leve
o poisei
nos teus lábios

com leveza
te amei
nessa tarde

punha
tirava
voltava a pôr

e a cada orgasmo
mentia
chamava-te
amor

vá fode-me
mete-me esse caralho todo
dizias

o teu corpo tremia
caniços ao vento
no canavial

o canto dos gemidos
a luz dos gritos
os desejos infintos

come-me essa cona
o cu também
deixa que te chupe
sou tua
de mais ninguém

sentas-te no sótão
o sexo despido

olhaste para o lado
onde o vestido caído

clamava urgente
pela minha presença

amo-te quero-te mas
deixa deixa que estou doente

que posição é essa
que indecisão a tua
com que indiferença me feres
nessa nudez
de quem não está nua

afinal queres ou não?

sem saber onde ir
bati à tua porta

recebeste-me de rede vestida
provocadora na lascívia

parecias uma prostituta
das da noite não do dia

das que vagueiam pelas ruas
desertas e frias

à espera do cliente que tarda
do marido mal-amado

que à mulher engana
e por ti é enganado

no orgasmo que finges
e é todo ele encenado

mais não dá
criatura do passado
amei-te tanto
tanto como a nenhuma

agora
não sei

tudo é triste o tédio invade-me
quero-te e não te quero

sei que o sentes
quando contigo me deito

não há outra não há uma
e por estranho que pareça
ainda é a ti que amo

são três as graças
com as três sonho
às três quero

no sono
com as três me deito
com as três me deleito

as três lavro pedaço a pedaço
mas desperto
e nada faço

lamento
e choro
por ter acordado

não és mulher
és deusa

o ouro da manhã
nos teus cabelos

a mão branca e pura
na tua alma

no rosto o traço
da compaixão

aprendi a amar-te
em espírito

na imagem
na terna viagem

do sonho
donde nasce

o amor beatífico
que por ti tenho

e a mais ninguém
pelos deuses doado

quase nua ao piano
tocas aquela melodia
que não nos cansa
e que é diferente
a cada novo dia

quando páras
recomeçamos no passado
vário no presente
e a cada momento que foge
vejo e sinto que o fruto amado
nunca é o mesmo

nem o foi ontem
não o é hoje
nem o será para sempre

que eu seja
leda
o cisne
que te penetra

abre-te
para mim
ave alada

recebe o meu
sémen
no teu colo

e que desse acto
nasça o filho
a criança desejada

pouco importando
se morro cantando
depois de ter amado

cravo as mãos no teu corpo
a exaltação consome-me
mesmo na pedra fria

uma cabeleira
à moda antiga

agora as meninas

andam rapadas

não nos pica
do mijo não guarda
cheiro

e por chatos
não é a rata
ratada

o cabelo apanhado
os ombros
a cintura fina
as formas arredondadas

viras-te de costas
no velho sofá

entregas-te
no todo em ti
quero que sejas minha

que gemas que grites
que digas
põe-mo por trás

aperta-me as nádegas
quero foder

como tu
nessa beleza nesse querer
poucas há

quando alguém
de muito excitado
agarra fêmea deitada
e a come de pé
arrisca-se a que um rabeta
se sirva do desavisado
e aproveitando o buraco
ao cagueiro lhe vá

despe-se o pastor
para foder o pito à cabra
segura-a pelos cornos
espeta-lhe o mangalho
que cresce a olhos vistos
até que se vem

não tem mulher
namorada
puta
por carência de soldada

não é rabo nem rabeta
larilas abichanado
e de punheta está embuchado

poderá alguém condenar
homem que não tem onde obrar?

convenceste-o
lambe-te o pitaço
lavado e sem cheiro

a língua num bailarico
o rapaz não é casmurro
e até gosta de parreco

só o não fazem
os burros porque são burros
e os pássaros porque têm bico

o sol nasce
no teu sono profundo

a noite foi longa
como breve momento

eu ainda acordado
acaricio-te o cabelo

o tempo passa
tão depressa

a vida são dois dias
quase sempre dor

envelhecemos
a fazer amor

nos corredores do palácio
tão belos os amantes nus apaixonados
um amor tão vivo fogo inflamado
um olhar tão esperançado
na certeza de que a morte
nunca o verá apagado

estão velhos
susana
mas não estão mortos

e à visão
do teu corpo
transfiguram-se os rostos

agitam-se as mãos
e os sexos
pelo tempo envelhecidos

renascem
erguem-se
em terrível excitação

era catita o moço
com um membro

de meter o dente

a mãe do amigo
fartinha de dar ao dedo
com duas festas o convence

no velho cadeirão
que havia sido do marido
despe-o e senta-o

põe-se pelada
e de cona aos saltos
estampa-lhe com uma mamada

o rapaz meio encavacado
fica quieto não mexe nem pula
o pau bem erecto

e estando para se vir
pergunta-lhe a maluca
queres que cuspa ou que engula

do teu corpo

mulher

é essa
a única porta
que não conheço

em terras de vera cruz
onde o grande mar oceano
termina

a primeira coisa que vi
foram os montes
tão redondos
tão perfeitos
na areia da praia deserta

valeu a dor da viagem
a fome da jornada
a partida da pátria amada

perdi o que tinha
bens amores vontade
nasceu-me no coração
eterna saudade
morreu-me a paz
e a calma

mas quando te vi
mais do que perdi
ganhei
tenho-te a ti
e uma nova alma

levantas os braços aos céus
perguntas às nuvens pelo teu amado
estás só o corpo vazio
o desejo morto o sexo frio

quando um navegante parte
nem deus sabe

se regressa morto se vivo

diz o tatebitati
à manela da estrela
que se pôs de quatro
ajêta-mi echa penela
qui num vêcho o buaco

foda-se o homem
diz ela
o que me havia de calhar
um malparido cegueta
meia-foda maçarico
sem tacto e sem paladar

dormes
noite quente de verão

a janela aberta
a um amante a deus

ao coração ausente
do que não vem

nunca chega
quem queremos

o mundo é amargo
madrasta solidão

e por cada mulher que sofre
vai perdendo a sua razão

és tão bela
senhora
nesses cabelos doirados

tão formosa
tão desejada
e se teu olhar desconfiado

me inibe
não consente e cala
ao ver-te o seio

branco e descoberto
sinto-me outro
nem rejeitado ou desprezado

mas o que sonha
acordado
com vida contigo deitado

eram dez da manhã
o marido
velho barrigudo
andava fora
em trabalhos de advogado

há muito agendados

a senhora chamou o criado
fê-lo entrar no quarto
despiu-o
entesou-lhe o nabo
e eis que a fedúncia
abre os entrefolhos
mete-lhe as mãos
nos ombros
e espeta-lhe o mangalho

que se cuide o homem
de muitos afazeres
e de mulher baldona
que na sua ausência
criado padeiro e leiteiro
todos lhe vão à cona

com a banana na mão
a dondoca deitada
o dom-joão de pé
fabiano da cortiçada

já o mânfio se preparava
com o pepino meio-rijo
pede a tia à amiga
dá-lhe com a vergasta
que este tem tesão de mijo

o senhor era panasca
e o servo quis papar
estando de pau feito
tratou de o enrabar

à falta de vaselina
- que à altura não havia -
ou de óleo de chafarica
mete cuspo no vergalho
e vai de o enterrar

com o sim-senhor em dores
a aquecer como o diabo
gemia o pobre do escravo
de ser tão mal encavado

chama o dono a escrava
diz que lhe arde o espeto
e os folhos do pirralho
manda-a então arrefecer
o instrumento de cobrir
e o de ser coberto

que fornicar um menino
é coisa de continuar e assim
não se estrague a bilha
a tão apetecido larilas
ficando-se a hortaliga
pelas perninhas

na fina areia das dunas extenso areal um corpo ao
sol
não o conheço não quero saber de quem se trata

é tão-somente um corpo de formas magistrais que recebe
as bênçãos do mar
olho-o de longe e penso como quem não pensa nem sabe
o que há-de pensar ah se eu pudesse se eu fosse
capaz de amar
levanta-se veste-se caminha por entre as ondas
em rebentação a água está fria porque é setembro
marés-vivas do coração
vou-me com as pequenas nuvens brancas que adornam
os deuses ao som das vagas na espuma que nasce no
horizonte
 vou-me com a tua imagem presente

na tua casa
tudo é transparente

os móveis as paredes
objectos e gente

debruças-te na realidade
e procuras

um amante amigo
que não seja opaco que

seja meigo dócil
homem de uma só palavra

companheiro de uma vida
amado verdadeiro

cúmplice eterno
do amor satisfeito

vais voltar a partir

os nossos corpos uniram-se em incontáveis vezes
noutras afastaram-se sem dizer adeus

tu ias eu ficava
ou ficávamos os dois sem dizer nada

já são tantos os anos e dias que nossas almas não têm
recantos por conhecer
agora amamos mais logo fodemos tudo nos é
permitido com amor tudo se pode fazer

entro em ti no teu corpo casto entras em mim
nas entranhas no coração no espírito alvoraçado
subimos ao céu ao paraíso
queres gritar e não gritas
dou-te a mão e por entre gemidos nascem orgasmos
sucessivos

não sossego não te deténs o gozo é tanto que muitas
vezes choras lágrimas que não são de sal de chuva mel
mas do mais belo temporal
os corpos ascendem às cores celestes ao azul do
firmamento às nuvens brancas e puras que
aconchegam os mares do sul

e amamos como nunca ninguém amou

sabes maria estou certo
que quando amamos
êxtase perfeito
nesse prazer tanto
modelado ao teu corpo santo
deus está sempre perto

vais voltar a partir

talvez seja assim sempre
esta dor esta chaga que sangra lamento que oculto
e sem ti sozinho
deus não virá comprar-se
com tão divino amor e carinho

e eu
chorarei o caminho
pelo fado traçado
sem ti
sem deus
para aqui abandonado

no hotel do piolho
a abadessa achantrava
dois dias por semana
o comendador
homem abonado
de boas famílias
a quem havia sido dada
água de cu lavado

três filhos o homem tinha
o macho abafava a palhinha
a mais velha abelha-mestra
num prostíbulo do conde barão
a mais nova andava ao fanico
lá para os lados de azeitão

se o jaquim apanhava cavacos
a suzete arrecadava trocados
a mariete fazia bochechos
e o comendador desconcertado

com a mulher entrevada
a modos que alambazado
amolava a ferramenta
no bico da cafeteira
um dia na vizinha
outro na rameira

tão triste a moça
tudo lhe correra mal
o marido era adelaide
o amásio rabeta
o padeiro um animal

deu a volta à vizinha
passou-lhe a mão no pelo
examinou-lhe a greta
uns beijinhos aqui e ali
e cresceu-lhe o grelo

se o hábito faz o monge
os amores foram crescendo
com carinhos e linguados
e o que parecia longe
ganhou vida na vizindade

porque lá diz o ditado
que agora invento
enquanto escrevo deitado
se para parceira
queres uma fressureira
faz-te à vizinha do lado

dizia que era condessa
e pelas horas mortas
dava a rata e a anilha
da mouraria a cacilhas
e havendo oportunidade
no grandela ou no chiado

alcatreira alfacinha
de cabeça aluada
andava de monco caído
à falta de pechota

foi da inglesa alfama
até às portas da lota
cheirou-lhe a hortaliga
levou-o para o quarto
mas o homem lambe-prato
viu encolher-se-lhe a pissa
ficou com a língua
num farrapo

ainda tenho os três vinténs
não sou menina de queijada
não vais molhar o pincel
nem meter os tampos dentro
tenho pai tenho mãe
tenho quem me dê mesada
dá-me cá essa carta
não jogo contigo às caricas
que estou farta de ser cantada
ó ambrósio de papo-feito
tens pinta de lambe-cricas

faz-me uma atrombada

o marido em áfrica
no serviço militar
passara-se ano e meio
e mais meio por passar
pôs-se-lhe o pito aos saltos
a modos que enfastiada
de com os dedos se coçar

conheceu um quebra-bilhas
havia sido janota agora jarreta
mas na aflição a mariquinhas
pôs-se em pelota
e deixou-o mamar
enquanto o amigo
se preparava para a encavar

um advogado fedelho
feito de punheta numa puta
chavelhudo sem cegonha
não tendo filhos dele
no canhão que tem em casa
lembra-se de dar uma cambalhota
em menina panasca

habitado a roubar
o ladrão encartado
e o desgraçado que é roubado

besta humana o vigarista
duas vezes larápio
cheio de negas em casa
por ter pau mal entesado
quis experimentar por novidade
a graça da banhada

e pensando saber da poda
levou o cornudo malparido
com espevitada fanchona
que vendo tão fraca porra
o quis ver enrabado

moralidade – tenha cuidado o ladrão que ladrão rouba e
roubado porque quando menos espera ao cu até as
meninas lhe vão

sentas-te de costas
as mãos nas minhas pernas

molhas-te
moves-te

na vagina um sorriso
na boca um gemido

juntas as pernas
eu de joelhos
teus pés no meu peito

o teu corpo num arco
o meu ao teu
aconchegado

venho-me
num espasmo
em ti

meu amor
meu desejo
minha dor

que vício este o da madame

é certo
nem todas ensinam guitarra

paga a mãe
o que a filha
não aprende

da mestra
goza
o dedo

vai
para
casa

não
toca
viola

mas

cresce-lhe
o grelo

e vai consolada

não chores mulher
em cada rua
em cada esquina
há uma abandonada

não és única
és mais uma
pela fortuna
não bafejada

espera
hoje não
amanhã talvez
te visite
e ame essa nudez

gosto tanto
- sempre gostei -
de vos ver brincar
nuas na floresta

os corpos brancos
de amor nascente
os alegres afectos

de amor inocente
os gritos abafados

as palavras ditas
em inefável surdina
dedos que se tocam
corpos que se enlaçam
bocas que se mordem
brisas que consentem

o perfume da transparência
nas formas arredondadas
é o sonho das experiências
há tanto tempo perdidas

não durmo
não desisto
sonho acordado contigo

esse corpo que se acaricia
que provoca as tuas mãos
passado que era delícia
e que hoje é ilusão

provocação que mata
que mói as entranhas
deste ausente que te ama
vagabundo de terras estranhas
de outros corpos
outras sementes
dum nada que lhe valha

porque te escondes
que vergonha tens
de teu corpo nu

que olhos se cerram
para a si se não verem

o teu corpo
és tu e teus
esses olhos

se outros
te vêm
libidinosos

que interessa
à tua inocência
pureza e castidade

despertas
ao canto dos pássaros

fizemos amor
na noite clara

tens a pele
levemente suada

a camisa
descomposta e perfumada

incenso do sexo

nuvem profunda

vontade que te mina
e a mim se alastra

podeis ser amigas
podeis ser amantes

sois mulheres
tristes e sozinhas

agora dois seres
que vivem enfeitiçados

dois corpos
que se gostam

que se alcançam
e se amam

que interessa
o que fazem

como fazem
e se o fazem

se mal se bem
a quem interessa

senão a elas
e a mais ninguém

encapuçada
enquanto a cidade morre

lentamente
afrontas o amor

que não serpenteia
em humanos caminhos

amor que morre
às mãos do prazer
e dos sentimentos vencidos

cada corpo
é palácio donde
brotam flores

nos cumes regadas
retomam seu voo
na pele seca e frágil

e fazem de cada mulher
amada que se renova
na nostalgia das enseadas

esse recanto

da minha casa antiga
deveria ser o lugar
de repouso de um santo

um templo no muro
cavado no granito das almas
de meus antepassados

mas aí estás tu
límpida inocente
indiferente ao mundo
às ilhas perdidas da paixão

às gentes a mim
à pesada vida que corre
pelas veias tensas
da minha suja visão

nesta manhã de verão
o corpo bronzeado
na ternura do sono
alimenta a lira
com mansidão dedilhada
na loucura do amor

de ti só quero
as formas bordadas a luz
e sentir na tua pele
o bater do meu coração

o tonho carteirista
dava o cu e oito tostões
por uma cambalhota
a quatro montada

ceboleiro de manhã
à tarde em busca de balda
juntava à noite o gado
se de algiba rasgada
tirava proveito alargado

como ao bater um quinto
quando ainda era chavalo
um alcagoete o deu à morte
e lhe ficou com um barrete

jurou pela alma da mãe
não fosse chamar o azar
nunca mais tirar o boné

fosse em casa a comer
no eléctrico a fanar
na procissão a rezar
ou na rua a foder

neste mundo peganhento
haja fartura de penachada
boa pechota na patrona
muita langonha na flausina
grosso grelo na cremalheira
basta esporradela na panela

a aninhas é uma enguia
a rosita foi iscada

o jardas toca à punheta
o xico um pinga-amor
e à falta de cabrita
anda tudo à porrada

com os ingleses na barra
a lambisgoia ficou-se por casa
a lavar a roupa suja
do vizinho meio-rasca
desenferrujando a língua
já que a cona não dá nada

no beco do mariola
só não fode quem não pode
a pata-choca dá a pássara
a peida ao magala
e faz beijinhos de borla

e se naquela bicicleta
todos aprendem a andar
por dez-réis de mel coado
cuidado com a fraldiqueira
não lhe saltes para a cueca
que a rata tem esquentada

repara
como eu te reparo

sufoca-me o peito
a respiração

não penso
sou carne

o espírito morreu

na ameia dos teus seios

e não há culpa ou pecado
na ausência da razão

porque quando os corpos falam
as palavras não têm significado

ela veio com a sua sombra
despiu-se vagorosamente as suas pegadas
mostraram-me o caminho para o êxtase da noite
queria carinho a afeição de um beijo prolongado e um
pouco de sexo não tirou os brincos de jade os
seios tensos manchados de lágrimas
esquece a paixão é cruel o amor no dia que finda

a meio da noite com os vestígios do prazer em subtis
escorrências ergo-me do leito
um morcego atravessa o negrume alheio aos meus mais
ignóbeis sentimentos na casa em frente assanha-se
uma luz débil
na cama em desalinho o teu sexo descoberto outro
tanto por descobrir

o frio veste-te de lã macia e aconchegante mais macia
a tua pele
no sossego da tarde aqueces-me a alma
os dedos vibram no meu corpo
tristemente cai a noite vais-te mais bela do que
nunca
beijo o ar perfumado e sonho com teu corpo dourado

o teu corpo é a minha oração e o meu maior vício
tenho defeitos incontáveis desejos subterrâneos e cios
que não findam não sei a quem mais orar eu animal
humano que me abandono ao prazer das tuas mãos
que me importa agora se os deuses existem ou não
tenho-te em mim e creio na exactidão que nasce dos
corpos suados encharcados em sangue quente
como é pobre a mente

imprudente entrego-me não estou confiante nem
indiferente quero-te envolvo-me no teu perfume
antigo e no cálice dos teus beijos todo eu sou tu
movo-me com a doçura de uma serpente pecaminosa
o meu corpo lavo nas tuas abstergentes partes e sem que
o saiba teu escravo sou

o calor do amor arroubo interior hinos selváticos
canções de fogo nas estrelas cadentes
tu és o meu refúgio nesta quietude da noite que
permanece
astros pendentes no lume extático que arrefece
a embriaguez do meu peito que rasga teus impérios e
fortalezas
o veneno do meu membro em doce aroma
golpe nos seios de neve que se mantêm erectos
em dúvidas e cuidados de medos e fados
 os agrestes momentos
não temas és minha
sou mágico retardarei o fim dos tempos

o amanhã virá com as suas alegrias e tristezas
há uma chuva outonal de folhas variadas no jardim o
banco de granito tinge-se de verde
não podemos ficar a lua esconde-se atrás do velho
carvalho e uma brisa fria percorre o lago outrora povoado
de peixes dourados
vamos que os nossos corpos se unam no amplexo da
eternidade
o agora porquê desperdiçar o amor
será que o sol nos irá encontrar aos dois num

perdi o norte ao destino

assassinei o espírito e deixei-o a apodrecer no vale dos
mortos
que me interessa a justiça e a misericórdia tenho as
tuas formas por companhia
amemo-nos como animais inocentes na clausura de
nossos quartos
não há em lado algum paz tão verdadeira como a nossa

não tenhas preocupações que nada te afecte
estamos novamente juntos lá fora o luar banha as
cerejeiras em flor não há dor que resista à força
vegetal do nosso amor
a tua boca arrasta-se pela minha pele rosa das rosas
a mais bela
um castiçal acende-se no toucador e um pau de incenso
perfuma a antiga estatueta de gesso deuses
espreguiçam-se ao canto da lareira
tomando a seu cargo o preço de quem demais ama
numa sofreguidão tão justa e certa
tudo tão nítido como cena de amor corrida em branca tela
o teu rosto rubro como vinho
sorve-me a razão os instintos não

amada o teu sangue corre nas minhas veias de séculos
acendo um cigarro como quem planeia viver para sempre
a noite é longa como saudade enredada nos fios do
coração a hora desperdiçada
estou só tu para aí deitada
sonhos que pairam nas vidraças da avenida

oiço o teu riso sufoca-me a culpa e o remorso em
tantas noites me amastes sem queres mais ninguém
querias-me tanto que te bastava teres-me a teu lado
tinhas nas mãos brancas os laços da paixão
arrependo-me não do amor que te dei nas noites
consumidas em segredo mas de te ter dado a esperança
vã de eternamente te ter nos meus braços
nunca fui homem de uma só mulher
nunca me irei curar desta doença

dá-me a tua boca bebe comigo o néctar dos deuses
às vezes penso
- quando sofro e estou sozinho –
como seria leve o teu toque no meu sexo
teu sabor caldeado com o do meu vinho

para que quero eu conhecimento
a erudição é nada o teu corpo tudo
as montanhas do medo estão longe e as túlipas não
nascem nos canteiros sóbrios das divindades
há castelos que se avizinham ermos que se amotinam

os pântanos ameaham o padecimento dos exércitos
vencidos no horizonte o sol esbraceja sobre uma
coluna de cedros do líbano
esquece tudo
quero o teu corpo e nada mais
o teu corpo e vinho
que seja esse o meu caminho
da vida o meu sentido

visito-te nem sempre o prazer das noites solitárias
impede-me há uma serenidade na minha casa que
não encontro em lado algum
dispo-me enquanto tu já desnuda tamborilas com os
dedos no leito apresso-me
morre a paz e nasce o prazer de te comer por trás

deixem não se atravessem no meu caminho
deus não existe e se existe pouco se importa comigo
porque está doente ou enfadado
a noite debruça-se no leito e tu perguntas ansiosa pelo
teu amigo
na janela a jarra de flores de rosmaninho e a fotografia do
falecido com a palma feérica na mão esquerda tão
novo coitado tristes são as guerras
o coração direito ferido
abraço-te saro-te a ferida viro-te
e por trás
te acaricio te consolo
amordago e liberto teu cio

na alcova um pássaro gigante

um enlevo da noite passada perdura na humidade salobra
do riacho de verão
as horas crescem no tecto espelhado

os pensamentos são botões por desabrochar num
qualquer dia de primavera

a luz das velas as sombras entumecidas o terraço
dos corações afogados em fumo de incenso tudo como
num sonho assombrado

o lótus encarnado estremece na esmeralda pendente do
alvorecer

há um caminho deserto para cada coração solitário

um doce aroma percorreu o meu peito aberto às nuvens

o pomar em linha exibia os vagões obsoletos da
cristandade
telhados e antenas
telhas enegrecidas
paredes com rosto de tijolos arcaicos

tudo tão macabro como os habitantes daquele
descampado sujo e pérfido

vacariça

um cedro decapitado vegeta no centro do pinheiral cerzido
por fetais e silvados
o trem urra

destino celorico da beira guarda sempre o
destino larvar da inconstância estações incontinentes
da inconsequência

o coração em desatino na preparação da viagem solitária
é urgente reequipar o navio impor ao rumo um espírito
novo dotá-lo de uma alma renovada imune ao
vendaval do sem-sentido-perpétuo

a paz só floresce no novel

o símbolo das árvores debruça-se a oriente
uma oliveira na distância veste-se de musgo
a barragem manchada por minúsculas ondas

no canto oposto dos bancos matizados de laranja uma
loira debruça os seios nas novas tecnologias
uso papel e caneta tal como os meus antepassados a
letra salpicada de borrões sem linhas ao sabor dos
carris envelhecidos

este mundo-novo confunde-me

instantes passados perdem-se na juventude do tempo
pouco falta para que me evitem os que evito

pouco me importa pouco desde que o sol aqueça os
meus ossos e o silêncio da noite adormeça com suavidade
a minha alma errante

amanhã
pela manhã
o dia
ao nascer
dir-nos-á

chega

urge orçar
só arriba
a vontade
alquebrada

o amor não a palavra mas o acto o grito o gesto
deveria ser uma pedra lavrada como aquela casa azulada
na colina arremessá-la-ia longe com a força ingénua
da criança que há em mim nos momentos audazes e
felizes e nunca a iria procurar procuraria outra e
outra e outro tanto noutra que lançaria ainda mais longe
na adolescência do sexo larvar na utopia da paixão e no
coração incandescente e fascinante da ilusão primigénia
pedra a poisar nos arbustos selvagens em silvados
intransponíveis nos sôfregos matagais por ali ficaria ao
som dos madrigais espiando amantes furtivos noivos
cativos e sem bulir

ouviria as palavras amenas de curta vida e vasta
esperança

mastros erguem-se
ao sol poente

nuvens enamoradas
a ocidente

tão triste é
a embarcação
fundeada

como a alma
mal-amada

de rosa veste-se o céu
rosa é teu vestido
a bordo tua rosa desfolho

há uma lágrima no teu olhar
longos cílios que lacrimejam –
hei-de voltar

névoa matinal

bosque de mil e um
encantos

nos tocos velhos
vigiam duendes

fadas antigas
agitam varinhas

estrelas despertam

folhas que acenam
nos ramos silenciosos
dos abetos

braços erguidos
abertos aos céus

no destino dos sexos
arvorados e furtivos

quando o coração
se comprime nas sombras
e a aldeia repousa
no silêncio viperino
a angústia

paira na cresta
da velha tília

o bairro morre

nas pracetas coalhadas
as árvores
decadentes
são o testemunho infiel
dos túmulos ornados
a pérfidos vasos
ocos de amor

um carvalho na
aurora
da serra despida
aponta com suas chagas
o caminho áspero
das dunas vegetais

é demasiado este sofrimento
a ausência de esperma nos umbrais dos muros caiados

a vida que se consome na agonia dos destroços calados

é demais a ansiedade
o fruto sem cor
das virgens ao luar

cheios de graça
os navios no alto

o patrão só
que passa e vê
no rumo inconstante
como é triste o horizonte
na beleza do mar

tenho limites
aquela casa continuará em
ruínas incandescentes
o poema não terá título
e o desastre das noites negras
terá a idade
de todos os momentos difíceis e
das algas do tempo

esta chuva de verão
que inunda os
campos secos do coração
condensa-se no ar
da porta em frente

é como gente que
volta e parte
gente doente
tão triste tão demente
sem qualquer ofício humano
que a represente
gente que repousa
em leito húmido e quente
no mesmo hospício de sempre

não escolho disse o homem
esfarrapado
a ponte tem um só sentido
alicerces suspensos na
vontade própria
no ferro armado em
espiral
pelo porvir vencido

uma via sem
divindades
estende-se pela planície

arroxeadas enquanto
cavalos nêveos
na neve
resfolegam na
alma estrangida
daqueles noviços
tão assustados nos
medrosos cárceres
como espoliados ouriços

a mente das mil e
uma coisas
a noite dos mil e
um desejos

contradições segregadas pela natureza do obsoleto

aquele que recolhe no seu regaço amarelo as escolhas
pútridas de meia-vida vivida
no milagre das rosas morre para noite e para a morte

a realidade demasiado tarde
uma estrela no caminho apaga o luar
alegria imaginária dos cravos
naquele jardim oculto de açucenas

um peixe encarnado

a velocidade da respiração
dos amantes nos nervos ensanguentados
dos escandinavos

havia gelo e enxofre
nas margens do rio
e um orgulhoso silêncio
nas flores da pele

nas praças-fortes
os donos dos grêmios
das igrejas e corporações
incineram as ilhas
metodicamente obscuras
como capitais escondidos
no ferro das painéis de três pés

metal fundido
liberdade igualdade e justiça
comidas pelo mar

na janela o galo
de penas prateadas
entrançadas como heras

sonhava inutilmente
com o homem novo
quando o granizo
estrondosamente
reflectiu a sua violência
nas vidraças assombradas

esta angústia de
não poder estar só
silente
na mente que se masturba
masturba e
novamente se masturba
como se fora adolescente

falar de todas vós é
falar da falsa esperança
lâmparina baça
no caminho sinuoso
da partida e da aportada
de quem nunca quis outra coisa
quiserem até tonto
senão ser como o vinho novo
ser bebido
e pronto

chamem-lhe o que

um tiro apenas
fez de ti um herói
rodas de flores
lápides rosadas
cruzes credo cruzadas
um amor desfeito
mãos arroxeadas
poisadas no peito

a porta da frente não se acredita em deus é domingo
e a torre geme a sua glória às mãos virtuosas do chucho
som de sinos por capar

sentido da vida
conhecê-lo glorificá-lo porque nos criou
para nós ou para ele pergunto-me

o padre está à missa os homens entram pela porta
dianteira as mulheres pela traseira é um fedelho
arrogante desconchavado e ignorante imagem real
da igreja decadente
num dos bancos da frente as mulheres cantam
esganiçadas ao gesto descompassado do garoto de preto
velhas viúvas pedem perdão as solteiras casamento e as
casadas o que calhar
beatice ratas de sacristia
camisas brancas à noite sujas ao nascer do dia

sonho
justiça para sempre paz eterna beatitude sem
fim

já só busco a minha alma

não assim

acordo ao grito do zé panelo quero pito carago na
casa ao lado a graça não lho dá cosa-se o homem
afinal hoje é dia santo
paz à minha alma e à dele
tende dó deixai-me dormir
porque hoje é domingo

a chuva que deveria ter caído
e não caiu
é verde na face
amarelo-pálido nos dedos

na sacristia as labregas
os lameiros lacrimosos
oh santos pastores das encostas
noivos eternos das borregas

são as viagens que nos aproximam
e afastam como aves marinhas
que planam em lágrimas de luar

que o ouro se cale
e a inocência regresse nos
meios-dias de esperança

nos mitos antigos
ressoa a noite no fumo
do cigarro que se apaga

à cegueira da culpa
me confesso

do sonho fantástico
do sangue da terra
me despeço

aqui teimosamente
sem gente nem crente
no outono da dor
desfaleço

de pequenino longe das montanhas que hoje vejo são tão
poucas as lembranças
recalquei sublimei substituí pelo vazio inócuo as memórias
da cidade
desta restou-me o rio com as suas asas de cristal erguidas
na barra a mesma fome e sede de mar terras do
além-oceano com as suas árvores gigantes pássaros

exóticos no sorriso amplo de longínquos habitantes
coloridos

neste vale que agora se corrompe por míseras trinta
moedas vagueava o rapazito de calções à chuva ao vento
ao sol e aquelas dores de cabeça horríveis e constantes
como tições acesos no crânio a habituação a algumas
provações e sofrimentos por amor ao calvário alegria
dos caminhos sinuosos de pinheirais dos vinhedos em flor
das cestas de vime no ribeiro a caçar cabeçudos

na cidade a fronte baixa voltada para a calçada calcária
numa angústia profunda e aquela tristeza que só a tem o
sol poente

cresci entre a serra e o mar numa vida vária ergui
castelos ao luar segui o rastro das estrelas inocente tal
rei mago em demanda do salvador amei pobres e
tresloucados os que sofrem isentos de pecado fugi dos
desalmados das crianças que são cruéis e dos adultos
desleais como cardeiros e silvados
amei e fui amado e odiado
vivia o dia
das plantas
dos animais
o agora que nascia
a cada segundo
numa emoção tão forte
que deixava vencida
toda a morte
porque morria
a cada instante e
a cada momento
renascia
sempre um novo
jósé maria

imagina hoje
que o mundo é nosso
porque vivemos nas
chagas do crucificado

anda vamos cantar carícias
de amargo sabor
comungar no mais secreto dos sonos
a pulsar no limiar da alma

incendiaram-se as nuvens
a ilha das máscaras de pedra
afoga-se no arquipélago proscrito
os teus braços abriram-se ao
voo que irrompe do corpo
num gesto de beleza melancólico
a infância são apenas lembranças
pretensiosas e derradeiras
luz a descer dos céus naufragados

é tempo
de visita

o vulto da morte amainou a tempestade mítica do fim dos
tempos

nada para a deter
posso morrer nos símbolos da noite

liberdade
peço liberdade
acordes de manadas de alaúdes

liberdade somente

este pedaço de terra
uma pedra
o rio e a névoa
unicamente

os elmos dos guerreiros
devastados
testemunho a reconciliação

os sepulcros dos vivos
ardem fiéis
aos pulsos do homem
amordaçado

não acredito nos deuses
histórias a medo trespassadas

não posso
serei traição mas cobarde não

um carro azul na tarde misteriosa
fresco como a madrugada
na estrada
entre a terra e a lua

culminação de parábola comovente
plenitude de canção tardia
no vasto silêncio do pó que seca
aos pés da madressilva

seja feita a tua vontade
quer de noite quer de dia

um dia vi-te nua tu a doçura dos meus olhos até aí
indiferentes às formas eu petiz tu adolescente
pela primeira vez senti o que é normal em gente
cresceu-me nos calções azuis de domingo e cresceu tanto
que assustou os próprios botões
eu queria o bolso estava molhado
mas como seria como fazer
sabia sem saber voltei a casa e percebi qual era o
pecado perante nosso senhor de que tanto nos falava o
prelado
ora porra se tivesse estado calado

insondável primavera
lua nova
os ciprestes roçam o céu

uma viúva no campo florido
o peito arquejante no véu oloroso

os choupos do rio movem-se ao vento
ordenados
manancial de ilusões
nas arestas do punho vigoroso

os meus vícios
uma oração por cada um

a palavra de deus é gratuita
mas dura o tempo de um relâmpago
recolhido nos olhares assustados
de monges e pastores da negritude

há uma cadela na rua com cio
ervas que crescem na tua língua madura
e os cães amontoam-se à coberta da lua fria

teu sorriso é libertador
como abril que se abre a misteriosas flores

não reconheço os teus defeitos
as raízes obscuras do pecado
a misericórdia da tua boca errante

sei que estás confiante e
indiferente à peçonha dos homens-pedra
e até às sombras do mal

o deus dos terremotos e dos vulcões
alcança a alegria
nos costados do velho ofício

dói-lhe o corpo o espírito as palavras
está cercado pelo seu próprio fado
por folhas secas
troncos sulcados por negras ovelhas

e no cimo das montanhas
fecha os olhos cansado

*

passei por tantas experiências as luzes cruzavam-se
no coração do asfalto enquanto mulheres seminuas
deslizavam na calçada enregelada ofídias natas
o sangue fervente das víboras dos becos orgíacos
contaminou-me arruinou os castelos de cartas soprados

por ventos macabros que a boémia gera de dentro para
fora
terral dos monstros furibundos dos assexuados dos loucos
ensopados em esponjas de vinagre roupagens
esfarrapadas da novíssima realeza

uma garina suada na quinta porta da última esquina
coçada da avenida poiso milenar do prazer na
anunciação de viagem ao purgatório das reses indefesas
o meu olhar cansado mas penetrante como adaga rasgava
as fêmeas em grupo como pombos estagnados aos pés da
sé

lembro o dia da aterragem no aeroporto militar vindo da
guerra um garoto vestido de azul pronto a sorver a
vida numa mesa de prata com os três talheres do marfim
pecaminoso
o adeus definitivo às praias e densas florestas equatoriais
às mestiças esmeralda e palmeirais
um vazio do coração na esperança das mais vivas e
libidinosas urgências

se houvesse justiça divina
a palavra seria dada aos justos
e os iníquos seriam mudos

continuo na aldeia a igreja irá encher-se de mouros
ou sarracenos

ora pro nobis porque não sabem o que fazem nem por
que ali estão ser cristão é saber benzer-se e ajoelhar
no rumo sempre certo do altar essa coisa da
ressurreição é para os outros os que sabem o que fazem e
por que ali não estão
missa de domingo ao sábado conveniência da
insuficiente vocação de corvos coisa de judeus e
idólatras
mas o catolicismo é uma idolatria

deus verdadeiro tende piedade de nós
perdoa-nos agora e no passado perdoa-nos o futuro
dos nossos pecados
as nossas línguas têm a saburra da iniquidade e as nossas
almas armadas com a impiedade viciosa dos nossos
ancestrais

vivemos sobre os ossos e pecados dos nossos
antepassados

os ladrilhos do coração
dizem-me ao som da chuva
ama hoje amanhã é noite

é dentro de mim
que te vejo
oiço e sinto

plenitude de um beijo escondido

a clamar no planalto com as entranhas em lágrimas
fim do deserto e do degelo

o cavador à chuva sentia nas mãos calejadas a bruma do
sofrimento

nos dedos tristes de seixos rolados
pulsava a aliança da desolação
sangue empedernido de séculos ferozes

o fim do dia ia tão alto que se podia adivinhar a noite e
seus espectros milenares
feitiços lacustres desenhados a pinho e granito cinza

amanhã rezarei pelo mundo
que continuará a arder no corpo tombado da cruz –
deus cerrou os ouvidos

noite fresca de verão
o corpo mortal no tempo que escasseia

amanhã haverá missa os sinos irão tocar como
menino que desperta em sobressalto

católicos e alcoólicos abraçar-se-ão numa fraternidade
falsa

o padre recitará as mesmas fórmulas
beatas negrais a levantar a fronte ao céu carregado de
nuvens

e à saída todos dirão mal uns dos outros

o passeio branco de geada
desliza sereno sob os teu pés

o firmamento foi devorado pelos angustiados
o seu olhar surdo e inumano debruça-se na terra árida

o horizonte é um homem com duas lágrimas
fome insaciável do deus vivo
evasão da imortalidade nos lábios rosados do
transfigurado

o rastro no trinco da porta

casa sem guardião na alvorada que
morre lentamente

amor e ódio daquele que vive só
nos teus olhos cinzentos
nos teus braços redondos

e já mortos

ninguém quer aceitar a minha liberdade	o clarão do
dia na palavra do agora pertence-me	
é esse o meu quinhão	

liberdade esculpida com cinzel de prata	vestida de azul
e dourado	
sabor amargo	

milagre da solidão em vida verdadeira	sangue vivo na
floresta do sofrimento	
e o malhadouro sem gente	

o ar da cidade tiraniza-me o peito
na esplanada deserta o calor sufoca a melancolia das
cadeiras com nomes fictícios e ilusórios de falsos cartórios
e registos
mortos-vivos há uma névoa fervente em cada
passante o dono do café sorri enquanto conta as
moedas seu sentido de vida derradeiro
nem uma mulher bonita
só canhões e mastronças
asnos e anões
velhas aos saltos
alguns carros muitos
muitas geringonças
uma bicicleta

pimbas na televisão
uma criança pela mão
a besta do avô e o burro do neto
e eu para aqui
tão longe e tão perto

estamos juntos velhos amigos
contamos mortos no chafariz enquanto a noite cai nos
nossos ombros descaídos
a aldeia deserta no cemitério respira-se lume
há um cadáver de pé
enquanto a luz gelada da rua
se mistura com o nosso queixume

este é o primeiro poema que te escrevo
não te conheço mas sei que virás
perfumar o chão
do caminho
e as pétalas do meu coração embriagado

tenho de ir partir de novo
ver correr o mar no meu peito

a aldeia não é a mesma
naufragou na inveja no
ódio e ira
submergiu na mentira

o invicta 26 le solitaire
aguarda pacientemente
pela sua alma

lâminas que cortam o gelo de uma vida consumida
o muro caído a casa em ruínas
os filhos que a morte comeu
a velha mulher que se pranteia no regaço
de passado miserável
e a cotovia que apaga o rancor das manhãs
canto sonhado na triste alegria do despertar

escolher porquê e para aprazem-me as folhosas
seculares os campos ardidos as montanhas despidas o
mar revolto nas suas afeições incompreensíveis
repugna-me o madeirame do lucro fácil causam-me
asco as casas que deformam a paisagem galinheiros
coelheiras roupa velha nos estendais e à mesa pátios
do nojo cobertos de ferro e desperdícios imprestáveis

a paisagem é um todo mal-encarado caninos corroídos
nas bocas ulceradas as mãos da raça infectaram-na
com o seu habitual mau gosto pouco escapa à sua
estupidez curtas vistas e cupidez natural a criação

vertida nas línguas asquerosas e maldizentes de povos
que inventaram deuses anacrónicos e rasteiros

para quê escolher ante a destruição massiva da beleza
original nada de contradições abaixo o mental
antes o sacrifício da soledade afectuosa que morra o
livre arbítrio inconsciente ao crematório e as damas ao
bufete

que interessam ou podem interessar as minhas as vossas
opiniões ideias fracassos preconceitos projecções o bem
edificado nas raízes do mal e o mal vertido em mescla de
betão nas fundações do bem

a realidade é o que é a árvore verde e copada a
casa branca da colina é rectangular e o porqueiro está
imundo e fedente porque não é domingo

a ética infecta contamina o que é diz-nos fugi do mal e
guardai o que é bom na arca doirada das benesses
furtivas das divindades inventadas em papel de seda
enrolado em patriarcas emprestados como se a vida fosse
uma partilha de duas courelas demarcadas por cruces ou
por um qualquer rego de água conspurcada

nem raiva ira ódio afecto ou amor esse amor falso e
repelente que é negócio contrato obrigação amor de
ilusões e contrapartidas amor nenhum

que morra o dual
vida seja dada ao um

na avenida
árvores de lábios rasgados
o bom vento lateja nos primeiros raios

nos pulsos cortados das vísceras massacradas pelo
destino
o infinito nada acorda do seu sono exemplar ergue-se
na sua morada
pés em terra nunca antes pisada
o mistério da vida na cobiça da sua sombra esquecida

o corpo amanhece trémulo
renascido para a dor e para o luto encarcerado no olvido

a montanha mais alta a meus pés
repartida como o pão doado aos pobres na serenidade
luminosa da antiliberdade

lisboa chora os anos passados hoje carrasco amanhã
vítima

o rio enegreceu ao rufar da cobiça

a dor da ferida
que rasga
o teu peito

o sofrimento
que deus te deu
é teu
é meu

país de cinzas convertido à loucura da ganância
exaltação de passado andrajoso jamais apagado dos
costados dos negreiros

ovelhas tresmalhadas num mar de oiro falso e especiarias
em chaga
os lumes apagam-se nas salamandras da penumbra

um tresloucado percorre a viela cantando glórias e
aleluias coágulos de penitências ocultas

os carros dos emigrantes de barrigas lustrosas
pavoneiam-se pela aldeia

o povo calado e os governantes a banhos nas praias do
malogrado império
agosto é mês de miséria

falo com as mãos
unhas que são garras soletram
os ossos
dos afogados

com os meus dentes
lavro a terra que arde
nas profundezas da alma

na orla dos rios
recolho flautas túneis dos canaviais alados

na berma dos caminhos orvalhados o degelo das lágrimas
da orfandade

corre um silêncio pela aldeia uma brisa ligeira traz-
me as horas do relógio da torre da igreja sempre oportuno
os cães já não ladram e os habitantes velhos e exaustos
adormeceram há muito passeio-me pelos luzeiros
que se debruçam na varanda púrpura das nuvens
deixando-me embalar pelo canto das cigarras e dos grilos
cantata minimalista dos simples a contrastar com o
preciosismo de bach que ouço enquanto a insónia não
mergulha nos montes a paz instala-se no cigarro de
todas as noites teimosamente sorvido

a madrugada vem medrosa e carente e um dos loucos da
aldeia meu velho amigo da infância e da adolescência
canta glórias e aleluias a caminho do cemitério passa
das quatro sua hora de visita aos nossos mortos

penso na vénus de botticelli agrada-me a presença
da sua imagem sem a desejar
a ausência de anseios faz germinar o deleite da beatitude
penso penso também se não será a paz que faz
cessar os desejos seja como for
o zé já estará a rezar no cemitério percorrendo as campas
nuas e as empedradas sortido de inscrições lágrimas e
falsidades reza aos seus mortos e aos dos outros
como cava nas noites de luar os arretos deste e daquele

um destes dias irei visitar os meus mortos e seus vizinhos

um homem com
a bagagem às costas

o trem tarda
que importa

a vida real
não marca horas
não se atrasa nem adianta

convertido
queimaste a madeira
do ídolo

fazia frio

os mesmos monges de sempre
a mesma palavra

camponeses silenciosos
com os bois vestidos
transbordam de madrugada

o sabor da
terra alterou-se
eiras vestidas de carmim
e as raparigas
os cabelos apanhados em espigas
as pulseiras de cetim

convertido
queimaste as ruínas
morreste para a vida

nasceste das cinzas

arestas doiradas das armas
no campo das crianças mortas
adaga com que matas
a inocência que a ti sobe
olho-te vejo-me
sem serenidade nem esperança
floresta desertificada por línguas de
fogo bifurcadas
sílabas de fumo nas ramagens secas
espoliadas da seiva secular
nem os cabelos
como lírios de prata te alcançam

no bosque

a sombra de cada folha
vigia suspensa
o azul do firmamento

se entender o mundo esta terra violenta aguerrida
grotesca e impermanente se ele nada mais for para

mim do que simples coisa que nasce e morre como gente
sofrido ou em plena calma
dar-se-á a visita da alma
aí estarei contente um contentamento que
permanecerá constante forte como o amor puro
como quem deveras ama e constante como quem conhece
e sente

orion a mais bela das constelações
le solitaire o veleiro de todos os mares e tormentas
quilha corrida em rumo certo mais espírito do que o
humano as coisas também têm vida mas não têm
opções porque são coisas e vivem na alma de quem as
compreende na sua essência mais profunda
pouco falta para a partida
um só no grande mar oceano

o ar acendeu-se
chispas por
todo o lado
o céu escureceu
além das claras janelas

de novo
a minha alma solitária
prepara a partida
um novo passo

a cada partida
renasce o coração de aço

o carinho das
rimas matinais debruça-se
nos corredores secretos da mansão
um beijo de lágrimas invade
a memória enevoadada da retina
repleta de projectos divinos
tão altos e alados
como sangue em suspensão
que mesmo ferido de morte
canta no tempo parado
o eterno amor

os fios da noite
percorrem os meus pulsos
o arquejo da respiração
e pousam crus
nos meus ombros
nus

factos
há gente em quem não se pode confiar ervas
daninhas que minam a ceara vendedores de afectos
a voz melosa na saliva envenenada niilistas
arrebatados pelo seu próprio voo circuncisos da
verdade afogados pelo cinismo em águas que tudo lavam
menos as línguas pelo esterco afiadas
gente cobarde

que mata pela palavra e não à espada
seta alojada no ventre do diabo

o tempo
deixa os seus passos
na areia vermelha
do desespero
escurece os que padecem
extermina os receosos
confunde os que se lamentam
assombra os medrosos
mata os que amam

incendeia-se o sol nas
ervas que sangram
naquela zona sombria
onde a carne se decompõe
e o espírito com suas garras
se sustém
com nobreza e altivez
na agonia dos séculos
inundados pelas
encardidas chuvas de outono

morrer é ter vermes nas entranhas
demónios nos olhos
terra nas mãos gretadas
nos membros ampulhetas azuis
um mar de espinhos no peito
um leito
um lugar de eterno descanso

terra nua febril
em imóvel oração
a dor é o pão
de cada dia
do destino
lá fora está frio
há raiva e amor
no campo limpo e
nos espíritos por limpar
alarga-se o passo
nos soluços da visita
chovem tições de vinho
aves do paraíso
graça do rio dourado
nas asas do meu caminho

antes réu que juiz
espinho que rosa
tempestade que bonança

em cada noite de insônia
um último poema digo
nem sequer sou poeta
a noite arde
na janela aberta

que diferença pode haver entre o céu e a terra

para além das nuvens das estrelas e das galáxias sentar-
se-ão os deuses em tronos adornados às cores magníficas
da luz

reis deste mundo e reis do céu

mundo de contradições ilusões farsas delitos hediondos
medos frustrações ódio e desejos sem fim mundo de
incertezas

céus de paz beatitude amor e certezas

guerra fratricida do impermanente com o que permanece
se nem a favor nem contra nada céu e terra não terão
fronteiras

devo entender que não havendo preferências a realidade
será sempre a realidade quer na sua aparência quer na
essência e vê-la tal qual é nasce do mais profundo do
meu ser atormentado por espectros malignos a
neblina do espaço e o musgo avermelhado do tempo
a angústia da causalidade e o temível porquê
infantilidade crispada na mente aos primeiros passos
zigiguezagueantes
o reino dos céus está dentro de nós aqui nesta terra
no nosso corpo que é o universo inteiro

vivos que morrem
mortos que se vingam
nos sentimentos de culpa
do passado
aves que cruzam os mares
as que planam nas altas montanhas
e a cidade empedernida
louca e entristecida
chora-os na resignação terrestre
nos escombros mesquinhos
palavras a sangue arroteadas
tédio interminável da melancolia

o céu esteve cheio de nuvens à tarde o sol apareceu
queimando tudo à sua volta ocupei-a a tratar da casa
de inverno granito e pinho lenha para a lareira para
as noites longas e melodiosas da invernia aconchegante
o frio dói e ama amante perfeito do espírito silente em
leito de serra neve e vento

festa na aldeia

a banda desafinada encharcada em cerveja

povo que ri dos outros e de si povo vegetante
labregos em círculo como nos filmes

estou exausto alguns minutos bastam-me cerro os
olhos tapo os ouvidos com as mãos mortificadas afasto-
me da trágica cena sozinho

o meu reino por um almude de vinho

não gosto de labregos pategos asnos irritam-me os
sendeiros nos cafés na venda da aldeia berrando como
bodes ao compasso das cartas de jogar e dos copos
cheios e por encher de vinho releis abomino políticos
e o hemicírculo bolorento homens de são bento
advogados magistrados imberbes tudo o que sejam
ladrões encartados e por diplomar o ás de copas o
trunfo de paus o duque de espadas os médicos essa corja
de cangalheiros os padres a corrupção e a mentira os
concílios o vaticano
gosto de mulheres dos vícios e do delito que não é pecado
da serra do mar dos que vivem e sofrem neste mundo tão
mal architectado

dança do espírito gostar ou não gostar

não posso suspender as minhas preferências como quem
abandona a casa paterna o porto seguro da inquietude a
protecção do medo e do conflito aniquilar os mitos e os
condicionamentos despedaçar o inconsciente

esta a doença da alma de que nem sequer conheço a
existência

terei de a buscar incessantemente como um anel de
noivado em gigantesco fardo de palha

negar a vida para percorrer a via repudiar os hábitos
limosos de séculos renunciar ao convívio e à visão das mil
e uma coisas
não é certamente este o húmus que faz frutificar os
pomares da iluminação

entender as dez mil coisas na sua essência aprofundar
o seu sentido
as águas dos oceanos escondem riquezas incontáveis
seres nunca antes vistos sereias e monstros marinhos
as montanhas vivem ao som das estrelas das
constelações entrançadas na estrada de são tiago dos
cantares claros das cascatas
montanhas onde nasce a seiva dos mares

cinco cedros guardam a terra dos mortos o cemitério
fica a meio do caminho das duas aldeias da freguesia
os portões de ferro têm hoje um louva-a-deus por
fechadura
tão belo na sua cor verde nos seus gestos piedosos

poucas são as moradas nuas grande parte de granito
cinzento também as há de rosa e preto praticamente
todas cobertas de lápides e flores artificiais a
lengalenga das inscrições tumulares frases estereotipo
do amor na morte a ocultar o ódio da vida

depois de mortos são todos santos nas suas auréolas de
lágrimas ocasionais

uns tantos jazigos o do velho desembargador todo
trabalhado e com um barrote cortado a servir de tranca à

porta um outro recentemente construído da família
teixeira aguarda pacientemente pela morte de algum
deles provavelmente uma táctica odoriquiana para
prolongar a patética existência a ilusão da
continuidade da matéria em decomposição
americanices casinhas de brincar aos esquifes

vejo as fotografias leio os nomes em mais de
metade das campas corre o meu sangue ainda que em
putrefacção tenho família nas duas aldeias
rememoro as vidas os momentos as palavras as
ensinanças
o bom e o mau o tudo e o nada
corpos corroídos pelos exércitos de vermes da indiferença
não há matéria mesmo indigesta que os esmoreça

um primo da cidade quando vem à aldeia vasculha as
campas muda flores das ricas para as vazias dizem
que enlouqueceu julgo que não ele conheceu-os
pelas suas mãos faz-se a justiça aos mortos que a não
tiveram em vida
as rosas de plástico alegram aquela paisagem macabra a
que falta a nova tecnologia de comunicação redes
sociais ou espíritas astrólogos e videntes dos programas
bichosos das manhãs televisivas
sou da velha guarda nada de modernices na mente
guardo as imagens no coração os afectos nos olhos as
lágrimas
e nada de lamúrias

as mãos minerais do velho poeta
ressoavam na noite
havia esgotado as palavras
as afeições os livros
restava-lhe o degrau da escada mística onde repetia

com devotas carícias
os versos mais antigos

um livro com solenidade estirado na prateleira de pinho
cor de mel
de seu nome onde não há médico
fechado e ocioso tanto quanto eu envolto pela aura
pacificadora da casa pequena da aldeia casa de
inverno ou loja da burra como lhe chamo a casa das
bonecas como lhe chamava meu falecido pai

moscas desconcertadas poisam no meu corpo vivo quase
putrefacto incomodam tanto como gente e como a
morte dos dias lenta e devastadora na janela um
braço amarelo estende-se até à casa vizinha de meus
avós há muito falecidos as outras ruíram ao peso dos
tempos intragáveis deixando por testemunho fragmentos
graníticos
todos os amontoados da minha infância agora diluída nos
lameiros do vale tristemente sulcado por um ribeiro
sequioso
a igreja mesmo ali de mão dada com a capela do santo
cristo no dia da sua festa estupidamente profana e
burlesca

onde estão as minhas crenças de criança e os sonhos
lívidos da adolescência
o credo inocente agitado em latim pelos lábios rosados
a fé do século
tão puro na alva branca confirmado na missa
incompreensível de todos os dias anjos e arcanjos
que vi e ouvi o cristos que me sorria benevolente e
compassivo da sua cruz de mogno
a quem pedia desce tu para que eu possa subir

minha madrinha que na testa me fez o sinal da cruz
maria a virgem azul celeste minha madrinha a mãe
de deus e josé o patriarca meu protector josé e maria
o sagrado coração nas mãos bentas e calejadas do
carpinteiro de almas
josé maria
livro de horas saltério vésperas terço
fé esperança caridade e amor tanto a beijar terra e céu
unidos a queimar o rosto do sol abrasador do inferno do
verão

penso nisto tudo
onde não há médico
onde não há deus o deus que matámos que se
suicidou no mosto da alegria deus que amámos e não
amou fonte que se esgota na fé que fenece dia-a-dia a
cada jorna em cada eucaristia
fé razoável patetice teologal

sigo o meu caminho
atropelam-me
vossos braços
pensamentos
fantasias
e invenções
vossas crenças
hábitos
abraços
mãos
e memória

querem que beba de vosso vinho
que caia nos vossos tentáculos
que me prenda às vossas cadeias
que convosco construa a história

a vida para vós
é um castelo de cartas
soprado pelos ventos
vida de bens
projectos mesquinhos
ambições e tabernáculos
desejos insalubres
doentios
amarelentos

tudo se transforma num elo
em frágil vontade do momento
império que vedes e não vejo
vã esperança de tempo ido
preso às mais vis grilhetas

imbecis e resignados
burros de carga
corruptos sem palavra
pantomineiros
invejosos
compadres do oiro
e do dinheiro
ladrões
abúlicos
sevandijas
mentirosos
sendeiros
tristes bestas de nora
matilha de escandalosos
ratoneiros

sois vós sem vereda
sem vergonha
e sem verdade
vermes da peçonha
e da iniquidade
que vos quereis
ídolos da humanidade

não não é esse o meu caminho
não não bebo do vosso vinho

não respondo a perguntas
não me justifico
não presto contas a alguém
não confesso minhas faltas
vou volto parto e fico
comigo não vai
nem fica ninguém

não sou de parte alguma
sou daqui e de todo o lado
não tenho nacionalidade nenhuma
sou cidadão do mundo
que percorro andando
o meu caminho é meu
eu sou o meu trilho
nasci para morrer caminhando

as horas passam
eu envelheço
os meus cabelos são brancos
os tempos felizes da infância
não voltam
ora me levanto
ora desfaleço
tenho sangue e lágrimas
nos flancos

não me acredito em deus
em anjos no demo
passo a passo desbravo
cardos e silvados
palavras gestos e actos

durmo num catre só meu
a nada nem ninguém temo
meu coração a espinhos lavro

recolho no meu ventre
desvalidos e violentados
afogo na barra
bandidos e beatos

sigo meu caminho mar dentro
navego ativo e sozinho

tendes o vosso caminho
florido por perfídias
vós os quarenta ladrões
que vez à vez
ides à missa
tendes ilusões
rezais o terço
ides às procissões
viveis das vestimentas
das aparências
da toleima e da burrice
da hipocrisia
da impostura
do cinismo e avidez

tendes partidos
clubes
gurus
televisões
canastrões por ídolos
telenovelas
concursos e discursos
políticos ladrões
manhosos
cães raivosos
e uma bandeira
suja de sangue
dos famintos
e inocentes

sois covardes

sonâmbulos e astutos
viperinos sabujos
vermes do poente

tendes filhos
fraca semente
futuro negro
que a si próprio
se desmente

sigam-no vocês nessa planície
onde o traçaram na imundície
sigam-no vós gente demente

eu sou apenas eu
não vos pertenco
não comungo do vosso pão
não vivo da vossa vida
tudo o que vos pertence
me aborrece
de vós não quero nada
que me estorve a passada

sigo o meu caminho
de mão dada comigo
sofrido sozinho

o meu caminho é meu
o meu caminho sou eu

não me estorvem
não digam nada
deixem-me passar
que nesta estrada
vossos passos não cabem
e nela é meu lugar

não quero o vosso caminho

não bebo do vosso vinho
vou volto parto e fico
comigo não vai
nem fica ninguém

o frio cintila na imensidão da água
que se converte subitamente no gelo da alma
os sinos dobram

a defuntos

há rosas pelos caminhos
mistérios nas bermas
dogmas no coração

estamos os dois juntos
sem ciência nenhuma

sem religião deuses

só nós a irromper na escuridade do vento norte
no sobressalto dos frutos por amadurecer

na beleza paciente da proa aberta
ao silêncio das escotas feito morte

os derradeiros raios de sol secam taciturnos nas pedras milenares

 fundeando no plano onde a fereza das flores se aquieta

a transgressão dos nossos primeiros pais fervilha no sangue da aldeia que fora tão cândida como a antemanhã da reminiscência dos inculpados ah a louquice dos que entram pela noite cingidos por cobertas abrasadas nunca alquebram sem se rogarem ao anjo que os abriga na inspirada desolação do mal cravado no mundo

firmes são as garras do bufo-real siberiano
recapitulam a altanaria das fotografias patentes aos tapumes caducos dos que se quiseram iguais ao altíssimo transparentes e eternos como crianças-anjo soberanos das melhores abundâncias a carne exsudada nas virilhas os membros tais heliantos em comoção constante num lugar onde o mal extravasa das fontanas inexauríveis
a insubordinação da razão a neve da árvore da vida
o ceptro do tempo em anéis de ardósias vermelhas

enclaustrámos os olhos e deixámos nas nossas costas a paixão flor de todas as subsistências espermáticas
esbracejámos no mármore nas estátuas de sal nos espinhos acravados nos pulsos no génio rural do rebanho que se entorna na encosta nua e assimétrica

primeiro imortais depois ressuscitados remidos do pecado original
o sol narcotizou-se no horizonte descontínuo
lua que a cada instante encarna em gente as quimeras irão trazer-nos na pua da lança o ritmo do inferno e o enigma da anopsia da mente

olho-a de alto a baixo a boca ilumina-se-lhe na
viração dos vocábulos e das trovas que amaduram nas
linhas bravias da medula inflamada braçados de luz
acoitam todos os inconvenientes do passado e do
vindouro ainda palpitantes os gerânios no coração
sobem-lhe ao rosto inundando-lhe as gengivas secas

era ela
dulcíssima superabundante nomeada pela avessa
urdidura do cosmos
eleita pelo espírito das florações em êxtase e pelas rudes
paisagens coloridas em janela de raiva ciúme e inveja

deambulava pelo embarcadouro no meio dos relâmpagos
das tempestades que eclodiam nas noites de outono
embarcava no sonho de um novo mundo mostrando
carnívora os dentes alinhados com a vida das estacas do
quebra-mar a norte via paraísos nos pontões locuções
penetrantes e assoladoras nas amarras dos navios
enfeitados pelo rio
garroteados pelo sossego das casas dormentes
o corpo como um rastilho espectral arrefecia no odor
pontuado pela maresia

um novo poema uma nova poesia murmurava com
a fé de quem espoliou as suas veias de todo o sangue e
esmagou os seus ossos por detrás das paredes em ruínas
pendentes de uma beleza traída por mãos quebradas
nos seus olhos crescia o destino macabro de todas as
afogadas

o mundo está aí com todas as suas manifestações pueris

os prédios elevam-se lado a lado como gaiolas de aves
depenadas ou latas de peixe cru
tudo fora do prazo
os empregos
- quem inventou o trabalho deveria ser definitivamente
interditado –
os transportes a fome as mortes nos seus floridos carros
funerários
mulheres homens crianças velhos nas ruas
antenas nos telhados roupa estendida nos terraços
corações ao alto
missas padres crimes e beatos soldados árvores
doentes no centro das cidades sem-abrigo e alojado
gente que vegeta e corre pelas orlas do esterco gente que
se estatela nas sarjetas da palavra
imunda e doente
tudo visível e palpável como a porta da adega sem
cadeado ou do velho palheiro de furtivos amores

a ilusão
tem sempre o óbito reservado
seja tarde seja cedo

vento norte do destino escrito na costa escarpada e
sulcada pelo medo da espuma em destroços um sinal
recomeço de vida nos olhares rasgados do musgo
pendente do velho muro urro de temporal
nas escotilhas adormecidas estão os fantasmas das
margens pantanosas da mente

castelos erguidos por miragens nos campos ceifados
tapetes sangrentos das vítimas em oração
na lonjura as nuvens caladas na distância as cidades
explodem na fuligem dos primeiros transportes da
madrugada
há insectos nas viagens sem repelentes bétulas
escurecidas pelo hálito ferruginoso dos operários
desvario das noites por dormir a escuridão da idade
o riso
poemas sem nexos
num passado sem siso

o sol espreita nas nuvens esfarrapadas varre-me a
face aquece-me o coração
se dela tenho saudades tenho de nada me vale
mentir
não a escuto não a vejo
tenho-as como da minha infância as tenho
se ainda a amo amo
não há longe nem distância

o tempo continua cinzento
há canaviais na margem da linha
as nuvens no horizonte exibem formas vivas

vinhedos no prado alguns animais
os dias de seca já finaram

e há o ribeiro de águas sujas os afrouxamentos a
ponte negra da pampilhosa

tardo em chegar a casa

as palavras são palha e exprimem um nada são
mortalha nada que preste ou valha
perguntam a buda o que é o nirvana ergue uma
flor e nada diz

houve um que entendeu ananda não
mostra-lhe uma flor ananda olhou compreendeu
não eu nem sei porque são tomás emudeceu ao êxtase
de uma missa celebrada
a palavra é pensamento e o pensamento nada
as escadarias sem fim
o céu longe da terra
o amor longe de mim
não haverá chegada

os ramos nodosos vertiam versos de miserável vetustez
a velhice aos portais do final da noite partilhava a cama
carmim com a mais serena das dores
agitaram-se os ribeiros com três pés de profundidade na
entrada da cidade sitiada a norte por exércitos de mitos
remotos nos abismos traídos pela avara justiça os

mortos juntavam-se à maioria escravizada a razão à
vida elanguescente
um milhar de soldados encaminhou-se para as muralhas
o dia resplandia o terror exalava das acácias um
louco por cada árvore rasgada pela vergonha
imaculada a sombra da estátua de mármore onde
discípulos dormiam na luz ténue do crepúsculo
houvera aí em tempos um mestre mudo castelo de
várias torres e tesouros adiamantados escusos a
insolência das palavras reduzira-o à solidão do portão
emparedado
vivo na morte o mais afortunado dos anacoretas só
divisava um caminho
um ramo de azevinho

nas mãos tão pequenas das crianças as sementes da
natureza a mãe de todos os entes trinitários
denodo e clemência não há mando atroz que
destronize a munificência da sua dantesca exactidão
persigam-nas na desnudez dos entendimentos nesse
préstito que peregrina para sueste quando as águas
regelam e os corações empedernecidos vegetam e
intermitem as plantações de espinhos na placitude
transcendental das escumas primaveris
libertos de todo o mal

somos máquinas ancestrais de rodados quadrangulares
uma libra esterlina por cada eixo soturno os
vendilhões do templo fruem dos erros dos crédulos

quem melhor do que eles nos poderá ensinar a rectidão e
a justa vereda
escavam-se fossos maldiz-se o bem desabrocha a malícia
estremece o ódio nas imediações das artérias mutiladas
pelo desgoverno dos trirremes da anunciação
a cavalaria sinuosa abraçou a floresta prateada onde os
ossos descarnados exibem paisagens de vida
ah o medo da morte que iguala fraco e forte e arruína em
ápices as sevícias de toda uma vida de facções e pérfidas
ambições
uma lágrima por cada pecado

o bosque gelou nas asas dos estorninhos

o desgosto nos campos frios
dorme ao som das cordas
da experiência nosso primeiro guia

as delícias do amor
na dança afervorada do
 sangue fermentado

inebria a luta das aves
por um pedaço de céu harmonia
das baladas que seguem

 o curso dos rios
desertos e inundados de inverno
a quem os homens chamam simplesmente
 inferno

voltar atrás

sonhei que estava de volta
à cidade das épocas mortas
com as suas danças
e ânforas de vinho novo
as festas de verão nas ruas
coretos de raparigas nuas

voltar atrás amorável generoso e recto
com o perdão nas palmas das mãos
indiferente ao desejo e à aversão os passos
luminosos a penetrarem aparências e o coração vitorioso
como um longo poema que fala de si no rebuliço dos dias
isentos das enfermidades enviesadas

a tua etérea presença repleta de múltiplas flores nas faces
rosadas o puro canto do sabor dos nossos beijos nas
alças do destino vindo do mar a maresia pacífica da
tua presença a permanecer na vida colhendo as lágrimas
do desalento e da injustiça os meus erros meu pecado

voltar atrás límpido como os cumes nevados das mais
altas montanhas num passado violentado
no jardim de inverno a sedução da sarça ardente e dos
grupos sangrentos de antigos gladiadores e das mulheres
obesas dos pintores de outrora expulsos na rebelião dos
portos atlânticos

os pulsos cortados
os ventres vazios
o matagal desbastado
a ilha deserta
mares que não foram navegados
florestas incendiadas derrubadas as árvores de grande
porte
restar-nos-á
o consolo da morte nas cinzas das rosas

um meteoro canibalesco no paraíso escapam
gemidos das gargantas dos carbonizados
no chão
ossos
calcinados é inverno no inferno
aquecem-se as almas dos condenados

transbordo a azáfama das almas amarelecidas pela
nicotina volteiam não há lugares sentados
um bispo treme ao riso de um endemoninhado
pobre homem em vida cem vezes exorcizado à
paulada e nada
um punhado oblíquo de rameiras zomba das barrigas
gloriosas de uns velhos babados
as crianças do demo
escoam-se pelas frinchas acaloradas
põem-se ao fresco

lúcifer enfastiado
com o rabo encrespado
joga com pedro o santo
aos dados de cristo o manto
enquanto deus revoltado
arma santo agostinho soldado
põe-lhe os cravos diz-lhe
arranca-lhe os chifres e o rabo
contrafeito a medo sussurra o santo conhecendo o
risco
sem diabo não há cristo

querem que fale de amor todos os poetas e seus
aprendizes devem falar de amor
salvífico beatificante sereno como as colinas da
antiguidade
o amor dos poetas é a masturbação dos adolescentes
engolfados nos seus quartos onde as respirações se
aceleram e os ventos se excedem
os poetas mentem porque a mentira é bela e a ilusão uma
pauta melodiosa em clave de sol radioso escrevem
nas linhas brancas do papel encardido o que não sentem
na raiz do sexo
ferem a música a arte da vida o sentido do orgasmo o
nexo dos sentidos
os poetas são o lodo da verdade
os falsários da felicidade

há dias que o céu não tem luzes a aldeia dorme
tranquila os olhos fechados como casebres doridos
pela serra isolados
os pastores foram-se esses loucos tão simples
homens de deus e criados de senhores coitados
conheci tantos com as suas flautas celestes e terços
baratos encomendados aos peregrinos as cabras tão
doidinhas e as ovelhas deitadas à sombra das oliveiras
sonos de palha em casebres esburacados por soldo
um prato de caldo e outro tanto de soro
os cães esfaimados
no inverno sempre molhados
ao domingo confessavam em silêncio os seus pecados
a alguns vi-lhes a escorrer pelo rosto grossas lágrimas
enquanto comungavam o corpo do senhor de tão
solitários sabiam que deus via tudo o que faziam e sabia
todos os seus pensamentos
e que a solidão gratifica os pobres
quando os sinos em unísono dobram a finados

sou hoje um lugar perdido de elementos arcaicos defronte
das chamas milenares
as estrelas arrebatam-me das muralhas enegrecidas pelos
vendavais transtornados
na casa da escola o teu primeiro sorriso um quadro
dócil alheio à vida e ao quartzo esculpido na cabeceira da
cama em farrapos
vieste dormindo no corpo rubro o som das trombetas
refulgem
não sei se são os teus braços que me cruzam
se os meus que me abraçam

ao fim da tarde nos centros comerciais as mulheres
passeiam-se em frias canções
como roseiras bravas poisam os passos vaginais na
penumbra da iluminação artificial
equilibradas por saltos ruidosos e bruscos
são como símbolos
expostos nas mesas da consoada
aos quais beijamos os ombros nus de cítaras encantadas
cardumes gaseificados na estranha imagem do amor
lá longe
no fundo do corredor de óculos escuros
um predador e aquela virgem esplendorosa que faz
tremor o pensamento delicia-se com um cachorro em
exposição

os jardins das fábulas arquejam na desarrumação dos
desejos a virgem acorçada ergue-se incrustada aos
olhares simiescos da voragem
olha-nos intacta na sua carne rosada riqueza de
corpo intocado os dedos trémulos entrelaçam-se no
bosque que se veste de esperança e perdição
o seu dia virá irradiando labaredas e sangue e
desaparecerá da tela grotesca a virgem desejada

nos lençóis debruados enterra-se
o punhal o diadema cruzado
estrangula os pulmões e o sopro
do meu regresso ao fogo
sem luz própria
amotina-se o sexo ao teu corpo
como a vírgula contemporânea
dos testículos sobressaltados
há luzeiros vento flechas arcos
retesados do lado de lá das vidraças
soberanas
na agonia da música lunar
um sussurro branqueia-te as mãos
oblíquas como um arranjo de lâminas
nos tendões enfurecidos
glicínias oscilantes entubadas num
único fôlego crispado
nas memórias do enxofre morto
arbustos vivos nos cabelos escorridos

encontro-te no retrato de um pintor antigo
à luz das velas planeio as tuas formas passos e afectos
na escrivanhinha de pau-brasil uma folha com a letra a

que mais hei-de eu escrever
que outras letras a poderão seguir
se o meu querer só existe no teu

a chuva abriu o silêncio da cidade onde a água nos fala de
olhos fechados no mais negro dos despenhadeiros
uma harpa ao fundo da rua fermenta nos braços de um
anjo caído com uma ferida no calcanhar
animais de cornos pontiagudos correm nos empedrados
alheios à desarrumação silvestre do lugar
enquanto duas mulheres
sangram ferozes na porta número dezanove que tem em
si a membrana de todas as essências reais do mundo
esquartejado pelo marfim de todos os perigos de morte
dos abismos fulcrais acotovelados de ideias gigantescas
aquarteladas na proa dos assassínios vindouros
as luzes alvorecem florescem na boca da floresta
doentia do parque que escurece no brilho dos arcos
empunhados por negros ancestrais as constelações
cintilam nos seus nomes espelhados na fronte rasgada
pelos espinhos apodrecidos
cravam-se dedos nas carnes flácidas das ressacas ígneas
deus exala labaredas do púlpito improvisado no número
vinte e um entretanto um candelabro apaga-se num
grito de angústia existencial enquanto o brito com uma
vara embebida em vinagre e chagas no corpo inteiro nos
diz boa noite
a cama cauterizada sustém a visão do corpo que
estremece
e a terra gira como sempre

pálpebras de seda no peitoril
um corpo nu com as medidas da escuridão
a leste a lua impávida obscurece
o cabelo maduro nas costas descuidadas
a sombra metálica de uma cintura
e a carne inundada do brilho exausto da orfandade
da neblina incensada de sinais nascidos nas constelações
de outono
duas folhas caem no teu vestido
da tua boca um clarão emudece as palavras
enquanto o leite corre dos teus deslumbrados seios

um astro nos varais do terraço cingido a orquídeas
percorro-o enquanto aguardo sem que o frio ocupe o
espaço dos meus nervos a tua imagem rompendo a noite
rasgando o silêncio o canto exacto da solidão a
abundância do desassossego e os gestos hercúleos das
nuvens migrantes

creio e não creio em deus por ora não penso nisso
penso no fracasso que reluz nas minhas entranhas
creio em ti
há luzes no tejo e num outro terraço a roupa estendida
lençóis suados dentro dos corpos enviesados

ah teresa de ávila
se eu pudesse amar
como tu amaste
esse teu amado
nesse coração doirado

que ventura
que êxtases
eu não teria

que homem-deus
eu não seria
atendido por anjos
em santos orgasmos
nados a cada minuto
num dossel abençoado
perenes como o céu
eternos como as orações
do filho crucificado
ao pai venerado

o bafio da velha embarcação a teca do convés
corrompida pela soberania fúngica

as escotilhas deram de si o piloto anónimo veste-se
de estopa
no horizonte a ferida astral de um novo continente
rumo e estima na água em que os céus se apoiam e as
nuvens se reflectem envergonhadas
não há quem das escarpas não imagine solidamente os
vórtices da alma
e a inexactidão do meio-dia solar

é tão breve a vida e se houver vida eterna como será
a eternidade da alma
- mas eu nem sequer sei se tenho alma –
e quem é que se salva
o mundo engana-nos confunde-nos tudo acaba
penso agora com pensamentos fugazes que já vi partir os
meus melhores amigos onde estarão onde estás
tu meu pai também tu nos disseste adeus e eu
impotente paralisado pelo terror a ver o teu passamento
voltarei a ver-te não sei
ter-nos-á deus criado para vida tão dificultosa e para a
perdição
- que sei eu de deus e da alma nada –
terei de morrer para saber digo-o não sei se bem se
mal
que fiz eu da minha vida quando esquadrinhares
jerusalém com candeias acesas irás encontrar-me como
um degredado a cabeça nas mãos os olhos cerrados
encarcerado por uma legião de demónios no coração do
pecado
que sei eu de mim nada
o dia finda as horas escasseiam preocupo-me com os
meus bens e aparência amores que tenho e tive os
meus miseráveis escritos que a ninguém aproveitam
os meus quadros borrões de cores

sem certezas sinto-te longe ou escondido porque te
escondes Senhor dando-nos por testamento tão atrozes
dores
permite que sem hipocrisia nesta noite assaz escura
profira a tua oração e possa dormir em hora tardia contigo
ao lado
porque quem ainda ama no egoísmo como eu amo quer
sempre ser amado

um só mandamento –
amar mais
do que deus amou

Da Elegia ao Amor, ao Vinho e ao Prazer

<http://elegiaaoamor.blogspot.pt/>

todos os que me conhecem

sabem que não ciciei orações
aos ouvidos das divindades

sabem também
que nunca ocultei meus vícios e os meus mais terríveis
defeitos
nem os mais torpes desejos nem impiedades
nem os intensos cios

por vezes humano
outras animal sem tino
sem destino
e sem razão

não estou certo se existe justiça divina
ou misericórdia

existam ou não estou em paz
confiante e indiferente

porque sempre fui autêntico
apesar de imprevidente

o que é que valerá mais
sentar-me num bar
copo na frente
a examinar a minha consciência
ou
prostrar-me numa igreja
com o pensamento decadente
e a alma ausente?

hoje
pouco me preocupa saber se deus existe ou não
- porque sei que nunca o saberei -
e se no seu querer que destinação me reserva
se é que para mim algo guarda
ou me ampara

sejamos compassivos
para com os que se embriagam
de vinho e mulheres nas vielas da perdição
também nós feitos de pó
temos defeitos
se pensarmos nos pobres
nos deserdados
nos que com frio tremem
em todos os infelizes que em
abundância gemem
nos que à fome morrem

sem voz
sentiremos a felicidade a paz e a tranquilidade
baterem-nos à porta com a doçura
de quem nada procura

porque não somos nós

se és sábio não semeies o sofrimento

domina-te sempre
controla-te a cada momento

não te abandones à ira
cólera
e vingança

queres ter na alma a paz?
então sorri
ao destino que te fere

mas não firas ninguém

que à espada morre
quem com espada mata

não comandes
nem te deixes comandar

e só trabalhes
se fores obrigado a trabalhar

e tu jovem sem capataz
bebe e ama
até que mais não sejas capaz

faz por seres feliz hoje
o que é que te trará o dia de amanhã?
alegria ou tristeza
calmaria ou borrasca
vida ou morte?

agarra uma garrafa de vinho
o colo de uma mulher

senta-te à luz da lua
e bebe

pensando que amanhã
talvez seja em vão
que a lua te procure

de quando em vez
os homens lêem a bíblia
o corão
o guitá
livros que o pensamento consagrou

mas quantos se deleitam diariamente com a sua leitura
quantos cumprem os seus decretos
quais conhecem os evangelhos?

nos bordos de todos os cálices
recheados de vinho
nas bordaduras dos lábios

das mais belas donzelas
triunfa cinzelada
uma secreta verdade
a todos dada a saborear

o vinho é o nosso tesouro
os bares os nossos palácios

sede embriaguez
nossos fiéis companheiros

e o doce hálito das mulheres
o elixir que nos faz viver

ignoramos o medo
as inquietações
porque sabemos
que as nossas almas
os nossos corações
os nossos cálices
e nossas roupas manchadas

nada têm a temer
do pó
da água
do fogo

neste mundo dá-te por contente com raros amigos

não inspires a mesma simpatia que alguém te inspirou

escolhe atento
os que te hão-de acompanhar

e se alguém tiveres para amar
aprende a ser isento
e esquivo

antes de apertar a mão a um homem
pensa se ela não te ferirá um dia

antes de beijares uma mulher
certifica-te que não serás seu escravo

esta jarra foi em tempos idos
um pobre amante

que sofria
cativo
o desdém altivo
de uma donzela

as asas da jarra
eram o braço
que rodeava
o alvo pescoço
da sua amada

que por tudo e por nada
o escorraçava

como é pobre
vil
e doente
o coração
que não sabe amar
que não se embriaga de
amor

a melancolia da solidão
de um corpo plangente
nu e só no esplendor da noite

se no mundo
há gente que não ama
certamente não entende
na ausência do amar
a palavra deslumbrante do
sol
a leve doçura do
lunar
belo a deslizar
a perder de ver
pelo verde vale do prazer

a minha juventude regressa hoje
com o vigor das giestas amarelas
a anunciar a primavera
com todas as suas flores

serve-me vinho amada
vinho cor de rubi

vinho de todas as cores
vinho ardente

vinho vinho
 novo
 velho
vinho vinho

 não sou exigente
não importa qual
 quero vinho
 urgente
e um beijo candente

talvez	até a melhor colheita
me pareça	tão acre
como a vida	maltratada
e pela dor	pisada

terás algum poder sobre o teu destino?
 imbecil
tolo

 criatura frágil e inquieta

por que te amedronta o porvir
por que tens medo do que há-de vir?

 julgas-te sábio um entendido
 que sabes tu?
 asno

goza o momento
goza o presente

 porque o futuro

é como quem mente
que te pode trazer o futuro
alegria ou sofrimento?

quem o sabe e se o sabe
nunca to dirá seguramente

aqui está a estação inefável
eis a estação da esperança
em que almas sedentas de outras almas
procuram uma quietude perfumada

cada flor será por acaso
a excelsa mão branca de moisés?

cada brisa será por ventura
o leve hálito de jesus?

pelo caminho oblíquo
seguro
não vai o justo
nem o iníquo
não vai o homem
que o fruto da verdade
não colheu

se porventura o colher

da árvore da ciência
ouve
ele sabe
que os dias passados
e os dias que estão para vir

em nada se distinguem
do infeliz primeiro dia
da criação

para lá dos limites da terra
para lá dos limites do infinito
procurava eu o céu e o inferno
e nada vi

uma voz séria e avisada murmurou –

o céu o inferno
estão em ti

nada
me preocupa
nada
me afecta

ergue-te
dá-me vinho

néctar dos deuses

a tua boca
esta noite
como de outras vezes

a rosa mais formosa
do céu
e da terra

serve-me vinho
rubro como o teu rosto
a tornar leve e ligeiro
o meu arrependimento
e alados os meus remorsos
como leves são os teus sorrisos

a aragem da primavera refresca e aviva o corpo das rosas
e na sombra anilada do horto acaricia o rosto da minha
amada

na plenitude que vivemos esqueço o nosso passado
tão sedutora
é a amorosa doçura do agora

poderei abarrotar de pedras o oceano
porque faço eu o que não devo?
sinto desprezo por ateus

e antipatia pelos devotos

há por aí quem me certifique de que irei para o céu
ou de que para o inferno na morte partirei?

o que é o inferno
e o céu?

conheces alguém que tenha visitado
essas regiões misteriosas e incompreensíveis?

se há que nos diga
se não
que se cale

quem fala não sabe
quem sabe não fala

sendo bebedor ignoro quem te modelou ó enorme jarrão

só sei que feito foste para abraçar três medidas de vinho
e que um dia a morte te despedaçará

então

perguntar-me-ei
por muito tempo

para que foste modelado
por que foste feliz
e porque
já não és mais que pó

e eu aqui

fugazes são os nossos dias

correm velozes como a água dos rios

e os ventos secos do deserto

dois dias me deixam indiferente
o ontem que morreu
e que já sepultei

e o amanhã que ainda não nasceu
e que não sei
se e como o viverei

quando nasci?
não lembro
o que lembra minha mãe

quando morrerei?
não sei

ninguém memora
o dia do seu nascimento

nem está apto
a augurar a hora do seu decesso

vem
ó doce amante
 quero deslembrar
 no embriagamento
a dor da nossa ignorância
 do nosso sofrimento

 costurando
 as tendas
 da sabedoria
caí no fogo da dor
 e fui convertido em cinzas

o anjo azrael cortou os cabos da tenda

a morte ofereceu a sua glória
 por uma canção

por que me angustiam
 os meus muitos pecados?

não será inútil a minha melancolia
 a discórdia interior?

que existe depois da morte?

 o nada ou
 a misericórdia

vá homem
vive em paz

nos mosteiros
 igrejas
 sinagogas
 mesquitas
refugiam-se os débeis
 temerosos do inferno

quem experimentou
 o poder de deus
não cultiva no seu coração
as funestas sementes
do medo da súplica
do terror da oração

na primavera costumo sentar-me à sombra de uma árvore
frondosa junto a um campo de flores silvestres

quando esbelta moça me oferece húmido e rosado seu
cálice de vinho e amor não quero saber de minha saúde
 nem me preocupa a salvação

na verdade
 seria menos que um cão
se estivesse com tal apreensão

o mundo interminável –
um grão de poeira no vazio

toda a ciência e saber
que o homem acumulou –
palavras

as gentes
os animais
e as flores
dos sete climas –
sombras

a tua contínua meditação –
nada

mesmo que acredites ter solucionado o mistério da criação
diz-me –

qual será o teu destino?

mesmo que dê por garantido
ter desnudado a verdade
de todos os seus véus
diz-me –

será que conheces o teu destino?

mesmo que admitas a felicidade

de ter vivido durante cem anos
e que outros cem anos te aguardam
diz-me –

mas será que conheces o teu destino?

capacita-te
de que um dia
um qualquer dia
a tua alma abandonará o corpo
e serás arrastado por um véu flutuante
entre o conhecido
e o desconhecido

enquanto esperas
sê feliz
bebe ama
não sabes donde vens
nem para onde vais
saberás pelo menos
quem és?

aqueles que temos por maiores

sages

sábios

filósofos

caíram no abismo da ignorância

no entanto esses brilhantes opacos foram as lanternas de
referência das suas épocas jazentes

mas afinal que fizeram essas sumidades?

pronunciaram algumas frases esotéricas

escreveram alguns textos obscuros

deitaram-se e

adormeceram para sempre

o coração disse-me –

quero saber

quero aprender

ensina-me

tu que tanto estudaste

que mergulhaste

em livros aos milhares

disse eu a primeira letra

e a minha alma respondeu-me –

sei

o um
é o primeiro
do número
que
nunca acaba

os mistérios

ah os mistérios

mistérios

ninguém os pode entender
 como também
ninguém é capaz de ver
 o que se oculta
por detrás das aparências

todas as nossas moradas
são temporárias

excepto a derradeira
na terra que nos há-de comer

bebe vinho e ama
 basta de palavras inúteis
 em lodaçal escritas

a vida é um jogo insípido
com dois prémios certos –
dor e morte

feliz a criança que morreu ao nascimento
mais feliz ainda aquele que não chegou a nascer

na feira que atravessas teatro da vida
não intentes encontrar amigo

tão pouco busques refúgio
porto seguro

aceita a dor com alento
sem a esperança de um bálsamo
que não existe

sorri à adversidade
não peças
nem impeças ninguém
que sorria para ti

estarás a desperdiçar o teu tempo

que a roda da fortuna gire
gire

e volte a girar
que rode sem parar
sem esperar pelo juízo dos sábios

abdica de contar os astros
que pelo céu sem fim se amplificam

medita nesta certeza –
hás-de morrer
não voltarás a sonhar

os cães vadios
devorarão o teu corpo
ou então a cada hora
serão os muitos vermes
da sepultura

estava com sono e a sabedoria disse-me –
as rosas da felicidade nunca perfumaram
nem nunca irão perfumar o sono de ninguém

em vez
de te abandonares
a este irmão da morte
bebe vinho ama
tens para dormir a eternidade

porque o sono

é uma morte temporária
e a morte

um sono
para sempre prolongado

o criador do céu
e da terra
ultrapassou-se displicente
quando criou a dor
e a insuflou em toda
esta gente

lábios como rubis
cabelos perfumados
rostos perfeitos
quantos sois vós na terra?

não consigo contemplar o céu

tenho os olhos minados de lágrimas

aprazíveis centelhas
são os fogos do inferno
confrontados com as chamas
que me corroem

o paraíso

para mim

não é mais
do que um instante
um agora
de paz

sonho e sono sobre a terra
sono debaixo da terra
sobre a terra
e por baixo da terra
corpos que jazem
para onde quer que vá
onde quer que fique
o nada
um deserto de nada
homens que chegam
homens que se vão
que partem
para a terra do nada

antigo mundo
atravessado a galope
pelo cavalo branco do dia
pelo cavalo negro da noite

és o palácio triste
onde cem reis
sonharam com a glória
e cem monarcas
o amor almejaram
e todos amanheceram ó lamento

no seio da mais intensa dor
e no meio do maior pranto

o vento que veio do sul secou a esplêndida rosa para
quem o rouxinol cantava

devemos orar pela sua morte ou por nós?

quando a morte
secar os nossos corpos
outras rosas estarão para vir

irão nascer
e alegremente hão-de sorrir

abdica da recompensa que ontem merecias e que te não
foi concedida

sê feliz
ama

não deplores seja o que for
que o teu coração a nada se prenda

tudo o que te há-de acontecer
está escrito no livro
escrito no alfabeto da verdade
folheado pelo vento
e soprado pela eternidade

quando vos ouço falar da felicidade que é pertença dos
eleitos

limito-me a dizer –
eu só confio no vinho
e nos lábios da minha amante

quero metal sonante

e não quero
vãs promessas

o ribombar do tambor só apraz à distância

bebe

o teu vinho

beija

a tua amada

único caminho

só há um caminho

para a vida eterna

o vinho e o amor

vão
doar-te

a juventude

perdida

divina a estação
que perdura
das rosas
do vinho
do amor

amizade pura

goza o momento que te escapa
e que é a tua vida

férias que a morte te dá

bebe vinho

ama

estima os amigos sinceros

muito tempo terás
para dormir sepultado

sem vinho
sem mulher
sem amigo
sem amar

ouve este segredo
que do coração te confio –

as túlipas fanadas
nunca irão ressuscitar

cochicha a argila ao oleiro –
lembra-te homem
que és hoje como eu fui
não tornes a violar o que já violastes

cuida de mim
não me maltrates

oleiro se és assisado não magoes a argila com que adão
foi modelado

que tens tu sobre a roda
a mão do rei
o coração de príncipes?

que fazes homem?

a papoila colhe a sua cor púrpura do sangue de um rei
morto

a violeta nasce da excelsa beleza da face de um
adolescente

séculos e séculos
perdem-se nos tempos
enquanto

se sucedem auroras
crepúsculos
e os astros caminham
pelos céus

cuida da terra que pisas
que cavas para semear
pode ser
pode acontecer
que o torrão
que vais sangrar
para deitar a semente

tenha sido outrora
o olho lânguido
de um adolescente

um narciso na margem do ribeiro oscila ao sabor da brisa
não brotarão as suas raízes dos lábios de uma mulher?

que os nossos passos sejam leves acariciando a erva
tenra
frágil
que cresce viçosa no lameiro
fonte de flores variadas

talvez tenha nascido das cinzas
de belos rostos onde já vingou
a claridade das túlipas encarnadas

ontem

um oleiro

laborava

na sua roda

modelava um cântaro

e o que modelava
eram

crânios de nobres

e mãos de mendigos

bem e mal

combatem

pela primazia

neste planeta

lobos e predadores

ladrões

mentirosos

criminosos

políticos ranhosos

o céu não é responsável
pela celebridade
desgraça

ou felicidade
que o destino nos reserva

não lhe agradeças
nem o condenes
vás por onde fores

já que nada se preocupa
com as tuas míseras alegrias
ou com as mais terríveis das dores

se lavrado o teu coração o semeaste diligente com a
semente do amor então não viveste inutilmente
se procuraste ouvir atento a voz de deus e a guardaste no
teu pensamento não foi inútil o teu viver
como o não foi se sorrindo e amando ergueste a tua taça
de vinho em homenagem ao prazer

age prudente

caminhante

arriscado

é teu caminho

e afiada a

espada do destino

evita as amêndoas doces
da orla das estradas

têm veneno as danadas

um jardim

uma jovem esbelta

uma bilha de vinho

meu anseio

meu azedume

meu paraíso

e meu inferno

mas alguém terá havido
a quem foi dado conhecer
o céu ou o inferno?

tu cuja face

obscurece

as rosas do campo

tu

cujo rosto

parece

um ídolo chinês

sabes por mero acaso
que o teu olhar malhado
a veludo bordado
na flor de uma vinha
transformou o rei da babilónia
no bispo vicioso
que no jogo de xadrez
foge da rainha?

a vida vai-se esgotando

que resta das antigas cidades?

o mais pequeno dos toques
é letal para a rosa
que pela manhã vai
desabrochando

bebe vinho
ama abraça paixões
contempla a lua

que tantas civilizações
viu nascer e morrer

e há-de ver

oh a voz da sabedoria
diz-me
dia após dia
minuto a minuto –
a vida é tão breve

não me assemelho às plantas
que podadas
voltam a reverdecer

quando morrer
nem raízes nem sementes
me farão reviver

retóricos filósofos sábios silentes
morreram
e não se entenderam
sobre a essência
do ser

e do não-ser

incomoda-te que te chamem ignorante?

paciência

continua a saborear
os melhores vinhos
os lábios mais belos
esquece se pecas os pecadores

esses sabedores
que se confortem
com suas mãos
e com uvas secas

o meu nascimento nada trouxe de diferente nenhum
bem ou mal ao mundo a mim indiferente

a minha morte não abreviará o seu tempo não
diminuirá o seu brilho nem o seu tamanho

não há ninguém
em toda esta multidão
que me elucide

por que vim para que vim porque terei
de partir

sem que de alguém
o peça ou requeira

tombaremos pela vereda do amor

o destino irá esmagar-nos

oh bela
oh donzela
oh cálice encantado
oh agrado do meu sentido

levantai-vos

dá-me a chama dos teu lábios
dá-me o teu líquido inviolado
antes que o fim de tudo
venha sem ser esperado
e me transforme em nada

à felicidade

só lhe conhecemos o nome

um rótulo numa jarra opaca

o meu amigo mais velho

é o vinho novo

acarinha com os olhos
e com os dedos das mãos

aquilo que falta nos faz
e que nunca nos burla –
a jarra transbordante
do sangue do vinhal

a cidade

é agora refúgio de gazelas

leões deambulam pelos jardins
onde antes tocavam músicos

tudo dorme
agora num outeiro
onde pastam burros domésticos

não busques cego a felicidade

a vida é breve como um suspiro

as cinzas de reis e príncipes condes e marquesas
voam

no redemoinho vermelho que contemplas

os governantes apodrecem nas catacumbas da
mentira

do roubo e do vício os ricos e poderosos
apodrecem nos jazigos

o universo é um sonho
a vida é um sonho

senta-te e bebe

goza a felicidade
que ao rico não foi concedida

bebe	ele amealha
ama	ele trabalha

escuta os alaúdes dos amantes
que na sua harmonia e melodia
são os exactos salmos de david

não te entranhes no passado
não fiques ansioso com o futuro

que os teus pensamentos	o teu lucro
esteja sempre	presente
no eterno agora	na eternidade
enquanto a ambição	para ti jaz
na tumba dos insensatos	

este é o segredo da paz

mediócrs acanhados e orgulhosos
 estabelecem
entre o corpo e a alma
 diferenças que não entendo

eu só vos posso dizer
 que o vinho
 faz findar o medo
e nos dá
 a tranquilidade perfeita

e que amar
 nos dá felicidade
consequência
 da ausência do pensamento

meditação e contentamento

que mistério é esse
do movimento dos astros
que giram e giram
no espaço sem fim

que mistério

agarra-te com força
à corda da sabedoria
vive o teu dia
beija os lábios da moça
que com seu perfume
te inebria
bebe do vinho
da alegria
não há mistério

não tenho medo da morte
mais
inquestionável quero este acontecimento
inelutável
que me impuseram
no dia do meu nascimento
nascença
afinal que é a vida?

611

chamas enxofre dores

verdades não as há
mas há mentiras
que são tão claras
que ninguém as pode negar
pecado original fogo infernal limbo lateral

se todos os que se embriagam
se todos os que amam
vão para o inferno

o paraíso está quase vazio

já sou velho sim velho
 mas tenho amor para dar

a minha paixão por ti
 mata-me de amor e desejo

não deixo por isso de alagar
o meu cálice de vinho

tal é o meu sentimento
a intensidade de amar

que sem piedade o tempo
anulou o discernimento

da minha razão

florelando o leite e
fazendo murchar
sem caridade
a rosa que brilhava
no meu peito

tu que me atormentas ó imagem de uma nova
alegria
vozes de amor encantadoras que me atentais
vejo a minha amada e só a sua doce voz oiço
deus há-de perdoar-te diz ela suave

não aceito esse perdão
não pedi qualquer absolvição

um pedaço de pão negro duro de semanas
um pouco de água fresca
a sombra de uma árvore
e teus olhos escuros rasgados
em perfeito corpo implantados

não há quem eleja
imperador mais feliz que eu
nem esfarrapado mendigo
que mais triste seja

o amor começa carnal obsessivo
 possessivo

porquê tanta doçura
tanta ternura
tantos beijos e promessas
no início?

e continua caminhante receoso da perda
 carinhos
afagos e mimos
tanto deleite e enlevo
depois?

acaba odioso cansado
 entediado

porquê?

se hoje e amanhã
no prazer e gozo
que dilacera o coração

porquê?

haverá um dia em que as nossas almas irão deixar
nossos corpos para trás

sobre as nossas pobres e inertes cabeças alguém
colocará um ladrilho
uma lápide inscrita que dirá –
aqui jaz
em eviterna paz
quem na taberna
muito bebeu
amou e sofreu

depois
as tuas cinzas misturadas com as minhas
serão modeladas pelas mãos de um oleiro
ou de um pedreiro
a construir um amor perfeito

vinho único conforto alívio bálsamo
para um coração que sofre
enfermo

vinho
perfumado a almíscar
vinho
cor de rosas
a florescer num ermo

serve-me vinho
 vinho
 destruidor
 a aplanar
o inferno ardente
 da minha amargura

 vinho

 e o teu alaúde

de cordas de seda

 minha adorada

 minha amada

tanto se fala de um criador
 que criou os seres
 todos os entes
 céus terras e mares
os homens suas gentes

 para que os criou
 ele o supremo senhor
 um primeiro
 e logo após dois
 para os destruir depois?

 há os feios e os belos
os com defeitos e os escorreitos
os que nascem ricos e os pobres

os que morrem à fome
à nascença e as crianças
saudáveis e doentes
porquê porquê?

não sei nada
não compreendo nada

não compreendo

os homens divertem-se
a errar pelo carreiro
do que pensam ser
o verdadeiro conhecimento

uns buscam-no
outros afirmam
que o encontraram

não

um dia a voz virá
e bem alto clamará –
não há caminho

não há caminho

oferece como sacrifício à alvorada o vinho do teu
cálice os beijos dos teus lábios túlipas de
primavera

oferece ao sorriso rasgado de uma jovem em flor o
vinho com que brindas ao amor

bebe e olvida

bebe e ama beber e amar

que o punho da dor
em breve
te irá derrubar

vinho vinho
as minhas que percorra sem cessar

veias

amor vinho
que me suba vinho

à cabeça

cálices
silêncio

nada
é verdade

cálices vinho
 depressa
urgente que envelheço

quando for sepultado
do meu túmulo
exalará
 inebriante aroma a vinho
 forte
tão forte tão poderoso
 que embebedará
 quem por ali passar
a tranquilidade emanará
do meu sepulcro perfumado
 impedindo os amantes
de dali se apartarem
não conseguirão partir
nem tão pouco afastar

no delírio da vida
só serão felizes
os que sábios pensam ser
e os que não cuidam
da sua instrução
tolos

curvei-me sobre todos os segredos
sobre todos os mistérios do universo
e desanimado
refugiei-me na solidão

cegos surdos e mudos
invejando

dizem-me –
deixa de beber

não bebas

respondo –

quando bebo

oiço as rosas

as túlipas

os jasmins

e também

o que a minha amada
em segredo e para si
em mim
me diz

meditas

em que meditas?

nos teus antepassados?
eles que são pó sobre pó

nas suas virtudes e celebridade?

deixa que sorria

toma este jarro

vamos beber

vamos amar

e escutar o momento

o silêncio das galáxias
em movimento

a aurora alagou de rosas a abóbada celeste

no ar diáfano e puro perde-se a canção do último
rouxinol

o aroma do vinho é mais leve e generoso

e pensar que neste momento em cada parcela do mundo
há aluados ensimesmados que sonham com glória honras
e reputação

oh como são macios os teus cabelos doirada a tua aura
e perfumado teu hálito
amada

amigo não faças projectos

não pesques em lagos secos

tens a certeza de poder colher
os frutos do que agora plantaste
de terminar a frase que começaste?

amanhã talvez possamos estar
tão longe desta choupana
tão distantes desta caravana
que se afasta afasta sem cessar
como os que já abalaram
há milhares de anos
e que ninguém recorda
ou comemora

senta-te comigo na margem deste ribeiro esbelta
adolescente de rosto trigueiro olho-te com os olhos
do futuro que o estar sozinho me concede

e penso com melancolia
o vaso e o cálice
pleno de vinho
que serás um dia

há muito há anos que a minha juventude
é no reino da morte jacente

primavera da minha vida
perdida
onde se perderam
primaveras idas

oh adolescência

que passaste
sem que eu
me apercebesse
da brevidade
desta vida na terra
tal como
dia após dia
se amolece a suavidade
da primavera

embriaga-te irmão
com todos os perfumes
de vinhos novos e velhos
de todas as mulheres
de músicas
de cores
das flores

não faltes em afagos
agasalho e blandícias
às tuas amadas

olha que a vida é breve
feita de pontes sem margens

e que não tardarás
a afundar-te na terra
como a água dos poços e das fontes

a paz neste mundo?
loucura vaidade

eterno descanso?
demência também

depois de morto
um sonho breve

ressurgirás na erva
frágil e indefesa
que todos calcam

ou na flor que no estio
o sol irá queimar

pergunto-me –

afinal o que é meu
o que tenho por certo

ou possuo incontroverso?

pergunto-me –

o que restará de mim
depois da passagem
para o reino dos mortos?

a vida é um incêndio
que devasta a floresta imensa
em escassos minutos

chamas vermelhas
cinzas que o vento espalha
e com paciência dispersa -
tal é a existência humana
e a minha essência

cinzas cinzas

evidência e dúvida

erro e verdade

palavras vazias como bolha de ar
a boiar no tanque dos nenúfares

com as cores do arco-íris
a cintilar
ou turva
como nuvem a pairar
em dia de escuridão incontida

bolha que é alegoria da vida

ao poder dos monarcas
às riquezas das áfricas
 prefiro um púcaro de vinho
 e mulheres para beijar

no silêncio dos bosques amar
perdidamente um corpo ao luar
numa esteira de linho

 admiro o amante que geme de felicidade
 de dor e pelo amor que a vida tece
 desprezo o cínico que boqueja uma prece

ouve este segredo duradouro –

quando o primeiro alvor
 alumiu o mundo em trevas
 adão era uma criatura sofrida
 sentado em venenosas ervas
 que almejava pela noite

 e clamava pela morte

a lua já brilha luzeiros
 amanhã o sol iluminará
uma cidade silenciosa e hirta

vinhos a dormir nas bilhas
nas garrafas nas taças
e jovens ingénuas
nas sombras das florestas

ao quadragésimo sétimo dia a morte entrará pelas frestas

a ninguém pedi a vida ou pedi?
não pedi para viver insisti?

esforço-me por aceitar
sem gozo nem cólera
tudo o que a vida
tem para me ofertar

partirei sem questionar
sobre tão estranha condenação
que com outros me faz partilhar
este mundo cão

não esqueças
colhe todos os frutos
que as tuas mãos
alcancem

vai a todas as festas
banquetes e romarias
escolhe as taças maiores
e as mais belas mulheres

deus não se importa
com teus vícios e virtudes
como atinges o prazer
e com o que fazes do teu corpo

deus tem mais que fazer

noite escura

silêncio

espectros fulgentes

a folhagem estática
num ramo incandescente
como o meu pensamento

de uma rosa
exemplo que julgas
ser do teu esplendor
cai uma pétala

onde estarás
neste momento
tu que me brindaste
com o cálice de cristal
e lábios purpurinos
pelos quais suspiro?

nenhuma rosa
se desfolha junto
de quem acaricias
com teu vinho

e sei que ninguém
te pode entregar a felicidade amarga
com que eu te embriagava
no bosque de
granito e pinho

se soubesses

como pouco me afectam
os quatro elementos
e as cinco faculdades

ah se o soubesses

diz-se que alguns filósofos gregos
conseguiram colocar cem problemas
aos seus auditores

que me interessa
que importância tem?
é-me indiferente
o problema dessa gente

serve vinho
sim vinho
toca o alaúde
e que as suas notas
evoquem a brisa
que como a vida foge

ah serve o vinho
beija-me
dá-me o teu carinho

quando a sombra da morte aluir sobre mim e os meus
dias pelos dedos de uma mão contados chamar-vos-ei
amigos meus

levar-me-eis deitado

quando o corpo que vivo foi se transformar em pó do
deserto
ireis moldar um jarro que enchereis de vinho

talvez então
me vejais

oh mistério
ressuscitar

e seja eu o herdeiro
dono de um novo
e mais justo império

pouco sei ou me importa saber

mentira

teologia

verdade

filosofia

bondade

religião

maldade

autoridade

mas procuro sempre um vinho de
qualidade
- nasci e vivi com ele -

uma cama em desalinho
- não a sei fazer nem quero aprender -

os meus cabelos embranquecem meus ossos enrijecem
sessenta anos

ser feliz
hoje ou nunca

amanhã
talvez já não tenha forças

talvez seja tarde
com a alma vendida ao diabo

onde estás tu meu amigo
das noites errantes
das boémias cantantes?

onde estão os nossos amigos
tê-los-á abatido a morte
na sua vida sem sorte?

onde estão agora?
pareço ainda ouvir
as suas alegres canções

estarão mortos
ou ébrios de connosco
tanto
ter vivido?

quando eu finir
comigo hão-de morrer
as rosas
os ciprestes
os lábios vermelhos
e o vinho perfumado

nem mais uma aurora
nem crepúsculo
dores alegrias
sofrimento

o mundo deixará de existir

o mundo só é real
e só pode ser vivido
como efeito do pensamento
de limitado cérebro nascido

esta é a única verdade –
somos peões
de partida
de xadrez

por deus

jogada

move-nos

em frente

para trás

para os lados

detém-nos

faz-nos avançar

recuar

e depois

quando o quer

vai-nos atirando

um a um

peças sem préstimo

para fora do tabuleiro

para o jogo do nada

a abóbada celeste
é um cálice voltado

agitam-se os sábios

agitam-se debalde

que o teu amor
pela tua amada
seja igual ou parecido

ao que o jarro
sente pela taça

lábio com lábio
boca com boca
trocam o seu sangue
em puro enlevo

os sábios nunca te irão ensinar seja o que for
mas as carícias dos amaviosos cílios de mulher
irão transportar-te para o reino da felicidade

os teus dias estão severamente contados
em pouco tempo o teu corpo será dado à terra

bebe vinho	ama
e afastado	procura nele
na mulher	e no embriagado
o afago	que pelo conhecimento
te não é doado	

o calor do vinho
é libertação

o calor do amor
arroubo interior

libertação do passado e do futuro

encantado pela luz
quebra os grilhões

caminha com ou sem verdade

ama e bebe
a liberdade

quando era criança
na igreja sentado
não rezava qualquer oração
mas voltava com o coração
cheio de esperança

agora e até ver
velho e cansado
quando me sento numa delas
procuro a sombra
o silêncio e a frescura
e deixo-me adormecer

na terra matizada
que não é judeu
católico
budista

caminha alguém
nem muçulmano
ou cristão
hindu

nem rico

nem pobre

não invoca deus
não quer saber das suas leis

não crê na verdade
nem nunca afirma nada

na terra matizada
quem é este homem

triste e corajoso?

antes de saber como acariciar
um rosto amoroso como rosas
quantos espinhos não terás de arrancar
da tua própria carne perfurada

olha
esse pente
era um pedaço de madeira

quando a talharam
grande foi a sua dor

mas
hoje o pente
afaga cabelos
brilhantes perfumados
 de uma adolescente

há um momento em que a brisa da manhã abre as
rosas e lhes sussurra que as violetas já despiram as suas
roupas

só é conveniente que viva aquele que se compraz na
visão do sono de esbelta mulher

alcança a sua taça
esvazia-a
e lança-a fora

tens medo do amanhã
sabes porventura
o que é te pode acontecer?

sê audaz
para que o azar
não justifique os teus temores
e essa tua agonia
que aumenta a cada dia

liberta-te de tudo
não te comprometas com nada
não indagues nos livros

nem questiones outros
que como tu
nadam nas águas da ignorância

o âmago do destino é insondável
indecifrável

senhor senhor diz-me
deste-me olhos
 para que a beleza
dos seres
 das mulheres
 me deslumbre

concedeste-me o dom da felicidade
queres que eu abdique sem mais
do prazer das maravilhas do mundo?

impossível senhor
tão impossível como virar uma taça
sem derramar o seu vinho
ou tocar uma virgem
sem colher o seu amor

na taberna da minha aldeia
pedi a velhos sábios
notícias dos que já partiram

tio zé gabriel respondeu –
só nos levam a dianteira
é tudo o que sei

tio antónio velhaco ouviu e disse –
eu sei um pouco mais
morreu fodeu-se
e não mais voltará

bebe o teu vinho
vá
bebe
e esquece

olha ouve
uma rosa tremula
no sopro da brisa
o rouxinol canta-lhe
uma breve canção

uma nuvem adormeceu
no céu azul sobre o mar

vamos beber
vamos amar

vamos navegar nas ondas
do prazer

sem lembrar que não tardará
uma rajada a desfolhar a rosa
a levar o tépido canto do rouxinol

e a nuvem e sua sombra
a despertar o sol

uma rosa dizia –
do mundo sou a maravilha

será possível
que um perfumista
me faça sofrer?

cantava um rouxinol –

um dia de felicidade
anuncia um ano de lágrimas

esta noite ou talvez amanhã
poderei já não existir

tempo terminado
nesta terra

navio

a afundar

chegou o momento
de pedir vinho
e uma mulher para amar

com quem te comparas
com um tesouro
com um jarro de ouro?

julgas tu moribundo
que os ladrões
irão violentar a tua cova
para furtar um defunto?

o amor esse forte sentimento doce e inebriante como o
mais puro dos licores
emoção pacífica ou violenta que quando não arrasa e
devasta o coração do amante não é amor

as brasas da lareira
dão o calor
de uma fogueira?

noite e dia
em sonho ou vigília
em toda a sua vida
o amante contorce-se
de prazer e dor

podes mergulhar na noite
nas profundezas do oceano subir aos montes
escalar as muralhas dos fortes
caminhar no horizonte
em vão

644

que a ele devo o que sou?

o vinho é alforria
de dúvidas e cuidados
de medos e fados
indecisão e embaraços

é o mágico mãos de rubi
que te irá transportar
momento a momento
à terra do esquecimento

fecha o teu livro de orações

bíblia

corão

guitá

pensa com atrevimento

e defronta sem temor

o céu e a terra

faz do pobre e do oprimido a tua dor

ama mais que o deus dos homens amou

como é débil o homem
 fatal e implacável o seu destino
como é dissimulado e insincero

 juramentos
juramentos falsos
 juramentos que não cumprimos
indiferentes à vergonha e à desonra

 frieza da mentira
na terra da hipocrisia

até eu
por vezes
vivo na insensatez
destempero e desacerto

mas tenho por escusa
estar embriagado
ou apaixonado

ouve-me
se este mundo
mais não é do que ilusão
por que desesperas
por que motivo te afliges
e desiludes?

por que pensas noite e dia
na tua infelicidade e na tua dor?

abandona a tua alma
à fantasia das horas
o teu destino já está escrito
na abundância ou na fome
não há para ele apagador
e ninguém para o apagar
porque deus sonha
e se não sonha dorme

a auréola que rodeia esta frágil rosa é um sinal do
seu aroma ou a débil defesa que na bruma desfeita deus
lhe deu?

os cabelos sobre o teu rosto amada serão a noite que
teu olhar há-de dissipar?

acorda desse sono amada o sol abrilhanta as
nossas taças

bebamos

amemos
 que um corpo luminoso
é mais belo que a escuridão

decide-te

não contemples mais o céu

rodeia-te de belas
 e aprazíveis mulheres

acaricia-as com
 suavidade
 e amor

de que suspeitas?

ainda desejas rogar a deus?

muito antes de ti
outros homens lhe dirigiram
fervorosas orações mantras
ave-marias credos petições

já se retiraram para o reino da morte
e ninguém sabe se deus
de longe ou perto
na sua contrição os viu ou ouviu

aurora felicidade pureza
 um enorme rubi
 brilha em cada taça

toma estes dois ramos de sândalo

transforma um
 em alaúde
e queima o outro
 com os teus lábios

para que nos perfume
enquanto amamos

estou cansado

exausto

de interrogar

homens

livros

quis consultar o jarro da vida

poisei nos seus lábios os meus
e murmurei –
para onde irei quando morrer?

ele

cheio de vinho forte

respondeu-me –

bebe na minha boca

sacia-te à vontade

nunca voltarás da morte

nunca

se estou perdido de bêbado
nem sonhas como sou feliz

se admiro o rosto rosado
da minha amante

sou feliz

se sonho que não existo
como sou afortunado

porque a morte é um nada
antigo e moderno calcinado
e no nada não há sofrimento

nem o tormento
do inferno

ó estulto que sábio te julgas

desassossegado

entre o infinito do passado
e o infinito do futuro

queres criar
um limite entre estes dois infinitos?

sendeiro

 eleges uma árvore
 senta-te à sua sombra
 com paciência redobrada
 de um jarro de vinho
 bebe com a tua amada
 até que te esqueças
 da tua fraqueza e impotência

mais uma aurora

dia após dia invento um novo brilho no mundo e como
lamento como me angustio por não poder agradecer ao
seu criador

mas tantas são as rosas que me contentam e tantos os
lábios que me consolam quando aos meus se unem

deixa o teu alaúde amante os pássaros já cantam

vamos amar

pouco mais precisas

de entender

ou saber
que tudo é mistério

a criação do universo

o destino do universo e a tua

e o teu

sorri aos mistérios
como quem sorri a um perigo
que desconheces

nada irás saber
quando franqueares
os portais da morte

paz aos homens
de boa e má vontade
ao mal e ao bem
no escuro silêncio
do obscuro além

que farei hoje? irei à taberna ao prostíbulo

sentar-me no jardim

lerei algum livro

beijarei doce mulher?

um pássaro voando
cruza os céus

donde vem
quem é
para onde vai?

tão pequeno
e grácil
já o não vejo

oh embriaguez de ave
no azul subtil
oh arrependimento do homem
na sombra fresca de um templo

o mundo é um roseiral

visitas –
as borboletas
e os rouxinóis

elas oferecem-nos cor
dúctil movimento
eles canções

se não tiver
rosas violetas
ramos folhas

éden
e farol que me guie
terei por flores

as estrelas
e por jardim
teus cabelos soltos
ao vento norte

servos
não nos alumiem
os convidados adormeceram

estão pálidos de morte

hirtos estão e de frio gélidos
reflexo da imagem do sepulcro

deixai as velas
não há luz nem amanhecer
para os mortos

quando te vergares ao peso da dor
quando os teus olhos secarem
pensa nas verdes plantas que a chuva asperge

quando te sentires desesperado
no esplendor do dia
e quando desejares
que uma noite sempiterna caia sobre o mundo
pensa como uma criança
pensa nela ao despertar

ah como é bom amar gratuitamente

escondo a minha melancolia
de toda a gente
com a vergonha da tristeza

as aves feridas também se escondem para morrer

serve-te de vinho
bebe
ouve as minhas graças
e as desgraças ocultas

quero vinho
quero rosas
canções de alaúde
quero amar

e tu amante quero-te
indiferente ao meu pesar

muito aprendi

outro tanto esqueci

outrora

na minha memória
cada coisa

especulação

saber

tinha o seu lugar
se algo estava à direita
 não podia
 ser desviado
para a esquerda
 e se à esquerda estava
não poderia ser desviado
 para a direita

só atingi a paz
 quando com desprezo
 tudo repudiei

e acabei por aprender
que não nos é possível
afirmar ou negar nada
e que em tudo há

uma praga

neste mundo é nosso destino sofrer

para depois

em agonia morrer

com algum prazer

não quereis dar à terra

quanto antes

o vosso corpo miserável

ele que é a fonte

de todo o padecimento?

e a alma

perguntais

pela qual deus aguarda

para o juízo final?

ficai descansados

que logo vos responderei

quando for avisado

por alguém que regresse

da terra dos mortos

santo homem

despe essa roupagem

de que tanto te envaideces

e que não tinhas quando nasceste

veste antes o manto da pobreza

embriagado ou sedente

dormir apenas me apetece dormir

profundamente

não quero saber
o que é o bem
e o que é o mal
porque o bem
está para o mal
como o mal
está para o bem

afinal

o que é o bem
o que é o mal?

dor e prazer são semelhantes para mim

quando me sinto feliz
concedo à felicidade
modesto lugar
já que bem sei
que a dor não tardará
para a afastar

nunca conseguiremos incendiar o mar
nunca iremos convencer o homem
dos perigos e manhas da felicidade

no entanto
todos sabemos

que o mais pequeno embate
é letal para o jarro cheio
e deixa ileso o vazio

olha à tua volta

aflições
desespero
angústia
desgraças
choro
e ranger de dentes

os nossos melhores amigos morreram

a tristeza é a nossa companheira
inseparável

mas
continua homem
 abre as mãos
 alcança o que anseias
faz das tripas coração

enterra nas profundezas
o cadáver do teu passado

és infeliz
 tu que choras
 que gemes
que escondes o rosto no leito
 e em segredo padeces?

 não penses

se não pensares na tua dor
não sofrerás jamais

se a tua atribulação é forte
se te faz pensar na morte
lembra os justos
que injustamente sofreram
desde o princípio dos tempos

 goza os teus momentos

pobre homem pobre infeliz
nunca saberás nada
nunca serás capaz de desvendar um que seja
dos mistérios que nos cercam

já que as religiões

em unísson
um paraíso

te prometem

faz tu
por um

nesta terra criar

o delas
ou invenção ou ilusão

engano

todos os reinos e riquezas
por uma taça de vinho generoso
todos os impérios e suas fortalezas
por um cálice de vinho novo

todas as bibliotecas e livros
toda a sabedoria
pelo doce aroma do vinho
por um beijo à sombra de uma tília

todos os hinos de amor

pela canção do copo que se esvazia
e por um corpo que se anuncia

senhor desbarataste a minha alegria
 ergueste uma muralha
de pedra armada
 entre o meu coração
e o da minha amada
os cachos da minha vindima foram degolados
vou morrer senhor
morro com dor
 mas tu
 cambaleias como os embriagados

 silêncio
oh minha dor
deixa que busque mezinha
é preciso viver
 é urgente
porque os mortos
não rememoram
e eu apenas

desejo nem que seja
por instantes
voltar a ver
a face das
minhas amantes

alaúdes	taças
jarros	perfumes
risos	olhos amendoados
profundos	

brinquedos que o tempo
faz corromper

austeridade	trabalho
meditação	solidão
oração	renúncia

cinzas que o tempo espalha
cinzas

cinzas
e nada mais

mudar tudo
colocar andaimes nos pisos do coração ferruginoso
infectar os olhos de espelhos fotográficos não tenho
fome não tenho sede há um susto na noite que
consome o tempo o lado escuro das vozes das
embarcações solitárias
o tejo canta no silêncio a crueldade do frio marítimo
os corpos dos pescadores são a paciência da peste sideral
os deuses estão exaustos palpáveis e luminosos
como convém à invenção da fadiga e do desespero
abandono tudo olho-me metamorfoseado
contaminado pelo sangue espesso do calendário
logo pode ser tarde os dias descalçam as paisagens e
abafam os luzeiros da criação
conheço bem a liturgia das horas salgadas e a imensidão
do deserto que cresce a cada passo na fulguração dos
relâmpagos inquietos

o fogo estrangulado pelas dunas
desenha o teu corpo no regresso dos navios
que irrompem pelas cristas da sonoridade oceânica

os gritos fecundos das águas em ruínas inclinam-se às
praias desertas e orvalhadas as janelas abrem-se a
cada sonho que se acende na imensidão das sílabas
húmidas

na sonolência o teatro da vida tomba nos escombros
ossos de guerra milenar do passado

sento-me à beira da cama que ladeia o rosto da aridez
incendiado pelas visões de veludo procuro-te

o eco dos papéis soltos pulsa na avenida deserta

o corpo estremece propício à embriaguez na margem do
cais

imobilizado pelo odor da cidade deixo que a lâmina de aço
faça maliciosamente o seu trabalho no sepulcro da
saúde

ao anoitecer quando as vozes morrerem saberei a
verdade

os girassóis nos campos estrelados oferecem-se aos olhos
da trepadeira da janela do caminho

o poente desse à terra humedecida pelo sémen
pacificador da primavera

os mesmos rostos na estrada que não principia nem acaba
intacta a náusea alastra pela planície

a tarde envidraçada na marina esboça gente nas
palmeiras porto das aves hirtas que descem da colina
petrificada aos pares

um silvo corta os ares ainda por florescer
os relógios pararam
um veleiro apresta-se o rumo da solidão
até às raízes da glória obscura

uma cicatriz na face do patrão é prenúncio de mau tempo
o eco do marulhar entra no coração pelas frestas
sanguinolentas

a paisagem cola-se à proa

lá fora o mar chora como criança o barco avança
pelas nuvens em erosão talvez uma última viagem
perde-se a vista na neblina parte lento três nós
enquanto a hora da torre recomeça a contagem do tempo

os rios correm nas palavras secas

uma multidão apressa-se a roer pedaços de horas
ridicularizadas pelo cataclismo dos pulsos

uns lábios grossos abrem-se no sorriso dos passos
incertos
ter-te assim com a ternura de uma antiga guerra à beira-
mar

na mesa colam-se os copos vazios o vidro fosco
arrasta-se pelos raios de sol

onde acostam embarcações tais facas de salteadores
divinos

hoje haverá vida volúpia transcendência
e aquela gigantesca paciência dos amantes liquefeitos

já não consigo dormir ou pouco durmo
nem os sonhos são inesperados

o papel branco cobre o teu rosto de texto

não tenho melhor imagem de ti
do que este silêncio sulcado pela noite de coral

os meus olhos percorrem as conchas escondidas no véu
das dunas
um relâmpago atravessa os versos abandonados na
berma
o céu respira infindáveis anjos devorados pela vertigem
das crenças geométricas

a dor faz-me frio sempre o faz
a saudade sabe-me à lenta morte dos oceanos
nesta nocturna sede de infinito

o vento vem do mar
traz-me o nome que deixaste na penumbra
hábito vestido de promessas nuas
em passos iridescentes

a noite da adolescência desenrola-se
nas palavras líquidas do envelhecimento
nas flores murchas que flutuam no interior
melancólico dos animais aturdidos pela poesia
da memória arrastada pelas correntes

a seiva da alba enumera as ilhas
que percorreste alisadas pelos teus cabelos
e pelos sobejos da morte

os caminhos do reino entorpecido nas esquinas dos
prédios altos orações que não foram ciciadas pela
máscara da cidade onde o rio fazia desaguar o odor
pútrido a monstros marinhos
os vícios da noite segregados pelos nomes das mulheres
embriagadas a tristeza arremessada pelas conchas
espalhadas nas margens da ilusão heliantos do desejo
ardem no silêncio da bruma
passa um humano molhado dos pés à cabeça protegendo-
se da urtiga-do-mar do tempo na mão envelhecida o
cigarro apagado das paixões de outrora e o cuspo dos
astros impregnado de palavras violentas sem destino
o olhar absorto na transpiração animal sem tino ergueu a
taça ao império dos sentidos da cidade enlouquecida
vinho e sémen furtivos na partição do pão de cada dia
chovem anúncios luminosos e portas por resinar à vista
das árvores doentes e translúcidas o sussurro da
dormência afectiva da destruição
o deus da misericórdia era uma crisálida abandonada à
angústia dos escombros cauterizados segregando da vida
as máquinas mutantes da lascívia transmitida a cada
gesto pelos curandeiros do sexo justiça divina na
mortalha cega da desilusão

a imprudência consome as últimas letras do ofício coladas
à voragem do corpo e da sua verdade indiferente e
confiante
como sinceridade agressiva e tumultuosa do riso nocturno

levanto-me e vou ao terraço o frio geme nas águas
do rio e há crisântemos nas luzes de navegação das
embarcações suadas
penso nas paixões de outrora no tempo em que nos
olhávamos nas tardes rubras numa realidade sem
fragmentos passo os dedos pelos meus lábios
ressequidos por momentos sinto as bocas apaixonadas
e silentes de todas as mulheres
um gosto salgado percorre-me as entranhas
na nostalgia dos insectos que tacteiam a epiderme
indiferentes ao labirinto do corpo sofrido
não esperava a tua imagem o dia curvo sulcado no
círio da algazarra não fazia prever a sinuosa ilusão do teu
corpo intocado

deitas-te comigo no meu corpo sorvido de azul
vazio como a desolação da incerteza

o sono arroja-se no espaço da insónia

há uma dádiva em cada gesto em cada cigarro que se
acende
já não uso isqueiro queimei as fotografias no lusco-
fusco do passado fósforos inacessíveis ao medo

toda a obra devora o presente nos lençóis de todos os mares

de braços abertos o quarto repousa canibaliza-se e na
janela onde está a linha do horizonte
secou o olhar do teu corpo intocado

uma gaivota sobrevoa-me na madrugada enquanto
disserto na minha incapacidade para amar com a paixão
que amedronta os olhares acutilantes dos videntes

ponho alguns objectos sem significado no canto da sala
hoje é domingo
e sem saber sem o querer sonho contigo

de braços abertos regressou a minha adolescência

cruzando o espaço das casas caiadas com resíduos de
vento
os lábios florescem numa primavera tardia

lembro o peso dos olhos os fragmentos das cabeças
envidraçadas o infinito adeus à felicidade jorrada nas
sombras do vulcão em forma de quilha

vejo fotografia a fotografia do álbum polido e bordado a
flores silvestres guardado nos tições da memória

um murmúrio é esventrado pelas garras da solidão
fragmentada

a vida é um nada um teatro de olhos oblíquos
montado na margem de um rio seco

espero paciente o amanhecer desfolhado da razão para
depois adormecer os dedos gelam soterrados nas
cobertas devoradas pela noite escrevo sobre o
obscurantismo espinhosa tarefa de quem calcorreia os
dias na sombra das janelas abertas à superstição dos
rostos afogueados pela palidez da alma altero o rumo
no turbilhão das ideias que despontam nas floreiras várias
e digo às vestes envelhecidas pela náusea um adeus
definhado e amarelecido
nesta morada temporária secaram todos os detalhes
ânsias e virtudes dispersaram-se os momentos no
vômito bilioso das íngremes e letais circunstâncias

se queres aprender a orar
faz-te ao mar

todos sabíamos que aquele navegante perfumado de sal
se deixara há muitos anos no esquecimento das fábulas
de proferir orações mesmo as breves era um animal
marítimo a morrer todos os dias nos raios de sol na
espuma branca do vento de sueste nas vagas aterradoras
e ondulantes do fogo nupcial
não se escondia na aura das muralhas impenetráveis onde
as palavras transbordam e as mentiras abundam em
propícia ladainha
conhecíamos-lhe todos os vícios que o devoravam vivo
queimando-o até à medula mulheres e vinho o

rum do entardecer alumiado por fêmeas devoradas na
rapina das horas suaves

os recessos inexplicáveis de uma biografia sem história
a lenda viva dos passos certos à margem das grandes
massas de água fosforescente potência
desconcertante do medo na camisa rasgada por unhas
celestes

por vezes
tão humano como searas de pão
viçoso clarão da suprema energia em branda floração
outras
animal em faúlhas
a romper os pulmões das estrelas
a escrever com os dedos de cristal no tabuado do seu
velho barco em botão obscenidades e verdades cruentas
seladas pelo estilo sóbrio da loucura embalsamada

a melancolia feroz do destino era-lhe alheia
também o pesadelo das rugas sulfurosas
decifrava as coisas ocultas os frutos maduros das
aparências a perfeição dos diamantes ao luar
com a noite chegavam os cios em que se divinizava
com os olhos nas palmas das mãos estriadas pelas
escotas de pedra afundava-se na matéria da casa
flutuante onde todas as mulheres eram sombras rítmicas
e os desejos o cercado inviolável da besta ferida na
urgência da dança sísmica dos corpos glorificados

sem razão poisava a boca nas formas decadentes abrindo
à sua passagem a transparência da volúpia numa
humidade tão exacta como chama a luzir no horizonte
promíscuo do prazer
para que queria ele naqueles momentos em que os astros
arrefecem e as luzes ressuscitam na saliva adocicada a
razão
o desatino erecto da nudez abria o portal do covil amoroso
com um estrondo a reluzir nos espasmos implacáveis
cifrados em mapas antigos atulhados de praias desertas

orladas por jardins onde as paisagens foram inscritas pelo
nó das labaredas em combustão
não dormia respirava as brisas quentes que se
esgueiravam pelo tabuado deixando o corpo dormente
vacilar na alucinação dos sonhos e na serenidade cravada
no beliche encerado pelas artérias explosivas do sono
supérfluo

quando as velhas adriças batiam contra o mastro
imperturbável num toque rimado ouvia os pescadores na
barra com as suas lanternas e motores ruidosos como
prédios amontoados nas trevas da cidade
indiferente olhava as escotilhas apavoradas pela negritude
desordenada e ouvia o balouçar da água nos ramos
verdes da enseada
afinal tinha sido sempre o rosto do mar a mão das
nuvens o coração do sol
o espelho da liberdade e da imprudência o lazer
abrasado e confiante

que poderia deus dele querer

*

quando a ondulação sustinha na crista das vagas a
respiração enlutada ainda sóbrio sentava-se no bar
sobranceiro ao cais apertando a fronte como numa
alucinação
pelos espelhos de vidro suado desfilavam as cicatrizes dos
corpos de mulheres em rebentação alguns
embriagados nas mesas orvalhadas de iluminações
insondáveis suspiravam sílabas roucas
nadadores das profundidades feitas frestas no limbo
exótico e acabrunhado das crianças mortas por baptizar

àquela hora na igreja matriz a missa do sétimo dia por
alma de seu pai um montanhês tão rigoroso como o
gelo da calota polar

tinha chegado do mar no crânio um grito desfraldado
fazia estremecer a rede oculta do nome das coisas
insensíveis à dor e à morte
a crepitar nas fomalhas do esquecimento
cruzou os braços e clareou o espaço com os relâmpagos
da harmonia crescente ele era o seu próprio templo
cristão por baptismo trocara a igreja por uma garrafa de
rum a seiva divina vertida em longos copos raiados
sozinho trocara o seu reino por um tonel de vinho

o prodígio das bênçãos
cadeias de ouro bravio
a pedra escura no rio
da infância submersa
com ele nobremente trajado
de mão dada pelas lojas
chiques da baixa pombalina
o chiado

a chaga de todo um corpo vazio
a mãe estaria lá negra de carvão vestida os amigos
os indecisos a família
lembrariam o nome com outros nomes de forma célere e
contínua falariam dos mistérios e em segredo dos
dogmas da redenção das coisas de casa sempre com o
espírito ausente e algumas lágrimas insulsas nos dedos

seria preciso escalar
as montanhas lunares
reduzir a cinzas
a matéria estelar
destroçar os cometas ameaçadores
para olhar com agrado
a terra carregada de silvedos
entrançados nos maxilares da paixão
entoação salvífica de falsos credos

olhou para dentro de si engolindo um punhado de medo
sentiu a queimadura da alma o sangue a ferver e
pausadamente
debruçou-se na ordem das ideias frias

tudo lhe parecia coroado por anêmonas
membranas e tendões na abertura dos portais da
consciência apunhalada com ferocidade por suas próprias
mãos

valia-lhe mais estar ali
galvanizado por memórias no pavor dos cantares
inebriantes despejou com deslumbre um outro copo
nele o poder da criação solitária da compaixão interna
tesouro esbraseado fundido no recanto mais obscuro do
seu castelo tudo resolvido ou por resolver
na ignição côncava das expressões inconscientes da arte
de entrar em si
de se amar
e florir fértil num mundo por deus abandonado

Dezembro de 2014

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com